O DEFENSOR

DA

RELIGIÃO

EM PALESTRAS RELIGIOSAS.

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA. 1837.

NA TYPOGRAFIA DO P. B. L. C. DA CUNHA.

Rua da Inveja N.° 57 1.° andar.

O DEFENSOR DA RELIGIÃO

EM PALESTRAS RELIGIOSAS.

PARTE PRMEIIRA.

PALESTRA PRIMEIRA.

Matrimonio.

PALESTRANTES

Parocho, *Deista*, *Liberal*, e *Freguez*.

Introducção.

Par.—Passassem bem como lhes desejo. Venho queixoso contra o *Sr. Brigadeiro*, porque eu ainda posso bem fazer a jornada a pe. Não he ella tão longa desde a nossa residencia aqui. Eu aceitei a honra por não despresar taes obsequios: porem escuso seges; e seja esta a ultima vêz.

D. — Como pode ser a ultima vez, se apenas he a primeira? Esta foi por isso mesmo que he a primeira; outras por segundas, e terceiras; outras por obsequio destes Senhores, de quem he tudo, o que possuo, e outras finalmente porque queremos, que venha abrigado dos rigores do tempo. Não tratemos disso. Estimamos muito, que passasse bem, e vamos ao que nos importa.

Aqui estão estes Senhores, e lá na tribuna estão em bom

numero as Madamas ao cuidado de minhas Irmãas, todos desejosos de ouvir, e ser instruidos nas doutrinas da Salvação. Eis aqui como nós temos arranjado as cousas. No tablado tem o *Sr. Abbade* huma cadeira mais elevada, devida ao nosso Mestre. Tres outras a cercão, de que duas occuparemos eu, e o *Sr. Freguez*, que não quer ceder o destincto lugar, que sempre teve nas nossas *Disputas*. Occupará a terceira, que fica em frente, o que deve pedir a instrucção, que deverá ser hum dos Disputantes antigos, ajudando os dois a sustentar a *Palestra*, e disputando ainda todos tres, quando as materias a isso dêem lugar.

P. — Muito bem me parece. Vamos a isso.

D. — Mais tenho a dizer. Posto que ja não somos, nem *Deistas*, nem *Atheos*, *Materialistas*, e *Incredulos*, como nas nossas *Disputas* nos lisongeavamos cegamente com estes nomes, seja embora para confusão nossa, seremos ainda designados por elles, mesmo porque continuamos no mesmo estilo, e methodo, que seguimos nas *Disputas*. Temos todos convido nisto.

P. — Muito bem me parece. Peço porem licença para tratar alguma vez com o dôce nome de *Filho*, ao que pertender a instrucção.

D. — Grande honra nos fará com tal nome. O *Sr. Liberal* a vai hoje receber. Ella lhe pertence por hospede, e amigo, a quem desejo honrar; e porque he solteiro, e sei que se lembra de tomar estado, sobre cuja eleição vacilla.

P. — Tenha entendido o meu *Freguez*, que deve mudar de estilo, e abster-se de graças pesadas, que o serião demasiadamente em actos tão publicos, sob pena de perder o lugar.

F. — Essa não esperava eu! Eu prometto não gracejar se não com os Incredulos. Estes Senhores já o não são.

D. — Queira permittir-lhe, Sr. Ab., a liberdade costumada.

P. — Tenha somente a que pede; e vamos ao theatro em Nome de Deos. Como as scenas se representão no Lugar santo, queirão permittir-me hum pouco de oração, e invocação do *Espirito Santo* com o seu Hymno: *Veni Creator Spiritus*.

Eleição de Estado.

L. — Meu Padre, eu sou hum Moço solteiro que conto 26 annos de idade. Delibero sobre a eleição de estado, ha mui-

to tempo; e quanto mais delibero, mais vacillo, ponderando os perigos da minha salvação, que me poderáõ occorrer mais neste do que naquelle estado.

F. — Talvez que não vacillasse, se já o houvesse tomado; pois são poucos os que se não arrependem.

P. — Eu não posso deixar de louvar a sua hesitação em tal respeito. De nenhuma outra cousa pende tanto a salvação, e por consequencia a nenhuma outra se deve attender com mais cuidado, e ponderação, do que á eleição de estado, que deve tomar, a fim de que passando esta miseravel vida, como verdadeiro *Christão*, no santo temor de Deos, e observancia de seus mandamentos, possa conseguir o unico fim para que foi creado, que he a salvação de sua alma.

D. — Porem eu julgo, que em todos os estados qualquer se pode salvar, pois que em todos elles se podem observar os mandamentos necessarios para a salvação.

P. — Com mais, ou menos difficuldades, que augmentão, ou diminuem, não só as maiores, ou menores obrigações, e deveres, que todos elles tem annexos, mas ainda as circunstancias, que os revestem relativas aos proprios sugeitos, que nelles entrão. Hum moço homem, ou mulher, que pertende tomar este, ou aquelle estado, ou officio, considera-se como hum viajante posto em huma encruzilhada de caminhos, que supposto dirigirem todos ao mesmo lugar, que pertende, são contudo differentes huns dos outros. São huns mais direitos, planos, faceis, e seguros, quando outros são tortuosos, asperos, bordados de precipicios, e infestados de salteadores, e assacinos. Este pensa, reflecte, discorre, e pondera os perigos, antes que se delibere, e decida.

Nós somos todos viajantes, que dirigimos a jornada, ou viagem da nossa vida á eternidade; porem os caminhos são diversos, e tantos como os estados, e mais modos de vida, que cada hum toma, mais, ou menos faceis, ou deficeis, e perigosos pelos deveres, obrigações, e circunstancias. Se nos caminhos por que andamos ha tanta diversidade por este respeito, muito mais a temos nos caminhos da salvação, mais perigos, difficuldades, e asperezas, que augumentão ainda as condiçoes, genios, inclinaçoes, forças, talentos, e capacidade de cada hum.

Não posso entrar na analyse de cada hum dos estados, que ordinariamente se costumão tomar, e de suas obrigações, e deveres annexos, para ponderarmos...

L. — Não, P., eu somente delibero sobre o estado conjugal, e nenhum outro. A este respeito peço as suas instrucções, e parecer.

P. — Muito bem faz em consultar, principalmente á hum Ministro da Religião, por cuja boca costuma Deos fallar, ainda que tão indigno como eu. Eu o louvo, porque procura os meios de fazer boa eleição, como ainda direi. Porém que poderei eu dizer? Apenas chamar a sua attenção a considerações mui necessarias em materia a mais importante.

Matrimonio Sacramento Santo.

O Matrimonio he hum *Sacramento*, que J. C. sanctificou com suas graças em tanta abundancia, que elle mesmo as produz, e sanctifica os contrahentes. Não era elle antes de J. C, mais que huma união, e contracto sempre religioso approvado pelo Creador dos homens, segundo as Leis, que elle mesmo prescrevera. Como esta união he a origem de toda a *Sociedade*, como já vimos, devia ter grande parte na *Igreja*, que forma a *grande Sociedade*, quiz seu Divino Fundador eleva-la á razão de *Sacramento* dando-lhe o valor de sanctificar os Contrahentes a fim de melhor desempenharem os deveres annexos, viverem em boa, e santa *Sociedade*, nella educarem seus filhos. *S. Paulo* o aconselha para evitar alguns perigos da salvação. Porem he elle mesmo sem perigos? Sem trabalhos, e obrigações penosissimas? A eleição de consorte muito influirá no seu augmento, ou diminuição.

Eu não devo reprovar-lhe seus intentos, nem ainda deixar de elogiar a dignidade deste *Sacramento*. Elle tem a Deos por seu Autor, e Instituidor. Nelle lançou os fundamentos da *Sociedade* nos dois primeiros pais do genero humano. De tal sorte formou Deos esta união quanto o mostra a creação da mulher formada do corpo do mesmo homem. Este ao ve-la, excalmou: Eis aqui esta he o osso de meus ossos, e carne de minha carne: *Hoc nunc, os ex ossibus meis, et caro de carne mea. Gen. 2. 23.* Por esta razão, continúa, deixará o homem seu pai, e sua mai, e se unirá a sua mulher, fazendo-se os dois huma mesma carne: *Quamobrem relinquet homo patrem suum, et matrem, et adherebit uxori suae, et erunt duo in carne una: d.° 24.*

De tal sorte he Deos o Autor desta união, que apenas formada pelo consentimento dos contrahentes debaixo das

condicões, e Leis prescritas pelo mesmo SENHOR, já não fica ao alcance do poder do homem, nem dos mesmos contrahentes a sua dissolução. *Quod Deus conjunxit, homo non separet*, disse J. C.: *Math.* 19. 6.

L. — Eis ahi o que me faz tremer; e na verdade que me não agrada esta legislação divina.

D. — Permitta-me o Sr. Ab. o dizer que os incredulos são escusaveis, não querendo, que a união conjugal seja mais que hum contracto rescendivel á vontade dos contrahentes, pois que a sua indissolubilidade he dura.

F. — Os Incredulos nada querem segundo as Leis de DEOS; nada em que appareça DEOS nem sombras de Religião. Querem casar-se como bestas, que são, para se descasarem logo que joguem os couces.

P. — Não se pode julgar dureza em hum estado, que se toma tão voluntaria e scientemente que se torna nullo huma vez que falte alguma destas. Os nossos Incredulos procurão muito bem a dissolubilidade da *Sociedade*, quebrando os primeiros laços, que ligão a sua união. Por isso mesmo que taes são os homens, não devia DEOS deixar em suas mãos estes primeiros laços da união da *Sociedade*. Com effeito DEOS he o Autor da *Sociedade*, como fica provado. Elle devia reter em suas mãos estes primeiros e mais fortes laços. Assim o fez: *Quod Deus conjunxit, homo non separet.* Quando assim não fosse, a *Sociedade* entraria na sua dissolução, e os homens na condição das feras.

F. — Eis ahi onde nos querem levar os Incredulos com os Casamentos na praça do commercio.

P. — Eis ahi tambem porque o Divino Fundador da *Igreja* fez elevar esta união a tão alta cathagoria. Este *Sacramento* he grande, diz *S. Paulo* fallando do *Matrimonio*: *Hoc Sacramentum magnum est. Ego autem dico in Christo, & in Ecclesia. Eph.* 5. 52. He grande em *Christo*, e na *Igreja*. O St.° *Apostolo* continúa desenvolvendo esta sua grandeza segundo o mesmo *Christo Senhor*, e sua *Igreja*. O Homem, diz elle, he como cabeça da mulher, assim como J. C., he da *Igreja*: *Vir Caput est mulieris, sicut Christus caput est Ecclesiae* d°. 23. Assim como a *Igreja* he sujeita a *Christo*, assim as mulheres o sejão a seus maridos. *Sicut Ecclesia subjecta est Christo, ita et mulieres viris suis. d.*° 24. Amai, homens, vossas mulheres, assim como *Christo* ama a sua *Igreja*: *Viri, diligite uxores vestras sicut Christus Ecclesiam* .d.° 25. Daqui se vê,

não somente a grandeza, a que o elevou, mas ainda sua santidade, que nelle devem guardar os contrahentes. J. C. ainda o sanctificou com sua presença, e assistencia nas Nupcias de *Caná*, e a de sua e nossa Mãi.

O Matrimonio he Jugo.

Apezar de tudo isto, não deixarei de imitar, e seguir o mesmo Apostolo, que não obstante fallar deste *Sacramento* com tanta honra, relativamente ao que o Sr. L. me pede, e em iguaes circunstancias, respondeo: *Volo omnes vos esse sicut meipsum*, id est, *coelibem.* 1 *Cor.* 77. Perguntárão-lhe os *Corintios*, se, sendo *Christãos*, farião bem, tomando este estado? Eu desejo, que vós sejaes todos solteiros como eu o sou. Foi esta a resposta, que lhes deo. Elle ainda na mesma carta o repete, dirigindo a palavra aos solteiros, e viuvos: *Dico non nuptis & viduis: Bonum est illis, si sic permaneant, sicut & ego.* d.° 8. Eu digo aos solteiros, e viuvos, que lhes he bom permanecerem assim nesses estados, bem como eu. Contudo elle não faz preceito, porque o *Senhor* não o havia imposto, mas com repugnancia, como mostra no estilo, por obviar os perigos da incontinencia em huma Nação, que havia ha pouco sahido da corrupção do *Gentilismo*, lhes permitte tomar este estado, como já vimos.

D. — Admira, que tendo fallado com tanta honra do *Matrimonio*, seja tão escasso em o permittir!

P. — Não deve admirar pelos perigos da salvação, que nelle se encontrão. O Apostolo vai coherente com as doutrinas do Divino Mestre. Fallando este Senhor de algumas pensões deste estado, os Discipulos admirados se lhe oppozerão, dizendo: *Si ita est causa hominis cum muliere non expedit nubere. Math.* 19. 10. Sendo assim, melhor he não casar. Devemos aqui ponderar a resposta do Divino Mestre. Não disse, que com effeito era melhor não casar, nem tambem o contrario positivamente; mas deo bem a entender a primeira cousa. Nem todos são capazes disso, responde: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est.* Nem todos são sufficientes, mas tão somente aquelles a quem he concedido este dom; como se dissera: Bom sería, que assim o fizessem todos, porem nem todos são disso capazes, pois para o serem necessitão de hum dom particular.

Louva depois os *Virgens*, de que temos fallado com bastante extensão, e mostrado a excellencia desta Angelical virtude: *Sunt Eunuchi, qui seipsos castraverunt propter regnum Coelorum.* d.° 12. Ponhâmos porem de parte estas razões, e vejâmos os impedimentos, ou maiores perigos da salvação, que neste estado se encontrão, pelas obrigações, e deveres, que o pencionão.

Quis tam aversus a vero, clama St.° *Ambrosio*, *qui Nupcias damnet*? Quem haverá tão apartado da verdade, que reprove, e condemne o estado conjugal? Mas tambem quem haverá tão alienado da razão, que não conheça as pesadas obrigações do *Matrimonio*? *Sed quis tam alienus a ratione, qui conjugii onera non sentiat*? São sim bons os vinculos do *Matrimonio*, mas com tudo são vinculos, cadeas, e prisões: *Bona igitur vincula Nuptiarum, sed tamen vincula.* Bom he o conjugio do *Matrimonio*, mas com tudo he jugo, donde he derivada a palavra *Conjugio*: *Bonum est conjugium, sed tamen a jugo tractum.* He este o nome, que se lhe costuma dar; e chamamos *Conjugio* ao *Matrimonio*, palavra *Latina*, que exprime a união de dois, que obrigão a levar por diante hum, ou muitos, e graves pêsos. O Parocho na celebração deste *Sacramento*, diz: *Ego vos conjungo in Matrimonium.* Eu vos conjungo, isto he, eu vos uno, e ponho no jugo, para levardes em boa união, e desempenhardes o peso das obrigções, e deveres anexos ao *Matrimonio*, que são as de marido, e mulher, pai, e mãi. Esta palavra *Matrimonio*, segundo alguns, he derivada de duas Latinas, que são *Matris munus*, obrigação de mãi; outros porem a derivão de *Mariti munus*, obrigação do marido. Eu direi, que d' hum e d' outro, porque ambos são submettidos debaixo do mesmo jugo, e suas aenxas obrigações.

F. — Nem mais nem menos he o mesmo, que jungir dois bois debaixo da canga, abrocha-los, e peaça-los mui bem, ainda que trabalhem á molhelha.

D. — Isso he o que se chama fallar Portuguezmente.

F. — Quer negar, que he verdade? O jugo não he a canga? O conjugar não he jungir debaixo da canga para puxar pelo carro?

D. — Eu não o quero negar. Digo antes, que se exprime bem, e muito bem.

F. — Bem exprimidos ficão debaixo deste pêso, os que cahem na patetice de o tomarem.

P. — A comparação he exacta, e ella diz tudo. Temos porem a examinar, e ponderar o peso do carro, por que são obrigados a puxar, e levar por diante os dois, que nelle se jungem. Entre tanto não intento, filho, desanima-lo. Posto que he jugo, e pesadissimo, como lhe vou mostrar, a graça do SENHOR o pode suavisar. O Sagrado Escritor nos diz, que creando DEOS o homem, e a mulher, instiuindo, e formando esta união, logo a abençoou, isto he, deo graças sufficientes para poderem levar este jugo: *Masculum, & foeminam creavit eos, benedixitque illis Deus. Gen.* 1. 28. Isto foi, como se dissera: Creando-vos em união de homem com mulher, eu vos constituo em graves penas, impondo-vos pesadissimo jugo: porem eu vos deito a' minha benção de graças, para vos suavisar essas penas, e tenhaes forças, para poderdes com elle. J. C. ainda o sanctificou, como já disse. Por tudo isto se dão as bençãos na *Igreja*, que ainda instituio huma Missa propria, que tem por fim conseguir de DEOS as devidas graças para os novos contrahentes. Praze aos CEOS, que elles o fação em estado, que lhes possão ser proveitosas, como logo diremos.

Com estas bençãos, e graças, tanto as annexas ao *Sacramento*, como outras particulares, que DEOS não deixa de conceder a quem as procura, se tem sanctificado muitos, que a *Igreja* não duvidou collocar nos seus Altares, servindo de exemplares aos que entrão neste estado. Pelo que não intento desanima-lo. Não se esqueça porem de que somente ás graças de DEOS attribuimos o devido desempenho destas pesadissimas obrigações.

Fins do Matrimonio.

Antes porem que as ponderemos, he necessario saber os fins, que os contrahentes se devem propôr; que não devem ser outros que aquelles mesmos, que DEOS se propoz formando esta união, e instituindo este *Sacramento*. Elles são bons, e ainda são bens, que resultão aos contrahentes. Os *Theologos* os reduzem a tres. *Bonum Nuptiae*, diz *St.° Agostinho*, *& hoc tripartitum*. As Nupcias são hum bem triplicado: *Bonum fidei*, *bonum prolis*, *boni Sacramenti*. Bem he, e grande bem, que J. C. elevando á razão de *Sacramento* esta união, lhe communica graças sufficientes, que sanctifiquem aos contrahentes, que o fa-

cem com as devidas disposições, ajudando-os a conseguir a sua salvação: *Bonum Sacramenti.*

F. — Tome conta, Sr. L.; he necessario faze-lo com boas disposições; o que duvido de *Liberaes* do tempo; em que nada se pode confiar.

P. — Bem he, e grande bem, a fidelidade, que ambos reciprocamente se promettem, amando-se, e soccorrendo-se hum ao outro nas suas necessidades, e suavizando mutuamente os seus trabalhos, e penalidades: *Bonum fidei.* Este bem se propoz Deos, quando logo na creação, e formação desta união, disse: *Non est bonum hominem esse solum.* Não he bom que, o homem viva só: Demos-lhe companhia de *Sociedade*, que o ajude, e soccorra. O mesmo digo da mulher.

Bem, e grande bem he a prole: *Bonum prolis.* Os filhos, tanto por motivos espirituaes, como corporaes, e temporaes são em suas necessidades, allivio em seus trabalhos, consolação, e amparo em sua velhice. He na verdade grande, e mui ponderoso este bem, para suaviar as miserias, e penalidades desta vida, se contudo os filhos são quaes devem ser. De outra sorte este bem se tornará tão grande mal, que fará insupportavel este; como não rarasvezes, e muito ordinariamente succede.

Outro bem ainda, outros fins mui mais nobres se devem propor os contratantes, a que apenas os verdadeiros *Christãos* attenderáo, e neste mesmo respeito. São estes a procreação de filhos, que sirvão, e glorifiquem a Deos, e concorrão para a sua maior gloria: *Haec esse debet*, diz St.º Agostinho, *piorum conjugum intentio.* Esta deve ser a intenção dos pios, e fieis contrahentes; e he a continuação dos louvores, e serviço de Deos na renovação das geraçõ-es; *Ut generatione generatio reparetur.*

Nota este Santo Doutor, que os antigos Patriarchas contrahião esta união pelas esperanças de sahir de suas descendencias o Messias. Se d' outra sorte podessem ter filhos, elles o não farião. Não existem agora estes fins, e esperanças; porem na descendencia podem, e devem procurar, pela boa educação, dar-lhe verdadeiros adoradores. Este fim tinha *David* diante dos olhos, quando dizia: *Anima mea illi vivet.* Em quanto durar a minha vida, eu a empregarei nos louvores de meu Deos; eu morrerei na dôce consolação de deixar na minha geração, quem o sirva: *Semen meum serviet ipsi. Psal.* 21. 31. Os contrahentes *Christãos* poderéo intencionar, e dizer; Eu terei filhos,

que melhor, do que eu, sirvão a Deos, guardem a castidade, que eu não guardei, sirvão a Deos na Igreja nas Religiões, ou ao Estado, e no bem da *Sociedade*, para maior gloria do Senhor: *Semen meum serviet ipsi.*

Taes erão os sentimentos de *Tobias*, que Deos nos deo neste respeito por grande exemplar, que devem seguir, os que tomão tal estado: *Tu scis Domine quia non luxuriae causa accipio sororem meam conjugem.* Vós sabeis, Senhor, que não he por causa da luxuria, que eu recebo mulher. Mas porque motivo o fazes, ó santo moço? *Sola posteritatis dilectione, in qua benedicatur Nomen tuum in soecula soeculorum. Tob.* 8. 9. Eu somente o faço, pelo amor da posteridade, e descendencia, em que o Nome do Senhor seja louvado por todos os seculos.

F. — Eu protesto, que serão rarissimos, os que tem taes lembranças.

P. — Ainda ha outro fim, que nos aponta *S. Paulo*, que he bom, mas mui menos perfeito, e he a evitação do peccado, conhecendo a propria fraqueza. Louvando o St.° *Apostolo* o estado celibatario, accrescenta: *Propter fornicationem unusquisque suam uxórem habeat, & unaquaeque suum virum habeat.* 1. *Cor.* 7. 2. Por causa da concupiscencia, porque não caihão no peccado, tenha cada hum sua mulher, e cada huma seu marido.

Elle o permitte, como remedio: porem triste, e bem triste he a enfermidade, que necessita de tal remedio! Não sei ainda se a maior parte, pelo menos, serão mais quimericas, que reaes. Desesperada será huma tal enfermidade, que se não possa curar com o temor de Deos e suas graças. Com estas mui bem se poderá o homem, ou mulher, conservar puro e casto. Se porem falta o devido temor de Deos, não sei que algum outro efficaz remedio possa haver. He pensar de St.° *Agostinho*, com quem eu concordo, que mais facilmente se abstem o homem das Nupcias, que dellas use bem, e com a devida temperança: *Multó facilius se abstinent, ut non utantur nuptiis, quam temperanter, & bene utantur.* Difficilmente se maneja o pèz com as mãos puras; não se toca na immundicia, sem que se sinta o máo cheiro. Quero dizer, que o temor de Deos he sempre de summa necessidade. Nós já fallámos neste respeito.

F. — Eu mui bem me lembro. Então se disse, que faltando o temor de Deos, os casados são peiores, que os solteiros.

P. — Não devemos ultrapassar os devidos limites da decencia; porem deve saber-se, que neste *Sacramento* ha leis prescriptas por Deos, cuja transgressão será talvez peccado gravissimo. Toda a desordem he má; a concupiscencia se desenfrea sem o temor de Deos, e conduz a gravissimos males. Direi com o *Doutor Maximo*, que das tres especies de castidade, que são a celibataria, ou virginal, a vidual, e conjugal, esta ultima não obstante ser a mais imperfeita, he ainda a mais difficil, por ser mais facil a inteira abstinencia, do que a devida moderação no uso da concupiscencia. As paixoes sensuaes são fogo, que inflammado, difficilmente se apaga. A Virgindade, continúa *S. Jeronimo*, triunfa quasi sem combater: basta-lhe conhecer os perigos; e a só sua sombra assusta, e faz fugir com natural temor. Deve ainda notar-se, que nas enfermidades enfastia o remedio continuado. Direi finalmente, por sahirmos com brevidade desta materia fastidiosa, que estes taes o fazem por bem de sua salvação, que não devem perder de vista.

L. — Alguns dos fins indicados me proponho; entendo porem que reprova algum outro.

P. — Reprovo, e com toda a força, qualquer outro fim; e não sou o que o faço, mas sim Deos. Logo veremos, quam cegos andão, os que tomão este estado, levados pela paixão sensual. Suppostos os fins licitos, deve filho, ponderar com a maior attenção, e consideração, o que vai a fazer, antes que se delibere, e resolva.

Grande ponderação deve preceder a deliberação.

Antes que cazes, ve o que fazes, he adagio antigo, e o mais absolutamente necessario. Oxalá a cega mocidade fizesse delle o devido uso! Oxalá fosse delle susceptivel!

P. — Qual susceptivel, P.! Se quando se intentão casar, considerassem o que fazem, ninguem se casaria, e o mundo acabaria. Para que assim não succedesse, foi Deos servido permittir, que se treslouquem da cabeça, para não considerarem o que fazem. Será o moço bom filho, prudente, e de juizo, em quanto não se lembrou de casar: mas logo que o faz, e poz o fito, já não he o que antes era; de todo mudou. E que direi da moça, a quem fallárão no casamento! Virão cousa mais tresloucada! E parecia antes rapariga de juizo!

P. — Desgraçadamente he verdade. Não julgo assim ao Sr. L., que quer acertar; e para isso consulta. Com sigo mesmo tambem o deve fazer, ponderando a conformidade do peso, que intenta tomar, com suas forças. Quando hum homem intenta levar ás costas, por longa jornada, hum grave pêso, experimenta, pondera, e mede o pêso, e a carga; para se certificar, se com effeito terá forças sufficientes, e proporcionadas á gravidade da carga. Ninguem já mais a porá repentinamente aos hombros sem esta ponderação muito attenta. Quem poderá jámais metter os hombros ao pesadissimo jugo do *Matrimonio* sem esta attenta, e mais bem ponderada consideração?

Faria rir, a quem não devora o zelo da salvação das almas, e se compadece da cega mocidade, o protexto que muitos tomão, para entrarem neste estado. Cu ta-me aturar meu pai, dirá o inconsiderado moço: Custa-me muito sofrer minha mãi, não ha quem possa aturar suas impertinencias &c. O' cega loucura! Pois custa-te a sofrer hum pai, e não temes sofrer huma mulher, que talvez te venha a ser o fardo mais pesado, e insupportavel? Custa-te a sofrer as impertinencias de tua mãi, que te trouxe em seu ventre, e braços, e não te custaráõ a sofrer as iras, e furias de hum marido, que não te vio nascer?

F. — Que diz, P.? Não pensão em tal, por mais que lhes digão. Se lhes disserem que são de má conducta, máo genio, e turbulentos, disem ellas, que são malquerenças, e testemunhos, que lhes levantão, sendo huns anjos. Se lhes disserem, que são bebados; respondem, que tem bom vinho. Ainda que sejão feios, como bodes, diráo, que são formosos, como as estrellas.

D. — Tem razão, Sr. F.; a experiencia assim o mostra, e não se pode explicar de outa sorte, se não attribuindo taes effeitos a transtorno, ou pelo menos desorientação de cabeça, e juizo. Eu o tenho experimentado, e conhecido, que nem mesmo querem conselho, e tem por inimigos a quem lhos dá. Ainda bem, que o Sr. L. não he desta cathagoria.

Deve consultar a Deos.

P. — O Sr. L. tanto quer acertar, que dá para isso o melhor passo. Este he o consultar a Deos. Huma das maximas da *Relgião Christãa*, bem constante, e de ninguem ignorada diz, que para tomar qualquer estado, he necessaria a vo-

tação de Deos, afim de que com o soccorro de suas graças, possa viver nelle santamente, desempenhar do seus deveres, e obrigações, e conseguir sua salvação. Esta vai arriscadissima naquelle, que entra em hum Estado para que Deos o não chama; e tanto mais, quanto esse Estado tem annexas maiores, e mais pesadas obrigações a cumprir. Eu julgo, que não ha quem concorde nesta verdade relativamente aos estados *Ecclesiasticos*, *Religiosos*, e ainda outros: porem bem poucos estarão persuadidos da necessidade, que della ha, para entrar no estado conjugal, não obstante que tem annexas obrigações a desempenhar, e deveres a cumprir os mais religiosos, mais fortes, e mais pesados; e não menos os mais fataes nas consequencias, por quaesquer respeitos, que os considerem. Grandemente compromettem estes sua salvação.

Se para entrar, por exemplo, em *Relegião*, para entrar na ordem *Ecclesiastica*, he necessaria a boa vocação, por isso mesmo que tem deveres a cumprir, porque será della dispensado, o que entra no estado conjugal, quando sobre si os toma mui mais pesados, e extensos? Que mais tem hum *Religioso* a cumprir, que a sua regra, para o que acha toda a facilidade? Porem hum homem ligado a este jugo, hum pai, ou mai de familias, de que obrigações, pêsos, e deveres se não carrega? Apenas as graças de Deos em abundancia serão sufficientes para o seu devido desempenho: mas poderão contar com ellas aquelles, que tomaõ sobre si, talvez contra toda a vontade de Deos, taes obrigações?

De taes com razão poderá dizer o *Senhor*: *Quae nolui, elegistis*; vos elegestes hum estado, para que Eu vos não criei, nem vos dei capacidade para desempenhardes suas obrigações: Eu intentei salvar-vos em outro estado; vós escolhestes, o que não foi da minha vontade: não me consultastes, e seguistes o que vossos appetites vos suggerírão: *Os meum non interrogastis. Quae nolui elegistis. Isaias* 65. 12.

L. — Como se pode isso fazer? Quem o poderá...

P — Quem? Os bons *Christãos*, os que tem temor de Deos, e desejão a sua salvação. Prazer tenho em ver entrado neste numero ao Sr. L., pois que o está fazendo. Consulta-se a Deos, quando se consultão os seus Ministros, que nas *Escrituras* são chamados *bocas* de Deos, pois que por ellas exprime a sua vontade. Estes, que devem ter o melhor conhecimemto do mundo, e da consciencia do proprio sujei-

to, dotados da necessaria prudencia, são naturalmente proprios para dar voto em tal materia, mesmo independentemente do seu ministerio, a que Deos attende, e que põe em seu lugar. A oração fervorosa, pedindo a Deos, que manifeste a sua vontade de qualquer modo, que seja, impedindo taes pertenções, quando não convenhão, são de absoluta necessidade: assim como as consultas de homens desenteressados, e não menos os pais, quando se não deixão arrastar de interesses mundanos para sacrificarem seus filhos.

F. — Bem fiz eu, que alem da vontade de meu pai, e parentes, pondo de parte o Confessor, que foi o primeiro, não houve velho na villa, a quem não consultasse. Mas estas criançolas do tempo...

P. — Não temos dito mais que o relativo somente á eleição do estado. Porem tem lugar depois a maior ponderação sobre a eleição do consorte.

Eleição de consorte.

Eu não sei qual destas deve ser a mais ponderosa; e tanto o ignoro, que a nenhuma dou a preferencia. O bom consorte pode supprir as faltas, e corregir os defeitos, que hajão nesta união; porem o máo consorte perderá as melhores disposições. A' primeira vista, sem muita consideração se conhecerá facilmente a summa necessidade de huma boa escolha, e acerto. Os dois se vão a jungir debaixo de hum jugo pesadissimo com laços, e vinculos tão ligados, que apenas por morte de algum delles se desataráõ, e tão apertados, que sendo dois se deveráõ fazer huma só unidade: *Erunt duo in carne una.* A mulher se faz corpo de que o homem seja cabeça: *Vir caput mulieris. Eph.* 5. 23. O homem vai a ser cabeça de hum corpo, que deve tratar, e amar, como o seu proprio: *Viri debent diligere uxores suas sicut corpora sua d.*° 28.

Nada haverá, que possa dispensar, nem afrouxar a força deste dever, e obrigação, nem o tempo, nem o lugar, nem a distancia. Nenhum poder teráõ para os enfraquecer os disgostos, os pezares, os genios, as injurias, e offensas. Embora seja este outro corpo, ou cabeça, com que se une, aspero, duro, pesado, enfermo, e insofrivel; hade ama-lo como o seu mesmo, e como tal trata-lo; se com effeito quizer desempenhar suas obrigações.

D. — Essa só consideração fará tremer a hum moço, ou moça talvez mais, porque em fim he mais fraca.

P. — Eu não quero atemorisar, mas sim fazer ponderar. Huma boa mulher fará feliz a hum marido: e o mesmo direi de hum bom marido para com a mulher. Porem eu duvido muito, que acertem nesta escolha pelos meios de que se serve a nossa cega mocidade. Fallemos da primeira, e o faremos depois da segunda.

O que acha huma boa mulher, acha o bem, hum bem inexplicavel: *Qui invenit mulierem bonam, invenit bonum. Prov.* 18. 22. Este acha hum thesouro riquissimo, hum singular, raro, e grande bem: *Invenit bonum*, id est, *bonum singulare*, *rarum*, & *maximum. Corn. Alap.* Feliz homem! Ditoso, bemaventurado homem! *Mulieris bonae beatus vir. Eccl.* 26. 1. Porem quem achará este thesouro? *Mulierem fortem*, id est, *bonam*, *quis inveniet*? *Prov* 31. 10. Será por ventura o moço, que não tendo algum temor de Deos, nem sentimentos de *Religião*, cego da paixão sensual, e brutal, a nada mais attende, que á sua satisfação? Será aquelle, que a procura pelos caminhos por onde o guia o Demonio? Que cegueira!

F. — Ah, P.! Agora carregue a mão.

P. — A boa mulher he a bella parte, grandissimo favor, mercê particular, e inestimavel graça, que Deos dá ao homem: *Pars bona*, *mulier bona*. Porem esta sorte cahirá em herança, porque lhes está promettida, aos que temem a Deos: *Pars bona*, *mulier bona*, *in parte timentium Deum.* Eis a quem Deos a destina em premio, e recompensa dos seu serviços: *Dabitur viro pro factis bonis. Eccl.* 26. 3. Nem se pense, que por outro meio se conseguirá. Lá poderá o homem por meio de suas diligencias levantar caza, e enche-la de riquezas: *Domus & divitae dantur operantibus.* Não porem assim esta riqueza, este thesouro da boa mulher; porque he dadiva mui singular da mão de Deos: *A Domino autem uxor prudens. Prov.* 19. 14. He premio das boas obras; *Dabitur viro pro factis bonis.* d.°

D. — Que lhe parece, Sr. L., daquelles textos?

L. — Confesso, que não me lembro de os haver lido.

P. — Aqui trago a Sagrada *Escritura*, para que se desenganem de que confirmarei com a Palavra de Deos, que ella contem, tudo o que for dizendo em taes materias. Oução os encomios, os elogios, que o *Espirito Santo* tece a huma mulher boa, para que conheção qual he a dita do ho-

mem a quem Deos a destina.

Gratia super gratiam mulier sancta, & pudorata. Graça sobre graça, formosura sobre toda a formosura, belleza sobre toda a belleza, bem sobre todo o bem, he a mulher santa, prudente, vergonhosa, modesta, e temente a Deos. Nada ha que aqui possa chegar. Todo o ouro, toda a riqueza da terra he nada em sua comparação, nada ha equivalente: *Omnis ponderatio non est digna continentis animae. Eccl.* 26. 19. O *Espirito Santo* continúa a fazer della os maiores elogios, servindo-se das comparações mais pomposas. Elle lhe dá o nome de luz brilhante, e sol, que resplandece no oriente, columna firme, e fundamental de huma casa: trata ao marido de homem o mais ditoso, e felizes a seus filhos.

Serão porem desta cathagoria essas que parecem enlouquecer por casar, e nada mais procurão, quaesquer que sejão os meios para o conseguir? Conseguiráõ esta dita aquelles, que a nada mais attendem, que á sua louca paixão, e talvez depravados appetites? Discorrâmos hum pouco sobre a sorte de hum desgraçado, que toma este jugo com huma não boa mulher.

D. — Eu julgo, que ella somente então poderá ser boa, e fazer boa união com o marido, quando ella for muito prudente, branda de genio, e pacifica.

F. — Pois eu julgo, que ella somente então o será, quando for muito temente a Deos. O mesmo digo do homem. Eu posso fallar na materia, e com tudo tenho huma mulher, que não mereço a Deos.

P. — São tantos os dotes, que devem adornar a mulher para fazer a felicidade de hum marido, que eu não posso numerar, e menos descrever. Entre tanto se nella falta o temor de Deos, não poderei tambem descrever a desgraça daquelle, que com ella se unio. Direi, que na eleição do consorte, e em suas boas, ou más qualidades, está posta a felicidade, ou desgraça, tanto de hum como do outro, e talvez della penda a salvação de ambos. A boa mulher sanctificará o marido, diz *S. Paulo*, e o mesmo poderá fazer o marido á mulher; porem o contrario deverá contrarios effeitos produzir.

L. — Devo descubrir, P., meus intentos para ser melhor aconselhado. Lembro-me em primeiro lugar do bom dote, porque bem sabe, que o homem sem riquezas nada vale. Em segundo lugar da honra, e formosura. Depois...,

F. — Protesto, que vai errado, á excepção da honra. De que lhe valerão as riquezas, se ella for desperdiçada..?

P. — Bem dotada deverá procurar mulher, mas de boas qualidades, pois que bom dote terá na mulher assim dotada, e não com os dotes das riquezas. Não lhe posso approvar os desejos das riquezas, salvo ser para o bom uso, que mesmo assim não louvarei pelos gravissimos males, que dahí se podem seguir. Porem he materia muito ampla para della dizer alguma cousa. Poderemos faze-lo em outra occasião.

L. — Eu o executarei pela palavra.

D. — Não a esquecerei; pois me será necessaria.

P. — Eu me dou por penhorado. Somente agora satisfarei com o *Proverbio* divino; *Melior est buccella sicca cum gaudio, quam domus plena victimis cum jurgio. Prov.* 17. 1. Melhor, mais saborosa, e deliciosa he a côdea do pão seco, e duro, comida com paz, e alegria, do que a mesa cuberta de abundantes, e opiparas viandas, a casa cheia de riquezas com disgostos, com pezares, magoas, sentimentos, e sobre tudo discordias: *Cum jurgio.* Nós o vamos a ver bem claro.

Não queira pensar, filho, e menos persuadir-se, que a formosura do corpo fará a sua dita, e felicidade. Cegueira fatal, filho, será essa vista. Não queira attender, menos deixar-se levar da formosura, ou bem parecer de huma pouca de terra a mais immunda, qual he o corpo humano, que não merece outro nome, que não seja saco de immundicias. A formosura do corpo he huma quimera, que apenas tem existencia no frontespicio da pelle, ou nas proporçoes da materia, que qualquer mudança desfigura. De pura, e bem formosa neve se cobre o esterco; mas não o parecendo, não deixa de o ser.

F. — Eis ahi do que se leva a mocidade do tempo, e até das galas, e dos vestidos. Não cahi eu nessa corriola! No meu tempo eu vi dessas bem lavadas, bem vestidas, e enfeitadas. Nada, nada, dizia eu cá comigo: não me servem; eu não quero paineis para adornar sallas, mas sim mulher para governar casa. Estas não são mais que figuras, e figurinos á franceza para enfeitar a casa; e melhor a enfeitarião se, como os paineis, estivessem penduradas pelas paredes, ainda que fosse pelo pescoço. S. L., se tem que adornar alguma salla com tal painel, compre-o em huma loge, e ainda que dê boa porção de moedas, saiba, que

lhe ficará mui mais barato.

D. — Bravo, S. Fr.! Creia que o seu conselho muito bem me agrada; e na comparação diz tudo.

P. — Que bello he o pavão! Que formosura! Os brilhos de suas côres, as galas de suas pennas deslumbrão os olhos; porem nada mais nelle agrada, que as pennas. He o que lembrou talvez neste mesmo respeito hum Poeta Gentio, *Ovidio*, para confusão dos *Christãos: Praeter pennas nihil in pavone placebit.* Alem das pennas nada mais tem nem de agrado, nem de gosto: a mesma carne he insipida. Com a só vista se contentaráõ, os que a pavões procurão.

Veja porem a abelha, que apenas se conhecerá pelo zunido de suas azas. Nada tem de agradavel, nada de formosura, nada de belleza: *Brevis in volatilibus est apis.* Porem ella sempre solicita, sem jámais se dar a descanço, tem habilidade de enriquecer a sua casa de abundancia de dôce mel, que faz as dilicias do gosto, e do prazer: *Brevis in volatilibus est apis, & initium dulcoris habet fructus ejus. Eccl.* 11.13. He isto do *Espirito Santo*, e se me não engano, no mesmo sentido.

D. — E não necessita de applicação, porque está bem claro.

P. — Não he á formosura do corpo, mas sim a da alma, a que se deve attender. Ella he todo o homem, ou mulher, e não o corpo, que não passa de terra immunda. Na alma he que se deve procurar a formosura. Queira fazer reflexão nas qualidades em que o sagrado *Escritor* faz consistir toda a formosura de huma mulher: *Gratia super gratiam.* Eis aqui toda a graça, toda a belleza, e formosura sobre toda a formosura da mulher. Qual he? A boa cor? As boas proporções do rosto? Não; isso he terra; isso he podridão; ides, homens, errados se isso procuraes. *Mulier sancta & pudorata.* A santidade da alma, o espirito de *Religião*, o temor de Deos, o pondonor, a vergonha, a modestia, a sesudeza, eis o que faz toda a formosura de huma mulher, e a felicidade do homem, e não outra cousa. Não tenha embora ella a boa parecença do corpo, não tenha as galas do pavão; que importa? Será sim despida dessas graças, como a abelha, mas como ella saberá fabricar o dôce favo de bello e delicioso mel, que encherá seu marido de prazer. Ella saberá adoçar suas iras, abrandar suas asperezas, governar a sua casa, educar seus filhos, e pondo nella toda a confiança não necessitará este ditoso marido de outra riqueza, de outras heranças; *Confidit in eo*

cor viri sui, *& spoliis non nidigebit*. Ella lhe dará em tudo gosto, prazer, e todo o bem: *Reddet ei bonum*, *& non malum omnibus diebus vitae suae*. *Prov*. 31. 11. 12.

Huma tal mulher ainda honrará a seu marido ennobrecendo-o, e collocando-o entre os nobres da terra: *Nobilis in portis vir ejus*, *quando sederit cum senatoribus terrae*. d.° 23. Hum homem com huma tal mulher não se pejará de apparecer entre os nobres, e assentar-se entre elles, ainda mesmo quando nenhuma outra nobreza possuisse.

F. — Ah, meu P., que me está regalando esta alma! Eu não sei, como a minha mulher arranja as cousas. Ella me faz apparecer diante de todos sempre com honra em todo o sentido; e o mesmo pelo que respeita a meus filhos. Eu não sei, o que heide comer, nem vestir, nem sei ainda quanto lá está na gaveta, e tudo me apparece á medida do meu gosto. Algumas vezes temos nossos enfados, porque por força quer que eu não saiha fóra sem estes ou aquelles vestidos, desta ou daquella sorte, arguindo-me de que a quero envergonhar. Ainda me não fizerão queixa dos meus filhos; e á mâi o devo.

P. — Agradeça a Deos favor tão especial. Devemos ainda notar, que de huma boa mulher, virtuosa e temente a Deos, com razão se pode esperar, o que ha de mais bello, mais formoso, encantador, e appetecivel, que a paz, a união e a concordia.

Concordia entre casados.

F. — Tem razão: nada peior do que dois bois, que não fazem boa canga, e não trabalhão unidos. Eu cuido logo em os pôr fóra de casa.

P. — Das tres cousas, que mais agradão a Deos, e ainda aos homens, a terceira he a boa união, paz, e concordia entre o homem, e a mulher: *In tribus beneplacitum est spiritui meo*, *quae sunt probata coram Deo*, *& hominibus*. As primeiras duas são a concordia dos irmãos, e o amor dos proximos. Ellas fazem a base, e o fundamento da *Sociedade*, que debalde se poderá formar, se não assentar nestes fundamentos. Porem ellas mesmas parece terem outro fundamento, em que devem assentar, ou huma fonte donde devem dimanar. He esta, que dizemos: *Concordia fratrum*, *amor proximorum*, *vir & mulier bene sibi consentientes* Eccl. 25. 1. 2. Para a concordia dos irmãos he necessaria a dos

pais, de quem devem aprender o amor dos proximos; o que jamais poderáo fazer, se não virem hum perfeito, e reciproco amor entre os pais.

Eis aqui pois toda a base, e fundamento da boa *Sociedade* tão desejada no mundo, e tão intentada, e procurada por seu Autor Deos. Este he o centro, donde se derivão os raios em toda a circunferencia, esta a fonte, donde dimanão, e brotão os laços, que devem prender, e ligar a *Sociedade*: *Vir & mulier bene sibi consentientes*; o homem, e a mulher bem unidos em suas vontades. Não foi outra cousa a creação, ou formação da primeira mulher da costella de *Adão*, e sugeição a elle, que a união de vontades em hum centro, que o devia ser da *Sociedade*. Por isso nada mais agrada a Deos, que procura, e he o Autor da *Sociedade*, do que esta união. Nada mais agradavel aos homens, entre quem ella se forma. Nada ha que mais felicite o homem neste mundo, do que esta boa união entre si, e sua mulher: *Vir & mulier bene sibi consentientes.*

Porem temos huma cousa a notar; e he que para esta união ser perfeita sería necessaria a perfeita conformidade de genios, de condições, e qualidades da alma. Mas que? Poder-se-ha dar esta entre dois individuos? Entre hum homem, e huma mulher?

D. — Custará encontrar, mas enfim achar-se-há.

F. — Nego que se achem. Se achar dois bem semelhantes nos rostos, eu concederei, que se achem; porem isso he o que Vm. nunca achará. Pois assim como todos somos differentes nos rostos, o que faz admirar o Creador, e formador dos nossos corpos, pois me parece, que desde *Adão* até agora, não tem havido dois bem semelhantes hum ao outro, assim tambem somos differentes nas almas; e ninguem me tirará desta. Desenganem-se, os que intentão casar-se, de achar consorte semelhante a si. Porem os casados ordinariamente se fazem desgraçados por falta de bestunto, porque para seu mal andão em guerra, e discordia hum com o outro.

D. — Então que bestunto devem ter?

F. — Melhor bestunto tem as cabras, do que elles. Ellas são capazes de lhes dar lições. Oução o que eu ouvi a meu avô, que talvez aprendesse de algum dos Padres *Jesuitas*, de quem era confessado. Duas cabras tomárão ao mesmo tempo pelas duas partes contrarias de huma estreita ponte, e se vierão encontrar no meio, que era o mais alto. Que

farião? A ponte era tão estreita, que lhes não dava passagem, huma encostada a outra; nem tambem para retroceder. Que farião por não hirem ambas ao rio, ou pelo menos alguma? Jogarião as marradas?

D. — Eu confesso, que não sei. Deveria hir alguma ao rio.

F. — Pois ahi tem, o que eu digo; tem as cabras melhor bestunto, do que os homens, e as mulheres. O que as duas cabras fizerão foi abater-se, e abaixar-se huma com muito tento, cozendo-se com a ponte no entanto, que a outra passava por cima, e então podérão seguir o seu caminho. Eis aqui, o que devião fazer os caśados abatendo-se hum ao outro quando tem seus encontros, em quanto passão as iras, e os enfados. Porem elles como não tem bestunto, entrão a jogar as marradas, e oxalá que não caihão ambos no...

D. — Vm. tem bestunto para dar, e vender, e ficar com todo.

P. — O caso he referido por *Plinio. Liv.* 8. cap. 5. que cita testemunha ocular. Porem isso apenas tem lugar quando entre elles ha prudencia, ha juizo, e sobre tudo temor de Deos, com o espirito de *Religião*. Se isto falta, tudo falta, e então não ha conselhos para dar. *Alter alterius onera portate. & sic adimplebitis legem Christi*, nos diz *S. Paulo. Gal.* 6. 2. Sofrei-vos huns aos outros. Bello aviso, e conselho para os casados! Mas que? Quaes serão sufficientes para o tomarem, e praticarem? Apenas os prudentes, os que tem, não o bom bestunto, como diz o Freg., pois que elles pela maior parte não ignorão, como se devião comportar, mas sim os que tem o devido temor de Deos, e o verdadeiro espirito de *Religião*. Só este e nada mais, he o que póde formar os laços da união conjugal. Engana-se desgraçadamente, o que pertende encontrar genio semelhante, e uniformidade de sentimentos naturaes, porque a só *Religião* he a que com a graça de Deos, poderá obrar estes prodigiosos effeitos. Então se tomarião os avisos, e os conselhos; então se amoldaráõ os genios, se abrandaráõ as durezas, e asperezas, que obstão á união. Do que fica claro, que a boa eleição deve recahir sobre quem tenha o verdadeiro espirito de *Religião*, quem possua a formosura da alma, e não do corpo, se não quizer renunciar á sua felicidade.

Para que melhor o entenda, eu quero fazer-lhe a pintura, que nos põe aos olhos o *Espirito Santo*, descrevendo a desgraça daquelle, que se une com huma não boa mu-

lher no jugo do *Matrimonio*; e verá quanto tem a temer este máo acerto, que se torna tão vulgar, em quem não se deixa guiar mais que por suas cegas paixões.

Bemaventurado homem, que coabita com huma prudente, sesuda, e sensata mulher! *Beatus vir, qui habitat cum muliere sensata. Eccl.* 25. 11. Veja, que não diz: Bemaventurado o homem, que se unio com a mulher rica, formosa no corpo, ou agradavel em modos, e acções; mas sim mulher *sensata*, isto he, prudente, honesta, de juizo, e sobre tudo temente a Deos, no que está toda a prudencia, e conducta sensata. Porem que diremos se ella he ao inverso imprudente, insensata, dura, teimosa, indocil, e enfim sem temor de Deos, nem espirito de *Religião*? Eu não direi de mais affirmando, que sería melhor habitar com hum leão, e com hum dragão, do que com tal mulher, pois que he o *Espirito Santo*, que assim o assevera: *Commorari leoni & draconi magis placebit, quam habitare cum muliere nequam. Eccl.* 25. 23.

Tanto he feliz o que fez hum bom acerto, tendo em sorte huma boa mulher, qual temos dito, quanto he desgraçado o que cahio na desdita d'huma mulher de má condição, e sem temor de Deos Vamos vendo a pintura, que desta desgraça vai fazendo o sagrado Escritor. *Omnis plaga tristitia cordis est*; o maior tormento do homem, a maior chaga, e o peior mal, he a tristeza do coração. Porem toda a tristeza do homem, todo o tormento he a nequicia, a maldade da mulher: *Omnis malitia, nequitia mulieris.* d.° 11. Continuando a dizer, que toda a infelicidade, ou felicidade do homem faz a boa, ou má conducta da mulher, dá a razão porque he melhor habitar com hum leão, e dragão, do que com huma tal mulher: *Commorari leoni & draconi magis placebit quam habitare cum muliere nequam.*

Não ha, diz, cabeça mais venenosa, e peior, do que a da serpente, mas tambem nada peior do que a ira de huma mulher, pois que assim como a cabeça da serpente he má sobre tudo. assim a ira da mulher he sobre toda a ira: *Non est caput nequius super caput colubri*, & *non est ira super iram mulieris.* d.° d.° 22. 23. Logo antes a cohabitação com o leão, e dragão, visto que nada chega a huma mulher iracunda, raivosa, colerica, e de má condição. Antes viver em hum deserto, do que com huma mulher rixosa, litigiosa, ralhadeira, falladeira, e iracunda,

diz nos *Proverbios: Melius est habitare in terra deserta quam cum muliere rixosa, & iracunda. Prov.* 21. 19.

A nequicia da mulher muda a face do marido; pois tal he o effeito, que nelle produz, que o faz mudar de parecença, e seu rôsto se torna triste, carregado, e melancolico, como o de hum urso: *Nequitia mulieris immutat faciem ejus, & obcoecat vultum suum tanquam ursus.* d.° 24. Entre os seus visinhos, e amigos não poderá encubrir a sua tristeza, pois que involuntaria, e inadvertidamente gemerá, e suspirará: *In medio proximorum ejus ingemuit vir ejus, & audiens suspiravit modicum.* d.° 25.

D. — Não se pode pintar melhor a tristeza, do que a de hum homem, que geme, e suspira entre os seus amigos.

F. — E fazem tudo pela encubrir. Eu o tenho observado, e nenhum melhor do que o meu Ab. Pareceráõ aos olhos de muitos, que não sabem o que por lá vai, casamentos felizes; porem quanto se enganão! Quando apparece fóra, he o mál gravissimo.

P. — Concluamos com a discripção, que ainda continúa. Breve, e leve he toda a malicia em comparação da malicia da mulher: *Brevis omnis malitia super malitiam mulieris.* Cahirá ella em sorte ao homem máo: *Sors peccatorum cadet super illam. d.*° 26.

F. — Hum máo he devido a outro máo; e he o que vemos succeder continuamente, porque a nada attendem, se não a suas brutaes paixões.

P. — Deos livre a hum homem pacato, pacifico, bem morigerado, de huma mulher linguareira, ainda quando não tenha outro vicio, porque lhe será mais pesada do que o he para hum velho huma subida arenosa: *Sicut ascensus arenosus in pedibus veterani, sic mulier linguata viro quieto. d.*° 27.

D. — He bem expressiva a comparação.

P. — Muito ainda dizem a tal respeito os sagrados *Escritores*, que eu omitto, visto que tenho dito o bastante para satisfazer ao S. L., concluindo com o *Ecclesiastico*: *Ne respicias in mulieris speciem, & non concupiscas mulierem in specie. d.*° 28. Não attendas á formosura do corpo da mulher, não te deixes levar da bella parecença, e apparente belleza da mulher, se não te queres achar enganado; e renunciar a tua felicidade, e boa dita.

L. — A' vista disso devo mudar, e desde já mudo de intençōes. Porem desejo saber, como devo proceder na boa eleição?

D. — Parece-me, S. Ab., que as madamas estarão desejando que não falle somente contra ellas, porque tambem tem que temer dos homens.

F. — He desnecessario, não só porque não são ellas a escolher, mas porque ninguem as resolverá a negarem-se ao primeiro pertendente.

D. — Não lhes faça injuria tão grave.

P. — Nada temos com tal cathagoria (que por desgraça he a maior) que parece a nada mais se dirige, que a conseguir marido qualquer que elle seja. Estas não são susceptiveis de conselho, e seu mál, sua mania he sem remedio. Outras porem ha, que não deixaráõ de entender, e convencer-se bem de que sendo tão má, pessima, e desgraçada a sorte de hum homem, que se liga a huma mulher de não boa conducta, e condição, muito peior será a de huma mulher sensata, prudente, e temente a Deos, unida talvez a hum leão, a hum leopardo, em fim a hum monstro.

Eu não direi a tal respeito mais do que huma cousa, que desejaria fosse bem attendida e ponderada, pois nella digo tudo; e a experiencia, que tenho, he bem sufficiente para me abonar. Posto que eu não sou nem jamais fui idoneo para fazer, nem desmanchar casamentos, comtudo a huma mulher sensata, prudente, e temente a Deos, que intentasse receber por marido a hum homem de má conducta, e máo christão, e me pedisse voto na materia, eu não mais diria, que estas simples palavras: Se tu intentas salvar-te por meio do mais penoso martyrio, e para isso estás preparada, poderás faze-lo. De outra sorte tu vais a pôr no risco mais evidente a tua salvação, e depois de sofreres hum anticipado inferno. Não diria mais; e ainda não approvaria a primeira, porque os perigos da salvação sempre se devem evitar em todo o caso, alem de outras tristes consequencias, que dahí se seguem.

D. — Julgo que não será necessario mais para as satisfazer.

Boa Eleição de consorte.

L. — O que me está parecendo melhor he deixar-me de casar, porque não ponha em contingencias minha felicidade, de que vou gosando.

F. — Faz bem, quem não quer levar couces, não compra bestas ainda que lhe pareção mansas.

P. — Eu não intento mais, que reprovar os meios de que se servia, ou intenções, que tinha a tal respeito. Eu desejo que olhe ao futuro, pondere, o que lhe possa succeder, attenda á sua salvação, e se guie pelo espirito de *Religião*, bem persuadido de que somente da mão de Deos lhe virá huma consorte, que faça a sua felicidade.

Em quanto ao acerto da boa escolha, julgo, que lhe direi o possivel, mencionando-lhe o casamento de *Isaac*, que lhe fez seu pai *Abrahão*, e o que nelle occorreo. Deos sem duvida o quiz dar por exemplar a todos os que intentão tomar este estado, e eleger esposa, de modo, que não exponhão a sua felicidade temporal com a eterna a evidentes perigos. Elle serve para o homem, e ainda para a mulher, pois nelle tem que aprender.

Estava este Patriarcha mui adiantado em annos, e seu filho havia chegado á idade nubil. Peregrinava em *Canaan* mui distante da sua patria natal; porem elle não achava naquelles paizes mulher, que julgasse digna de seu fiho. Chama ao seu fiel de casa, que o era tanto quanto dirigia com a maior fidelidade tudo, o que possuia, e o faz jurar por Deos, Senhor dos Ceos e terra, que não tomaria para seu filho mulher daquellas terras. *Gen.* 24. Notemos aqui, que este bom Pai, visto que não podia hir procurar elle mesmo mulher para seu filho, não mandou a este, porque hum casamento não he negocio, que se possa confiar da mocidade, nem ainda dos mesmos pertendentes, principalmente sendo criançolas, como agora vemos que o fazem, desprezando conselhos ainda mesmo dos pais.

D. — Porem eu tenho contra isso huma razão forte, que oppôr. Os casamentos devem ser feitos á vontade dos que os contrahem; e o contrario tem consequencias tristes.

P. — Jamais eu direi o contrario: e ainda accrescentarei, que obrarãõ pessimamente, e peccarãõ gravissimamente os pais, que a isso constrangerem, ou de qualquer sorte que seja obrigarem seus filhos, a tomar tal estado, ou com pessoa, que elles não querem. Nem razões algumas, ou pretextos os poderãõ escusar.

D. — Assim he justo que seja: por isso concluo eu, que devendo ser feitos á vontade dos filhos, a elles pertence a eleição da pessoa. Para isto deve haver a inclinação, o affecto, e ainda paixão hum pelo o outro; e só esta he que poderá estreitar os laços da união, e tanto mais quanto

mais forte for a paixão.

P. — Quanto mais forte for a paixão, mais depressa os quebrará. Não he isso, o que mostra a experiencia, nem o S. D. entra no conhecimento do homem, e da sua natureza. He tal que aquillo que mais ama com paixão desordenada, mais brevemente he aborrecido. Nós temos hum exemplo bem claro em *Amnon*, filho de *David*, que com tanta paixão amou a *Thamar*, que chegou a enfermar: porem satisfeita a infernal sensualidade, foi tal o odio, e aversão, que lhe teve, que excedeo muito ao affecto precedente; *Exosam eam habuit Amnon odio magno nimis; ita ut majus esset odium, quo oderat eam, amore quo ante dilexerat. 2. Reg.* 13. 15. Isto he o que constantemente mostra a experiencia, e a causa original, e ordinaria de tantos casamentos desgraçados. A paixão cega, que he huma loucura rematada, pouco tempo dúra, e he logo substituida pela aversão, pelo odio ainda mais forte, ou ao menos igual á paixão precedente. Aqui tem lugar, e he devida a opposição dos pais, e mesmo forte e efficaz, obstando com força, conforme a prudencia o pedir.

Eu não condemno a inclinação, e affecto; elle he necessario, porem elle deve ser bem regulado; e os pais devem proceder neste respeito com tal prudencia, que pareção olhar sempre pelo bem de seus filhos na conformidade do espirito do *Christianismo*, attendendo mais a elle, que aos interesses temporaes. Em huma boa esposa lhes dão hum grande dote, ainda quando pobre dos bens temporaes, assim como faráõ feliz a huma filha se lhe derem hum bom marido qualquer que elle seja. Embora não hajão essas loucas paixões, como não haja aversão, tanto melhor, porque com os bons sentimentos naturaes, e religiosos se formará a boa união. A *Religião* he a que a forma, e não a paixão, que sempre se deve reputar por verdadeira loucura, e cegueira do entendimento.

Fez pois *Abrahão* a seu fiel mordomo jurar, que não tomaria para seu filho mulher daquelle paiz, nem consentiria que elle a tomasse; sem duvida porque não descubria nellas juizo, nem sentimensos de *Religião*. Vai á terra onde nasci, lhe diz, e entre a familia minha consanguinea tomarás huma esposa digna de meu filho *Isaac*: *Ad terram & cognationem meam proficiscaris, & inde accipies uxorem filio meo Isaac.* d.º 4. Interpôz o fiel servo algumas perguntas para se inteirar de tão importante incum-

bencia, assim como as difficuldades, que poderião occorrer. Satisfez o prudente velho com lhe dizer, que confiava tudo de Deos, em quem esperava mandaria o seu *Anjo* para lhe dirigir os passos em tão importante negocio, e seu bom exito: *Ipse mittet Angelum suum coram te*, *& accipies inde uxorem filio meo*. d.° 7. Apenas da direcção de hum *Anjo*, como veremos em *Tobias*, se pode esperar o bom exito de hum tal negocio, se não do mesmo Deos.

O bom servo se prepara, e parte, levando comsigo bom acompanhamento, e joias para adorno da esposa que ignorava qual fosse. Sempre pensativo no bom exito, elle desespera de o poder conseguir por suas proprias diligencias, como que não podião ser sufficientes, e abandona tudo a Deos, sem com tudo deixar de pôr, o que estava de sua parte. Como o *Senhor* nos quiz documentar neste caso a tal respeito, devemos seguir, e ponderar tudo o que nos menciona o Sagrado *Historiador*.

Chega o fiel, e prudente servo perto da povoação, a que se dirigia, e não se atreve a entrar. Parece não saber o que faça; pensativo pára junto do pôço donde bebião os habitantes; ahi medita, discorre e não acha meio de se deliberar a dar passo nem para a direita, nem para a esquerda em tal negocio.

F. — Que grande negocio sería esse para os negociadores de casamentos nos nossos tempos! Ahi não havia mais que entrar na povoação, perguntar pelos parentes de *Abrahão*, segundo lhe rezava o seu regimento, chamar todas as moças dessa parentella, que sem duvida acodirião ao reclame, principalmente se lhes acena se com as joias, e então e colher entre ellas. He verdade, que o exito não sería muito bom, porque as repudiadas de certo o correrião á pedra; porem çafasse-se quanto antes com a elleita.

P. — Não he em mercado que se escolhe huma mulher, nem ainda os olhos da cara conhecem suas qualidades. Tal foi a desconfiança de suas proprias diligencias, em que entrou este sabio negociador de huma boa mulher, tanta a sua afflicção, quanto o mostrão as palavras em que rompeo. *Senhor* Deos de meu amo *Abrahão*, diz, vinde em meu soccorro, eu vos peço nesta hora, e fazei misercordia a meu amo *Abrahão*: *Domine Deus domini mei Abraham*, *occurre*, *obsecro*, *mihi hodie*, *& fac misericordiam cum domino meo Abraham*. Eis me aqui junto da fonte, ou pôço, onde virão buscar agoa as moças filhas desta terra:

Ecce ego sto prope fontem aquae, & filiae habitatorum hujus civitatis egredientur ad hauriendam aquam. d.° 12. 13.

L. — Parece que intentou conhecer ahi as mais bellas, e travar com ellas conversação, para melhor fazer o seu juizo; e não andou mal. Eu já li o caso; mas não o tenho presente.

P. — Não foi assim; nem se deixou levar de taes considerações, nem respeitos; nem confiou em seus juizos, só sim em observações as mais prudentes, quaes podia pôr de sua parte, unidas com a providencia particular de Deos, em quem pôz toda a confiança. Tudo o que nos presenta a historia deste facto, apezar de parecer insignificante aos olhos de muitos, he tão documental, que o não devo omittir.

Eis-me aqui, diz elle, fallando com Deos, junto deste pôço: a môça a quem eu pedir agoa para beber, e não só ma liberalisar, mas ainda espontaneamente se offerecer a dar bebida aos meus camelos, essa he a que preparais para esposa do vosso servo *Isaac*; e nisto conhecerei, que fazeis misericordia com meu amo *Abrahão*: *Igitur puella, cui ego dixero: Inclina hydriam tuam ut bibam: & illa responderit: bibe, quin & camelis tuis dabo potum; ipsa est quam praeparasti servo tuo Isaac; & per hoc intelligam, quód feceris misericordiam cum domino meo.* d.° 14.

F. — Eu affirmo, que esse homem tinha hum mui grande bestunto, e ninguem nelle o poderia exceder.

L. — Eu não acho nisso mais do que hum mero sinal, por onde. . .

D — Eu estou na mesma.

F. — Eu não me admiro, por isso mesmo que são humas criançolas: porem devem desenganar-se de que jamais criançolas poderão fazer huma boa escolha. Apenas os velhos, que gosarem de bom bestunto he, que com o favor de Deos, a poderão fazer para seus filhos, ou para outros. Esse bom velho quiz fazer o seu exame invocando a Deos; mas o seu grande bestunto lhe fez saber, que o não devia fazer, nem pela formosura, nem pelo talhe do corpo, nem por suas pavonices, nem figura de bonéco, como algumas parecem. Sim somente o quiz fazer pelo seu bom genio, boa alma, caridosa, e bemfazeja. Queira dizer-me, P., quantos erão os camelos, e deixe-me o caso, que eu o porei em pratos limpos, para que estas criançolas aprendão a desconfiar de si em taes negocios.

P. — Trate com mais respeito estes Senhores; e será melhor, que saiba antes o que succedeo. Os camelos erão dez.

F. — Bom; e já sei, que os camelos bebem muita agoa, e nessa occasião mais demandarião, porque vinhão de jornada o que a rapariga, qualquer que fosse não devia ignorar.

P. — Ainda nem tinha bem acabado a sua oração, e proposta, quando apparece *Rebecca*, filha de *Bathuel*, filho de *Malca*, e *Nachor* irmão de *Abrahão*, virgem formosissima no corpo, e muito mais na alma, dirigindo-se ao pôço com a sua quarta ou cantaro: *Necdum intra se verba compleverat*, & *ecce Rebecca egrediebatur*, *filia Bathuel*, *filii Melchae*, *uxoris Nachor fratris Abraham*, *habens hydriam in scapula sua*; *puella decora nimis*, *virgoque pulcherrima*, & *incognita viro. d.°* 15. Ella chegou, encheo a vasilha, e voltou em silencio: *Descenderat autem ad fontem*, & *impleverat hydriam*, & *revertebatur.*

F. — Que sesuda, e bella moça! Não lhe importou quem estava. Mas que bestunto do velho, para melhor observar! Esperou, que enchesse, e que voltasse!

P. — Foi então, que lhe occorreo o experimentado, e prudente homem a pedir-lhe agoa: *Occurritque ei servus*, & *ait*: *Pauxillum aquae mihi ad bibendum praebe de hydria tua.* Nada mais espera: responde immediatamente: *Bibe domine mi.* Bebe, meu senhor. Com toda a pressa, e ligeireza desce do hombro a vasilha, segura-a nas mãos, e lha inclina para beber: *Celeriterque deposuit hydriam super ulnam suam*, & *dedit ei potum. d.°* 18. Logo que bebeo, accrescenta ella: Darei tambem de beber a teus camelos, até que todos se saciem: *Cúmque ille bibisset*, *adjecit*: *Quin* & *camelis tuis hauriam aquam*, *donec cuncti bibant. d.°* 19. Não espera resposta: immediatamente vasa nas pias a quarta, corre ao pôço, tira mais, e mais agoa, até que todos os dez camelos ficárão saciados: *Effundensque hydriam in canalibus*, *recurrit ad puteum ut hauriret aquam*; & *haustam omnibus camelis dedit. d.°* 20.

F. — Eu protesto que em todo o *Portugal* não se achará huma rapariga com tão boa alma. Qualquer que fosse, talvez fizesse que não ouvia, se não tratasse de confiado o bom velho extrangeiro. Ao menos lhe responderia com bem máo modo, que lha pedisse em quanto estava enchendo, pois que não devia levar para casa a quarta mál cheia, e talvez, se não de certo, não quereria que o velho bebesse pela sua vasilha, tendo nojo da baba. Dar de beber

aos aos camelos. . ! Isso seria bem tarde; quando muito a melhor, que ha em *Portugal*, offereceria a quarta, quando fosse rogada. Porem offerecer-se ella mesmo, e faze-lo. . ! Nem a mais pintada. Em todo o mundo me parece, que não haveria outra semelhante.

D. — O caso he que tem razão, e he huma verdade.

P. — Ainda fez outra experiencia. De quem es tu filha? lhe pergunta. Dize-me: Na casa de teu pai haverá commodidade para eu ficar, e me accommodar? Que responderia qualquer outra?

F. — Immediatamente diria, que não. Bastava ser extrangeiro desconhecido, quanto mais o trabalho, que ella mesma teria na comida, nas camas, accommodações de gente, e camelos.

P. — Pois não fallou assim. Respondeo: eu sou filha de *Bathuel*, filho de *Melca*, e *Nacor*. De palha, e feno temos muita abundancia para comerem teus camelos, e casas muito espaçosas para te accommodares: *Palearum, & foeni plurimum est apud nos, & locus spatiosus ad manendum. d.° 25.*

F. — Tenho dito: a tanto nenhuma outra podia chegar; mas aprendão dali a conhecer, mulheres, para fazerem eleição, se querem acertar. Eis alí os sinaes por onde se conhcem as boas almas, as boas condições, e qualidades. Aquelle he o bom genio, a boa indole, e o verdadeiro espirito de *Religião.*

D. — He na verdade huma lição mestra em todo o sentido; e eu confesso, que não ignorando o caso, nenhuma reflexão tinha feito nessas miudezas, que me parecião impertinencias do sagrado *Historiador.*

P. — Nada ha nas divinas *Escrituras*, que possa merecer esse nome. Julgo desnecessario dizer o mais, que se passou. Fez-se o casamento com o consentimento dos pais, a quem o bom servo fallou na ausencia de *Rebecca*; ella consentio: e vindo na sua companhia, logo que avistou de longe a *Isaac*, se cubrio o rôsto immediatamente para apparecer na presença delle. Que ditoso *Isaac* com huma tal mulher!

D. — Contudo parece, que não andou prudente em prevenir a benção de *Isaac* para o seu querido *Jacob*. Eu me lembro de que já justificou o caso; porem. . .

P. — Nós devemos attribuir, o que passou por estes *Patriarchas* mais a Deos do que a prudencias humanas. Porem

eu me sinto tentado a crer, que entrou nesse caso a prudencia de *Rebecca* para fazer fugir *Jacob* para casa de seu irmão *Laban*, afim de que elle ahi tomasse mulher; como com effeito fez. Ella lhe aconselhou esta fuga; e disse a *Isaac*: Eu sinto hum tedio mortal por causa das mulheres desta terra: *Taedet me vitae meae propter filias Heth.* Se *Jacob* tomar mulher entre as filhas desta terra eu não quero viver: *Si acceperit Jacob uxorem de stirpe hujus terrae, nolo vivere.* d.° 27. 46.

L. — Que taes ellas erão já nesses tempos!

F. — Talvez que não fossem peiores, do que agora são. Serião mais dançarinas, mais desenvoltas, mais loucas, e cabeças de vento, do que as d' agora? Que peiores poderião ser?

D. — Não queira desdenhar, nem infamar tanto as nossas chamadas bellas.

F. — Bellas figuras theatraes, bellos paineis, bellos figurinos á franceza, bellos bonécos, bellos espantalhos para pendurar em huma figueira para enxotar passaros dos figos, bellos...

D. — Temos Ladainha eterna!

F. — Pois ainda não cheguei ao meio. Bellos...

P. — Cale-se com isso. O *Espirito Santo* nos quiz deixar neste respeito hum outro exemplar muito notavel, para ser omittido. Elle he documental em toda a extensão da materia para ambos os contrahentes. Elle mostra as qualidades que devem adornar hum, e outro para que esta união seja feliz, no seu procedimento; e prova, que os bons casamentos tem o Ceo por seu diretor.

Tobias moço teve a dita de ser filho de hum bom pai do mesmo nome. Eis a primeira cousa, a que se deve attender em tal negocio. Filhos de bons pais! Sim; e cego anda o moço, ou moça, que a isto não olha. Como o pai he o filho; e não he dessimilhante da mãi a filha. Para que assim não seja, para que de huns pais máos hajão bons filhos, he necessario hum grande prodigio, como ainda veremos. *Tobias*, que teve esta dita, sahio tão bom filho, que ao ouvir os avisos, e conselhos do bom pai, não sabia responder outra cousa mais que dizer: *Omnia, quaecumque praecepisti mihi, faciam, pater*: *Tob.* 5. 1. Eu farei, meu pai, tudo, o que me mandais. Que bella indole! que bello filho! Leia-se toda a historia de sua vida, e nada se achará mais humilde, mais obediente, e mais ingenuo. Parece que não sabia dar passo sem que por outro lhe fosse

e

indicado, e levado pela mão. Porem o que outro, o pai, ou o seu celeste conductor lhe dizião, era praticado á risca, ainda quando ahi via perigos da propria vida.

Hum moço desta condição devia casar, para deixar posteridade semelhante a si. São os bons, que são proprios para este *Sacramento*, e não os máos, pela má descendencia, que deixão, que infelicita, e perde a *Sociedade.* Devia casar; mas o *Ceo* não devia confiar este casamento de creaturas humanas. Hum dos sete Principes celestiaes, que cercão o Throno do Altissimo, o Archanjo *S. Raphael* desceo a ser o seu guia, e director. Na figura de hum formoso moço se offereceo a ser seu companheiro em huma jornada longa, que emprehendia por ordem do pai a receber certa porção de dinheiro, que se lhe devia. Eu omitto toda a historia, que nenhum deve ignorar, para referir, e ponderar somente o que faz ao caso.

Adiantados na jornada, perto da noite perguntou *Tobias* a seu conductor, em quem não reconhecia mais que hum moço homem, conhecedor do caminho, onde deverião pernoitar! Mora aqui perto *Rguael*, lhe responde o *Anjo*, que he teu parente. Tem elle huma filha unica, herdeira de toda a sua casa, por nome *Sara*: he necessario, que tu a tomes por tua mulher: pede-a ao pai, e elle t'a dará: *Est hîc Raguel nomine, vir propinquus de tribu tua, & hic habet filiam nomine Saram, sed neque masculum, neque feminam ullam habet aliam praepter eam. Tibi debetur omnis isubstantia ejus, & oportet eam te accipere conjugem. Pete ergo eam a patre ejus, & dabit tibi eam in uxorem.* d.° 6. 11. 12. 13.

Ouçâmos a resposta do humilde *Tobias.* Eu tenho ouvido, responde, que essa moça mulher ja foi dada a sete homens, e todos morrêrão immediatamente que a recebêrão. Ainda mais ouvi, que o Demonio os matára: *Audio quia tradita est septem viris, & mortui sunt; sed & hoc audivi, quia doemonium occidit eos.* d.° 14. Eu temo que me succeda o mesmo, e que sendo eu o unico filho para meus pais, elles morrão de tristeza: *Timeo ergo, ne forte & mihi haec eveniant; & cum sim unicus parentibus meis, deponam senectutem illorum cum tristitia ad inferos.* d.° 15. Expôz a sua duvida; e apezar de ser tão ponderosa, não respondeo negativamente. Porem o que mais o affligia era a magoa de seus pais, e os seus deveres para com elles. Ouçâmos tambem a resposta, que lhe dá o *Anjo*, que nos

mostra quanto devem temer, e tremer aquelles que guiados de suas concupiscencias, e sensualidades, contrahem este *Sarcamento*; o que terá de nos servir, para quando fallarmos das obrigações dos pais.

Tunc Angelus Raphael dixit ei: Então o Anjo *Raphael* lhe disse: Ouve-me, *Tobias*, porque te quero mostrar quaes são aquelles contra quem o Demonio pode prevalecer: *Audi me, & ostendam tibi qui sunt, quibus praevalere potest doemonium.* d.° 16. Os que contrahem o *Matrimonio* de tal sorte que excluindo de si, e de seu coração a Deos, se deixão dominar da sua concupiscencia, e sensualidade, como bestas, ou animaes estolidos, que não tem entendimento, são aquelles sobre quem o Demonio toma poder: *Hi namque, qui conjugium ita suscipiunt, ut Deum a se, & a sua mente excludunt, & suae libidini ita vacent, sicut equus & mulus, quibus non est intelectus, habet potestatem doemonium super eos.* d.° 17.

F. — Bem dizia eu, que os casamentos d'agora são feitos no poder do Demonio! E que taes poderáõ elles ser?

D. — Faz com effeito tremer a quem tem alguma cousa de Fé.

P. — Então o santo Archanjo lhe deo os documentos necessarios, que são bem sabidos, e que eu omitto por brevidade.

F. — Por quem he, P., nada deixe de tudo o que se passou nessa historia, porque eu não a sei bem, e quero que todos a saibão. Tambem devemos saber, que qualidade de moça era *Sara.*

P. — Pois eu direi simplesmente o que contem o texto sagrado. O caracter e condição de *Sara*, que deveria confundir as que chamão *bellas* dos nossos tempos, está bem descripto na oração, que em sua confusão, fez a Deos. Reprehendendo ella huma creada culpavel, foi injuriada, e tratada por matadora, e assacina de seus maridos. Tomou grande sentimento, que desafogou com Deos. Entre outras cousas assim disse: Vós sabeis, Senhor, que eu nunca desejei marido, e guardei minha alma, sempre pura de toda a concupiscencia: *Tu scis, Domine, quia nunquam concupivi virum, & mundam servavi animam meam ab omni concupiscentia.* d.° 3. 16. Eu nunca entrei em brinquedos, nem associei com dançarinas, nem com aquelles, que andão em loucuras, e leviandades tive alguma communicação...

F. — Que bella moça! Eis alí as verdadeiras *bellas*; e não as cabeças de vento, se não mais leves.

P. — *Nunquam cum ludentibus miscui me; neque cum his, qui*

ambulant in levitate, participem me praebui. d.° 17. Eu consenti em receber marido com o vosso temor, e não com minha concupiscencia: *Virum autem cum timore tuo, non cum libidine mea consensi suscipere.* d.° 18. Pelo que, ou eu não fui digna delles, ou elles não forão dignos de mim, e me reservais para outro homem.

F. — Isso he que foi. Temos conhecido quam bella moça foi! Vejâmos agora os conselhos, que deo o *Archanjo* ao moço *Tobias*; e como se fez o casamento.

P. — Acabando de dizer sobre cujos casamentos toma posse o Demonio, para que não tivesse algum poder sobre este, lhe recommendou, que nas primeiras tres noutes orasse na companhia de sua esposa, conhecendo-a apenas na quarta, levado do amor da posteridade, mais que da concupiscencia: *Transacta autem tertia nocte, accipies virginem cum timore Domini, amore filiorum magis libidine ductus.* d.° 22.

Entrados em casa de *Raguel*, digno pai de tal filha, este os recebeo, não só com caridade, mas ainda com prazer, não obstante que ignorava, quem fossem os dois Hospedes: porem olhando com attenção a *Tobias* disse para sua mulher *Anna*: Quam semelhante e parecido he este moço com meu primo *Tobias*! Donde sois vós? lhes pergunta. Conheceis a *Tobias* meu parente? Conhecemos, respondêrão. Entrando a dizer muito bem delle, tomou a palavra *Raphael*, visto que o moço *Tobias* calava, e diz: *Tobias*, de quem fallas, he pai deste moço. Quando tal ouvio *Raguel*, arroja-se a elle debulhado em lagrimas de ternura, e tendo-o em seus braços, com ellas o banhava. Chorou *Anna*, e tambem *Sara* por ver chorar o pai.

F. — Que bom coração tinha!

P. — *Raguel* mandou matar hum carneiro, e preparar banquete. Antes porem de se pôrem á mesa, *Tobias*, instruido pelo *Anjo*, assim diz: Eu não comerei aqui hoje, nem beberei, sem que me confirmes a minha petição, que te faço, e he que promettas dar-me a tua filha. Foi isto hum raio, que atterrou *Raguel*, porque temeo a mesma desgraça, que havia occorrido aos sete maridos, que havia tido a Virgem *Sara*, affogados pelo Demonio, quando hião a toca-la, e não se atrevia a responder de susto, e temor.

Não temas dar a este a tua filha, lhe diz o *Archanjo*, porque a este que teme a Deos se deve tua filha por mulher; esta a razão porque outros não a poderão possuir-

Noli timere dare eam isti, quoniam huic timenti Deum debetur conjux filia tua; propterea alius non potuit hebere illam. d.° 7. 12.

D. — Ahi temos bem claro, o que já disse; assim creio, que a boa mulher he devida em premio de boas obras ao bom homem. Pelo que, S. L., he necessario ser bom *Christão*, se quer ter boa eleição.

P. — Consentio então o pai; celebrou-se esta santa união, voltou *Tobias* com *Sara* carregados de riquezas, a consolar os pais, e...

F. — Tiverão filhos? E que taes forão?

P. — Quaes podião ser filhos de taes pais? Nós o veremos quando fallarmos mais a proposito a esse respeito.

A Religião felicita os Matrimonios.

L. — Onde poderei eu encontrar huma consorte com taes dotes, e qualidades? Será melhor não cuidar em tal.

F. — Eu lhe protesto, que tem razão; não se tire dahí por meu conselho.

D. — Quer Vm. que se acabe o mundo antes de tempo?

F. — Não quero tal; não faltaráõ já mais loucos, e loucas, que, ainda que lhes préguem, como que lhes pregassem hum prégo nas ôcas cabeças, deixaráõ de casar a torto, e a direito. Tenha, S. L., juizo por minha conta, e deixe correr o mundo.

L. — Que me diz a tal respeito S. Ab.?

F. — Não pode dizer outra cousa. Elle tem dito, que se casar com huma mulher boa, seja rica, seja pobre, seja formosa, seja feia, será ditoso. Porem onde hirá por ella? Só se a mandar fazer de encommenda na olaria de bom barro.

P. — Não façâmos tão grave injuria ás Virgens *Portuguezas*, que apezar de não entrarem na partilha das dez do *Evangelho*, das quaes erão, cinco loucas, e cinco prudentes, contudo algumas há, posto que em enorme desproporção. Talvez porem que as não conheça. O *Espirito Santo* compara como vimos, a boa mulher com a cuidadosa abelha; porem esta apenas será vista, porque vive encerrada no cortiço, e apenas se conhecerá pelo estrondo das azas. Não he ella como o pavão, que então mais se lisongea de fazer apparecer o brilho de suas pennas, quando he visto, e então mais, quando mais he observado.

F. — Essas são as que querem, e não as outras, porque são

beatas, são fanaticas. Não querem senão pavões, que enfeitão os theatros, as janellas, as sallas, as. . .

P. — Pois a ser assim. . ! Entre tanto direi ao S. L., que se quer *Rebeccas*, como teve *Isaac*, não as encontrará senão entre as filhas de bons pais, occupadas no serviço de suas casas. Se quer *Saras*, como *Tobias*, não as achará nos theatros, nas assembleas, nos jogos, nas danças: nos passeios, e sociedades. Sobre tudo deve attender ao espirito da *Religião*, porque somente este he o que pode ligar, estreitar, e consolidar os laços da união conjugal nos dois consortes. Quem a isto não attender, vai muito enganado.

Pensão acertar na boa eleição, porque lhes parecem bons genios, boas almas, e tudo bom. Cegueira fatal! Que esperaráõ? Que antes de contrahirem entrassem logo a mostrar o que serão? Não ha então mais que fingimentos. Lá pensará o cego moço, que vai a tomar huma bella, e candida pomba; mas desgraçado! elle se achará dentro de pouco tempo com hum escorpião. O dito não he meu, mas sim do Espirito Santo, que assim appellida a mulher de má condição: *Qui tenet illam, quasi qui apprehendit scorpionem.* Eccl. 26. 10. O mesmo digo da mulher, que pensando unir-se com hum manso cordeiro, se achará em breve com hum leão: *Noli esse sicut leo in domo tua.* d.° 4. 35. Isto serão, isto terão, senão vier em seu favor o espirito de *Religião*, que he a unica cousa, que poderá suavisar taes penas, e trabalhos, e sopear os genios, e condições. Quaesquer que estes sejão, a *Religião*, o temor de Deos podem adoça-los. Eu diria, que a isto sómente, ou mais que tudo se deve attender, e procurar no consorte.

Porem o mesmo espirito de *Religião* obriga a desempenhar o adagio, ou rifão antigo: *Antes que cases, vê o que fazes.* Bem pode ser, que apezar das maiores deligencias não se faça o bom acerto, e neste caso, e sempre, obriga a *Religião* á boa união, e a levar por diante o pêso, que tomou sobre seus hombros. Bem pode ser, que a mulher seja ao marido, como hum grave, e pesadissimo carro, que com muita difficuldade se move: *Sicut boum jugum, quod movetur, ita & mulier nequam*: d.° 26. 10. e então a *Religião* obriga a puxar por elle, para o que não serão sufficientes quaesquer forças de espirito. Bem pode succeder, que a mulher pensando, que vai tomar sobre si hum leve, e suave jugo, que bem longe de a penalisar, fará a sua felicidade, se ache com hum grande, e

pesadissimo saco de arêa ás costas, ou enorme penedo, pois isto he na frase do *Espirito Santo* hum homem louco, de que he o numero infinito: *Grave saxum, & onerosa arena, sed ira stulti utroque gravior. Prov.* 27. 3. Então a desgraçada mulher he obrigada a sofrer com paciencia, e levar por diante tão enorme pêso.

Mui bem pode succeder, que o homem pensando, como disse, que vai a receber em seu seio huma candidissima pomba, porque assim lhe parecia, conhecendo tarde o erro, se ache com hum escorpião: *Quasi qui apprehendit scorpionem*, porem está obrigado a não só sofre-lo, mas ama-lo, fomenta-lo em seu seio, como a seu mesmo corpo, e sua propria carne: *Viri debent diligere uxores suas, sicut corposa sua.* Talvez elle suspire, gema, e diga com sigo: Oh quem me dera viver antes em hum deserto! Isto deseja o que teve por sorte a mulher rixosa, iracunda, falladeira, e má condição: *Melior est habitare in terra deserta, quam cum muliere rixosa, & iracunda. Prov.* 21. 19. Porem com ella ha de habitar, ha de conviver, e ha de ama-la como a seu corpo, e sua carne. A mulher ha de sofrer, levar com paciencia, e amar seu marido, ainda que seja bravo como hum leão, não obstante que lhe parecia hum cordeiro.

Finalmente qualquer destes terá hum antecipado purgatorio, se deseja passar ao Ceo, pois que se em nenhum delles ha temor de Deos, terão hum antecipado inferno.

F. — Serão dois bois bravos hum com o outro debaixo da mesma canga! He hum inferno a casa de taes

P. — A tudo isto devem attender hum e outro. Por isto eu digo, que apenas póde tomar este jugo, quem se dispuzer a ser martyr. Contudo o homem bem possuido do espirito de *Religião*, que com bons sentimentos procura consorte, attendendo a tudo o que deixo dito, não acho, que deva temer demasiado. Dois consortes, bem possuidos do temor de Deos, unidos neste *Sacramento* na conformidade da Lei de Deos, tem em seu favor boas proporções para serem felizes, mesmo nesta vida.

Consideremos hum moço filho de bons pais, que lhe procurão esta união. Elles conhecem a indole de seu filho; elles meditão, elles conversão, elles praticão sobre qual filha convirá a seu filho. Elles ponderão tudo quanto se pode ponderar. Não lhes esquece a qualidade de seus pais, e a educação, que derão á filha, de que se lembrão.

Elles examinão a condição, a conducta desta filha. Elles vêem tudo com vista clara, e olhos desapaixonados. Elles resolvem, e resolvem bem. Esta união vai a ser feliz, porque tem a seu favor grandes cousas, que lhe proporcianarão esta felicidade.

Primeiramente a boa educação faz muito; e os pais do moço não cessarão de recommendar a seu filho, que ame a sua mulher como a si mesmo, fazendo-lhe entender, que nisto consiste a sua salvação, e por muito tempo não perdem de vista a seu filho. O mesmo fazem á filha seus pais, principalmente a boa mãi, que não entrega sua querida filha, se não a quem por huma longa observação conhece, que he digno della, póe todo o cuidado em a documentar na conducta que deve guardar, e seguir em tudo com seu marido para com elle viver santa, e felizmente. Nos bons filhos, que são os filhos de bons pais, obrão admiravelmente estes avisos. Eis aqui porque eu ponho em primeiro lugar esta attenção, alem de outras muitas razões. Estes bons filhos vão industriados, e dispostos a cumprirem os seus deveres, cuidando, conforme o aviso do *Apostolo*, em se amarem, e agradarem hum ao outro, apezar dos genios, e dos disgostos, que possão occorrer.

Temos com isto os effeitos da *Religião*, e da graça que communica o mesmo *Sacramento*. Os nossos Incredulos, que raivão contra a nossa Santa *Religião*, não querem ver nesta união, mais que hum contracto civil, e sem duvida rescendivel, ou dissoluvel á vontade dos contrahentes! Elles, como inimigos de Deos, e dos homens, pertendem pôr em huma arbitrariedade todo o fundamento da *Sociedade*! Ella aqui tem sua origem, aqui se funda, aqui assenta, e daqui se ramifica, e se liga com multiplicados laços. A *Sociedade* he como huma têa mui bem tecida, que forma hum composto unido, e hum corpo indissoluvel: porem os fios de que he formada, e composta, são as uniões conjugaes, os *Matrimonios*, que se vão desenvolvendo, ordindo, e tecendo continuamente para organisar este composto.

Quem isto não vê he hum cego; quem isto não entende he besta; e quem a isto não attende, jamais attenderá á verdadeira politica, e arte de governar os povos. Quem intenta enfraquecer estes laços, não pertende outra cousa menos, que a dissolução da *Sociedade*. O frenesi contra tudo o que he santo os devora, e dementa.

O Autor da *Sociedade*, que não pode ser outro que o mesmo Autor, e Creador do homem, lançou aqui os fundamentos da *Sociedade*, como em pedra firme, base tão solida que o homem, nem creatura alguma pode abalar nem deslocar. Com fios tão fortes quiz ordir o teçume desta têa social, que ninguem podesse quebrar, nem rasgar, a não ser a foice, ou espada da morte, pois só esta pode cortar pela indissolubilidade dos vinculos do *Matrimonio.*

Eu confesso, que não sei onde quererião levar a *Sociedade*, em que estado a intentarião pôr, quando conseguissem tirar a santidade desta união, e o que tem de sagrada, reduzindo-a a hum mero contrato civil. Não ha huma só Nação civilisada, que não tenha por santos, e indissoluveis os *Matrimonios.* Os *Pagãos* inventárão Divindades, que lhe presidissem.

F. — A que tempos chegámos! Só o Demonio do odio contra Deos os pode guiar; porem não somos *Inglezes.*

P. — Eu não poderia mencionar os males que se originarião; e apenas os posso comprehender, na inteira dissolução da *Sociedade*, que reduzirião á que tem as feras, e brutos salvagens, qual vimos nos *Americanos.*

Tornando á materia, o Autor da *Sociedade*, e desta união fundamental da *Sociedade*, tornando-a firme, e indissoluvel, a suavisou, elevando-a á dignidade de *Sacramento*, a que communica graças proporcionadas, e proprias para felicitar esta união. As bençãos dadas pelo Ministro do Altar em Nome de Deos, os dois *Sacramentos* da Confissão, e Communhão, que a precedem, ou acompanhão, a santa Missa, que a *Igreja* sempre guiada pelo *Espirito Santo* instituio, para conseguir as devidas graças sobre os contrahentes, não são superstições, não são fanatismos, como dizem, e querem os nossos Incredulos, mas sim Instituições Divinas, ordenadas por Deos, *Sacramentos* de J. C., Supremo Juiz dos Crentes, e dos Incredulos.

L. — Contudo parece, que antes de J. C. os *Matrimonios* não passavão de contratos civis, pois não vemos intervir nelles Sacerdotes ou algum outro Ministro da *Religião.*

P. — Bem bastava que interviesse o mesmo Deos. No primeiro *Matrimonio*, que houve, e foi o de nossos primeiros pais *Adão* e *Eva*, interveio Deos em pessoa, lançando-lhe a benção, como nos diz o texto: *Benedixitque illis Deus, & ait: Crescite, & multiplicamini. Gen.* 1. 28. Tiverão de-

pois lugar de Sacerdotes os pais dos contrahentes, ou em falta delles os maiores, ou chefes de familias que nós vimos revestidos de grandes autoridades, e que em Nome de Deos abençoavão estas uniões.

Servir-nos-ha de exemplo a união de *Tobias* com *Sara*, de quem acabámos de fallar, e que nos dirá tudo a este respeito, por onde conheceremos, o que se passava entre os *Judeos*, e antes delles.

Estava presente o Archanjo; mas não foi elle, o que se introduzio a fazer, e abençoar esta união. *Raguel*, pai de *Sara*, pegando-lhe da mão direita a entregou á dextra de *Tobias*: *Apprehendens dexteram filiae suae, dexterae Tbiae tradidit, dicens.* Vejâmos a benção que lhes deitou, e suas formaes palavras: *Deus Abraham, & Deus Isaac, & Deus Jacob vobiscum sit; & ipse conjungat vos, impleatque benedictionem suam in vobis.* Tob. 7. 15. Eis aqui o mesmo, que ainda agora vemos praticar a *Igreja*. Dada pelo pai, que fazia de Ministro, a mão de *Sara* á de *Tobias*, rompe nestas palavras: *Deos de Abraham*, Deos de *Isaac*, e Deos de *Jacob*, seja com vosco; elle vos una, e ultime em vós as suas benções. Aqui vemos, não só as bençãos, não só a união das mãos, mas ainda vemos a Deos Autor de tal união: *Ipse conjungat vos.* Se o Ministro, quaesquer que sejão as opinioes, que hajão a este respeito, diz agora: *Ego vos conjungo*, não he senão porque falla em Nome de Deos, assim como faz em outros *Sacramentos*. Nunca jámais se vírão, nem mesmo entre *Gentios* casamentos feitos por ministros civis. He original, o que intentão para riscarem até as sombras da *Religião*! He inaudito!

D. — Nem ainda querem a *Religião* Natural!

P. — Não; porque ella he *Religião* dada por Deos.

F. — Deixemos esses monstros, que querem hir coherentes com o seu Atheismo. Porem eu não estou satisfeito sem saber, o que passou *Tobias* antes de se unir com *Sara* sua mulher.

P. — Contrahida a união conjugal, e feita a escritura, que devia ser, como o que agora chamamos *Assento* no Livro dos *Matrimonios*, para que constasse daquella união: *Accepta charta fecerunt conscriptionem conjugii.* d.° 15., celebrárão estas Nupcias, louvando a Deos: *Post haec epulati sunt, benedicentes Deum*, d.° 16.

F. — Isso sim, e não com danças, como agora fazem, louvando ao Demonio. Isso he o que queria saber.

P. — Na primeira, segunda, e terceira noite, bem instruido

do *Anjo*, *Tobias* disse a *Sara*: Levanta-te, e louvemos a Deos estas tres noites: e depois ficaremos em nossa união conjugal: *Sara, exurge, & deprecemur Deum hodie, & cras, & secundum cras.* Nestas tres noites com Deos será a nossa união: *His tribus noctibus Deo jungimur. Tertia autem transacta nocte, in nostro erimus conjugio.* d.° 8. 4. Nós somos filhos de Santos, e não podemos ajuntar-nos á semelhança dos *Gentios*, que não tem conhecimeuto de Deos: *Filii quippe Sanctorum sumus, & non possumus ita conjungi, sicut gentes, quae ignorant Deum.* d.° 5.

P. — E os *Christãos* não devem ser santos? Não são membros de Christo, participando mesmo seu Corpo? Mas elles são principalmente nesse respeito peiores do que *Gentios*, verdadeiras bestas sensuaes.

P. — Elles se pozerão ambos em oração. *Tobias*, entre outras mais cousas, que dizia a Deos, fazia força nesta: Senhor, vós sabeis, que eu recebo esta minha irmãa, ou parenta, por consorte, não por causa, ou motivo de luxuria, ou sensualidade, mas sim por amor da posteridade, em que vosso nome seja louvado por seculos de seculos: *Domine, tu scis, quia non luxuriae causa accipio sororem meam conjugem, sed sola posteritatis dilectione, in qua benedicatur Nomen tuum in soecula soeculorum.* d.° 9. *Sara* fazia o écco, dizendo: *Miserere nobis, Domine, miserere nobis, & consenescamus ambo pariter sani*, d.° w. 19. Compadecei-vos, *Senhor*, de nós, e usai com nosco de vossas misericordias, e envelheçamos ambos sãos.

F. — Que tão santos moços! Poderia ahi o Demonio metter a garra? Mette-a sim nos d' agora.

F. — *Raphael* o prendeo no deserto superior do *Egypto* para que nem por sombras os podesse pertubar.

P. — Pois eu affirmo, que o não fará nos casamentos, que agora se fazem, e o deixará andar bem ás soltas. Nem o poderia fazer, ainda que quizesse.

D. — Não diga heresias, ou blasphemias. Pois se quizesse...

F. — Não digo heresias, e não me retruque, porque eu bem sei o que digo. O Santo *Archanjo* não poderia prevalecer contra o Demonio em taes casamentos, porque são feitos no seu poder. Diga, P., o latim, que neste respeito disse o Archanjo a *Tobias*, e deixe-me com elle.

D. — Santo Nome de Deos! o que eu fui dizer!

P. — *Hi qui conjugium ita suscipiunt, ut Deum a se, & a sua mente excludant, & suae libidini ita vacent, ut equus &*

f*

mulus, quibus non est intelectus...

F. — Ahi vai o *equus*, & *mulus*, isto he, bestas cavallares, ou jumentaes. Assim mesmo o disse o santo Anjo.

P. — *Habet potestatem Daemonium super eos.*

F. — Ahi tem o Demonio com todo o poder sobre elles. Eu alguma cousa entendo. Mas diga-me cá. Quaes são os casamentos d'agora, que se não intentem, se ajustem, e se fação, em que não entre a luxuria, a sensualidade, a brutalidade a mais brutal? Logo nelles tem poder o Demonio, e delles toma posse. Com o Demonio, ou guiados pelo Demonio, e na posse do Demonio são intentados, com o Demonio, e mil peccados, e serviços do Demonio são ajustados, e no poder do Demonio são feitos, e sempre no poder do Demonio ficão. Como poderáõ os Santos *Anjos* deitar fóra da posse do que por tantas razões he do Demonio?

D. — Deos nos acuda! Mas o certo he, que argumenta em forma; e eu estou por isso, e conheço a causa de tantos casamentos desgraçados.

P. — Com razão assim o devemos crer, e não he necessaria grande viveza de Fé. O Divino Instituidor deste santo *Sacramento*, como poderá felicitar taes uniões? Elle não tem parte alguma nellas. Com enormes e multiplicadas offensas suas, se ajustão, e contrahem. Não pode deixar de ser, que no mesmo dia em que o fazem, deixem de commetter tres enormes, e gravissimos sacrilegios, hum na Confissão, porque seria prodigiosa a verdadeira dor, e arrependimento de peccados, que talvez ainda nas vesperas commettessem. A *Communhão* sem duvida he sacrilega, e sacrilega he a mesma recepção do *Matrimonio*, porque sendo *Sacramento*, deve ser recebido em graça. Poderáõ recahir sobre estes desgraçados as bençãos de Deos, e chamar-se casamentos abençoados?

F. — Abençoados do Demonio, e amaldiçoados de Deos. Em lugar de receberem a benção, recebem a maldição de Deos. Que se poderá julgar de taes casamentos? Ah, meu P., que hoje lavrou fundo! Regalei-me! O auditorio não esteve máo!

D. — Com effeito não temos de que nos alegrar, apezar da sua satisfação. O Sr. L. não pode dizer palavra! Esperamos, Sr. Ab., a continuação do mesmo favor; e talvez devâmos agora saber, e conhecer as obrigações dos pais.

P. — Assim o pede esta materia, e boa ordem, e amahãa continuaremos com ella, pois que não he differente desta. A's

suas obrigações deve attender, o que tenciona entrar em qualquer estado. Fique entendido, que este requer muito de Deos, e de seu temor: *Accipies virginem cum timore Domini*, disse, recommendou, e mandou a *Tobias* o *Archanjo*. Sem elle, desgraçados contrahentes! Desgraçados nesta vida, porque não terão a Deos em seu favor, nem deixaráõ de cahir sobre elles desgraças, mas ainda mais desgraçados relativamente á outra vida, pelos riscos, e perigos evidentes de sua salvação. Sem temor de Deos, e sem o verdadeiro espirito de *Religião*, jámais poderáõ desempenhar seus deveres, cumprindo suas pesadissimas obrigações, sobre tudo para com seus filhos. He o que se segue a vermos.

Devo ainda fazer aqui huma advertencia, e he que nos veremos obrigados a retrogradar a procurar o lugar onde assenta, e se deve assentar esta primeira pedra do *Edifio* da *Sociedade*, para satisfazer ao Sr. L. pelo que pertence á *Politica*; de cuja sciencia he apaixonado.

F. — O que eu desejava era, que ouvissem todos os politicões, para ao menos saberem, que os *Padres* são capazes de lhes abrirem os olhos, já que não podem abrir-lhes os miolos, para lhes entrarem estas verdades.

P. — Nós temos visto, e descuberto esta primeira pedra, onde se basêa a *Sociedade*; porem temos necessidade de mesmo basear esta base, assentar, e collocar esta primeira pedra, para que fique firme, e inabalavel.

D. — Essa he mais! Pois tem ainda outra base?

F. — He isto o que se chama lavrar fundo, e descubrir a raiz.

P. — Nós vimos a *Pedra* fundamental da *Igreja*, desta divina *Sociedade* assentada em J. C., que he a *Pedra* angular, e que forma todo o fundamento. Não está distante a collocação desta outra *Pedra* fundamental da *Sociedade* civil, que, como disse nas nossas *Disputas*, he juntamente religiosa. Não foi debalde, que *S. Paulo*, fallando do *Matrimonio*, nos diz: *Hoc Sacramentum magnum est; ego autem dico in Christo & in Ecclesia. Supr.* Nem tambem o he o mandamento, que intima aos maridos de amarem suas mulheres assim como Christo ama a sua Igreja: *Viri diligite uxores vestras, sicut Christus Ecclesiam. Supr.* Veremos finalmente o *Amor de Deos* fazer a base, onde se deve basear esta base; o amor, que liga, ou deve ligar esta união, ligado com o *Amor de Deos*: fóra do qual ella não poderá usbsistir perfeita, e feliz. Nós o veremos a seu tempo.

D. — Dahi concluimos, que todos aquelles, que tomarem este estado, devem primeiro ligar-se com o *Amor de Deos*, para bem se unirem no amor conjugal, e naquelle estar sempre unidos para que o estejão neste. Muito *Amor de Deos*, Sr. L.; quando não deixemo-nos de casamentos. Unir primeiro com Deos, como fizerão *Tobias*, e *Sara*, primeiro que se unissem entre si, e continuar sempre nesta união duplex. Grandes cousas temos ainda! Porem basta por hoje.

P. — Ponhâmos ponto com a saudação a Nossa Senhora, que a todos tome em seu amparo.

PALESTRA SEGUNDA.

Pais de familias.

PALESTRANTES.

Parocho, *Freguez*, *Deista*, e *Atheo*.

Introducção.

Deista — Seja bem chegado a esta sua casa, Sr, Ab.; e de boa saude, como presumimos, e estimâmos.

Parocho — O mesmo com as boas tardes desejo a todos os Senhores. Eu terei de me ver na dura precisão de passar pela incivilidade de não aceitar seges.

D. — Não tratemos disso; só sim da nossa *Palestra*, porque as figuras estão promptas; e o nosso *Freguez*, como Pai de familias, quer fazer de principal Actor. Temos expectadores em grande numero, e a platéa está cheia, assim como os camarotes, se assim permittem dize-lo. Não cessa hoje de convidar pais, e filhos por toda a Villa o Sr. Freguez.

Freguez — Não pude assógar a todos, e muitos vierão pelas orelhas. Lá puz guardas ás portas, pois são touros bravos.

P. — Não ha de jámais chegar, filho, a ter prudencia?

F. — Essa tenho eu de mais. Vamos lá, meu P.; e saibão ja que eu me hei de representar Pai, como sei, que muitos são, para que aprendão a ser o que não são; e ainda farei de mãi.

P. — Materia vastissima seria essa, e em muitas *Palestras* não a poderiamos percorrer. Não poderei responder a tudo.

F. — Não importa, porque mettendo eu o furão na cova, o coelho ha de sahir. Vamos lá, pois nos esperão.

Da educação pende o bem da Sociedade.

Eu como Pai de familias que sou, meu P., desejo saber quaes são as minhas obrigações para com meus filhos.

P. — Deveria fazer-me essa pergunta antes de se casar, e não devia entrar em hum estado, que impõe enorme pêso de obrigações, sem que primeiro as entendesse, ponderasse, e considerasse com toda a attenção, para examinar, se por ventura poderia desempenha-las perfeitamente.

F. — Não cuidei em mais do que casar, sem pensar no que fazia, nem a mais attendi, que a satisfazer minha paixão. Quero remediar meus erros, e saber o que devo fazer.

P. — Poderá sabe-lo, mas não lhe será tão facil pratica-lo, pois ignoro se terá a devida capacidade para o fazer. Conheça porem, primeiro que tudo, o gravissimo erro, que commetteo em não ponderar devidamente estas obrigações gravissimas pelas fataes consequencias, que resultão da má educação de seus filhos, a cujo perigo se expôz. Elle he tal, que envolve não somente a seus filhos, mas a huma grande posteridade, e ainda a huma não pequena sociedade, pois que o bem, e o mal desta, na boa, ou má educação dos filhos tem a sua origem.

F. — Pois que tem a Sociedade com os meus filhos, e sua educação?

P. — Tem tudo, porque seus filhos, se ainda a não formão, nella entrarão; e quam desgraçada he huma *Sociedade* composta de homens, que não recebêrão de seus *Pais* a devida educação? Eis ahi a que eu attribuo a corrupção, a immorigeração, e enfim todos os males, que nella grassão, e que todos conhecemos.

Talvez não menos que nos tempos de *Noé*, possâmos dizer, que toda a terra, isto he, o genero humano, está corrupto perante os olhos de Deos, e todo cheio de iniquidade: *Corrupta est terra coram Domino, & repleta est iniquitate. Gen.* 6. 11. A maldade, a malicia, a perversidade, que nestes nossos desgraçados tempos dominão os homens, o inteiro genero humano, não devem ser menores do que aquelles, que então chamárão, e fizerão vir sobre si o diluvio geral, que apenas foi sufficiente para lavar tanta corrupção.

F. — Outro diluvio de castigos vamos nós sofrendo.

P. — Mui bem merecido. Se então havia muita maldade, e o genero humano não cuidava em mais que na satisfação de

seus desordenados appetites, e não menos depravados, que outra cousa vemos agora? D'entre os filhos da *Igreja*, que dizem professar a Fé santa, vemos banido todo o espirito de *Religião*, substituido pela irreligião, a impiedade, e perversidade. A conducta, que vemos seguir-se pelos que tem o nome, e fizerão profissão de *Christãos*, seus pessimos costumes, e sua depravação, mostrão, que apenas o poderáõ ser de nome, pois que renunciando a todos os deveres, renuncião á Fé, e negão ao mesmo Deos com as obras desprezando suas Leis, e mandamentos.

F. — Como o não hão de fazer se lhe tem odio mortal, e á sua santa *Religião*, que tomárão ver acabada?

D. — Ouça em silencio os conselhos.

F. — Não posso, porque me ferve o coração, quando se toca na canalha incredula; nem posso representar de pai incredulo.

P. — Mas donde se originou essa incredulidade com todos os vicios, e abominações, que a seguem, e acompanhão? Eu não temo dar-lhe por causa original a má, e pessima educação, que a presente geração recebeo de outra, que a precedeo. Aquella produzirá outra semelhante a si, se peior não puder ser, e sabe Deos quando se sustará esta grossa torrente, que alagará as seguintes Gerações.

F. — Quem me dera cá os meus caros *Jesuitas*!

P. — Tanto he certo, o que digo, que se me perguntassem a razão, porque este, ou aquelle homem he hum amaldiçoador, hum praguejador, hum blasphemo, hum incredulo, e hum impio? sem hesitar, responderia, que não he outra senão a má educação, que de seus pais recebeo. Porque razão anda aquell' outro de continuo com os diabos na boca, que parece não sabe dizer outra cousa, sem que venhão logo os diabos?

F. — Porque elles andão no coração; e a boca falla do que nelle tem.

P. — Porem não seria assim, se dos Pais o não herdassem, se por elles fossem corregidos, e bem educados. Se inquirissemos, porque he este sensual, e luxurioso, aquella leviana, falladeira, immodesta, e escandalo da *Sociedade*, e enfim discorressemos por todos os vicios, maldades, e depravações, não descubririamos outra razão, mais que a pessima educação, que os Pais presentemente estão dando a seus filhos. St.° *Ambrosio* attribue a dissolução dos filhos á negligencia, que os pais tem na sua educação: *Ad negli-*

gentiam patris refertur dissolutio filiorum. Porem que será quando não só são negligentes, mas ainda são os proprios a dar-lhes as más doutrinas, e pessimos exemplos?

Atheo — Contudo, P., temos visto bons filhos de maos pais, e pelo contrario maos filhos de bons Pais.

D. — Eu servirei de exemplo no segundo caso.

F. — Não ha tal. Seu Pai foi hum bom Pai, e deo-lhe boa educação; e Vm. sahio tal, que apezar de andar mettido na má canalha, sempre mostrou seus bons sentimentos, e caracter honrado. Logo que conheceo a verdade a confessou. Que vicios tem? Eu não lhos conheço. Que bellas senhoras são suas Manas, e toda a sua familia!

D. — Obrigado por tanto favor.

F. — He tal, que dando-lhe eu bofetões por mandado de seu Pai, nunca se mostrou resentido contra mim.

D. — Essa he boa! Pois eu havia de resentir-me contra quem me castiga por meu bem!

P. — E que melhor prova dos effeitos da boa educação dada por hum bom Pai? Não sei, que melhor a queira.

D. — Porque elle me mandava beijar a mão, que me castigava.

F. — Isso mesmo me fez o meu; e ao mesmo obrigo eu os meus filhos, não obstante que não me conto entre os bons Pais.

P. — Oh, se todos assim o fizessem! Eu convirei por hum pouco, que, não havendo regra sem excepção, succeda o mesmo nesta, sem que por isso deixe de ser regra geral. Conviremos, que ha monstros, partos, que não obstante serem produzidos, e gerados de Pais perfeitos homens, são contudo de tal sorte monstruosos, que nenhuma semelhança tem com seus Pais: porem a experiencia mostra, que são raros estes transtornos da natureza; e eu affirmarei, que mais raros são estes monstros da natureza moral, isto he, maos filhos de bons Pais. Bons filhos de maos pais exigem hum não pequeno prodigio, como veremos.

F. — Ah, Sr. L.! Ouça lá isso. Se quer mulher, procure-a entre as filhas de bons Pais.

D. — Não inculque as suas; o que faz indirectamente.

F. — As minhas não se crião para *Liberaes.*

P. — Não queirão puxar-lhe pela lingoa; qundo não...

F. — Se me não puxarem por ella, tambem m'a não prenderáõ.

P. — Cale-se, e ouça. Nem todos os bons homens, e mulheres, mereceráõ o nome de bons Pais. Bem pode ser que o não sejão quando ainda bons *Christãos*, e tementes a De-

os. A educação he huma sciencia bem dificil em seu conhecimento, e ainda mais na pratica, e devido desempenho. He verdade, que jamais seráõ bons Pais, os que não forem tementes a Deos, e bons *Cristãos*; mas nem todos estes se poderáõ chamar bons Pais, ou porque ignorão esta sciencia, ou porque não querem ter o trabalho, que nada tem de suave.

Eis aqui a que devemos attribuir a desnaturalisaçãó, que algumas vezes se observa, vendo máos filhos dos que parecem bons Pais. Ainda podem ter outra origem, e he culpas, que por este meio castiga Deos nos Pais. Em qualquer caso a maldade dos filhos tem sua origem na dos Pais.

Nós teriamos o doce prazer de vermos em poucos tempos mudada a face da terra, ao presente cuberta das sombras da morte eterna pelo monstro da depravação, que nella domina, e a sociedade de malevolos, impios, e feras selvaticas, em sociedade de verdadeiros filhos, se todos os *Pais*, transformando-se em vedadeiros bons Pais, cuidassem em desempenhar os seus deveres, dando a seus filhos a devida educação. *O' quam pulchra est casta generatio cum claritate!* Quam bella, quam formosa he esta casta geração, que recebeo a claridade da boa, e illustrada educação! Sua memoria será immortal, pois que sendo agradavel a Deos, faz ainda a admiração dos homens: *Immortalis est enim memoria illius, quoniam apud Deum nota est, & apud homines.* Sap. 4. 1. Ella diria: Que cousas ouvimos, que nos annunciárão, dissérão, e ensinárão nossos Pais? *Quanta audivimus, & cognovimus ea, & Patres nostri narraverunt nobis?* Psal. 77. 3. Elles não nos occultárão a verdadeira sciencia, que consiste no conhecimento de Deos, e da virtude, e nesta nossa geração he ainda guardado, e desempenhado este conhecimento, e o será nas que se nos seguirem: *Non sunt occultata filiis eorum in generatione altera.* d°. 4. Elles, nossos Pais, nos ensinárão, e contarão os louvores de Deos, e as suas maravilhas, e prodigios; e nós faremos o mesmo a nossos filhos: *Narrantes laudes Domini, & virtutes ejus.*

Obedientes forão, dirião, nossos Pais a Deos, que lhes mandou transmittir, e ensinar a nós seus filhos esta verdadeira sciencia, para que fosse conhecida na nossa geração: *Quanta mandavit patribus nostris nota facere ea filiis suis, ut cognoscat generatio altera.* Os filhos, que nascerem,

não o ignoraráõ, e o pessaráõ a seus filhos: *Filii, qui nascuntur, & exurgent, & narrabunt filiis suis.* d° 6. Confiança pois temos, esperanças bem fundadas, de que nossos filhos, e gerações futuras, porão em Deos sua confiança, e não se esqueceráõ de suas maravilhas, cumprindo seus mandamentos: *Ut ponant in Deo spem suam & non obliviscantur operum Dei, & mandata ejus exquirant.* Confiamos, que nossas gerações não sejão como as que tiverão máos Pais, que como elles são depravadas, exasperantes da ira de Deos: *Ne sint sicut patres eorum, generatio prava & exasperans.* d.° 7. 8.

D. — Lembra-me, á vista do que acaba de dizer, que as gerações são á semelhança dos rios, que se nascem de boa, e clara fonte assim vão correndo sempre em aguas puras, e cristalinas. O contrario porem se nascem turvas, e çujas.

P. — Nem mais nem menos, e essa comparação diz tudo. O remedio de tão grave mal não he facil.

F. — Eu comtudo o quero saber para o tomar. Quero saber...

P. — Deve primeiro que tudo ponderar as gravissimas consequencias desta má educação, que se não limitão nos sós filhos, mas estendem-se por toda a descendencia, passando sempre os mesmos máos costumes de huns a outros. O mal ainda passa a communicar-se em linhas transversaes, como epidemico, e eis huma sociedade perdida, talvez por causa de hum so máo Pai.

Eis aqui porque o *Autor da sociedade*, que não podia deixar de ser o *Autor* do mesmo genero humano, quiz sanctificar estas primeiras uniões, elevando á dignidade de *Sacramento* estes laços de *Sociedade*, como ja dissemos ontem, para que fosse santa, sendo santos os laços, que a ligão, e estendendo-se, e dilatando-se na santa educação.

F. — Os Incredulos não querem tal santidade. Querem casamentos brutaes, e brutal a sociedade.

P. — De *Tobias*, e *Sara*, cuja santa união fez ontem parte da *Palestra*, vemos proceder a mais bella geração, e sociedade: *Omnis cognatio ejus, & omnis generatio ejus in bona vita & in sancta conversatione permansit.* Toda a sua parentella, como filhos de bons pais, toda a sua geração continuou sempre em boa vida, e na santa conversação. Tal foi, que se fez tão agradavel a Deos como aos homens, e se fez famosa entre todos os habitantes da terra: *Ita ut accepti essent tam Deo, quam hominibus, & cunctis habitantibus terrae. Tob.* 14. 17. Mas se isto he das gerações dos

bons Pais, que diremos das gerações dos Pais, quaes agora vê o desgraçado *Portugal*? Esta lembrança, esta consideração alterra!

D. — De Deos venha o remedio

P. — Entre tanto vamos a receita-lo, por se algum se quizer utilisar delle. Ao menos oução os que pertendem tal estado, as obrigações, em que incorrem, e tomão sobre si, e as gravissimas responsabilidades para com Deos, quando as não satisfação.

Grande cuidado da educação.

Com a devida energia, que não deixará de parecer excessiva, intimou o *Apostolo* o cuidado da educação dos filhos, tratando de *Infieis*, e ainda peiores que *Infieis*, aos Pais que a desprezão. Se elles são *Christãos*, ou tem este nome, affirma, que negárão a Fé, são Apostatas, e renegados: *Si quis suorum, maxime domesticorum, curam non habet, fidem negavit, & est infideli deterior.* 1. *Tim.* 5. 8. Se algum não tem cuidado dos seus, principalmente domesticos, quaes são os filhos, e ainda os que lhes estão sugeitos, se não olha pela sua educação, este desgraçado não he *Christão*, supposto que tenha o nome; elle negou a Fé, e oxalá que fosse antes *Infiel* gentio, porque fica sendo peior: *Est infideli deterior.*

At. — Não se pode entender senão por exageração.

P. — Eu creio, que assim mesmo, como sôa a letra, se deve entender, porque na verdade o máo Pai, que não cuida de educar o seu filho no temor de Deos, e forma-lo segundo o espirito da *Religião*, não he *Christão*, não tem Fé; e se em algum tempo a teve, elle a negou; e não sómente algum artigo, mas toda ella. Elle nega a Deos, nega a vida futura, e nega tudo, o que a Santa *Igreja* crê, e ensina. Por isto, e ainda por mais razões, elle he peior, que hum *Infiel gentio*: *Est infideli deterior. Fidem negavit.*

F. — Isso agora faz-me tremer de veras, P.!

A. — Pode ser que assim seja por outras razões, ou maldades, que não seja a só negligencia da educação.

P. — O *Apostolo* não falla de mais que a só negligencia, ou falta de cuidado: *Si quis suorum... curam non habet.*

D. — Eu julgo, que se poderá mostrar o contrario. Não poderá negar, que muitos Pais terão temor de Deos, serão

bons *Christãos* em tudo o mais, apezar do descuido da educação.

P. — Não pode ser verdadeiro o que suppõe; não pode ser temente a Deos, nem bom *Christão.* Se em algum tempo professou a verdadeira Fé, elle a negou. *Fidem negavit*, e oxalá, que antes fosse hum *Infiel: Est infideli deterior.*

D. — Nunca disse huma cousa tão extraordinaria!

P. — Eu não sou o que o digo. Aqui tem a *Carta* de S. *Paulo.*

D. — Eu creio, que elle o diz: porem eu vejo, que ha muitos máos Pais, que são bons Christãos...

P. — Não o podem ser de sorte alguma. Assim parece aos Senhores, mas he porque não fazem a devida reflexão. Eu apenas neste respeito posso admittir huma brutal ignorancia de taes Pais. Oxalá ella tenha desculpa perante Deos; do que me não posso persuadir, suppostas as instrucções, que recebem todos nos rudimentos da doutrina christãa.

F. — Olhe, P., que os incredulos são tão brutos, e pedantes, que apezar de fallarem pelos cotovelos em outras materias, não sabem o *Padre Nosso.*

P. — Eu me explicarei melhor com hum caso historico tirado dos Santos *Livros*, e então entenderão a verdade do que affirma o *Apostolo.* Quando por ordem de *Pharaó*, os meninos *Hebreos* erão affogados ao nascer, *Moyses* escapando a esta crise, foi exposto junto do rio, e achado pela filha deste Rei, que passava. Encantada da formosura do menino, fez chamar a propria mãi, a quem, entregand-o, disse estas formaes palavras: *Accipe puerum istum*, & *nutri mihi: ego dabo tibi mercedem tuam. Exod.* 2. 9. Recebe, e toma a teu cuidado este menino, e cria-o para mim; eu te darei a paga, e premio do teu trabalho: *Nutri mihi: dabo tibi mercedem tuam.*

Não de outra sorte he o que se passa entre Deos, e os Pais, a quem dá algum filho. A Fé lhes deve fazer ouvir a voz de Deos, que lhes diz: Eis aqui tendes, e Eu vos dou este menino; recebei-o, como dadiva minha, mas de tal sorte, que fica sempre sendo minha: *Accipe puerum istum.* Elle he meu, e não vosso; mas Eu vo-lo entrego para o nutrirdes, e creardes para mim: *Nutri mihi.* Entrai bem no conhecimento do que vos entrego. Não he menos, que huma preciosissima joia este menino, que deposito em vossas mãos. Ella me custou meu preciosissimo sangue. Tem este menino huma alma, que criei á minha mesma imagem, e semelhança, de infinito valor; vós tomai conta della para

m' a entregardes no devido tempo. Porem adverti, que m' a devereis entregar em outro melhor estado. »

» Este menino que vos entrego he hum preciosissimo diamante; porem elle vai bruto. He necessario, que vós o lapideis, trabalhando-o a seu tempo, com todo o cuidado com a necessaria educação, para o lapidardes, pulirdes, e enfim fazerdes delle hum perfeito *christão*, que mereça a gloria, que lhe destino. Eu vos pedirei esta entrega; vêde a conta, e razão, que della me dareis; porque Eu vos executarei nas vossas mesmas almas. Se tiverdes o devido cuidado desta entrega, Eu vos darei o devido premio, que será a minha gloria: *Ego dabo mercedem tuam.* Se porem fordes negligentes, e se perder por falta vossa, não lhe dando a devida educação, Eu inquirirei, e vos darei o merecido castigo, ficando vossas mesmas almas responsaveis por esta perda: *Ego dabo mercedem tuam.* » Queirão á vista disto dizer-me, se com verdade disse o *Apostolo*, que os Pais negligentes na educação de seus filhos, negárão a Fé?

D. — Ah Sr. At.! Tem sido grande a nossa cegueira, e pedantismo! Qual ao tomar tal estado se lembra, e pondera verdades tão claras? Perde-se o mundo pela cegueira, ou ignorancia fatal!

P. — Não creio, que he tanto a cegueira, como a depravação, e falta de Fé. Eu creio não haver entre os *Portuguezes* mais que humas sombras de Fé morta. Estes desgraçados Pais, e desgraçada mocidade, que vai a tomar este estado, não crêem, que ha hum Deos, Creador dos homens, que lhes dá e entrega esses filhos, que lhes nascerem. Não crêem, que estes filhos tem huma alma, de que devem dar conta a Deos, por cuja encarregão as suas proprias. Elles parecem finalmente não crêrem a eternidade, e os Dogmas principaes da Religião; porque se os crèssem, não poderião combinar com esta crença a negligeucia da educação, e cuidado sobre os filhos. Julgo, que he isto verdade bem patente; e esta a rasão, porque *S. Paulo* affirma, que os Pais negligentes negão a Fé; e não so isso mas ainda são peiores que os *Infieis*.

Com magoa sim do coração, mas com verdade, eu diria a hum destes Pais, que não cuidão quanto podem da educação *Cristãa* de seus filhos: Ah desgraçado! Tu não es *Cristão*, apezar de assim te chamares! Tu negaste a Fé; tu não cres que ha Deos, que te ha de tirar conta, e residenciar do teu comportamento para com teus filhos. Oxa-

lá que tu fosses antes hum Infiel nascido entre o gentilismo, pois te hiria melhor, e não terias tanto a padecer. »
Hum *Infiel* tem em seu favor a ignorancia, em que nasceo, e por isso inculpavel; porem não he assim o *Christão*, a quem a Fé por testemunhos irrefragaveis, ensina as obrigações de hum Pai para com seus filhos; por isto mais culpado, e por consequencia peior do que hum *Infiel*: *Infideli deterior.*

Se tal Pai nascesse entre o *Gentilismo*, elle não faria verter amaras lagrimas á *Esposa* de J. C., a santa *Igreja*, a esta santa *Sociedade* pelos prejuisos, e damnos, que lhe causa com seus filhos, e descendencia mal educada. He a peste da *Sociedade* huma geração perversa, e depravada em costumes. São incalculaveis os males, que lhe causa, principalmente nestes calamitosos tempos. Queirão lançar as vistas ao que temos diante dos olhos; vejão quaes são os Incredulos, que estão fazendo guerra á *Igreja*, deslindem suas gerações, e lá hiráõ dar com huma filiação depravada, com hum sangue corrupto em longas gerações. Se taes Pais fossem *Infieis* não teriamos a lamentar taes desgaças: *Est infideli deterior.*

F. — Eu estou pasmado e tremendo! Quem sabe, se eu terei sido negligente na creação dos meus filhos!

P. — Cuide bem em o não ser. Supposto isto, passemos a dar as regras de huma boa educação.

Regras da boa educação.

Julgo que as poderemos reduzir a tres, que os Pais deveráõ sempre trazer diante dos olhos, e gravadas nos corações, para nunca as perderem da lembrança: *Instrucção conveniente*, *Correcção prudente*, e *Exemplo edificante.* A isto se reduz, e sobre isto versa a devida educação; porem seu desempenho não he facil. Fallemos de cada huma de per si para melhor expormos materia, e doutrinas tão importantes.

Instrucção conveniente.

Aos Pais se dirigem aquellas palavras, mandamento, e preceito divino: *Filii tibi sunt? Erudi illos, & curva illos a pueritia illorum. Eccl.* 7. 25. Tens filhos? Ensina-os, dá-lhes a devida instrucção, commeçando desde a

sua infancia: *A pueritia illorum.* Desde esta deve principiar a instrucção, a correcção, *Curva illos*, e não menos o exemplo; sem o qual nada valeráõ aquellas. Porem o cuidado deve principiar antes, e muito antes.

Julgo, que nenhum Pai ignorará o cuidado, que devem ter sobre a conservação da conceição, se não se quizerem fazer responsaveis a Deos por hum infanticidio, e filicidio, isto he, pela morte de hum filho. Não menos depois de vir á luz. Todo o cuidado, toda a vigilancia he pouca para que não perigue a vida de hum tenro menino recem nascido.

F. — Diga-me, P., por quantas noites deve ser vigiado, e guardado das bruxas?

A. — Deixe-se de contos de velha, e historias de bruxas; e não seja criança.

F. — Quando Vm. nasceo, ja eu tinha dentes. Eu bem sei o que pergunto; nem me deixarei de historias de bruxas, porque sei huma bem verdadeira; de que fui testemunha. Eu vi hum menino morto chuxado das bruxas, ou bruxa.

D. — Deixe-se disso, Sr. Fr., e não qüeira crêr em bruxas.

F. — Não deixo tal, porque eu mesmo vi as dentadas ainda impressas na carne do menino morto.

A. — Não queira, Sr. Fr., fazer-nos perder o conceito do seu bestunto.

F. — Bem fraco o têm VVmm., quando assim fallão! Eu vi bem claramente as dentadas pelo corpo do menino; porem a bruxa, que o mordeo, foi a propria mãi, que tendo-o suffocado na cama deo em o morder para se desculpar com as bruxas. Infelizmente não advertio, que tinha os dentes grandes, e raros; e ninguem pôde equivocar as dentadas com os dentes de qualquer outra bruxa, que não fosse a propria mãi; o que deo não pouco que rir; e melhor seria chorar.

D. — Bello, Sr. Fr.! Faz bem em nos tratar de criançólas. A sua historia diz tudo, e eu creio nella, e outras semelhantes.

P. — Não sei se faráõ nella toda a reflexão. Eu ignoro qualquer outra origem desta louca, e pueril crença de bruxas, e chuxamento de crianças, que por desgraça vemos generalizada por toda a parte, a não ser a que diz a historia. Ella não pode ter algum outro principio. Os Pais deitando comsigo na mesma cama estes tenros meninos, facilmente os suffocão, e ainda esmagão. Com a roupa, com hum braço, com hum volvimento somnolento do corpo mui facilmente lhes tirão a vida. A quantos não suffocão as mãis com os

proprios peitos, dando-lhos na somnolencia, e ainda mais na propria cama? Como poderião encubrir esta maldade? Foi necessario inventar a pueril bruxaria, que apezar de sua puerilidade, bem propria para embalar as crianças, embala tambem, e encobre a maldade das mãis, e o seu nenhum temor de DEOS. Temos bruxas sim, mas não são outras mais que as mãis; e bem seria, que houvesse lei, que castigsse a mãi, que de tal se queixasse, como filicida, matadora de seu filho.

Já mais podem os Pais deitar comsigo na mesma cama os filhos, em qualquer tempo, que seja: na primeira idade por causa destes perigos; e logo depois pelas razões, que elles não podem ignorar. A malicia se antecipa mais do que elles nesciamente pensão. Estas culpas são gravissimas nas consequencias, e elles apenas se tornaráõ inculpaveis por estes respeitos não deitando comsigo já mais os filhos. Nenhum temor de DEOS tem os que isto não fazem.

Deve principiar a instrucção *christãa* desde a primeira idade, e sempre continuar: e daqui se conhece a gravissima obrigação, que os Pais tem de huma perfeita instrucção, para a poderem dar a seus filhos. Pesa gravissimamente sobre os Parochos a obrigação de já mais admittirem a este Sacramento aos Consortes, que não possuirem huma sciencia da doutrina Christãa tal, que se considerem sufficientes para a poderem ensinar, e fazerem entender a seus filhos. Com lagrimas de sangue se deveria chorar o que por este respeito se passa neste infeliz Reino, que tem perdido a ignorancia, que nelle reina. Indignos Parochos, os que a isto não attendem!

Vêem-se Pais carregados de filhos, ignorando os principaes rudimentos da Fé, sem conhecimentos alguns das eternas verdades, e não mui dessemelhantes dos Salvagens da *America*, ou *Jalofos* da *Africa*! Ignorão o Mysterio da Trindade Santissima, e da *Encarnação* e *Redempção*! Nada entendem dos Sacramentos! Brutos perfeitos! E que outra cousa poderáõ ser seus desgraçados filhos? Daqui vem todo o mal, que experimentamos. Ah, Incredulos, inimigos da santa Religião, vós não progredirieis, ao menos com passos tão agigantados na destruição da santa *Igreja* de J. C., a não ser esta fatal ignorancia!

F. — Elles mesmos entrão nesse numero; e não ha differença entre incredulos, e pedantes na *Religião*. Apenas sabem dizer *fanatismos*, e *superstições*.

P. — Eu não sei até onde se deve estender esta instrucção, mas sim sei, que os Pais são obrigados a instruir perfeitamente seus filhos, de tal sorte, que possão desempenhar os deveres de perfeitos *christãos.* Para isso devem fazer de mestres, doutores, e ainda de *Apostolos* entre suas familias, que se podem chamar Igrejas domesticas, cujo nome deo S. *Paulo* ás casas, e familias de *Aquila*, e *Prescilla*: *Salutat vos Aquila*, & *Prescilla cum domestica sua Eclesia.* 1. *Cor.* 16. 19. Julgo desnecessario dizer, que o cuidado de hum Pai, que he chefe de familia, se deve estender a toda ella, e em todo o respeito de educação; creados, servos, parentes, e todos os que lhe estão sugeitos, entrão na familia, e a todos he devedor da educação o chefe, que a dirige, como se todos fossem filhos.

D. — Essa he mais! Pois eu estou obrigado a cuidar da instrucção e educação dos meus creados?

P. — Assim o deve fazer, se, como diz o *Apostolo*, não quizer negar a Fé, e ser peior que hum Infiel: *Si quis suorum maximé domesticorum curam non habet, fidem negavit*, & *est infideli deterior.* Seus creados são seus domesticos.

A educação do Velhó *Tobias* dada a seu filho, segundo nos diz o *Espirito Santo*, deve servir d' exemplo a todos os Pais. Elle diz, que o ensinara a temer a Deos desde a sua infancia, e ainda desde ella o ensinou a evitar, e abster-se de todo, e qualquer peccado: *Ab infantia timere Deum docuit*, & *abstinere se ab omni peccato.* *Tob.* 1. 10. Eu julgo, que direi tudo com mencionar o que fez este bom Pai neste respeito, visto que he o exemplar, que o *Senhor* propõe aos Pais, que deverião ter sempre á vista. *Audi*, *fili mihi*, *verba oris mei*, & *ea in corde tuo*, *quasi fundamentum construe.* d.º ℣. 4. Ouve, meu filho, lhe dizia, as palavras da minha boca, e gravando-as no teu coração, farás dellas fundamento em que construas, e edifiques o edificio da tua vida. Em todos os dias da tua vida não te descuides de honrares a tua mãi, pois que te deves lembrar do muito que lhe deves pelo que lhe tens custado: *Honorem habebis matri tuae omnibus diebus vitae ejus*; *memor enim esse debes*, *quae* & *quanta pericula passa sit propter te.* d.º 3. ℣. 4. Isto mesmo diria a mãi pelo que respeitava ao Pai.

Em todos os dias da tua vida tem sempre a Deos presente em tua alma, e entendimento: *In omnibus diebus vitae tuae in mente habeto Deum.* Com esta lembrança tem

cuidado para que não cahias já mais em qualquer peccado, quebrantando algum preceito da Lei do *Senhor*; *Cave ne aliquando peccato consentias, & praetermittas praecepta Domini Dei nostri.* d.° 5. ℣. 6.

Do que Deos te der, filho meu, faze a esmola, e não voltes as costas ao pobre, porque não aparte de ti Deos a sua face: *Ex substantia tua fac eleemosynam*, &c. d.° ℣. 7. Conforme tuas possibilidades farás misericordia aos necessitados: *Quomodo potueris.* &c. Se muito tiveres, dá com abundancia aos pobres; se pouco tiveres, dá ainda desse pouco: *Si exiguum tibi fuerit, etiam exiguum impertiri stude.* d.° 8. ℣. 9. Deste modo tu enthesourarás bom premio para o tempo da necessidade: *Proemium bonum thesaurizas in die necessitatis.* Deves saber meu filho, que a esmola livra de todo o peccado, e da morte eterna, e não deixará descer a alma aos tormentos eternos: *Quoniam eleemosina a morte* &c. A esmola dá aos que a fazem grande confiança, e entrada na presença do Summo Deos: *Fiducia magna* &c. d.° 10. ℣. 17. 12.

Tendo-o instruido no temor de Deos, nas obrigações para com a mãi, e nos deveres para com os pobres, e necessitados, passa a instrui-lo nos deveres para com a *Sociedade*; logo lança o machado á raiz, para que assim diga, isto he, á soberba, que he a origem de todo o mal. Já mais consintas, filho meu, que a soberba domine, ou tenha em ti alguma parte, nem no teu sentido, nem na tua alma, nas tuas palavras, e acções: *Superbiam nunquam in tuo sensu, aut in tuo verbo dominari permittas.* Lembra-te que nella teve principio toda a perdição: *In ipsa enim initium sumpsit omnis perditio.* d.° 14. Passa ao primeiro dever do homem na *Sociedade*, que he pagar com brevidade o que deve. Paga logo, diz, o que deveres, e e de nenhuma sorte demores o jornal ao mercenario: *Quicunque tibi aliquid operatus fuerit, statim ei mercedem retribue; & merces mercenarii tui apud te omnino non remaneat.* d.° ℣. 15. Passa á conducta, que com todos deve guardar, gravando-lhe no coração o primeiro fundamento dos deveres para com todos em geral: *Quod ab alio oderis tibi fieri, vide ne tu aliquando alteri facias.* d.° 16.

Pelo que respeitava a elle proprio, lhe recommenda que procure o conselho do sabio: *Consilium semper a sapiente perquire*, e conclue com a recommendação dos continuos louvores de Deos, e oração, pedindo nella que o dirija em

todos seus caminhos, em conformidade com seus mandamentos. Não teve o bom filho, que responder a tudo, senão as succintas palavras as mais consoladoras para tam bom Pai: *Omnia quaecunque praeccpisti mihi, faciam, pater.* d.º 5. 1. Eu farei, meu Pai, tudo, o que me tendes mandado. Qual foi este filho, e qual a geração, que delle se dirivou, ja nós vimos.

D. — Parece, que nada faltou para huma cabal instrução.

P. — Todos os Pais devião ter gravados na memoria estes artigos, para fazerem versar sobre elles a instrucção contínua, alem dos conhecimentos da *Religião.* Eu desejarei, que me digão, o que poderá ser hum filho com huma tal instrução?

A. — Não pode ignorar, que a communicação com os máos faz perder o que adquirirão na educação dos Pais.

P. — Confesso, que tem muita força para isso, e que nem sempre os Pais podem preservar seus filhos das más companhias, porem a boa educação pode, e he capaz de preservar da corrupção. Nada se grava tanto nos corações destas tenras creaturas, como os avisos dos Pais, quando são dados com amor, e prudencia; e na mesma *Religião* achão os Pais recursos poderosos para lhes imprimirem profundamente os melhores sentimentos. Nos famosos moços *Machabeos* conhecemos o que pode a educação de huma boa mãi, e os recursos, que ella soube tirar da *Religião*, para fazer de seus sete filhos sete gloriosos Martyres. A santa *Escritura* nos propõe toda esta historia, como huma clara prova, do que pode hum Pai, ou huma Mãi com seus filhos, valendo-se dos recursos, que lhe apresenta a *Religião.*

Esta heroica, e sempre famosa Mãi vio, e presenciou fazerem-se pedaços todos seus sete filhos, sem que algum mostrasse sombras de temor, ou menos valor. Porem como, de que modo, e com que os animava ella? Porque despresavão estes filhos a vida, o corpo, e os tormenos? Seria por ventura para deixarem eterna fama, para mostrarem sua heroicidade, para se coroarem de louros no campo da honra?

F. — Assim mesmo dizem os nossos heroes, porem as suas proezas bem se vêem.

P. — Elles o dizem, porque em nada se querem servir da *Religião.* Ainda tem elles supprimido esta sagrada historia, com ambos os Livros dos *Machabeos*, como ja disse, nas *Biblias*, que nos tem enviado de *Inglaterra*, para que ninguem conheça, em que consiste a verdadeira heroicidade, assim co-

mo outras muitas verdades, que nelles vemos. Por força nos querem fazer *Lutheranos*, que não podem soffrer taes verdades; e esta heroica Mãi os asterra, e confunde.

Attendei, filhos meus, lhes dizia, que o Senhor nos vê, e se alegrará nos vossos martyrios: *Dominus Deus aspiciet veritatem, & consolabitur in nobis. 2. Mach. 7. 6.* Infelizes! dizião estes aos Gentios, que os atormentavão, e tiravão a vida com os mais crueis tormentos = Infelizes! Vós nos cortais, e perdeis os membros, e nossos corpos; porem o Senhor, por quem os entregamos, no-los tornará gloriosos, e immortaes no dia da Ressurreição: vossa ressurreição porem não será para o premio, mas sim para os tormentos eternos. Isto mesmo era o que a grande Mãi lhes havia gravado nos corações na incessante instrucção.

Filhos meus, lhes costumava dizer, e ainda dizia á vista dos tormentos, eu não sei de que modo vós fostes formados, e apparecestes em meu ventre: *Nescio qualiter in utero meo apparuistis.* Não fui eu a que vos deo a alma, e a vida, nem mesmo eu formei, e organizei os membros de cada hum de vós: *Neque enim ego spiritum & animam donavi vobis & vitam, & singulorum membra non ego ipsa compegi.* d.° 22. Sim o Creador do mundo he o que vos formou em meu ventre, creou vossos corpos, deo o espirito, e a vida: elle vos tornará a dar, o que agora dais pela observancia de suas Leis: *Spiritum vobis iterum cum misericordia reddet & vitam, sicut nunc vosmetipsos despicitis propter leges ejus.* d.° 23.

F. — Essa Mãi era mui grande fanatica!

D. — Não nos envergonhe mais com essas chufas.

P. — Restava o mais novo dos sete, e o mais tenro, que não obstante havia presenciado as crueis mortes dos seus seis Irmãos, e via impavido seus corpos em pedaços. Esta admiravel Mãi se arroja a elle, e apertando-o a seus peitos, que o havião alimentado: Filho meu, lhe diz, compadece-te de mim, que te trouxe em meu ventre nove mezes, por tres annos te alimentei a estes meus peitos, e não te desamparei até esta idade: *Fili mi, miserere mei, quae te in utero novem mensibus portavi, & lac triennio dedi, & alui, & in aetatem istam produxi.* d.° 27...

A. — Efficacissimos devião ser esses carinhos!

P. — Não o serião se não fossem os recursos á *Religião*, de que logo lançou mão a prodigiosa Mãi: Eu te peço, filho meu, huma cousa, e he, que olhes ao *Ceo*, á terra, e a tudo, o que nella ha; e entende, que de nada formou Deos

tudo isto, bem assim como todo o genero humano: *Peto nate, ut aspicias ad Coelum, & terram, & ad omnia quae in eis sunt, & intelligas, quia ex nihilo fecit illa Deus, & hominum genus.* d.° 28. Com isto, filho meu, tu cobrarás animo para que não temas estes tyrannos, e digno de teus Irmãos, feito participante de seus merecimentos, recebe a morte, para que com todos elles eu te receba naquelle dia da Ressurreição immortal; *Ita fiet, ut non timeas carnificem istum, sed dignus fratribus tuis effectus particeps, suscipe mortem, ut in illa miseratione cum fratribus tuis te recipiam.* d.° 29.

F. — Que fez o filhinho de tal Mãi, que me tem feito chorar?

P. — Apenas solto de seus braços, corre aos verdugos, elle falla, elle lhes prega a vida, e a Ressurreição eterna, e elle morre com o maior valor, sofrendo todo o rigor de tormentos. Então a grande Mãi alegre os seguio subindo o mesmo genero de morte.

D. — Ninguem poderá negar, que a *Religião* tem grandes recursos, que produzem effeitos prodigiosos. O valor dos Martyres meninos *Japonezes* ahi tomou força, como já vimos.

P. — Servião-se delles os Pais, para os animarem. Pondo ainda de parte a graça divina, sem a qual nada de bom se pode fazer, com os recursos da *Religião* os Pais podem fazer tudo o que quizerem de seus filhos; nem elles já mais terão desculpa, que possão dar perante Deos, que os faça escusazeis, defendendo-se com o máo genio, ou condição dura de seus filhos.

A. — Porem tambem não poderá negar, que entre irmãos filhos dos mesmos Pais, e por consequencia com a mesma educação, ha mui grande differença de genios, e naturalidades.

P. — Não o nego; antes de boa vontade o concedo, mesmo que tenhão genios, e naturalidades as mais duras, e indomaveis, quaes tem ursos, e serpentes; e como elles, comão gente. Por ventura não se domesticão estes, e outros animaes? E com tudo se faz, e consegue sem mais recursos, que o castigo, a affabilidade, e beneficencia, que com prudencia se lhes applicão. Quanto mais o poderáõ fazer os Pais a seus filhos, quaesquer que sejão com os recursos da *Religião*?

Eu atrevo-me affirmar, e aindá offerecer-me a huma experiencia, que lhes parecerá inacreditavel, e hum verdadeiro paradoxo. Entreguem-me hum menino da peior con-

dição, e naturalidade, que eu em não muito tempo o darei tão manso, tão humilde, e obediente, que se lhe enristar huma espada, elle por propria vontade se atravessará nella; ou arrojará em huma grande fogueira. Mas quem isto duvida, ignora a força que tem a *Religião*. Se a hum destes meninos quizerem persuadir, que, arrojando-se em huma fogueira, atravessando-se n' uma espada, vai logo ao Ceo &c., elle sem duvida se promptificará a isso mesmo. E porque o não fará em qualquer outro sentido? Seus Pais valendo-se destes recursos na prudente educação conseguiráõ de seus filhos tudo o que quizerem.

F. — Se todos os Pais, e Màis fossem como a *Machabea*, de que fallou, todos seus filhos serião santos.

F. — E por ventura não o devem ser? Essa obrigação pesa sobre elles com toda a força.

P. — Porem ella tinha grande instrucção da *Religião*.

P. — Essa mesma devem, e são obrigados a ter todos os Pais.

F. — Tinha grande valor, pois vio fazer em pedaços seus filhos.

P. — Esse mesmo valor devem ter todos. Porem eu julgo, que os Pais dos nossos tempos tem mais valor, do que a *Machabea*.

D. — Que diz, P.? Essa mulher foi inimitavel; e já mais alguma o terá semelhante.

P. — Muito maior o tem todas neste mesmo respeito.

F. — Tate, tate! Já sei o que diz, ou quer dizer. Tem valor para verem condemnar-se seus filhos ao inferno, e com os olhos enxutos. Isto he, e não outra cousa.

P. — Não ha duvida; porem em outro lugar o ponderaremos melhor; e será fallando da correcção.

F. — Mas eu quero saber de que se serviráõ os Incredulos para educarem seus filhos?

P. — Inteiramente o ignoro. Sei, que os Pais *Gentios*, e *Infieis* na educação de seus filhos não deixão de recorrer á *Religião*, lembrando-lhes os Deoses, que tudo vêem, que daraõ por premio a eterna morada nos campos *Eliseos*, e o tartaro eterno aos máos &c.; porem os Incredulos como nada crêem, não sei de que se poderáõ servir.

F. — Pois eu já me lembro do que lhes dirão: „ Filhos meus, diráõ, esta vida he huma historia, e nós somos todos bestas; porem se vós fordes bestas honradas, podereis chegar a ser bons cavallos, capazes de puxar por huma grande sege, e ainda de cobrição. Sede bestas de fama, que vos cubraes de gloriosos louros, e immortaes, ainda que vós o

não sois; porem deveis aspirar a que, quando fordes ao campo da igualdade, bebâmos duzias de garrafos em vossa memoria, tomando borracheiras de todo o tamanho.

D. — O Fr. fará rir as pedras com suas gracetas!

F. — De pedras tem elles as cabeças, e com ellas devião ser feitas em cacos. Eu desafio a que me digão, que outra cousa poderáõ dizer a seus filhos? Talvez que os ensinem a jogar os couces, que he a melhor prenda de bestas, e cavallos frizões.

P. — Parece incrivel, que hajão homens que pertendão formar sociedades, ou mante-las, campeando de politicos, ao mesmo tempo, que lhes quebrão os seus laços! Apenas se póde explicar este phenomeno pelo odio á *Religião*

A. — Voltando ao ponto, eu creio; que a educação com a boa, e devida instrucção he poderosa nos primeiros annos; mas depois ordinariamente se perde.

P. — Ella sempre tem o mesmo poder; e a experiencia o mostra. Nas maiores idades ainda tem maior força, como ja vimos entre os salvagens da *America*. Quem faz perder, ou enfraquecer a força da educação que se recebe com o leite, não he a idade, mas sim os vicios, se por desgraça entrão. Com tudo ella tem força para preservar delles, e isto he o que mostra a experiencia. As divinas *Escrituras* não deixão de attribuir os factos mais famosos á boa educação, que recebêrão de seus pais, os que os praticárão. Não necessitaremos de mencionar mais que o sempre memoravel e mais famoso, e tanto mais heroico quanto teve a huma mulher por autora. *Susanna*, a famosa *Susanna* nos dirá tudo neste respeito; para que passemos a outro.

F. — *Susanna*! Ja minha mulher me perguntou pela historia de *Susanna*, e eu fiquei envergonhado, por não saber deslindar-lha. Ella nos ouve, e queira nada omittir della.

P. — *Susanna* moça mulher, que fazia a felicidade de *Joaquim* seu marido, ambos nobres *Judeos*, vivião em *Babylonia* no tempo do captiveiro daquelle povo. Se era formosissima no corpo não o era menos na alma sobre tudo pelo temor de Deos, e pureza de vida immaculada no mesmo centro de corrupção, qual era a terra em que vivião. Teve a desgraça de ser vista por dois homens dos principaes desta Nação, que erão juntamente juizes do povo. Bastou ser vista para que de sua rara formosura ficassem cativos estes dois impudicos, e depravados homens, ardendo no infernal fogo de sua concupiscencia sensual, que procurárão

satisfazer a todo o custo. Intentárão ambos aproveitar a unica occazião, que se lhes offerecia.

Costumava banhar-se, conforme o costume dos *Judeos*, em hum tanque do seu jardim, todo fechado; em que os dois depravados, a quem nem a idade dava juizo, nem apagava o fogo lascivo, pois erão velhos, se esconderão. Julgando-se so, e segura reenviou duas creadas, que a seguião, e ficou a solitaria cordeira entre dois lobos; o que apenas pôde saber, quando se vio delles assaltada. Tal foi a proposta, que lhe fizerão: A porta está fechada, e ninguem nos ve: ou tu has de condescender com os nossos desejos, ou quando repugnes, e grites, nós te poremos hum testemunho falso, publicando, que te achamos com hum moço, e incorrerás na pena de adultera: *Quod si nolueris, dicemus contra te testimonium, quod fuerit tecum juvenis. Dan.* 13. 21.

D. — Em que apertos se vio a pobre mulher!

P. — Não sei se os ponderará bem. De huma parte estava o peccado, mas da outra se lhe propunhão dois grandissimos, e os mais temiveis males. Era hum morrer apedrejada, conforme a lei, pois esta pena era imposta pela legislação *Moysaica*, e Divina contra as mulheres adulteras. Esta porem não era a que mais a deveria intimidar, mas sim a infamia. Nada pode fazer maior impressão em huma mulher honrada, do que a infamia; e por isso rarissimas vezes permittirá DEOS huma semelhante tentação, revestida de taes circunstancias, a huma mulher.

Com effeito ella sentio estes males, ella gemeo, e suspirou: *Ingemuit Susanna, & ait.* De todas as partes me rodeão perigos: *Angustiae sunt mihi undique.* Quando eu consinta em vossas depravadas maldades eu incorrerei na morte eterna: *Si enim hoc egero, mors mihi est.* Se não contentir, eu não escaparei ás vossas maos: *Si autem non egero, non effugiam manus vestras.* d°. 22. Com tudo ella não hesita, nem demora a resolução. Melhor me he porem cahir eu innocente nas vossas maos sofrendo os males, que me preparais, do que peccar á vista do Senhor: *Sed melius est mihi absque opere incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini.* d.° 23. Ella gritou com grande voz pedindo soccorro; gritárão os depravados velhos, e correo hum abrir a porta. Os criados, que ouvirão os gritos entrárão por hum postigo, ou janella no pomar, a ver o que havia; e ouvindo os velhos, ficarão confusos,

porque nunca tinhão ouvido huma só má palavra, que deslumbrasse a candura de costumes de sua senhora.

No seguinte dia juntárão os dois perversos homens, que erão juizes, o povo, e forão a tira-la de sua casa, acompanhando-a toda a familia debulbada em lagrimas. Appareceo cuberta, e foi obrigada a descubrir-se, a fim de que os dois monstros sensuaes se deleitassem ao menos na vista de sua formosura. Puzerão sobre sua cabeça as iniquas mãos, para testificarem contra ella, conforme a Lei. Então ella, chorando, levantou os olhos ao *Ceo*, pois que seu coração tinha posto sua confiança no *Senhor*: *Quae flens suspexit ad coelum: erat enim cor ejus fiduciam habens in Domino.* d.° 35.

„ Andavamos nós no pomar, disserão os dois impios na presença de todo o povo, quando esta entrou com duas criadas, que voltárão fechadas as portas. Então veio ter com ella hum moço, que estava occulto, e commettêrão o adulterio. Vendo nós tal maldade, porque estavamos retirados em hum angulo do pomar, corremos, e os vimos no actual peccado. Não o pudemos segurar, porque sendo mais forte do que nós, abrio a porta, e fugio. Perguntámos a esta quem era? e não o quiz descubrir. Nos somos testemunhas deste facto. „ Creo todo o povo, pois que não pensava haver tal maldade em semelhantes homens; e he por todo elle condemnada a castissima, e innocentissima *Susanna* a ser apredejada.

F. — Jesus! que se me parte o coração!

D. — Se lá me achasse, partia de meio a meio esses malvados.

P. — Deos o fez. Foi então que *Susanna* levantou a voz, e dirigio suas palavras a Deos, que parecia dormir, mas queria deixar chegar a estes termos a perversidade, para o castigo dos perversos e maior triunfo da innocencia. Deos Eterno, diz ella, que tudo conheceis, e a cujos olhos nada se esconde: Vós sabeis, que he falso testemunho, que estes scelerados compuserão contra mim; e eis-me aqui condemnada á morte infame: *Ecce morior, cum nihil horum fecerim, quae isti malitiosé composuerunt adversum me.* d.° 43. Contudo he condemnada.

Quando ja hia a ser apedrejada, acode Deos a defender a sua boa serva. Elle se serve do menino *Daniel* para confundir os malvados velhos. Elle clama no meio da multidão com grande voz, dizendo: Eu não quero ser culpado no sangue innocente, que vós ides a derramar: *Mundus ego sum a sanguine hujus.* d.° 46.

F. — Por vida minha, que se eu lá estivesse, confundia esses malvados em hum instante; esse povo não tinha bestunto nenhum.

D. — Pois vejâmos o que faria o seu bestunto, e se concorda com o de *Daniel*, que eu não ignoro.

F. — Eu o digo. Mandava separar logo esses scelerados hum do outro, e com o povo hia com hum delles, e obriga-lo-hia a mostrar com o dedo o citio do pomar onde os vira em máo defeito. Chamava depois o outro, e faria o mesmo . . .

D. — Bravo, Sr. Fr.! Vm. he hum *Daniel*, pois que tem o mesmo bestunto. Elle fez o mesmo, e perguntou a cada hum delles separados, debaixo de que arvore os havia visto? Hum respondeo, que debaixo de huma aroeira, e outro de huma azinheira. Foi manifesta, e conhecida a malvada impostura; mudou-se a scena; os dois scelerados forão apedrejados, e *Susanna* proclamada innocente, e levada em triunfo.

F. — Pois eu protesto, que o menino *Daniel* tinha o bestunto de hum ancião maduro, e bom tino.

P. — O que fez *Daniel*, foi de inspiração divina. Perguntarei agora, a que attribuiremos a fortaleza, e heroicidade desta famosa mulher? Dirão, que ao seu temor de Deos, á sua virtude, e santidade. Pois bem; porem a que attribuiremos tudo isso? Vejâmos, o que nos diz o sagrado *Escritor*, e acharemos a razão: *Erat vir habitans Babylone, & nomen ejus Joakim; & accepit uxorem nomine Susannam, filiam Helciae, pulchram nimis; & timentem Deum.* d.° 1. 2. Houve hum homem em *Babilonia*, por nome *Joaquim*, que tomou por mulher a *Susanna*, filha de *Helcia*, mui formosa, e temente a Deos. E porque era temente a Deos? Aqui vai a razão: *Parentes enim illius, cum essent justi, erudierunt filiam suam secundum legem Moysi.* d.° 3. Porque seus Pais, sendo justos, educárão sua filha, segundo a Lei de Deos dada por *Moyses*. A não ser esta educação, ella não seria a famosa *Susanna*.

F. — Dahi concluo eu, que se os Pais Portuguezes fossem quaes devem ser, suas filhas serião outras *Susannas*: e porque elles o não são, são ellas o que sabemos. Ah, Pais! e eu me metto na conta; sobre nós carregão os males de nossos filhos! Nós somos os culpados.

P. — Fallando em geral, parece-me moralmente impossivel, que os filhos de bons Pais, que sabem dar a devida educação, não sejão, quaes devem ser. A mesma só instrucção he sufficiente, com a graça de Deos, que sempre devemos

suppôr, para fazer santos. Que outra cousa poderião ser os filhos de *Branca* Rainha de *França*, a quem esta grande Mãi, entre affectuosos carinhos costumava dizer: „ Filhos meus, muito vos amo, e estimo; e por força deste amor, sabei, que antes vos quero ver feitos em pedaços nos meus braços, do que commettendo algum peccado! „ Não podião deixar de ser hum delles S. *Luiz*, e outra santa *Izabel*, chamada a *Boa*, que ambos veneramos nos Altares.

Da instrucção, dada com assiduidade, e com prudencia, vai muito, se não tudo. Na *Religião* acharáõ os bons Pais recursos os mais efficazes. Os meninos tremeráõ á vista das verdades da santa *Religião*; e logo que lhas fação conhecer, facilmente desejaráõ antes ser feitos em pedaços, do que commetter qualquer culpa. A ignorancia porem dos Pais, sua brutalidade, seu descuido, e negligencia, mesmo hum abominavel desleixo, faz, que vejâmos huma geração embrutecida sem conhecimentos alguns de Deos, e de sua *Religião*, e pouco menos que de bestas salvagens. Eis aqui porque com olhos enxutos se vêem os Templos do Deos vivo, ou lançados por terra, ou profanados do modo mais horrivel, tornados em estalagens, em estancias, em armazens, e outras indignidades: as santas Imagens ridiculisadas, os Altares abatidos, e seus Ministros perseguidos de morte por toda a parte, á excepção dos apostatas infames! Tudo isto, e o mais que vemos aqui tem a origem.

D. — Passemos adiante, P., porque o coração não sofre tal lembrança.

Correcção prudente.

P. — Pode ser, que a só instrucção não produza o devido effeito; e nesse supposto tem os Pais a recommendação do *Espirito Santo*: Tens filhos? cuida em os instruir, e corrigir desde a sua mais tenra infancia: *Curva illos a pueritia illorum, supr.* Curva-os, abate-os, torce-os desde a sua puericia; ou infancia. Elle toma o simile ou comparação da arvore, que cresceudo á sua vontade, se levanta, cresce, e engrossa com enormes aleijões; e então não se poderá abater, endireitar, ou inclinar para a parte, que convem. Em quanto tenras facilmente se faz dellas o que se deseja, e não depois de se endurecerem. Para isto he necessario principiar desde logo a mais tenra infancia. Nesta idade principião a brotar as paixões, as más inclinações, que com o tempo se arraigão, e engrossão.

F. — Não queira, P., levar tão longe essas cousas. Isso são *fanatismos*! Pois que importa o que faz o menino? são gallantarias, são brinquedos, que fazem rir a tola mãi, que se baba de gosto pela descripção do seu rico menino. Não sabe o que faz, mas já mostra juizo.

P. — Pessimos pais, que assim fallão; e assim fazem! Indignos de tal nome! Oxalá elles fossem antes Gentios! Mas que? Melhor educação daráõ estes a seus filhos, que os Pais que tem o nome de *Christãos*. De huma illustre Familia sei, que estando nas *Indias*, costumava frequentar a sua caza huma mui tenra menina gentia, filha de pais pobres, e miseraveis. A menina padecia fome, mas jamais aceitou cousa alguma, que lhe offerecesse esta Familia. Fizerão a experiencia com dôces, e comidas as mais appetitosas á meninice, porem sempre em vão. A razão era, que seus pais, como gentios, lhe recommendavão, que jamais comesse cousa, que lhe offerecessem os *Christãos*, por lhes ser prohibido pela sua Lei.

D. — Isso diz muito, e prova que a instrucção faz tudo.

P. — Ella morreria á fome antes que transgredir tal preceito. Confusão eterna a taes Pais, que não cuidão em mais que satisfarem as vontades de seus pequenos filhos! Vêem-se loucas mãis castigar criados porque lhes não fizerão a vontade, talvez porque lhes não derão a Lua, que virão resplandecer em huma pouca de agoa, ou em hum espelho, insinando-os a serem vingativos, soberbos, indomitos, e talvez malvados. Ainda as ha tão loucas, que costigão o páo, ou a pedra, em que tropeçou o menino!

F. — Ah, que bem faz la a minha santa companheira, que vindo-lhe huma filha queixar-se de que huma antiga criada lhe dera hum bofetão, muito senhora de si, e muito pacifica, lhe respondeo: Esse bofetão foi dado pelo mal que tu fizeste; leva agora mais estes dois por te vires queixar. E se bem o disse, melhor o fez.

D. — Não o fez menos meu Pai, que poz fóra de casa hum criado, que nem me castigou, nem o avisou de huma minha travessura; e por mais que eu fiz, depois de bem castigado, foi inexoravel. O mais foi tirar elle da minha ração de mesa por muito tempo o alimento do criado. Ainda agora o sustento.

F. — Seu Pai foi hum santo homem, e eu sou devedor á sua alma de muitas lições, que elle me deo para crear os meus filhos, e foi elle o que fez, ou se metteo no meu casamen-

to, indicando-me a consorte, que não merecia a Deos.

P. — O *Espirito Santo* continúa com a recommendação do castigo, e correcção da infancia, e ainda dá as razões: *Stultitia colligata est in corde pueri, sed virga disciplinae fugabit eam. Prov.* 22. 15. A stulticia, a loucura, e malicia tomão assento no coração do menino. He necessario sacudi-las com a vara da correcção, e castigo. Não a levantes do teu filho, nem te descuides de lh' applicar: *Noli subtrahere a puero disciplinam.* Se tu o castigares com a vara, elle não morrerá: *Si enim percusseris eum virga, non morictur.* Tu castigando-lhe o corpo, livrarás a alma do inferno: *Tu virga percuties eum, & animam ejus ab inferno liberabis.* d.° 23. 13. 14. Daqui se conclue huma de duas: ou se lhe ha de applicar a vara, ou dar-lhe o inferno. Escolhão os Pais qual querem: ou a vara, ou o inferno; accrescentando, que dando este aos filhos, a si mesmos condemnão.

F. — Eis ahi o que ja se mencionou. Oh, que não tenho coração para castigar, dizem muitas mãis: e tens animo mãi cruel, para impurrares contigo mesma teu filho para o inferno? Esse he hum animo, que só o *Satanás* do inferno poderá ter.

P. — Tenho muito amor a meu filho para o castigar, dizem! Não, não lhe tens amor, mas sim tal odio, qual lhe pode ter o Demonio. *Lucifer* do inferno, se estivesse em teu lugar, não faria de outra sorte, assim mesmo faria, tu fazes com teu filho o mesmo que *satanás* faria, e não de outra sorte.

F. — Ah, P., que agora metteo fundo o arado! Eis ahi mesmo, o que eu tenho dito a estas tôlas mãis, que tem juizo, como huma cabaça.

P. — He o *Espirito Santo*, que assim o diz: *Qui parcit virgae, odit filium suum.* O que não castiga, aborrece, tem odio a seu filho. Mas que odio? Hum odio, qual o Demonio lhe pode ter, pois que não lhe dando o castigo, dá-lhe o inferno; o que quer e procura o Demonio; de sorte que taes Pais são mais Demonios de seus filhos, do que Pais. Clara prova he de verdadeiro amor paternal a continua correcção de seus filhos: *Qui autem diligit, instanter erudit, id est, castigat.* d.° 13. 24. O que ama a seu filho, não lhe falta com o devido castigo. No castigo tem o filho huma clara prova do verdadeiro amor paternal, e com isso se pode lisongear de ser amado por seus pais.

F. — Ainda agora me lembro de que assim m'o dizia meu Pai, que Deos tenha em gloria. Asim mesmo o faço eu entender a meus filhos, e com verdade o digo, pois sinceramente os amo. Porem nós temos ahi hum ponto de não pequena importancia, sobre o que eu o quero ouvir, e he a prudencia, com que se deve dar o castigo; porque eu exaspero ao ver como os Pais d' agora costumão castigar seus filhos.

Prudencia da correcção.

P. — Com toda advertencia eu disse, que a correcção deve ser prudente, e tanto que então deixará de ser correcção, quando deixar de ser prudente: ainda então em lugar de ser triaga, que tire o veneno da maldade, ella mesmo matará, tornando-se verdadeiro e mortal veneno. Esta prudencia he a maior sciencia, e a mais difficil na pratica. Jamais a poderá ter, e praticar o Pai, que não for sinceramente Christão, e temente a Deos; o bom Pai, que de todo o coração deseja a sua salvação, com a de seu filho; este somente, e não outro.

F. — Eu peço licença para dizer, como meu Pai me castigava, e eu com minha mulher castigamos nossos filhos, para sabermos se vamos bem.

P. — Logo o dirá. Primeiramente consiste a prudencia no que se deve castigar. Em segundo lugar na quantidade do castigo. Terceiro no modo com que se deve applicar. Em quanto ao primeiro, vêem-se Pais castigar em seus filhos o que não he culpa; e talvez nunca aquillo, que he culpa, e verdadeiramente merece castigo. Porque o pobre filho perdeo hum vintem sem culpa, porque a pobre filha quebrou hum prato sem querer chovem nelles as pancadas dos barbaros pais! Mas lá praguejará o filho, ou filha, amaldiçoará, fará outras maldades; e isso nada importa! Ah, indignos pais! Quanto melhor vos fora nunca nascerdes!

Hum Pai jamais tem authoridade de castigar em seus filhos se não aquillo, que he culpa, nem mais do que merece a culpa: como logo diremos. Seus filhos não são bestas, para sofrerem o arrocho, quando sem culpa tropeção. Mas taes pais peiores que bestas ferozes são.

Não menos o são aquelles, que dão em hum tenro menino com a força do furor sem reparar, nem attender por onde dão. Porem eu pouco posso dizer a tal respeito, porque melhores esperanças teria eu de domesticar hum urso

ou tygre do que documentar taes pais, porque me parecem monstros os mais incapazes de serem instruidos. Elles não tem algum temor de Deos, nem espirito de *Religião.* Elles serão tratados diante de Deos, como matadores de seus filhos.

Nesta conta incluo todos os pais, a que faço pouco dando-lhe o nome de barbaros, e feras crueis, que jámais castigão seus filhos, senão quando possuidos do Demonio da raiva, do furor, da ira, e do frenesi. Estes não são pais, mas sim monstros, feras, serpentes. São cães danados, que não mordem, senão quando lhes chega a raiva. Lamentarei com lagrimas de sangue os desgraçados filhos de taes pais. Diga Vm. agora, como seu Pai o castigava, em quanto allivio a dor, que me magôa o coração a lembrança do procedimento de taes pais.

F. — Tem razão, P. Eu tenho ouvido dizer a muitos desses indignos pais, que não podem castigar a seus filhos, senão quando estão irados. Com isto eu tambem me ponho em ira, e me chega vontade de lhes esmagar as cabeças, para terem juizo. Eis aqui como meu querido, e amante Pai me castigava. Eu direi tudo em hum caso que tenho bem na memoria, com tudo o que se passou, para fazer o mesmo com os meus filhos.

Fiz eu huma travessura, que merecia bom castigo. Julgo, que elle o sentio, e se temeo da ira, pois deixou passar quatro dias depois de o saber. Então hum dia pela manhãa, chamando-me, teve comigo esta pratica: » Meu filho, tal dia fizeste tal travessura, que eu não esperava de ti, supposta a educação que te tenho dado » Meu Pai, disses eu, jámais a tornarei a fazer. » Quando a tornasses a fazer, eu dobraria o castigo, que agora te hei de dar. Nem posso deixar de o fazer, apezar de sofrer eu mais dores castigando-te, do que tu sofrendo o castigo, porque te amo como a meu coração. Porem que queres tu, que eu faça? Deves saber, que o mesmo amor, que eu te tenho, me obriga a castigar-te. Se eu te não castigasse, eu seria muito máo Pai, que não olha pelo bem de seu filho. Que contas daria eu a Deos de não cumprir esta minha obrigação? »

» Pois, meu Pai, aqui está o corpo; castigue. » Deixa filho meu, que eu acabe de dizer. Tu deves, filho estimar muito que eu te castigue, porque tendo-o tu merecido, Deos não te passará sem que t' o dê. Porem eu faço, e devo fazer as suas vezes neste respeito, e espero, que castigando-te eu, Deos te perdôe. Qual queres tu: ser castigado

por minha mão, ou pela de Deos? » Pela sua mão, meu Pai » Escolheste bem, meu filho, porque a mão de Deos he muito pesada; e eu cumprirei com as minhas obrigações. Não poderei ficar socegado na minha consciencia; porque sempre me arguirá de que não cumpri bem com este meu dever. » Pois castigue, meu Pai, quanto lhe parecer, que eu mereço. » Grande o merecia a tua maldade. Sofre pois estes açoutes. »

Eu lhe offereci o corpo; porem logo aos primeiros golpes conheci, que enfraquecia de sorte, que pouco ou nada os sentia. Eu entrei a bradar, que désse com força; e quiz despir-me de todo, quando meu Pai arroja da mão as cordas, e chora. Eu pego dellas, e lh' as offereço, rogando-lhe, que désse mais, porque eu me despia de todo. Meu Pai se arroja a mim, e me abraça, me beija, e banha com suas lagrimas, e apenas dizia: Meu filho, meu filho, faze-me a vontade para fazeres a de Deos. Eu dizia: Castigue Pai, castigue Pai. » Vendo que elle o não podia fazer com as lagrimas, corro á minha rica Mãi, que estava presente, com as cordas, e lhe clamo: Castigue Mãi. » Ella se arroja a mim, e as lagimas, e gemidos não a deixavão dizer mais do que: Meu filho, meu filho.

Vendo isto, desprendido dos braços de minha Mãi, acabo de arrojar fora os vestidos, pego das cordas, e com toda a força, que tinha hia a descarregar golpes em mim, quando ambos meus ricos Pais se arrojárão a mim, a qual mais me abraçava, e beijava, e por longo tempo não me largárão. O caso he que dahi por diante fiquei eu tendo lugar á meza entre ambos os meus queridos Pais, e não vinha prato de que eu não participasse. Nada digo do amor, que sempre lhes tive. Já eu era casado quando a minha Mãi, me quiz dar hum bofetão; e eu me abaixei, porque ella estava entrevada, e lhe puz a geito a face. O caso foi porque me descuidei de levantar as mãos, e as ter postas ás graças da mesa.

A minha companheira faz mais do que eu, que vou procurando imitar a meu Pai. Ella os faz hir buscar a palmatoria, ou açoutes, faz-lhes semelhantes praticas, faz pôlos de joelhos, beijar a mão, que os castiga, e ainda a palmatoria, actos de contrição, e outras muitas cousas, porque ella para isso tem melhor bestunto do que eu. Que lhe parece P? Hiremos bem?

P. — Nada tenho a reprovar, se não muito a louvar. Nada va-

lerão os castigos, ou correcções dos filhos, se os Pais não reccorrerem á *Religião.* O que a Vm. fez desejar mais, e mais castigos, não foi outra cousa mais, que os recursos, que seu bom Pai soube tirar da *Religião.* Esta he a verdadeira prudencia, que de absoluta necessidade deve acompanhar a correcção. Lá castigará o Pai o filho; mas porque? Porque me castiga meu Pai? perguntará o filho. Porem elle conhecerá claramente, que a ira, a colera com que está he a causa unica talvez. Que bons effeitos se podem daqui esperar? Meu Pai, minha Mãi, dirão os filhos, são huns tygres, são serpentes raivosas: não mordem se não com colera! Poderão amar a seus pais taes filhos? Poderão teme-los, mas não ama-los. Eis-ahi porque se vêem tantos, e tão máos filhos.

Nolite ad iracundiam provocare filios vestros. Eph. 6. 4. Não provoqueis á ira vossos filhos, manda S. *Paulo.* Celebre recommendação! Como podem os pais provocar á ira seus filhos? Não se faz de outra sorte, se não castigando-os com ira, e mais imprudencias. Não ha filho que não receba, como deve, o castigo quando he dado com prudencia. Que filho poderá deixar de offerecer o corpo, quando o Pai lhe diga: Meu filho, castigo-te, porque assim o mereces, e eu o devo fazer sob pena de minha condemnação? Elle beijará a mão que o fere, e não perderá o affecto a seu Pai. Se os filhos são rebeldes ao castigo, se delle fogem, se faltão ao devido respeito, sobre a imprudencia dos Pais recahe este mal, porque elles se fazem temer, quaes leões, ou tygres em suas iras. Taes Pais jamais farão bons filhos, antes os provocão á ira, ao odio, e rancor contra si mesmos.

Apezar do que deixo dito, bem pode ser, que o bom Pai eduque seus filhos muito bem, sem que seja necessario lançar mão da vara. Tal pode ser a prudencia dos Pais, e a indole de seus filhos, que sem vara se possão corregir seus defeitos; nem a correcção consiste somente na vara, nas cordas, ou palmatoria. Ha mui differentes modos de corregir, e castigar; e o que não fará a vara, fará o encerramento, huma prisão caseira, huma privação, ou qualquer outro meio, que a prudencia inventará com bom effeito. Os melhores castigos são os que dão lugar á consideração, e sempre com a mansidão e prudencia devida, de sorte que os filhos se persuadão, que os Pais assim o fazem por seu bem, e porque a *Religião* assim os obriga.

Concluo que todo o costigo, que não tiver o recurso da *Religião* jamais poderá aproveitar.

Póde contudo ser tal a indole do filho, que quasi sem vara, qualquer que seja, se possa educar; e então seria barbaridade usar della. Talvez que huma filha, que não n ta no rosto da Mãi aquella satisfação que nos dias antecedentes lhe mostrava, chore, se amofine, e peça, que antes a castigue com a vara. Não ha filha alguma que deixe de ter em grandissimo castigo a negação da benção. Os Pais *Christãos* jamais deixão de ensinar seus filhos a pedirem-lhes a benção pela manhãa, á noite depois da comida, na sahida, na chegada a casa &c. Quando hum Pai, ou Mãi dissesse ao filho, ou filha: Não te abençôo, nem te trato por filho meu, porque o não mereces; não poderia dar mais sensivel castigo. Porem mui raras vezes se deve usar de tal castigo principalmente com filhas, porque he mui capaz de matar a huma filha de boa indole; e quando se use, deve ser com grandissima prudencia, que as muitas circunstancias, a que se deve attender, podem regular.

D. — De tudo isso fica bem claro, que apenas com duas grandes cousas, poderáõ os Pais educar bem a seus filhos; e são o verdadeiro espirito de *Religião*, e a rarissima prudencia, que he a maior sciencia.

F. — E que farão os Pais d'agora, que nem tem *Religião*, nem juizo?

P. — Se ao menos dessem o bom exemplo, de que vamos a fallar, não seria o mal tão grande. Não he possivel dar as regras de huma boa, e devida correcção, e apenas a grande prudencia póde ser a mestra. Advertirei aqui sómente huma cousa, a que não poderão os Pais attender demasiadamente, e em que vejo fazer-se pouca reflexão.

Eu disse, que a união conjungal foi nos nossos primeiros Pais a primeira pedra sobre que se funda o edificio da *Sociedade*, lançada por Deos. Os Matrimonios são ainda estas muitas pedras, que vão formando este edificio. São os fios com que se vái ordindo, e tecendo esta têa, que devem ficar bem unidos. Porem destes fios se vão dirivando outros, que devem entrar na mesma ordidura, e teçume; e são os filhos. Eis-aqui a que os Pais devem attender, exforçando-se por fazer reinar entre seus filhos a união mais forte, e apertada, castigando com o devido rigor o que pertender quebrar os laços da fraternidade. Devem ainda attender a que ninguem offendão, tendo sempre em vis-

ta, que seus filhos sejão uteis á sociedade, e bons cidadãos; o que só poderão ser se forem bons *Christãos.*

Exemplo Edificante.

Debalde será a instrucção a mais conveniente, em vão serão dados os castigos os mais prudentes, se não forem acompanhados dos exemplos edificantes.

F. — Eis-ahi, meu P., o que deita tudo a perder. Que exemplos dão a seus filhos os Pais d'agora? Pessimos em todo o sentido.

P. — Em quanto á *Religião*, que, como disse, deve formar todo o fundamento da educação, os filhos não poderão ter por verdadeiro o que lhes disserem a este respeito, se não notarem na pratica dos Pais inteira uniformidade. Que importa que os Pais lhes digão: Filhos, ha hum Deos, que nos vê, e residenciará de nossas obras, para dar o premio, ou castigo eterno &c. se elles vivem, como se não houvesse Deos, nem Ceo, nem inferno?

Eis-aqui a origem da pasmosa incredulidade, que vemos em *Portugal* com assombro. Jamais poderão gravar os sentimentos de *Religião* nos corações de seus filhos Pais, cuja vida não seja conforme a mesma *Religião.* Por mais que trabalhassem com palavras, e castigos, sua Fé sempre ficaria vacillante; e daqui se passa em breves passos á incredulidade. He isto tão certo, quanto o está mostrando a experiencia. Exceptuem os poucos filhos de bons Pais, e verão em tudo o mais huma pasmosa incredulidade; e quando muito huma *Religião* vacillante, oscillante, proxima a dar os ultimos arrancos, ou pegada nos corações com cuspo, para que assim diga.

F. — Haja quem diga o contrario, que eu o defenderei.

D. — Quem póde contradizer huma verdade tão clara? Se *Portugal* foi christão, ha muito que o não he.

P. — Esta he a causa, e não outra. Máos Pais, e peiores filhos! Eu não me demoro em mostrar a força dos máos exemplos em geral, mas elles a tem irresistivel nos Pais para com os filhos. Grandissimo cuidado devem ter os Pais em os guardarem das más companhias; a cujo respeito não poderia dizer o bastante; porem em seu exemplo proprio..! Elles apenas se poderão tornar inculpaveis aos olhos de Deos quando forem huns santos em seus costumes.

Vemos o genero humano em huma perfeita corrupção.

Mas d'ondem vem? Será a origem da mesma natureza do homem? Não por certo. Nós vimos, que o homem por natureza não he vicioso. Elle he susceptivel do vicio sim, mas não o tem por natureza. Por esta tem a virtude, ao menos he por natureza mais susceptivel desta do que daquelle. *Erras, si putas nobiscum vitia nasci*, disse hum Philosopho Pagão, *Seneca*; erras se julgas, que os vicios nascem comnosco: *Ingesta sunt*, elles são adventicios. Seja o homem o mais bruto de todos os brutos; a instrucção nelle faz tudo, e elle será, qual esta for. Mas de todas as instrucções a mais forte he a que lhe entra pelos olhos.

Por esta razão, para livrarem seus filhos dos máos exemplos, e escandalos, que outros lhes possão dar, os Pais jamais poderão ser demasiadamente desconfiados; peccaráõ por defeito, mas nunca por excesso. De tudo devem desconfiar, principalmente do que entra em sua casa; mais o deveráõ fazer de quem lhes disser o contrario; e ainda mais de quem disso os arguir, qualquer que elle seja, ou homem ou mulher. Desconfiados devem ainda ser de que seus filhos não notem em sua conducta cousa alguma, que os possa desedificar.

Para que diga tudo de huma vez, os filhos seráõ quaes forem os Pais em seus costumes. Esta he a regra geral, que mui poucas excepções pode ter. Por isto são chamados nas divinas *Escrituras* filhos de abominação os filhos de máos Pais: *Filii abominationum fiunt filii peccatorum. Eccl.* 41. 8., não porque assim nasção, mas porque assim se fazem pelos máos exemplos de seus Pais, porque se por natureza fisyca os filhos seguem a condição dos Pais, mais o fazem pela natureza moral. Se o Pai he bom, tal he o filho; se máo, não muda a natureza: *Mortuus est pater, & quasi non est mortuus, similem enim sibi reliquit post se.* d.º 30. 4. Morreo o Pai, porem cá deixa o filho bem semelhante a si, e foi como se não morresse. Não he outra a condição da filha; pois que he bem semelhante á Mãi: *Sicut mater, ita & filia ejus. Ezeq.* 16. 44.

F. — Nem mais nem menos. A' louca mãi succede a filha louca. Mas como não hade ser assim, se quando aquella já por escaqueirada não figura por si nas assembleas quer figurar pela filha? Pobre filha!

P. — La disse J. C. que não póde produzir bons frutos a má arvore, nem máos frutos a boa arvore: *Non potest arbor*

bona malos fructos fecere, nec arbor mala bonos fructos fecere. Math. 7. 18. Isto he o que vemos neste respeito; e o contrario seria hum desmancho da natureza. Nascem os desgraçados filhos com os bons destinos, intentados por Deos; são postos no bom caminho por meio do Baptismo; porem que desgraça! Elles se fazem filhos de abominação, não por sua natureza, pois que nascêrão com proporções de serem huns santos, mas sim pelos máos Pais. Desgraça pois sobre toda a desgraça he para elles o serem filhos de máos Pais! Elles apenas poderão ser bons por hum grande prodigio.

A. — Não queira, P., levar a tal ponto essa difficuldade. Será sim raro, mas não somente factivel por milagre, pois que ainda se vêem bons filhos de máos Pais.

P. — Convenho, que assim seja, mas não sem grande prodigio, ou milagre das misericordias do *Senhor*. Quando o impio *Coré*, com outros malvados se levantárão contra *Moyses*, pertendendo arrogar a si as suas autoridades, se abrio a terra, e os tragou vivos: mas accrescenta o sagrado texto, que succedeo então hum grande milagre: *Factum est grande miraculum.* E qual seria este milagre?

D. — Deveo ser o abrimento da terra para os tragar vivos.

F. — Grande milagre he não se abrir ella para engulir em suas profundezas a todos os que se levantão contra as legitimas autoridades, principalmeute as espirituaes, fazendose... sem o serem. Valha-me Deos! Estes freios..!

P. — Não consistio ahi o milagre, mas sim em que sendo tragado o pai, seus filhos ficassem salvos: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte filii ejus non perirent. Num.* 26. 11.

A. — Mas se os filhos estavão innocentes, como havião de incorrer na pena?

P. — Eis-ahi o grande prodigio, que consistio em não seguirem estes filhos a maldade do pai. Eis-aqui como o explica *Calmet.*: *Neque enim nisi ingenti miraculo fieri poterat, ut filii se ditiosorum, ita servarentur a Deo, ut criminis patrum suorum participes non fierent. ibi.* Não podia succeder sem grande prodigio, serem tão favorecidos de Deos estes filhos, que não se fizessem participantes da maldade de seus pais. Bons filhos de máos pais, apenas por grande milagre, que os suspenda, como nos ares, para que não se precipitem com os pais. He assim que deverão ficar suspensos nos ares os filhos daquelle máo pai, quando a ter-

ra se abrio, em quanto se não tornou a fechar: mas muito mais suspensos da mão de Deos deverão estar os filhos para não seguirem em tudo a maldade de seus indignos pais.

Se isto he sómente quando he má a conducta do pai, que será, quando nem na mãi achem os filhos cousa boa, que possão imittar? A maldade de hum e outro se amontoará sobre os desgraçados filhos, pois que pasticiparáõ dos máos exemplos, e conducta de hum, e outro. Diz-nos *Esdras*, que tomando os *Judeos* por consortes mulheres *Azotidas*, que tinhão differente lingoa, os filhos fallavão huma lingoagem que participava de ambas as lingoas, porque ouvião fallar aos pais huma lingoa, e outra ás mãis. Nem *Judaica*, nem *Azotidamente* fallavão, unindo em huma a lingoagem do pai, e da mãi: *Filii eorum ex media parte loquebantur Azotidé, & nesciebant loqui Judaicé, & loquebantur juxtam linquam populi & populi.* 2. *Esdr.* 13. 24.

He isto mesmo, o que os filhos fazem: hão de aprender de ambos os Pais, vindo a reunir-se nelles a maldade, os máos costumes de hum, e outro. Para que isto não succeda, para que haja excepção nesta regra, havendo bons filhos de máos Pais, he necessario o grande milagre das misericordias do *Senhor*, em que ninguem póde confiar.

A este mal accresce outro, não sei se ainda peior; ao menos torna este gravissimo. Os máos costumes, que os filhos herdão dos Pais, de tal sorte se radicão nos corações dos desgraçados filhos, que não sei como, e de que modo se possão corregir. Julgo, que não será necessario outro menor milagre.

F. — Diz a verdade P., e perdôe-me porque não me posso conter. Tenho eu tido creados filhos de Pais amaldiçoadores, e praguejadores, e por isso taes como elles. Minha mulher diz o mesmo de algumas creadas. Temos feito quanto temos podido para os corregirmos, já com os castigos, já com promessas, e já com a doutrina. Porem tudo perdido ainda nada conseguimos; de sorte que depois desta experiencia não nos entrou, nem entrará por creado em casa filho algum de taes Pais, nem que fosse de graça.

P. — Não tem força para corregir taes filhos, nem instrucções, nem ainda os mais reciprocos castigos. No 4.° Livro dos *Reis*, que faz parte da sagrada *Escritura*, temos huma boa prova. Póstos os *Hebreos* no cativeiro, se esquecêrão da *Lei*, que Deos por *Moyses* lhes havia dado, e cahirão

na idolatria. Enviou-lhes o Ceo castigos; e hum delles forão leões, que por toda a parte os devoravão; cujo castigo não ignoravão vir-lhes das mãos de Deos: *Immisit in eos Dominus leones, & ecce interficiunt.* 4. *Reg.* 17. 26.

Derão esta noticia ao Rei *Salmanazar*, que deo ordem para enviarem a esta porção de povo hum Sacerdote da sua *Religião* para os ensinar a sua Lei, e a servirem ao seu Deos: *Ducite illuc unum de Sacerdotibus, quos inde captivos adduxistis, & vadat, & habitet cum eis, & doceat eos legitima Dei terrae.* d.° 27. Foi; e com effeito que fruto se não poderia esperar? Este Sacerdote, que deveria ser instruido, prégando de huma parte, Deos de outra ameaçando com os leões, que afiavão as garras para os devorarem, quem diria, que não seria grande o fruto, e que tudo se converteria ao verdadeiro Deos, corregindo-se de seus máos costumes? Contudo não succedeo assim contra toda a expectação. E qual a razão?

Que terrivel he a má educação, e os máos exemplos dos Pais! Não dá outra razão o sagrado texto deste pasmoso successo. Forão estas gentes, diz, na verdade tementes a Deos, e contudo servião, e adoravão os Idolos: *Fuerunt gentes istae timentes quidem Deum, sed nihilominus & idolis suis servientes.* Quem tal diria! Que contradicção esta! Parece incrivel! Pois se elles temião a Deos, como podião adorar os Idolos? Porem eis aqui a pasmosa força dos máos exemplos dos Pais. Os desta gente havião sido Idolatras; e tão afferrados estavão estes filhos a tão pessimo exemplo, que apezar do temor de Deos, dos leões, e das prégações do Missionario, jámais largárão a Idolatria, adorando os falsos deoses: *Nam & filii eorum & nepotes, sicut fecerunt patres sui, ita faciunt usque ad praesentem diem.* d.° 41.

D. — Parece-me esse caso dos mais singulares.

P. — Custaria a crêr, a não o vermos nos sagrados Livros; porem tal he a força dos máos habitos radicados desde a infancia, principalmente quando autorisados pelos exemplos dos Pais: elles se fazem naturaes; e para os arrancar he necessario, que se constitua o homem, e se forme huma outra natureza. He isto o que diz o *Proverbio*: *Adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit, non recedet ab ea.* Prov. 22. 6. Bebem com o leite a maldade, que lhes vai entrando pelos ouvidos com as más palavras, e doutrinas; entra-lhes pelos olhos com os máos exemplos, radicão-se nos ossos, e se encorporão os vicios com a mesma pratica,

e os levaráõ á sepultura. He isto mesmo o que diz o St.° Job: *Ossa ejus implebuntur vitiis adolescentiae ejus, & cum eo in pulvere dormient.* 20. 11. Em seus ossos entrão os vicios, com elles se indurecem, e ainda quando reduzidos ao pó, serão estas cinzas amaldiçoadas, porque ellas ainda são viciosas; *Cum eo in pulvere dormient.*

Eis aqui porque *Jeremias* leva a huma impossibilidade phisica a correcção dos máos habitos, por isso mesmo, que entrando em a mesma natureza, se fazem naturaes; e então somente se poderáõ corregir, quando mude de natureza. Se o negro da *Ethiopia*, diz, pode mudar a sua pelle, e fazer-se branco, e se pode o Leopardo mudar a variedade de suas côres, poderáõ obrar bem, os que se acostumárão a obrar mal: *Si mutare potest Ethiops pellem suam, aut pardus varietates suas, & vos poteritis benefacere, cum didiceritis malum.* 13. 23.

F. — Sabe como eu entendo isso? E olhe, que entendo bem. Tem o gato por natureza filar o rato. Ora segurem o gato mostrando-lhe o rato, e veráõ a unhada, que levão! Segurem o galgo mostrando-lhe a lebre! Segurem o cavallo rinchãó quando vê...

P. — Nem tanto para entendermos he necessario.

D. — Isso chama-se fallar portuguezmente, Sr. Freguez.

F. — Pois o m. Ab. quer fallar de meias! Vai-se logo ao fundo, e dê-se o nome aos bois. Assim mesmo são os viciosos filhos de máos Pais, principalmente os incredulos. Segurem-nos nas occaziões de suas iras, das suas vinganças, sobre tudo das suas sensualidades! Seria isso pertender que o fogo não queimasse, nem a agoa molhasse.

Consequencias da má educação.

P. — Por todas estas razões eu não posso lamentar sufficientemente a desgraça dos filhos de máos Pais, nem pôr no devido horror a maldade destes, pelas fataes consequencias, que se seguem. Se ellas tivessem fim, e não se estendessem alem delles Pais, não teriamos tanto que lamentar: porem ellas seguem huma interminavel marcha. Passão primeiramente aos filhos! Eis aqui estes desgraçados sofrendo sobre si a maldade, e perversidade de seus Pais; e para fallar a divina lingoagem, por elles sacrificados aos Demonios, pois que neste sentido se pode entender, o que diz o *Psalmista* daquelles impios Pais, que sacrificavão seus filhos, e fi-

lhas aos Demonios: *Immolaverunt filios suos, & filias suas Doemoniis.* 105. 37. Em honra dos Demonios, com varios tormentos os sacrificavão, conforme o costume dos gentios; porem estes máos, e impios Pais fazem o mesmo. He *St.° Agostinho* que assim o affirma, quando disto duvidassemos: *Doemoniis immolare censentur filios parentes illi, qui malé educant, libidini exponunt, vel etiam prostituunt.* Sacrificar aos Demonios seus filhos se julgão aquelles Pais, que os educão mál, expoem-nos aos perigos da libertinagem, e talvez prostituem.

F. — Quem o poderá duvidar? Deos lhes entrega estas joias preciosissimas, quaes são as almas de seus filhos, que remio com o seu sangue. Elle lhes diz como a filha de *Pharaó*: Toma este filho, esta joia, guarda, cria, nutre para mim; ainda que tu es Pai, ou Mãi, ella he minha. E que fazem estes pessimos Pais? Crião-os para o Demonio, a elle as entregão, porque as fazem servir a elle. O' máos Pais, como vos havereis com Deos no dia da conta?

P. — Com razão estes infelizes filhos se queixaráõ de seus Pais pelas suas desgraças: *De patre impio*, diz o *Ecclesiatico, quaeruntur filii, quoniam propter illum sunt in opprobrio.* 41. 10. Do Pai impio, da louca Mãi, se queixão os filhos, pois que por sua causa elles se vêem em opprobio, e em desgraça.

F. — Não me mande agora calar P., que lhe não obedêço. Eis ahi o que eu sempre tenho dito a estes máos Pais. Elles são os proprios que os deitão a perder; elles os deixão andar por onde querem, sem nada lhes importar; elles os deixão associar com malvados, e como elles se fazem; elles mesmos são os que os levão ás tabernas, ás más casas, aos theatros, ás assembleas, e em fim elles mui de proposito os deitão a perder. Os desgraçados filhos com razão poderião imitar aquelle de quem eu ja li, que indo para a forca por maldades, que fez, encontrando o Pai, e pedindo-lhe hum abraço por despedida, lhe arrancou com os dentes o nariz, dizendo-lhe: He este o premio, que te dou, pois não posso dar outro, em agradecimento da educação, que me deste, pela qual eu vou agora morrer na forca.

Que direi das loucas Mãis, que fazem loucas as filhas? Ellas são as proprias que as perdem; principião logo desde a infancia a faze-las vaidosas, levianas, e a tirar-lhes o juizo que devião, ou poderião ter, ellas se babão ao verem a menina apparecer como boneca, ou figurina propria para

dançar em cordas por arames; não lhes escapão as modas, nem as modinhas para pôrem a menina á franceza; menos a dança nos bicos dos pés, como arlequim, que vôe com os ventos com pennas de pavão. He isto o que fazem as Mãis que presumem ser christãas; esta he a educação da moda.

Ellas fazem mais. A desgraçada menina ha de apparecer a tomar a visita áquelle, que a procura para a perder, ha-de fazer o chá, e dizer suas graças para fazer babar a tonta Mãi, mais a leviana Tia, que passando dos quarenta, ainda não tomou juizo, e talvez presuma de devota, vendo louvada a menina de discreta. He muito delicada a menina, que não pode andar se não de braço dado. Mas a quem? Oh, Deos! He a propria Mãi, que a leva ao theatro, á sociedade, á dança, á... á... o coração se me parte. A menina vai perdida..! Ah, Mai..! Ah..! Quem he a causa? Tu es o *Satanás* da tua filha.

D. — De tal sorte o representa, que me faz tremer.

F. — Que tem que dizer contra isto? Pois ainda ouça mais. St.ª *Thereza de Jesus*, indo ao inferno em vida vio lá huma filha, que atormentava a Mãi, e esta a filha, dizendo: maldita filha, foste a causa de minha condemnação pelas liberdades, que tomaste, e peccados, que fizeste: aqui te atormentarei, e me vingarei de ti. » A filha pelo contrario bradava desesperada: maldita mai, que foste a causa da minha perdição; se tu me desses boa criação, não me trouxesses pelas más casas, más companhias, e não me desses taes liberdades, eu não me condemnaria, eu estaria agora no Ceo, por tua causa estou no inferno, eu serei o teu Demonio atormentador, eu me vingarei de ti por toda a eternidade. » Ah! A quantos Pais a quantas Mãis succederá o mesmo, e está já succedendo! Estes Pais d'agora não tem nem sombras de *Religião*; não tem Fé nem viva, nem morta.

D. — He inegavel essa verdade, ainda que terrivel para os Pais; he clara consequencia do que fica dito, e não menos evidente concluzão de que a Fé, ou crença das verdades eternas está inteiramente extincta em taes Pais, que por desgraça são quasi todos.

P. — Assenta o que acaba de dizer o Fr. em hum principio certo, cuja verdade fica provada, e he, que á má educação se deve a dissolução dos filhos. Sendo os Pais os culpados, deverão soffrer a pena. S. *Cypriano* faz fallar no mesmo sentido, os desgraçados filhos condemnados, quei-

xando-se dos Pais: *Non nos perdidimus, perdidit nos paterna perfidia.* Não fomos nós que nos perdemos, mas sim nos perdeo a paterna perfidia; a impiedade de nossos Pais nos perdeo: *Parentes nostros sensimus parrecidas.* Nossos Pais forão huns infernaes verdugos de nossas almas. Que inestimavel favor nos faria, se ao dar-nos á luz, tirassem logo a vida! Nós se tivessemos bons Pais, que nos dessem a devida educação, estariamos agora entre os *Bemaventurados*; mas eis-nos aqui condemnados. Malditos Pais &c. *Non nos perdidimus, perdidit nos paterna perfidia: parentes nostros sensimus parrecidas.*

F. — Ah, desgraçados filhos de máos Pais!

P. — Porem o mal cresce. Não temos a lamentar sómente a desgraça de huns, ou outros filhos, mas de gerações inteiras. Os máos exemplos dos Pais, com a pessima educação, não são outra cousa, que humas fortes cadeas, ou longas cordas, que prendendo nos Pais lá desde o inferno ligão os filhos, e talvez toda a geração futura, a puxão, e levão ao mesmo lugar. Eu me explico melhor.

Haverá hum Pai, ou Mãi, amaldiçoador, ou praguejador, que talvez o herdasse já de seus Pais, seus filhos seráõ o mesmo, os netos não serão outros; e por gerações, que não sei até onde se estenderáõ, se estenderá este malvado costume. Eis ahi este Pai no inferno puxando a elle por toda esta depravada geração. Hirão cahindo huns sobre os outros, como filhos de taes pais, e pais de taes filhos. O mesmo digo de outros vicios.

F. — Como não ha de ser assim, se esses praguejadores, e amaldiçoadores, pais, e filhos são todos diabos! Como não hiráõ ao inferno! Este he o nome com que se tratão.

A. — Não diga blasphemias!

F. — Não me retruque, porque não estou em mim. Vm. ignora a historia. Passou hum homem por hum menino, a quem perguntou, como se chamava? „ Eu chamo-me diabo. „ Pasmou o homem; e perguntou pelo nome do pai. „ Meu pai he o diabo, respondeo. „ Tua mãi como se chama? „ Chama-se diabo. „ Tens irmãos? Como se chamão? „ Meus irmãos chamão-se diabos. „ Que assombro não teve este homem! Inquirio a causa, que achou não ser outra, que não haver naquella casa nem *João*, nem *Maria*, senão o Pai á mulher, e aos filhos: ó diabo, ó diabos; o mesmo a mãi ao marido, e aos filhos; os filhos huns aos outros. Não tem outro nome.

Eis aqui como estão os portuguezes ; não se ouve palavra em que não venhão logo os diabos ; elles não sabem outro nome ; o diabo anda na boca porque reina no coração ; elles não querem ser se não diabos ; suas casas são casas de diabos. Como poderáõ entrar diabos no *Ceo* ?

A. — Vm. faz tremer! Mas eu lhe prometto que jamais me ouvirá tal pratica.

D. — Ella na verdade he mais propria de condemnados, que de homens, que presumem crêr em Deos. Julgo que a materia está esgotada ; ou ao menos ficâmos instruidos nas terriveis obrigações dos Pais, para nos podermos guiar na eleição de estado.

P. — A materia he inesgotavel. Muitas Palestras não serião sufficientes para o fazermos. He tão vasta, e tão extensa, que jamais algum poderia lisongear-se de haver dito tudo o que he relativo a este dever dos Pais. Eu sómente direi, que o poderáõ desempenhar aquelles Pais ; que recebendo em graça de Deos este Sacramento, com as santas benção, se conservarem sempre no temor de Deos, e sinceros desejos de sua salvação.

He tanto isto necessario, quanto o he para a educação a mesma *Religião*, a que os Pais devem sempre recorrer de hum modo, que fação persuadir os filhos, que a tem gravada no coração, pois se por desgraça entenderem os filhos, que os Pais apenas a tem na boca, nada poderáõ conseguir.

Com isto concluâmos, dando hum golpe de vista ás bellezas da Santa Religião relativamente á *Sociedade*, sobre que ja disputámos, e levantemos hum pouco o véo, que encobre as maravilhas da economia de Deos para com o genero humano, recordando-nos do que deixâmos dito.

Creando Deos o genero humano, o fez em homem, e mulher para lançar esta primeira pedra fundamental da *Sociedade*, pois que de outra sorte, não o poderia fazer. Elle institue esta primeira união, como primeira pedra deste edificio, e sobre ella lança outras, e outras pedras, que são as futuras uniões conjugaes, que se continuaráõ até o fim dos seculos.

A quem não agrade a comparação de edificio, sirva-se da comparação da têa. Não he outra cousa a *Sociedade* em que Deos creou o genero humano. Temos as primeiras linhas na primeira união, que continuárão a ordir-se, e a tecer-se com as seguintes, e continuadas uniões conjugaes.

Porem isto não era o bastante. Deos conhecia a condição do homem, que creava, e achou necessario multipli-

car os laços desta união fundamental. Sugeitou a mulher ao dominio do homem para formar o centro da união em unidade, que o deve ser da *Sociedade*, que deste centro vai a sahir, que são os filhos, que debaixo desta cabeça, que tem a autoridade forma a *Sociedade* dome-tica, que se enlaça com outras semelhantes. Porem de balde seria tudo isto se Deos não lançasse outros laços para apertar estes. Com effeito os lança, e taes, que sendo fortissimos os faz prender em si mesmo, fazendo-se centro desta, e de toda a *Sociedade*, que della devia sahir.

D. — Eu alcanço essa verdade lembrando-me de que Deos pôz a sua autoridade na paternidade, e ficou sendo a autoridade paternal toda a autoridade civil.

P. — Muito bem. Ahi vemos toda a *Sociedade* com hum só centro, que he Deos. Brevemente veremos novos laços lançados por Deos, para ligar comsigo, como centro, a *Sociedade*, cujos laços se ligão, ou devem ligar, multiplicar, e fortalecer com a *Religião.* Se esta se relaxa, a união se relaxará; se esta se perde, a *Sociedade* se perderá. Poderáõ sim os homens viver em Sociedade, mas formada somente pelo temor, e qual a sociedade de escravos debaixo do jugo de ferro, mas não de homens verdadeiramente livres no verdadeiro sentido, porque esta somente a *Religião* póde formar.

F. — Eis ahi como todos estamos! Sociedade de escravos debaixo dos grilhões de ferro, ao mesmo tempo, que proclamão a liberdade.

P. — Eis aqui porque digo, que, para a devida educação dos filhos se requer nos Pais de necessidade absoluta a *Religião*, bem radicada no coração, sentimentos, conducta, e procedimentos verdadeiramente religiosos com muito, e grande temor de Deos. Então poderião educar bem seus filhos, de quem ámanhãa fallaremos, mostrando seus deveres, e obrigações, afim de que consigão huns, e outros seus destinos, e concorrão para o bem da *Sociedade* portugueza, que vai parecendo mais sociedade de feras, que de homens, por isso mesmo que vão quebrando mui de proposito os laços, que a união, que são os da *Religião*, que Deos não permitta apartar de nós.

F. — Ai minha santa *Religião*! não me fujas deste Reino desgraçado.

P. — Saudemos a Mai de Deos, e dos homens, e lhes peçâmos a sua Benção.

PALESTRA TERCEIRA.

Filhos.

PALESTRANTES.

Parocho, *Materialista*, *Deista*, e *Freguez*.

Introducção.

Parocho — Vivão, meus Senhores, e tenhão boa tarde. Julgo, que passárão bem; o que muito estimo. Eu me encaminho ao nosso theatro; venhão quando quizerem.

Deista — Ja nos apprescutâmos immediatamente.

Materialista — Eu farei hoje de *Filho*, pois na verdade o sou. Ainda vivem meus pais.

Freguez — Desgraçados pais com hum filho *Material*!

P. — Valha-me Deos com este homem!

F. — Sou bem bom Freguez. Ao menos não sou *Material*!

M. — Eu quero saber, Sr. Ab., como devo portar-me com meus pais, e quaes as minhas obrigações.

P. — Bom he que procure sabê-las, e ainda mais desempenha-las, pois que então se poderá lisongear de se salvar de hum diluvio universal, qual outro *Noé*, e seus filhos. A desobediencia, a rebeldia, e ingratidão da presente filiação, ou geração, parece hum diluvio, que a tudo alaga. Ao menos podemos considerar a ingratidão para com os pais, como huma grossa torrente, que envolve em turvas, e negras agoas a presente geração. Feliz o filho, que della se tem preservado; e felizes os pais, que gosão do inestimavel bem de possuirem hum bom filho. Admira, que nos tempos daquelle diluvio universal, apenas se achasse hum so bom pai, qual foi *Noé*. Tão universal foi a corrupção do genero humano!

Porem ainda mais admira, que havendo hum so bom pai, ainda se achassem tres boas filhas, mulheres dos bons tres filhos do bom pai. Eu, para satisfazer a esta admiração direi, que estas tres filhas, ou o erão naturaes de *Noé*, ou por elle educadas, como suas mui proximas parentas: pois como ontem vimos, sendo taes os filhos, quaes os pais, e sendo que presentemente apenas se achará entre estes hum justo *Noé*, qual será a condição da presente geração? Qual pai, e quaes filhos se abrigaráõ na Arca da salvação deste diluvio da corrupção?

D. — Lembro-me, P., daquella *Prophecia*, que se me não engano, he do grande Apostolo S. *Paulo*, que mencionámos nas nossas *Disputas*, em que mostrou com bastantes razões estar-se agora verificando. Parece-me, que falla nos filhos desobedientes a seus pais.

P. — Mais alguma cousa diz; e he necessario, que outra vez nos sirvâmos della para bem nos desenganar-mos de que estamos nestes tempos perigosos, e tão perigosos, e desgraçados, que ha tantos seculos ja davão cuidado, para que assim diga, ao mesmo *Espirito Santo*, que os mostrou aos Santos Apostolos afim de prevenir para elles sua Igreja. Eis aqui pois como se exprime o grande *Apostolo* escrevendo a seu Discipulo *Timotheo*: *Hoc scito quód in novissimis diebus instabunt tempora periculosa.* 2. Tim. 3. 1. Sabe, que nos ultimos dias do mundo seráõ os tempos perigosos; haverá então muito a temer pela maldade, que dominará no genero humano. Descrevendo o caracter dos homens, que então virião ao mundo nestes tempos desgraçados, seus vicios, e maldades, que já vimos serem em tudo os mesmos, diz: *Erunt homines... parentibus non obedientes, ingrati, scelesti, sine affectione.* d° 2. Seráõ nestes ultimos tempos os homens malvados, e huma depravada geração, e raça de filhos desobedientes a seus pais, e superiores, quaesquer que sejão, ingratos aos beneficios, que delles recebem, malvados para com elles, e sem affecto, sem sentimentos, sem reconhecimento do que devem a quem lhes deo a vida.

F. — Eu affirmo, e protesto, que são estes esses mesmos tempos, pois os filhos d'agora são os mesmissimos, que diz o o Santo *Apostolo*. Ninguem o poderá negar.

M. — Como não ha de ser assim, se os pais não lhes dão a devida educação? O mal vem de longe; e os pais são os culpados, como já fica provado, e eu o experimento.

P. — Os pais presentes já forão filhos, e os que lhes succedem

vão seguindo as mesmas pisadas; e o mal he geral. Não deixão de haver alguns pais que ainda conservão os bons sentimentos de *Religião*, mas nem por isso merecem o nome de bons pais relativamente á educação, como vimos. Talvez elles queirão, e não sabem; talvez elles ainda cumprão com as suas obrigações, e contudo seus filhos se corrompão nesta corrupção geral.

Nós devemos saber que esta depravação de filhos he systematica, e fundada em principios; e como tal ensinada, e proclamada pelos Incredulos do tempo; talvez ainda pelos mesmos pais a seus filhos; do que vão recebendo, e receberáõ bom pago. O pai impio, o pai incredulo, e atheo assim quer os filhos! A tal ponto tem chegado a depravação! Estas são as que o mesmo *Apostolo* chama doutrina de Demonios, como vimos, e por isso podemos dizer, que taes pais são Demonios de seus filhos. Não ignorâmos, que nossos incredulos; ou sejão pais, ou filhos, não querem a Deos, nem por sombras. Seu systema fundado no puro *Atheismo*, ou Materialismo, suppõe que não ha hum *Deos Creador* do homem! Por consequencia o filho não deve mais a seus pais, apezar de homens, que hum animal bruto, em cuja cathagoria se considerão.

F. — Isso mesmo he. Fazem conta estes pais quando deitão ao mundo hum filho, que são duas bestas, que tiverão hum poldro, ou pol... Deixem-me fallar portuguez claro, pois não entendo latinorios. Mas estejão elles certos, que hão de soffrer os couces de taes bestas, pois como taes os tratárão.

D. — Tem razão, Sr. Fr. Esse mesmo he o systema da incredulidade dominante; e fica já mui bem provada.

P. — Eu pois continuando no meu dever, que me impõe o de *Defensor da Religião*, coherente nas verdadeiras doutrinas, tendo confundido as impiedades dos loucos systemas da incredulidade, mostrarei, o que os filhos devem a seus pais. Praze aos *Ceos*, que huns, e outros abrão os olhos a estas verdades, e ponhão barreiras a esta grossa torrente da corrupção, e depravação, que tudo alaga. O bem será vosso, e eu me lisongeio de vo-lo procurar por todos os meios.

M. — Eu o agradeço pelo que me toca. Mas eu quero saber o que devo considerar em meus pais, e o que...

P. — Queira primeiro saber o que he para os pais hum bom, ou hum máo filho; e satisfarei depois aos seus desejos. Eu rogaria aos pais, e aos que se destinão a sê-lo, que fizessem esta reflexão a fim de procurarem com o maior cuidado a

boa educação de seus filhos, pois que mesmo neste mundo terão o premio huns e outros.

F. — Tenha tambem cuidado não lhe esqueça ahi hum ponto, que cá me está fazendo cócegas. Os pais d'agora pensão que darão boa educação a seus filhos pondo-os em certas casas. Mas o que lá aprendem he a serem bestas, conforme o systema cavallar.

M. — Dou-lhe toda a razão, porque de taes casas tirei eu o meu *Materialismo*, que se me ensinou por systema. Arrasadas fossem taes casas!

F. — Eu não o ignoro, vendo os mestres, que lá mettem. Meus filhos são educados por mim, e não obstante, que o Mestre da aula he bom, sempre me informo do que aprendem, e não lhe compro livros, sem approvação cá do meu *Abbade*.

P. — Diz o *Espirito Santo*, que os filhos, e geração, são a corôa de seus pais: *Corona senum filii filiorum. Prov.* 17. 6. Porem são mui differentes as corôas, conforme a materia de que se formão. Ha corôas de ouro com brilhantes, e lustrosas pedrarias engastadas, que enchem de honra, e prazer, a quem as põe. Tambem as ha de ferro, metal duro e pesado, assim como de espinhos, que traspassaráõ, e pungiráõ a cabeça com agudas dores. As primeiras daráõ a seus pais os bons filhos, enchendo-os de honra, e prazer. Ainda as daráõ de rosas, que com sua fragrancia deliciaráõ os pais apezar dos espinhos dos trabalhos da educação, de que se cercão as rosas. Porem nos máos filhos, desobedientes, discolos, rebeldes, e mal educados não terão a esperar mais, que corôas de ferro, de abrolhos, e de espinhos, que os atormentaráõ todos os momentos de seus dias, e lhes darão huma velhice desgraçada.

A Paternidade he Divina.

Supposto isto direi agora, que hum filho deve reconhecer em seu pai, não só a autoridade divina, mas ainda hum *Lugar-tenente* de Deos, mesmo hum *vice-Deos.*

M. — Parece muito! Creio sim, que hum pai tem de Deos autoridade sobre seus filhos, porem não tanto que....

P. — Não tem que duvidar. Eu hirei desenvolvendo esta verdade; e então opporá, o que lhe parecer. *Honóra patrem tuum, & matrem tuam. Exod* 20. 12. Honra teu pai, e tua mãi. Eis aqui o grande mandamento, que Deos impoz sem duvida aos filhos de *Adão*, gravou em taboas de pedra,

na Lei *Moysaica*, e J. C. imprimio nos corações de todos com palavras, e exemplos. Nada vemos nas Divinas *Escrituras* mais fortemente intimado, mais vezes repetido, e por mais razões, e meios recommendado, do que este mandamento. He elle o primeiro na segunda taboa da Lei, e o immediato aos que dizem respeito á honra de Deos. Desta sua honra, passa logo á honra dos pais, como que logo se segue, e lhe he mui semelhante.

O *Ecclesiastico* nos diz, que honra aos pais o que teme a Deos, e que o temor de Deos faz, que se honrem os pais: *Qui timet Deum honórat parentes.* 3. 8. O temor de Deos, a honra, a reverencia, e o respeito e amor, que devemos a Deos, induz, e obriga a honrar, respeitar, e amar os pais. Mas porque razão?

M. — Porque o mesmo Deos assim manda. Esta a razão.

P. — Não o nego, porem deve saber, que álem dessa ha ainda outra bem natural, pois que naturalmente da honra de Deos se segue a honra dos pais, nem se póde dar aquella sem esta. Jamais se poderá honrar a Deos sem honrar os pais.

F. — Meus filhos, ouvi isto. Comvosco se fállá.

P. — A honra de Deos anda tão unida com a honra dos pais, que não se poderá honrar a Deos sem honrar os pais. Logo que se queira honrar a Deos, hão-se honrar os pais; e de balde presumirá honrar a Deos aquelle filho, ou filha, que não der a seus pais a devida honra. Pelo contrario quem honra e respeita a seus pais honra e respeita a Deos. Tão unidas andão estas honras! Para melhor dizer, a honra dos pais, dada do modo, que se lhes deve, he a mesma honra de Deos. A razão disto he, que hum pai, para com seus filhos, representa a mesma *Pessoa* de Deos, como seu *lugar-tenente*.

O que teme a Deos, isto he, o que honra a Deos, honra a seus pais, diz o texto; e logo accrescenta: *Et quasi dominis serviet his, qui se genuerunt.* Como a senhores servirá aquelles, que o gerárão: *Quasi dominis*, *quasi diis*, verte outra letra, como a *Deoses*, isto he, como a Deos, cuja *Pessoa* elles representão, e que nelles deposita a sua autoridade, e poder. Deos he o verdadeiro Pai de todos, e como tal, he o que tem o poder, e autoridade sobre os homens de quem he o Creador; porem elle a transfere nos pais, e nelles a deposita, pois que elles são os instrumentos, de que se servio nesta creação. Por isso diz o texto, que

honrando o filho a Deos, como seu creador, deve servir, e honrar seus pais, que o gerárão, tendo parte nesta creação, de que Deos he o principal Autor, absolutamente necessaria. Eis porque diz ainda o texto, que Deos honra os pais entre os filhos: *Deus honoravit patrem in filiis.* d.° 3. Deos os honra dando-lhes com os filhos a paternidade, que he só propria delle; e com ella a autoridade annexa á creação.

D. — Julgo, que temos entendido. A creação he só propria de Deos; porem como os pais são tambem creadores, ou servem de instrumentos nesta creação, quer Deos repartir com elles a mesma sua honra.

P. — Não só a reparte, mas nelles a deposita, e transfere juntamente com o poder, e autoridade. He assim, que se exprime entre outros muitos hum Expositor deste texto: *Deus suum honórem, jus, & imperium transfert in parentes, jubens filiis, ut eos quasi suos vicarios venerentur, audiant, & obediant. Alap. ibi.* Deos transfere, e deposita nos pais a sua honra, direito, e imperio, mandando aos filhos, que os venerem, oução, respeitem, e obedeção, como a seus vigarios representantes de sua mesma Pessoa.

D. — Essa doutrina, P., parece-me que não deixará de ter inconvenientes, e não boas consequencias.

M. — Eu as considero mui graves. Desse modo serão os pais senhores absolutos de seus filhos; poderáõ ser mais tyrannos do que pais; e não ignora, que ha pais tão máos, que obrigão seus filhos a más cousas.

P. — Porem os pais não devem ignorar os limites de suas autoridades, que pelo mesmo Deos lhes são presentes. Hum pai, que não se conduz com seus filhos, como deve, não póde considerar-se, como lugar-tenente de Deos, e representante de sua *Pessoa.* Quando pertende obrigar, ou induzir seu filho ao mal, não póde ser que obre em Nome de Deos, nem o filho deverá obedecer-lhe, sem que mesmo por isso lhe faltasse á honra, que lhe he devida por outros respeitos.

Eis aqui huma consideração, que os pais devem ter presente, para bem desempenharem suas obrigações, e deveres, e he portarem-se em tudo, como que representão, e desempenhão o lugar de representantes da *Pessoa* do mesmo Deos. Não darião então occasião a que os filhos os desobedecessem, podendo-lhes dizer, que se não portão com elles como Deos quer, e manda. Os filhos cumpririão então os seus deveres; elles os honrarião, obedecerião, e ve-

nerarião, como Deoses visiveis: *Probi filii*, diz Philo, *parentes suos ut deos quosdam visibiles, colunt, & observant.* Hum máo pai representará a pessoa do mesmo Demonio tentador de seus filhos. Entretanto procurem estes dar-lhe a possivel honra, sem contudo faltarem ao que devem a Deos.

Tornando ao ponto, e pondo de parte as excepções, que deve ter a má conducta dos pais, devem os filhos respeitar a paternidade como huma certa *Divindade* visivel, representante da invisivel. Nas maldições, que Deos mandou, que os *Levitas* lançassem sobre os máos, a que todo o povo devia responder, *Amen*, era a primeira sobre os que adorassem os idolos. A segunda, e immediata a esta, era lançada contra os máos filhos, que não honrão a seus pais: *Maledictus, qui non honórat patrem suum & matrem. Deut. 27. 16.* Maldito o filho, que não honra seu pai, e sua mãi. Todo o povo respondia a esta maldição: *Amen*, assim seja. Erão estas as duas primeiras maldições, como que da deshonra de Deos, se segue logo a deshonra dos pais. Daqui veio o nome de amaldiçoados aos máos filhos.

Por estas razões, por que os pais gosão da autoridade divina, que nelles deposita Deos, devem ter a mesma honra todos aquelles, que fazem as vezes de pais, ainda que o não sejão por natureza, e ainda aquelles que estão revestidos de autoridade, qualquer que seja; por isso mesmo que he divina, e paternal.

A natureza obriga á honra dos pais.

Tendo visto, que o máo filho se rebella contra Deos, a quem representão os pais, vejâmos, que tambem se rebella contra a sua mesma natureza; e com razão se deverá reputar por symbolo da ingratidão o filho que não honra a seus pais. A natureza clama, e reclama esta honra.

F. — Isso assim he se os pais fossem verdadeiros homens, e outro tanto seus filhos; mas se elles querem ser bestas brutas, que muito que joguem os couces filhos com pais, e pais com filhos?

P. — Parece que nada gravou Deos na natureza humana com mais força do que a gratidão. Nós a vemos ainda na mesma natureza irracional.

F. — Ja eu disse, que hum cão me livrou de huma cobra avan-

çando a ella por este motivo, apezar de que eu com o bocado de pão, lhe tinha dado muito páo. Hum cão apezar do vil tratamento de seu dono, he-lhe tão agradecido, que alem de lhe guardar a casa, em quanto descança, e o acompanhar por toda a parte, he capaz de dar a vida, e com effeito se offerece á morte pelo defender; porem as bestas não fazem assim: nem a seus donos nem aos proprios pais deixão de brindar com couces, apanhando-os de geito.

P. — Todos os brutos animaes, ou mais deste ou daquelle modo, mostrão sentimentos de gratidão: o homem a tem por natureza. Confesso porem, que perdidos os sentimentos de *Religião* jámais verão huma fera mais ingrata.

F. — Diz, P., a pura verdade, que todos estamos vendo. Quaes tem sido os maiores inimigos da Religião? Aquelles que mais lhe devião. Quaes os maiores inimigos da Igreja? Aquelles a quem ella sustentava. Quaes os maiores inimigos dos Reis? Aquelles, que elles tinhão levantado do pó da terra, e cuberto de honras, officios, e riquezas. Quaes os maiores inimigos dos Frades, e dos Padres? Aquelles a quem estes tinhão matado por muitas vezes a fome.

D. — Diz com effeito a verdade; e sem sahirmos das raias de *Portugal*, eu, que não ignoro, o que tem sido os grandes figurões que nessas scenas de crueldade tem representado, mostraria ser verdade em todo o sentido.

F. — Como pois esta excommungada raça incredula poderá ser agradecida aos pais? Mas taes huns como os outros. Pais temos visto matando os filhos, e estes aos pais em pago da educação que lhes derão.

P. — São esses os pasmosos effeitos da incredulidade. Porem com taes nada temos. Fallemos aos que tem sentimentos de *Religião*, e que presumem crer, que ha hum Deos seu creador. Honra ao teu pai, diz este *Senhor*, e não te esqueças dos gemidos de tua mãi: *Honóra patrem tuum, & gemitus matris tuae ne obliviscaris. Eccl.* 17. 29. Lembra-te de que delles recebeste a existencia, e a não serem elles, tu não virias ao mundo: *Memento quoniam nisi per illos natus non fuisses.* Como assim corresponde-lhe da mesma sorte; fazelhes como elles te tem feito: *Retribue illis, quomodo & illi tibi.* ℣. 30.

Mas que filho poderá retribuir a seus pais iguaes beneficios? Qual o filho por mais, que tenha feito, ou faça, poderá prestar a seus pais serviços semelhantes, e iguaes

aos que delles recebêrão? Lá disse hum Philosopho, que apezar de ser Pagão, tinha mais, e melhores sentimentos de Religião, que os nossos chamados *Christãos*, que aos Deoses, aos pais, e aos mestres nunca se pode ser agradecido com igualdade: *Diis, parentibus, & magistris nemo poterit reddere acquivalens. Arist.* Embora os filhos honrem, respeitem, venerem, sirvão a seus pais por todos os modos, e meios; elles jamais poderáõ corresponder condignamente aos beneficios que de seus pais tem recebido.

Ainda sobre excedem nas mãis, que por desgraça são as mais despresadas. Ja mais se poderáõ descrever os trabalhos, as penalidades, as dores, que sofre huma affectuosa mãi desde que concebeo em seu ventre, até que chega a ser homem, o seu filho. Ella se desentranha toda, e o começa a fazer desde a sua conceição. Se ella come, para o filho, que traz em suas entranhas, come; para elle bebe, para elle dorme, para elle vigia, para elle, e por elle trabalha. O sangue que se forma, e filtra em seu coração, e circula pelas veias, vai ser o alimento de seu filho, que ainda depois lhe presta em leite arrancado, e extrahido de seus peitos. Omitto o mais, porque he tão grande, que apenas se pode imaginar o que o filho, ou filha deve a sua mãi.

F. — Ah, filhos ingratos! Ouvi isto, meus filhos.

P. — He por isto, que o grande exemplar dos pais, o famoso *Tobias* nos avisos, que dava a seu filho, punha em primeiro lugar a recommendação da honra, que devia dar a sua mãi: *Honórem habebis matri tuae omnibus diebus vitae tuae.* Honrarás, meu filho, a tua mãi em todos os dias da tua vida, pois que te deves lembrar, e ter sempre gravados em tua memoria os perigos, os trabalhos, as penalidades, que ella por ti tem sofrido, e padecido: *Memor enim esse debes, quae & quanta pericula passa sit propter te. Tob.* 4. 3. 4. Para não sentir a devida emoção de reconhecimento, e cordeaes sentimentos de gratidão, que taes lembranças devem causar, he necessario desnaturalizar-se o homem, ou ser tal qual os nossos incredulos querem, que sejão todos, quando proclamão, que os filhos nada devem aos pais.

Devemos aqui lançar as vistas á Providencia do Divino Autor da *Sociedade*, e admirar a sua conducta. Nós temos dito o bastante sobre estas pedras fundamentaes da *Sociedade*, quaes são as uniões conjugaes, que vão dilatando o genero humano, reproduzindo-se este na mais estrita união dos dois pais, creando-se sempre na intimidade de estreita

m

sociedade de familia, cujos laços trabalhão por quebrar os nossos Incredulos. Porem nós admiremos este Autor e Creador do homem em *Sociedade*, que elles negão, e os laços multiplicados, que lhe lança. Quiz elle, que os filhos custassem muitas dores, trabalhos, e penalidades aos pais, que formão o centro destas sociedades domesticas, a fim de que muito os amassem, como a filhos de suas dores. Quiz ainda, que os filhos obrigados pelos sentimentos de agradecimento a suas dores, muito amassem a seus pais, apertando com os laços de amor huns e outros em união.

D. — São essas cousas bem dignas de occupar hum Philosopho *Christão*! Porem lembro-me de que a *Igreja* andaria melhor, se não prohibisse as uniões conjugaes entre parentes para melhor ligar as sociedades de familias.

P. — Antes pelo contrario seria isso mais proprio para a desunião da *grande familia*, de que já fallámos. Entre os *Judeos*, que se distinguião por familias, foi boa essa providencia, e ainda disfarçavel a polygamia nos chefes de familias. Não assim na grande *Sociedade* de hum só Rebanho. Divinamente illustrada, e instruida por J. C. andou a *Igreja* prohibindo estas uniões entre parentes, a fim de que se enlaçassem as differentes familias humas com outras para mais ampla ordidura desta têa.

D. — Entendo agora perfeitamente. Quando assim não fosse, poderião unir-se as familias particulares, mas desunir-se-hia a grande familia. Eu affirmarei, que os nossos politicos incredulos jámais entendêrão esta divina Politica, nem sombras de conhecimento tem.

F. — Como a entenderáõ se são bestas?

P. — Quando a entendessem, o odio, que tem a Deos, e á sua *Religião*, lhes fecharia os olhos. Passemos agora a propor aos filhos hum exemplar, não menos que Divino, para confundir sua ingratidão, e rebeldia.

JESUS CHRISTO exemplar dos filhos.

Subâmos mais alto, elevando, quanto nos he permittido, os vôos da consideração ao throno da Natureza do mesmo Deos, posto que inaccessivel, para admirarmos huma cousa, que a ninguem tenho visto ponderar, não sei porque razão. Nós vimos na oração de J. C. em a noite da *Cea* a pedida união dos homens com Deos; tal que Deos com os verdadeiros crentes viessem a ser huma, e a mesma cousa:

Ut ipsi in nobis unum sint. Joan. 17. 21 ; porem temos, que admirar a união da *Sociedade* humana formada segundo o plano da mesma *Unidade*, e sociedade divina. Temos nesta Pai, e Filho, com o Espirito Santo, procedente *ab aeterno* pelo amor de hum e outro. Quem dirá, que esta Santissima Trindade, que confessamos, e adoramos, não he o verdadeiro prototypo da *Sociedade* humana, ou do genero humano em *Sociedade*, e unidade? Não vemos mais que pais, e filhos, a quem deve unir e ligar em unidade o amor.

D. — Eu protesto, que jámais me applicarei se não á grande sciencia, e conhecimento da *Religião*. Esta philosophia não somente he a mais nobre, mas tambem he a mais encantadora por suas bellezas inconcebiveis pelos Incredulos.

P. — Pondo o Padre Eterno a paternidade, com a sua Authoridade nos homens pais, vem o mesmo *Filho* do *Eterno*, não só a remir o genero humano, e a uni-lo comsigo, e seu Pai, tomando a nossa natureza, mas ainda a ensinar por palavras, e exemplos a conducta, que os filhos devem guardar com seus pais. Elle mesmo Filho se dá logo por exemplar na que teve para com seu Pai. Eu desci do *Ceo*, diz: *Descendi de Coelo.* E para que fim? Sem duvida deveria dizer, que o havia feito para remir o mundo pela effusão do seu sangue, ou para unir com sigo a natureza humana: porem não disse assim.

Eu desci do Ceo, não para fazer a minha vontade, mas sim a vontade daquelle, que me mandou: *Descendi de Coelo non ut faciam voluntatem meam, sed voluntatem ejus, qui misit me. Joan.* 6. 38. Esta foi a vontade do que me mandou, que he meu Pai. *Haec est voluntas ejus, qui misit me, Patris.* ỹ 39. Notavel modo de fallar! Pois não era esta mesma a sua vontade? Ha por ventura differença de vontades nas Tres Pessoas Divinas? Não sem duvida; porem quando se trata de honrar seu Pai, não attende á sua propria vontade. Pareceo em tudo, que nada procurou tanto como a honra de seu Pai, não attendendo á sua propria vontade. Pareceo em tudo, que nada procurou tanto, como a honra de seu Pai, e a glorificação de seu Nome. Eu clarifiquei vosso Nome, diz a seu Pai na proximidade da sua Paixão; tenho consumado a obra, a que me enviastes: *Ego te clarificavi super terram: opus consummavi, quod dedisti mihi, ut faciam.* ỹ 4. De tal sorte o fez, que levou a obediencia á sua vontade ate á morte de Cruz: *Factus obedi-*

m *

ens usque ad mortem ; mortem autem crucis. Phelip. 2. 8. Assim o fez para que delle aprendessem os filhos a honrar seus pais.

Não he isto bastante, nem o mais admiravel, pois que em fim sendo Deos, Deos he tambem seu Pai: porem sim he tudo, que hum Deos obedeça á creatura, que tirou do nada somente porque a condecorou com sua *Paternidade* humana. Isto nos diz em duas palvras o *Evangelho* : *Erat subditus illis.* Mas quem? O Filho do *Altissimo*, o Deos verdadeiro, o Creador de tudo, o Omnipotente era subdito, era sujeito, humilde, e obediente! A quem? A Maria, e *Jose*! A huma pobre mulher, e a hum despresivel Artista, e official mecanico! E porque razão? Por isso mesmo que Maria o trouxe em seu ventre, e alimentou a seus peitos virginaes, e finalmente he sua Mai. E porque razão foi subdito, e obediente a *Jose*? Este não era Pai; porem gosava dos privilegios de Pai, e por isso lhe tributava as mesmas honras: *Erat subditus illis.*

F. — Ai, que confusão para os homens soberbos! para os máos filhos! Elles ate se despresão de serem filhos de pais, que estão em abatimento! O Deos do *Ceo* respeitando, e honrando a hum pobre carpinteiro, por isso mesmo, que era Esposo de sua Mãi, e fazia as vezes de Pai!

P. — Não o fez elle de qualquer sorte, ou em qualquer occasião. Muitos se canção em indagar, o que J. C. fez em todos os trinta annos ate que começou a prégar o seu *Evangelho.* Nelle apenas se referem dois factos, que logo mencionarei. Porem nas duas palavras ditas se nos diz tudo, o que elle fez, e obrou em todo esse dilatado tempo: *Erat subditus illis.* Todos esses annos, o que fez, em que os empregou, nao foi em mais que em honrar seus Pais: *Erat subditus illis.* Com isto fica dito, e entendido tudo. Trinta annos forão necessarios para servir, e honrar seus Pais!

D. — Confundão-se os Incredulos, que pertendem, que os filhos deixem de servir seus pais, logo que delles não necessitem.

F. — Olhe, que elles nada crêem de J. C., e de sua Mai.

P. — Nos dois factos, que nos menciona o *Evangelho*, se vê a que ponto chegou esta honra, e respeito, que lhes prestou. Quando na idade de dôze annos se lhes occultou, tendo-o procurado ambos por tres dias, ate que o acharão no Templo disputando com os Doutores da lei, a Mai Santissima angustiada lhe disse: *Fili, quid fecisti nobis sic?* Filho porque nos fizeste assim? Porque te occultaste? Teu Pai, e eu com

grande dôr, e afflição te havemos procurado: *Ecce pater tuus, & ego dolentes quaerebamus te.* E porque me procurais vós? *Quid est quod me quaerebatis?* Ignorais acaso, lhes diz, que me he necessario cuidar, e procurar a honra de meu Pai? *Nesciebatis, quia in his, quae Patris mei sunt, oportet me esse?* *Luc.* 2. 48. Eis aqui que cuidando da honra de seus Pais da terra, não se descuidava da de seu Pai Eterno.

Porem o que mais admira he, que parece devermos ficar em duvida de qual lhe mereceria a preferencia, segundo o mostrão os factos. Ao tempo que deo esta resposta, parece, que Maria, e *José* não acquiescêrão, não ficárão satisfeitos. Ponderemos este caso, pois nos diz muito. O *Santissimo Filho* estava occupado com as cousas a que viera mandado por seu *Pai Celestial*; mas os seus Pais da terra não se mostrárão satisfeitos com a satisfação, que elle lhes deo. Que faria? Continuaria no serviço daquelle, ou o deixaria para honrar estes? Esta segunda faz, e parece que sem demora. Logo que notou, que sua Mãi, e *José* não ficavão satisfeitos, corta o fio á disputa, levanta-se, deixa os Doutores, deixa o Templo, põe-se ao lado de sua Mãi, e de seu presumido Pai, e os acompanha para *Nazareth*. He o que se segue immediatamente no texto: *Et descendit cum eis, & venit Nazareth, & erat subditus illis.*

D. — Eu tenho lido muitas vezes esse passo, e nunca fiz taes reflexões. O Sr. Ab. tem vista bem perspicaz para ver o que outros não vêem! He bem admiravel, que deixasse de honrar seu Pai..!

P. — Queira notar porem, que não deixou de honrar seu Pai *Celestial* nesta occasião. Se deixou hum objecto de sua honra, tomou outro, pois que honrando aos seus Pais humanos, honrava tambem ao *Eterno*, como temos dito. Preferio contudo a honra immediata áquelles; e he o que prova quam grande deve ser a honra, que se lhes deve dar.

Foi o segundo caso nas Vodas, ou Nupcias de *Caná* de *Galilea*, onde foi com sua Mãi para sanctificar a união conjugal, que quiz elevar á dignidade de Sacramento. Notou a benignisima Senhora, que faltava vinho aos convidados. Ella sente o vexame, que haveria; e seu affectuosissimo, e ternissimo coração não o pode sofrer. *Vinum non habent*, diz a seu Filho; elles não tem vinho. Ella não manda; ella mesmo não pede, que remedie aquella falta: apenas lhe significa, ou dá sinaes de seus desejos; porem nada

mais que simplesmente esta palavra: *Vinum non habent*; não tem vinho.

Que temos nós com isso? lhe responde o Filho. *Quid mihi & tibi est mulier?* Como se dissera: Nós não somos os culpados nessa falta, e não incumbe a nós provermos. Vós quereis, que eu faça prodigios, pois que sem elles eu não posso remediar essa falta; porem sabei, que ainda não chegou o meu tempo: *Nondum venit hora mea.* Ainda não chegou o tempo aprazado, em que eu devo apparecer, obrando prodigios, e maravilhas: apezar de os poder fazer, pois que sou Deos, convem-me andar por hora occulto, em quanto não chega o tempo decretado para os obrar. Tudo isto quiz dizer na palavra: *Nondum venit hora mea.*

Que deveria a Santissima Virgem esperar? Parece, que com tal resposta ficavão atalhadas suas esperanças, e nada mais havia, nem a pedir, nem a esperar. Porem não fez assim. Ella nada mais diz; e aos olhos de quem não conhece, o que he a autoridade maternal para hum tal Filho ainda que Deos, parecerá, que obrou huma imprudencia. Pareceria, que, visto estar resolvida a remediar aquella necessidade, diveria dizer: Pois, Filho meu, dispensai por esta vez nesse decreto: porem nada disse, nem r.s ondeo. Ella chama de parte os serventes, e os previne, dizendo-lhes, que fizessem tudo, o que lhes mandasse o seu Filho: *Quodcunque dixerit vobis, facite.* Que parece aos senhores desta imprudencia?

D. — Ella na verdade o parece, e mesmo que punha o negocio em peior figura, e maior vaxame, pois prevenia os serventes para huma cousa, de que não deveria ter esperanças.

P. — Assim pareceria; porem a Senhora as tinha todas, sem diminuição alguma, pois estava bem certa, que mais depressa seu Filho quebrantaria os mais firmes decretos, e leis, do que deixaria de honrar sua Mãi negando-se a fazer-lhe a vontade. Não se enganou. Feito isto ella espera em silencio; e não se passão muitos instantes, que o *Senhor* manda aos serventes encher d'agoa as vasilhas; o que feito manda vazar, e pôr na mesa o que de agoa se converteo em delicioso, e bellissimo vinho. *Joan.* 2. 5. 6. He o que diz o grande *Chrisostomo*: *Cùm dixisset: Nondum venit hora mea, miraculum tamen operatus est Matrem honórans.*

D. — Diz tudo esse facto, e põe patente a honra, que os filhos devem dar a seus pais.

P. — Toda a sua vida mortal J. C. honrou sua Mãi até o ultimo instante, nem disso se descuidou em suas maiores agonias. Notamos, que tendo-se dispersado na occasião da sua Paixão todos os Apostolos, S. *João* se manteve firme; o que não foi se não para acompanhar sua Mãi, como tambem outras santas mulheres, que nunca a deixárão, a fim de que se não faltasse á devida decencia. Não lemos que jamais lhe fizessem a minima injuria, nem faltassem ao respeito.

F. — Fazem-no agora os malvados incredulos, trinta mil vezes peiores, que os *Judeos*, blasphemando della, e ultrajando-a em suas Imagens!

P. — Nas suas viagens, prégando, era muitas vezes acompanhado de sua Mãi, e a cada passo era elle injuriado. Na sua Paixão, e na crucifixão, toda a furia da raiva se soltava contra elle; mas sua Mãi sempre junto delle era olhada com todo o respeito, como que dizia: Venhão todas as injurias, e opprobrios sobre mim, mas minha Mãi seja tratada com a maior honra, e respeito. Elle em fim a honra até o ultimo suspiro, pois que apenas do alto da cruz a recommendou ao Discipulo amado, para que a tratasse como a Mãi sua, espirou, dizendo: *Consummatum est*: está tudo consummado, e cumprido. Isto fez, não só para mostrar, que os filhos devem honrar seus pais até o ultimo suspiro, mas ainda para mais honra de sua Mãi, reservando esta recommendação para aquella occasião, em que estava toda a natureza proclamando a sua Divindade, escurecendo-se o sol, tremendo a terra, quebrando-se as pedras, e tudo cheio de espanto.

F. — Ai minha querida Mãi Santissima! Tão honrada por Deos, e tão ultrajada por estes impios, que não podem sofrer que outros vos honrem! Como vos havereis com ella, ó impios? Ella ja vos espera, monstros!

P. — Peça-lhe, que lhes abra os olhos, e conheção sua cegueira. Deverião bastar estes exemplos: porem tão necessaria se faz para a *Sociedade* do genero humano, como seu fundamento, esta honra prestada aos pais, tanta attenção merece a Deos este preceito, e tão interessante, que não satisfeito com o intimar, e mandar, nem ainda com o dar exemplo, elle faz promessas aos bons filhos, e elle as varía, e multiplica: elle ameaça terrivelmente, impõe penas espantosas aos filhos, que não cumprirem com estes seus deveres. Vejâmos tudo isto com a possivel brevidade.

Longa vida promettida aos bons filhos.

Honra a teu pai, e a tua mãi: *Honóra patrem tuum & matrem tuam, quod est mandatum primum in promissione*, diz S. *Paulo. Ephes.* 6. 2. Sabe que este mandamento he o primeiro, que tem annexa, e espressa promessa. Porem eu direi, que he o primeiro, e o ultimo. He o unico que vemos entre os dez mandamentos gravados nas duas taboas, com promessa: *Honóra patrem tuum, & matrem tuam, ut sis longaevus super terram. Exod.* 20. 12. Honra teus pais, para que tenhas vida longa.

M. — He na verdade bem notavel! Parece que tinha melhor lugar essa promessa no primeiro mandamento.

P. — Pois nem nesse, nem em outro qualquer dos dez, fez esta, ou outra promessa; o que bem mostra, quam recommendado, e o observado quer este mandamento. *Moyses* pouco antes da sua morte avivou esta recommendação com a mesma promessa: *Honóra patrem tuum & matrem tuam, sicut praecepit tibi Dominus Deus tuus.* Honra a teu pai, e tua mãi, assim como te mandou o *Senhor* teu Deos. Accrescenta: Para que vivas longo tempo, e te succeda bem na terra, que o *Senhor* te ha de dar: *Ut longo vivas tempore, & bene tibi sit in terra, quam Dominus Deus tuus daturus est tibi. Deut.* 5. 16. Como os homens, parece, que nada tanto desejão como a longa vida, quiz Deos cumprir este desejo aos bons filhos para com este fim os obrigar á observancia deste preceito.

F. — Ai, P., que tenho a dizer contra isso; pois tive hum filho, que era uma joia; nada mais obediente: elle me dava as melhores esperanças; e eu o adorava pelo amor, que lhe tinha. Deos mo tirou na idade de doze annos.

P. — E lhe fez muito favor; e talvez Vm. concorresse para isso, movendo a Deos a tirar-lhe esse idolo, que o distrahiria do amor, que a só elle deve. Tambem o faria, prevendo que se vivesse, perderia a sua innocencia. Louve ao *Senhor*, e não ame aos filhos mais do que deve, e lhe he permittido.

Nós vemos alguns bons filhos arrebatados prematuramente. Deos os achará maduros para o premio, e lho quererá dar com outra melhor, e mais longa vida, que he a eterna. Quer ainda arrebata-los antes de tempo para os preservar da corrupção do mundo: *Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus, aut ne fictio deciperet animam illius. Sap.* 4. 11.

A innocencia, e a candura dos bons filhos córre presentemente muitos, e grandes riscos. Porem se bem attendermos, a experiencia mostra, que não tem a esperar huma longa vida o máo filho, que não honra, e trata mal a seus pais. Bem pelo contrario prematuras, e desgraçadas mortes, depois de infeliz vida, os esperão. Eis aqui huma segunda parte da promessa feita aos bons filhos.

Tem elles a esperar huma longa vida: porem não seria ella recompensa, se não fosse feliz, e ditosa. Porem isto mesmo he o que Deos promette: *Ut bene tibi sit*, longa, e feliz vida pelos bens, não só espirituaes, mas ainda temporaes de toda a sorte. Direi que o bom filho, que honra seus pais enthezoura bens de toda a qualidade: *Sicut qui thesaurizat, ita qui honorificat matrem suam. Eccl.* 3. 5. Não poderei eu especificar todos os bens, todas as riquezas, que Deos promette, e alcanção os bons filhos, em premio da honra, e serviços prestados aos pais, mas seguindo estas promessas individuarei alguns, e juntamente os hiremos vendo justificados pela experiencia, assim como as terriveis ameaças contra os ingratos, rebeldes, e deshumanos filhos.

Tendo o primeiro lugar as promessas espirituaes, que sobre tudo nos devem levar as attenções, porei esta preposição.

A honra dos pais perdoa peccados.

D. — Ella me parece ardua! Sabemos, que os Sacramentos são os unicos meios de alcançar o perdão.

F. — Tambem se perdoão os peccados pela Contrição.

P. — Para o fazer deve haver nella o Sacramento em voto, ou desejo de o receber. Eu provarei a proposição, e declararei depois seu verdadeiro sentido. *Judicium patris audite filii*, clama o *Ecclesiastico.* 3. 2. Ouvi, filhos, o que vossos bons pais vos ensinarem, tomai suas doutrinas, e honrai com o vosso respeito, e obediencia. Isto faz i para conseguirdes a vossa salvação: *Sic facite ut salvi sitis.* Mas como a conseguiráõ? He este o caminho, e o meio. O bom filho, que honra, e respeita a seus pais está entrado no caminho da salvação: *Ut salvi sitis.*

M. — Pois bem; mas se tiver outros peccados? Eu cuidarei em honrar a meus pais: porem os meus muitos peccados..?

P. — Será esse o bom; e seguro meio de conseguir o perdão, porque pedindo-o a Deos, em premio dos bons serviços a

seus pais, ha de ser ouvido: *Qui honórat patrem suum .... in die orationis suae exaudietur.* 4. 6. Sua oração será ouvida, e despachada. Seus peccados se desfarão, bem como o gêlo se desfaz com o calor ou raios do sol: *Sicut in sereno glacies solventur peccata tua.* 4. 17. Outra letra diz: *Sicut calor glaciem abrogabit peccata tua.* Outra diz: *Avertet a te mala, sicut avertitur frigus a vehementia calóris.* Tudo quer dizer o mesmo com energica expressão. A honra prestada aos pais he hum fogo, que derrete o gêlo, a frialdade produzida pelos peccados nos corações dos filhos. Pelas graças, e serviços aos pais entrão as graças, e os favores de Deos, que dissolverão as culpas, e peccados, como o calor o faz ao gêlo.

M. —. Porem como? Desejo saber tão facil meio.

F. — Como? Seja vm. o maior peccador, e ponha a Deos de sua parte, e em seu favor, e deixe correr.

P. — Assim he. Por esses serviços vm. conseguirá o favor de Deos, e suas graças; de que ajudado facilmente conseguirá o perdão. He assim, que devemos entender a proposição. Os textos referidos parecem fazer da honra aos pais hum *Sacramento*, que perdoa peccados. Contudo não o sendo, he ella huma verdadeira disposição para o conseguir pelos *Sacramentos*, em quanto alcança de Deos o que para isso he necessario.

Não poderá succeder, nem Deos poderá permittir, que os bons filhos, não sejão numerados entre os predestinados, que no grande dia de Juizo terá á sua Direita, quaesquer que elles tenhão sido; pois me parece dar-se nesse caso huma verdadeira contradicção, que eu quero mostrar.

Filhos bons são abençoados.

Honrai, filhos, diz o *Senhor*, a vossos pais, nas obras, nas palavras, e em toda a paciencia: *In opere, & sermone, & omni patientia honóra patrem tuum.* d.° 9. 10. E que teremos nós com isso? Que premio conseguiremos? Aqui vai outra promessa, e de mui grande valor, e appreço: *Ut superveniat tibi benedictio ab eo.* Para que elles te lancem sua benção. Porem que grande cousa, dirão, he a benção dos nossos pais?

M. — Eu não direi tanto. Julgo, que ella he boa, e meritoria; porem não capaz de dar o *Ceo.*

P. — A isso se encaminha, e dirige, e ella terá effeito no ul-

timo dia: *Et benedictio illius in novissimo maneat*, continúa o texto; e he necessario, que entremos na intelligencia destas palavras. Nada desejavão tanto os filhos dos grandes antigos Patriarchas, como a benção dos seus pais, principalmente quando proximos á morte. *Esau*, que não podemos suppor hum dos melhores filhos, não pode suster o pranto, quando seu irmão recebeo a primeira benção. Sempre os bons filhos temem não poderem receber a benção de seus pais. Não podemos negar, que he isto hum sentimento natural.

M. — Pode muito bem ser effeito da instrucção.

P. — Muito bem creio, que assim he, pois que nada sabe o homem, que lhe não venha pela instrucção; porem nós vemos as bençãos dos pais generalizadas entre todas as Nações, e produzindo nos filhos effeitos de prazer quando as recebem, assim como grande sentimento quando as não conseguem, e muito mais quando lhes são negadas. Algum grande bem pois são as benções dos pais. Tanto o são, que o *Espirito Santo* põe aqui como premio dos bons serviços dos filhos a benção dos pais: *Ut superveniat tibi benedictio ab eo.*

D. — Entender-se-ha a razão disto com a lembrança de que os pais representão a *Pessoa* do mesmo Deos; e abençoão os filhos em seu Nome. Deos sem duvida a confirmará, se com effeito elles forem dignos della.

P. — Nem mais nem menos. Ponderemos porem hum pouco mais essa verdade. Communmente todos os pais abençoão a seus filhos; mas nem sempre estas bençãos produzirão o devido effeito. Ellas se tornão inuteis para aquelles filhos, que jámais olharão, e tratarão a seus pais, como o que representão, e são, nem respeitarão jámais nelles a autoridade do mesmo Deos. Porem hum bom filho, que honra, e serve a seus pais, como quem são, e representão, deverá esperar grandes bens de sua benção. Com razão se poderá considerar filho abençoado de Deos, porque o he por aquelle que representa o mesmo Deos, e em seu Nome.

Entendamos agora as palavras: *Benedictio illius maneat in novissimo.* Esta benção ficará firme, e terá valor no ultimo dia.

F. — Tate, que ja entendo; ja sei onde vai dar. No dia grande do Juiz taes filhos ficarão infallivelmente á Direita do *Senhor*, a quem elle dirá: Vinde abençoados de meu Pai, possuir o Reino, que vos tenho preparado. Elles como filhos abençoados de seus pais, são abençoados de Deos, e por is-

to hão de ouvir estas palavras. Nem pode ser, que sejão postos entre os amaldiçoados, que o Senhor mandará apartar de si.

D. — Ninguem entra melhor nas cousas do que o Sr. Freguez.

P. — Não se podem entender de outra sorte as palavras referidas. Accrescentarei, que Deos, querendo, como disse, firmar bem a obediencia aos pais, a honra, e o respeito, como que he hum dos maiores laços da união da *Sociedade* annexou á benção dos pais estes grandes bens, para que os filhos procurem merece-la. Do mesmo modo em sentido contrario o fez á maldição dos pais, que por isso se torna hum gravissimo, e espantoso mal, se com effeito os filhos a merecem. Diremos alguma cousa a este respeito.

Ainda vale a benção dos pais para o bem estar dos filhos neste mundo, gosarem de huma vida feliz, e ditosa: *Benedictio patris firmat domos filiorum.* d.ª 11. A benção dos pais firma, estabelece as casas dos filhos, assim como a maldição as destroe, e perde: *Maledictio matris eradicat fundamenta.* A experiencia mostra, que os filhos abençoados parecem sê-lo em tudo. Por todos os meios intentou Deos obrigar os filhos á honra dos pais, não havendo bens, que lhes não prometta, se com effeito desempenhão estes seus deveres.

Entre elles temos ainda outro, que merece toda a ponderação, por ser de grandes consequencias, se estes filhos chegarem a ser pais. Por premio promettido por Deos elles tem a esperar outro tanto de seus filhos.

Bons filhos de bons filhos.

Nada ha que mais penalize a hum bom pai, e torne seus dias mais desgraçados, e fastidiosa a vida, que hum máo filho. Elle lhe dará huma corôa pesadissima como se fosse de ferro, de espinhos, e abrolhos. A isto estão condemnados os máos pais, que mal educarão seus filhos, fazendo Deos cahir sobre elles o seu peccado. Os bons filhos em premio dos bons serviços a seus pais tem a esperar prazer, e satisfação em seus filhos: *Qui honórat patrem suum, jucundabitur in filiis.* ℣. 6. He esta huma justa recompensa que já mais poderá escapar á Providencia de hum Deos justissimo retribuidor.

A experiencia nos mostra a cada passo esta verdade, e nos faz ver, posto que raras, gerações abençoadas por lon-

ga serie de tempos. Naturalmente devia succeder, que a bons pais succedessem bons filhos pela boa educação, que de huns a outros vai passando, e estendendo-se de gerações em gerações; porem he este hum premio particular, e huma retribuição de justiça. Se a seus pais serve, honra, e respeita, o mesmo achará em seus filhos. Se dá prazer a seus pais, esse mesmo terá a esperar de seus filhos. *Qui hanorat patrem suum jucundabitur in filiis.*

Resumamos agora as promessas feitas por Deos aos filhos, que honrão a seus pais, para passarmos ás terriveis ameaças. A longa vida, e juntamente feliz, e ditosa; o facil perdão de seus peccados, benção dos pais que Deos confirmará no grande e ultimo dia, e a que annexa as felicidades desta vida, e com a retribuição do prazer de huma boa geração, que os recompense dos serviços, que prestarão a seus pais, são na verdade bem para desejar, e o bom filho o pode esperar.

D. — Que tem, Sr. Fr.! Chora!

F. — Que hei de ter? O Senhor he tal, que com tudo isso me está pagando os poucos serviços, que eu fiz a meus pais. Queira elle, que tambem entre no numero dos seus abençoados. Eu recebi mil bençãos de meus pais, a quem fechei os olhos depois de mortos, e não me podia apartar delles nas suas ultimas enfermidades. Agora meus filhos..! minhas filhas..! Nada digo, porque me ouvem; porem elles me vão hourando, e não menos a mãi.

P. — Farão o mesmo que Vm. fez a seus pais. Veremos o mesmo no sentido inverso: mas vejamos primeiro as penas impostas pela Lei divina contra os máos filhos, que não honrão seus pais.

Legislação divina contra os máos filhos.

Se Deos quiz obrigar os filhos á honra dos pais pelo attractivo das promessas, não o fez menos pelo temor dos castigos. Não sei se na Lei Natural divina antes de *Moyses*, havia mais que a maldição dos pais contra os máos filhos. Esta contudo era terrivel, e formidavel castigo, como logo veremos. Na Lei *Moysayca* tinhão estes a pena do apedrejamento, á semelhança dos blasphemos, pois que o desprezo dos pais equivale ao formal desprezo de Deos, como veremos. Eis aqui como se exprime a Lei dada por Deos.

Se algum homem gerar filho contumaz, e protervo, que não ouça o imperio do pai, e mãi, e reprehendido, e castigado não se corregir, e obedecer, prende-lo-hão, e o trarão perante os juizes daquella cidade ao tribunal do juizo: *Si genuerit homo filium contumacem & protervum, qui non audiat patris & matris imperium, & coercitus obedire contempserit, apprehendent eum, & ducent ad seniores civitatis illius, & ad portam judicii. Deut.* 21. 18. 19. Ahi dirão os pais: Este nosso filho he protervo e contumaz, não quer ouvir os nossos avisos; dá-se a golotinas, a luxurias, e devassidões: *Dicentque ad eos: Filius noster iste protervus. &c.* ý. 20.

Vejamos agora a pena. O povo daquella cidade o cubrirá de pedras, e morrerá, para que tireis d'entre vós este tão grave mal, e tema todo o Israel ouvindo esta pena: *Lapidibus eum obruet populus, & morietur, ut auferatis malum de medio vestri, & universus Israel audiens pertimescat.* ý. 21.

D. — Desse modo não poderião haver máos filhos, e não deveria ter lugar tal pena.

P. — Houve sim exemplo, que logo veremos, ponderando primeiro a razão, que dá Deos desta pena. Queirão lembrar-se do que deixo dito a respeito da *Sociedade* mostrando, que as uniões conjugaes são as primeiras pedras deste edificio, ou primeiras linhas na ordidura desta têa, e os filhos são as segundas pedras ou segundos fios no teçume da *Sociedade*. He necessario que taes fios fação boa liga; quando não a têa será perdida.

D. — Muito bem entendemos, assim como que os nossos Incredulos nada intentão tanto como a dissolução da *Sociedade*, quando pertendem reduzir os Matrimonios a contractos, ou pactos sociaes, e izentar os filhos da devida obediencia aos pais.

F. — Primeiro os ha de levar a breca, que tal consigão.

D. — Por desgraça vão conseguindo desnaturalizar os filhos.

P. — Hum máo filho he hum monstro na *Sociedade*, alue as pedras deste edificio em seus fundamentos, perde a têa em sua ordidura, e em fim he hum grande mal: por isso diz Deos: morra o máo filho para que se tire d' entre vós este mal: *Morietur, ut auferatis malum de medio vestri.* Morra apedrejado por mãos de todo o povo, para que todos tremão, pais, e filhos: aquelles cuidem em educar bem seus filhos; e estes em serem bons filhos, para que se conserve,

e mantenha em união a *Sociedade*, que institui: *Ut universus Israel audiens pertimescat.*

Com effeito aquelle povo entrou bem nas intenções divinas pelo que vemos occorrido com hum máo filho apezar do pai. *Absalão* foi hum máo filho, e chegou a conspirar contra seu pai *David*. Os males, que elle causou na *Sociedade* de todo o *Israel* forão gravissimos, e quaes costuma trazer comsigo a guerra intestina. Bem quiz *David* livrar da morte ao rebelde filho, e quando seu exercito sahia em batalha contra o rebelde *Absalão*, não cessava *David* de lhe recommendar: *Servate mihi puerum Absalom.* 2. Reg. 18. 5. Não mateis meu filho *Absalão.* Todo o exercito o ouvia: porem, de outra sorte obrou Deos, e de tal modo o fez, que a sentença teve sua plena execução apezar de ser filho de hum Rei, e das recommendações de seu pai.

Perdendo a victoria, e fugindo *Absalão*, por disposição divina fica preso e suspenso de huma arvore pelos cabellos. He-lhe traspassado com tres lanças o máo coração, e seu corpo he lançado em huma grande cova de hum bosque. Cruel, e terrivel foi esta morte; porem a pena que impunha a Lei, era o apedrejamento. Faltou-se em parte, mas não em todo. A Lei diz: *Lapidibus obruet eum populus.* Isto fizerão apezar de ser filho de *David*, e de suas recommendações. Se o não fizerão em quanto vivo, não perdoarão ao corpo morto. Tantas forão as pedras, que lhe arrojarão, que não obstante ser lançado a huma grande, e profunda cova, se levantou sobre o corpo hum demasiadamente grande monte de pedras: *Tulerunt Absalom, & projecerunt eum in saltu, in foveam grandem, & comportaverunt super eum acervum lapidum magnum nimis.* d.° 17.

Diz *Calmet*, *ibi*, e outros muitos, que ainda presentemente se continuão as pedradas sobre elle, pois que todos os que passão por aquelle citio, até os mesmos *Mahometanos*, arrojão pedras; e os pais que passão com seus filhos parão, e lhes dizem: *Ecce, ecce filius perfidus ille, & parrecida, qui in patrem insurrexit.* Alli, alli está aquelle perfido, e máo filho, que se levantou contra seu pai! Então pais, e filhos juntamente arrojão pedradas.

D. — Deveria de ser bem atterrador tal exemplo! Agora porem não se faz caso algum de taes crimes, e por isso se veem tantos máos filhos.

P. — O delicto he o mesmo; e se ficão impunes, porque as Legislações pouco attendem, o Supremo Juiz he o mesmo,

e os julgará com a mesma rectidão. Nem mesmo neste mundo os deixa sem castigo. Eu por não repetir, digo o mesmo dos máos filhos, que disse dos bons, mas em sentido inverso. As mesmas promessas feitas aos bons filhos, são as ameaças em contrario aos máos filhos: maldições, miserias, desgraças neste mundo, e peiores no outro, são o que tem a esperar os máos filhos, e a quotidiana experiencia bem claramente o mostra. Farei menção mais particular de hum muito ordinario, e que se vê continuamente verificado.

Promette Deos premiar os serviços dos bons filhos com iguaes serviços de seus proprios filhos: *Qui honorat patrem suum, jucundabitur in filiis.* Esta he huma rectissima providencia, e justiça: *Per quae quis peccat, per hoc & torquetur. Sap.* 11. 17. Por onde, e por aquillo mesmo que algum pecca, por esse mesmo, e igual modo hade ser castigado. O que pois trata mal a seus pais, será tratado do mesmo modo por seus filhos. Eis aqui o que continuamente estamos vendo.

F. — Ah, que nenhum melhor do que eu o sabe, pelas observações, que tenho feito! Eis ahi de que eu me tenho servido nos conselhos, e avisos que costumo dar a estes máos filhos do tempo nas occasiões, que se me offerecem. Eu lhes conto o caso daquelle máo filho, que arrastou o pai por huma escada. Teve hum filho, que lhe fez o mesmo, e pela mesma escada. Eu lhe ouvi este caso.

P. — He S. *Bernardino de Senna*, que o refere. Porem escusamos exemplos particulares, quando a experiencia mostra a regra geral. Veja o filho como trata seus pais; e fique certo que assim mesmo ha de ser tratado por seus filhos: e quando os não tenha, quaesquer outros o farão. Queixão-se muitos pais da maldade, e ingratidão de seus filhos! Porem eu, alem de os arguir da má educação, que lhes derão, lhes perguntaria o que elles mesmos forão com seus pais? Se quizessem confessar a verdade, dirião, que lhes fizerão outro tanto, e do mesmo modo os tratarão.

Eis aqui huma fatal desgraça: que se estende por largas gerações, e de que estão ameaçadas as que se derivão de pais, que forão máos filhos. Parece verificar-se aqui, o que lamentava com lagrimas *Jeremias*, quando fallando em nome daquelle povo disse: *Patres nostri peccaverunt, & non sunt, & nos iniquitates eorum portavimus. Thr.* 5. 7. Porque forão nossos pais máos filhos, tambem nós somos máos,

e semelhantes nossos filhos. Assim se vai prolongando, e passando de huns a outros a maldade. Duas cousas aqui concorrem, que são a má educação, e o justo castigo de Deos.

M. — Parece-me que terá dito o bastante; porem eu quizera saber, em que consiste a honra, que se deve dar aos pais.

Modo de honrar os pais.

F. — Tenha muito amor, e respeito a seus pais, e então lhe dará a verdadeira honra, e desempenhará suas obrigações.

P. — O amor, e o respeito são na verdade as rodas, ou os eixos em que se devem mover os serviços, e honra, que se devem prestar aos pais. O *Espirito Santo* os abrange nas obras, nas palavras, e na paciencia: *In opere, & in sermone, & in omni pacientia honóra patrem tuum.* Honra teus pais nas obras, e nas palavras, e em paciencia, não qualquer paciencia, mas toda: *In omnia patientia.* Toda a paciencia merecem os pais principalmente na sua decrepitude, ou velhice, e os filhos a devem ter.

Julgo superfluo dizer mais, nem mesmo me sería possivel pela extensão da materia discorrer por todos os meios, e modos de honrar os pais. Haja o amor, e o respeito com o temor de Deos, e naturalmente se lhes prestará toda a honra que merecem, tanto nas obras, como nas palavras. Chamarei somente a attenção á paciencia, com que se devem honrar, servindo-os em suas necessidades, principalmente nas enfermidades, e decrepitude. He aqui onde noto a maior ingratidão, e crueldade dos filhos, que não deixará de clamar aos *Ceos.* He aqui onde o *Espirito Santo* faz maior força, segundo vemos no *Texto sagrado.*

Sempre nos pais se devem representar os filhos huma visivel divindade, considerando nelles o poder, a autoridade divina, e em fin huns representantes da *Pessoa* do mesmo Deos, como temos dito; porem nunca tanto, como na sua velhice. Nas cãas de seus pais, e mais sinaes dos annos devem os filhos respeitar, figurando-se-lhes, que tem presente a seus olhos, aquelle *Antiquus dierum*, que vio *Daniel*, o Antigo dos dias, isto he, o Deos Eterno. Então mais o representão quanto mais se adientão na idade, que sempre vai merecendo mais respeitos quanto mais ella cresce.

F. — Pois fazem tudo ao contrario os filhos do tempo. Pobres velhos pais! Elles são desprezados, vilipendiados, e tratados... Ai Deos! Talvez estejão suspirando porque morrão!

Talvez elles mesmo peção a Deos, que os tire deste mundo por não poderem já sofrer a barbaridade dos filhos! Não posso dizer até onde chega essa barbaridade. Fazem mesmo ludibrio, e escarnecem de sua velhice, e até deixão, e talvez incitão aos filhos que se divirtão á custa do velho avô com as perrarias, que lhes fazem.

P. — Eu não o ignoro, nem tambem os castigos, que terão ainda cá no mundo. Lá virá tempo, que elles sofrendo o mesmo possão dizer com verdade: O mesmo fiz eu a meus pais, e avós! O ludibrio, o desprezo, e todas as offensas feitas aos pais, principalmente na ultima idade, hão de ter infallivelmente a paga mesmo cá neste mundo, e do mesmo modo que a merecerão. Fallemos porem primeiro do premio que merecem, e Deos dará aos bons filhos, que então mais se esmerão em honrar seus pais quando mais se adientão as necessidades de sua idade, e decrepitude. Tornemos ao *Cap.* 3. *do Ecclesiastico*, onde acharemos o bastante para dizer tudo, o que nos resta a este respeito.

O *Espirito Santo* ainda pertende induzir os filhos a honrar os pais, servindo-se da mesma honra dos filhos. Na verdade nada he mais honroso para os filhos, do que a honra de seus pais. Pelos pais, ou dos pais herdão os filhos a honra; porem estes não honrando os pais a si mesmos deshonrão. Não te glories, diz, na contumelia, e desprezo do teu pai, pois que te não será honrosa a sua confusão: *Ne glorieris in contumelia patris tui; non est enim tibi gloria ejus confusio.* ℣. 12. A gloria do homem lhe vem da honra de seu pai: *Gloria hominis ex honore patris sui.* Deshonra he do filho o pai sem honra: *Dédecus filii pater sine honore.* ℣. 13. Que deshonrados são pois os filhos, que não honrão seus pais!

D. — Eu direi ainda, que mostra ter bem vil coração, bem pessima condição o filho, ou filha, que não dá a devida honra a seus pais. Para mim diz tudo. Eu já mais tomaria por mulher, aquella que me não constasse honrar com o maior respeito a seus pais. Eu assim fiz, e assim o fizerão minhas irmãas, a quem amo, e ellas a mim com entranhavel amor, e ninguem faz melhor sociedade, do que nós.

F. — He a pura verdade. Não ha em toda esta redondeza melhor irmandade. Mas d' onde veio se não do bom pai, meu grande amigo? Haverá familia mais honrada? Que paixão não tenho tido pelos seus desvarios? A má maleita levasse as más companhias.

P. — Prova bem clara he essa do que deixo dito relativamente á pedra fundamental da *Sociedade*. Não pode ser reputado por homem, ou mulher de bom caracter, e condição o filho, que não honra a seus pais, e lhes presta os devidos serviços nas suas necessidades. Continúa o *Espirito Santo*: *Fili, suscipe senectam patris tui, & non contristes eum in vita illius.* ℣. 14. Recebe, filho, com bom animo, toma a teu cuidado a velhice decrepita de teu pai, e não o contristes em qualquer tempo de sua vida. Quando elle desfalleça em seu entendimento, e se lhe enfraqueça o juizo, *Si defecerit sensu, veniam da*; nem por isso te offendas, nem diminuas a honra, que lhe deves: *Veniam da. Ne spernas eum in virtute tua*: nem por isso o desprezes: *Ne spernas*: faze então força a ti mesmo: *In virtute tua.* He então que deves vencer-te, e usar de fortaleza do teu coração: *In virtute tua.* Talvez elle não conheça o bem, que lhe fazes, porque tem desfallecida a cabeça; talvez te trate mal; porem: *Veniam da*, não o leves a mal; não o desprezes; faze força a ti mesmo: *Ne spernas eum in virtute tua.* Olha, que não o fazes tanto a elle, como a quem elle representa.

Vejamos o premio. *Eleemonisa enim patris non erit in oblivione.* ℣. 15. Faze assim, filho, porque deves saber, que a esmola feita ao pai não ficará em esquecimento, e pelo peccado da mãi se te preparão, e tu receberás bens: *Pro peccato matris restituetur tibi bonum.* ℣. 16. Devem entender, que a Santa *Escritura* toma no mesmo sentido o pai e mãi, servindo-se ora de hum nome ora de outro; e aqui toma-se por peccado dos pais, postos neste estado, suas impertinencias, e loucuras.

M. — Porem será necessaria grande paciencia para sofrer... ?

F. — E não foi necessaria grande paciencia em seus pais para o crearem? Lembre-se do que lhes custou.

M. — Tem razão; não me lembrava disso.

F. — Assim fazem todos os filhos do tempo. Esquecem-se do que devem a seus pais. Filhos ingratos! Nem bestas vos ganhão! Peiores, que ellas sois!

P. — He esmola todo o bem, que se faz aos pais; não só o sustento mas a assistencia, o trato, o serviço, e tudo o mais. Eis aqui o que não poderá ficar em esquecimento perante Deos: *Eleemosina patris non erit in oblivione*; nem deixará de ser recompensada: *Restituetur tibi bonum.* Com taes esmolas tu não perderás; grandes bens receberás em premio, e paga. Neste mundo com as esmolas, quaesquer

que ellas sejão, pelo bem que tu fizeres a teus pais em taes necessidades, edificarás para ti com toda a justiça; essas esmolas serão pedras firmes sobre que lances os fundamentos da tua casa: *In justitia aedificabitur tibi.* Nem terás a temer tribulações, fracassos da fortuna, ou quaesquer outras desgraças, e infelicidades, porque quando ellas venhão sobre ti, serás lembrado, e soccorrido: *In die tribulationis commemorabitur tui.* Quando mereças castigos, e penas, por peccados, que tenhas commettido, nem por isso terás ainda que temer, porque elles se dissolverão, bem como o gêlo com o calor. Esse amor, com que honras e serves a teus pais, será fogo, que dissolverá o gêlo e frialdade, que em teu coração produzirão teus peccados, e serão perdoados: *Sicut in sereno glacies, solventur peccata tua.* ℣. 17.

M. — Grandes promessas são essas; porem permitta-me tirar hum escrupulo. A palavra *Solventur peccata tua* não significa o perdão dos peccados, e por isso....

P. — Ella o significa com toda a propriedade, bem assim como a comparação do gêlo. J. C. quando deo o poder de perdoar peccados, nem sempre se expressou pela palavra *perdoar*: alguma vez disse: O que vós desligardes, ou desatardes &c. considerando os peccados como prisões. Estas se dissolverão aos bons filhos, assim como o fogo dissolve o gêlo...

M. — Tenho entendido, nem mais he necessario.

P. — *Quam malae famae est, qui derelinquit patrem*, continúa o texto, *& est maledictus a Deo, qui exasperat matrem.* ℣. 18. Quam infame he aquelle filho, que desampara seus pais em suas necessidades! He maldito, amaldiçoado de Deos, aquelle que os exaspera. Temos a discorrer hum pouco sobre este texto.

D. — Eu concordo em que nada mais infame, nada mais vil, e abominavel, que o filho desnaturalisado, que não soccorre seus pais, e não lhes acode com tudo quanto pode, e está a seu alcance, em suas necessidades. Deveria haver huma Lei, que declarasse infames, privados de todas as honras, e incapazes de as consiguirem, a taes filhos. Elles devem ser considerados, como monstros, indignos da *Sociedade.*

F. — Eu me lembro, P., de que ja lhe ouvi dizer no pulpito fallando a este respeito, que houvera huma filha, que sustentara a seus peitos seu velho pai.

P. — Assim o refere *Valerio Maximo* de huma filha, que ven-

do a seu pai cahido pela velhice em grande debilidade, por não poder comer cousa alguma, por muitos tempos o alimentou a seus proprios peitos. *Val. Max.* l. 5. De outra filha refere *Plinio.* l. 7. c. 36. que vendo sua mãi presa, e condemnada a morrer á fome por certos delictos, tendo feito todas as diligencias possiveis, e não conseguindo levar-lhe sustento, todos os dias a hia visitar, sendo primeiro visitada pelos guardas para se desenganarem, que não lhe levava cousa alguma. Vio-se que a mãi continuava a viver; e observada, achou-se, que a filha a nenhuma outra cousa hia, que a dar os peitos, a quem primeiro lhos tinha dado. Publicou-se este facto, e de tal sorte se sensibilisou o povo, que se deo a liberdade, e o perdão á mãi pela piedade, e amor da filha; e no mesmo citio do carcere onde se obrou este prodigio, foi edificado hum templo, ou pagode dedicado á deosa da piedade, pois fez-se isto entre Gentios.

F. — Que confuzão para os *Christãos*! Essas filhas, posto que gentias, deverião salvar-se.

P. — Ja fallamos sobre esse respeito. Tanto amor, e tanta piedade filial, não podia deixar de ter merecimento para com quem o manda, e promette grandes premios a quem o fizer. He na verdade necessario desnaturalizar-se o homem para ver com entranhas de ferro as necessidades de seus pais! *Philo*, *Liv. de Decal.*, *Cassiodoro*, e outros referem das cegônhas, que quando na extrema idade lhes cahem as pennas, nem podem grangear o sustento, procurão os ninhos, onde crearão os filhos, e por estes são agazalhadas, e sustentadas, recebendo delles o mesmo, que lhes derão em outro tempo. Não se encherão de confuzão, accrescenta o mesmo *Philo*, os filhos, que desprezão seus pais?

F. — Tem cara para tudo taes filhos, nem são capazes de confuzão. Mas se os pais representão a mesma *Pessoa* de Deos, como se haverão com elle taes filhos, que assim o desprezão? Como lhes hirá no dia da conta?

P. — Facilmente se poderá entender das palavras de J. C. Porem notemos primeiro o que diz o texto indicado: *Quam malae famae est, qui derelinquit patrem!* Quam infame he o filho, que desampara o pai! O texto *Grego* diz: *Tanquam blasphemus est, qui deserit patrem.* He blasphemo ou como blashpemo, o que desampara o pai. A blasphemia consiste em desprezar a Deos formalmente, ou por obras, ou palavras. Eis aqui pois blasphemo o filho, que despreza o

pai, que representa o mesmo Deos, em cujo desprezo redunda o que se faz dos pais. Elle será pois reputado no Juizo de Deos, como hum plasphemo, e seu formal desprezador.

J. C. no seu *Evangelho* diz, que no grande dia do Juizo salvará a huns, porque lhe derão de comer, de peber, vestirão, e servirão em suas necessidades, accrescentando, que quando isto fizerão aos pobres, e necessitados quaesquer que fossem, a elle mesmo o fizerão. Eis aqui hum grande, e seguro sinal da salvação, como ja dissemos. Condemnará a outros, porque não remediarão suas necessidades nos pobres, e necessitados, quaesquer que fossem. Ora se deverão ser condemnados a tormentos eternos, os que não soccorrem a pobreza, qualquer que ella seja, que diremos dos filhos, que não soccorrem as necessidades de seus pais, a quem por tantas razões são obrigados? Se J. C. toma por feito a si mesmo tudo o que se faz aos pobres necessitados, quaesquer que sejão, como o não fará de tudo o que se faz aos pais, quando tão de perto representão a sua *Pessoa*? Estejão certos os filhos, que todo o bem, toda a honra, assim como todo o desprezo, e crueldade, com que tratarem a seus pais, sobre o mesmo *Senhor*, que os hade julgar, recahe.

F. — Ah, desgraçados crueis filhos, como vos havereis com este Pai, Juiz Supremo, a quem desprezaes?

P. — Assim como nenhum melhor sinal de salvação, que a devida honra prestada aos pais, assim tambem nenhum outro mais certo de condemnação, que o desprezo dos pais. Parecerá, que eu quero fazer desesperar da salvação aos máos filhos; porem não he assim, antes intento sua salvação, mostrando-lhes o caminho, para que o tomem, e sigão.

D. — Tenho dobrado sentimento por ambos meus pais serem já fallecidos; quando os tivesse vivos, eu faria mais do que fiz.

Maldição dos filhos.

P. — Passemos á segunda parte do texto: *Et maledictus a Deo, qui exasperat matrem.* Como já disse, o sagrado Texto, por melhor estilo, e elegancia, serve-se ora do pai, ora da da mãi, entendendo a ambos. Temos pois maldito, ou amaldiçoado de Deos o filho, que põe em ira o pai, ou mãi.

F. — São amaldiçoados dos pais, e de Deos! Que cousa peior?

P. — Sendo amaldiçoados dos pais, se o fazem justamente, el-

les o são de Deos, pois que o fazem como seus representantes. Porem elles ainda o são de Deos, posto que o não sejão pelos pais. Vejamos primeiro a força terrivel que tem as maldições dos pais, quando são provocadas pelo desprezo, que delles fazem os filhos, ou sua má conducta.

Temos hum terrivel exemplo na maldição de *Cham* por seu pai *Noé*. Elle nos mostra o respeito, que merecem os pais em todas as occaziões. *Noé*, posto que homem justo, bebendo vinho, talvez porque ainda não tinha experimentado seus effeitos, ficou-se dormindo descomposto. Vendo-o assim seu filho *Cham*, diz o texto, que annunciara a seus irmãos, que estavão fóra da sua tenda, e não diz, que zombasse, ou escarnecesse delle: *Nuntiavit duobus fratribus suis foras. Gen.* 9. 22. Estes o compuzerão com a maior decencia, e respeito, pondo aos hombros capas, e andando para traz para que o não vissem descomposto. Porem muito embora zombasse: o pai não estava em seus sentidos, e parecia, que não merecia o maior respeito em tal estado. Porem não foi assim.

Tornado a si *Noé*, e sabendo, o que se havia passado: *Maledictus Chanaan, servus servorum erit fratribus suis.* ℣. 25. Amaldiçoou a *Chanaan* filho de *Cham*, e seu neto, abstendo-se de amaldiçoar a *Cham*, porque ao sahir da Arca Deos o havia abençoado, e porque foi este neto, que avisou o pai da desnudez de *Noé*, segundo a melhor opinião. Seja o que for, a maldição cahio sobre esta geração; e imprecando-lhe *Noé*, que fosse escrava dos escravos de seus irmãos, de tal sorte foi opprimida pelas gerações destes, quanto nos mostrão as guerras dos filhos de Jacob descendente de *Sem*, filho mais velho de *Noé*, e por elle abençoado, contra os *Chananeos* descendentes de *Cham*, e *Chanaan*. Apenas cessarão depois de muitos seculos com a total extincção desta geração amaldiçoada.

D. — Eu tenho lido a historia dessas encarniçadas guerras; porem ignorava a causa. Pensava ser a Idolatria em que cahirão logo a principio.

P. — Mais Nações idolatras havião, e contudo não tiverão guerras com ellas. Esta foi a origem; e pareceo sempre esta geração amaldiçoada, sendo ainda despojada da terra, de que licitamente se havia apossado, Deos a mandou exterminar, a nada perdoando. Não ignoramos as maldades proprias, mas admiramos os effeitos da maldição paternal. He verdade divina, que a maldição dos pais perde, e des-

troe os fundamentos da casa, e da geração: *Maledictio matris eradicat fundamenta.* ℣. 11.

He bem terrivel, e sabido, o que a este respeito refere St.° *Agostinho*, occorrido no seu tempo, e de que foi testemunha ocular. Huma viuva mãi de sete filhos, e tres filhas, vendo-se por todos elles desobedecida, e aggravada continuamente, os amaldiçoou, imprecando-lhes, que nunca pudessem ter descanço em parte alguma, pois que a ella o não davão. Caso espantoso! Terrivel effeito de tal maldição! Entrarão repentinamente todos os dez filhos em taes tremores, e convulsões, que não podendo descançar em parte alguma, entrarão a vaguear por differentes terras, sempre em tremores, e convulsões, para a todas ellas levarem o testemunho da força das maldições paternaes, não podendo em alguma achar descanço. Dois delles, *Paulo*, e *Paladia* vierão desde *Cezarea*, d'onde erão naturaes, e onde succedeo o caso, a *Hypona*, onde era Bispo St.° *Agostinho*, por cujas orações, e virtude das Reliquias de St.° *Estevão*, recobrarão prodigiosamente saude. O St.° *Doutor* fallou então ao povo, estando elles presentes, mostrando o que são e fazem as maldições dos pais, e o respeito que se lhes deve.

F. — Olhe, P., que tambem ha muitos pais praguejadores, e amaldiçoadores dos filhos, sem que estes o mereção.

P. — Direi logo alguma cousa a esse respeito. Devemos attribuir esta força das maldições paternaes, assim como a de suas bençãos a seus bons filhos, ao respeito, que Deos quer se dê aos pais. Para que obrigue os filhos á honra dos pais, foi necessario fazer-lhes sua autoridade respeitavel, e temivel. Nem sempre os pais se podem fazer respeitar por meio de castigos corporaes. Por isso pôz Deos em suas mãos este terrivel flagello; de que contudo os pais nem sempre devem, nem podem servir-se. Eu já mais o approvarei pelo que tem de terrivel, e sempre imprudente. Nem porque delle se não sirvão deixa Deos de olhar pelo respeito da sua autoridade, que deposita nelles. Quando destes não sejão amaldiçoados, o deixarão de ser por Deos, que he o verdadeiro Pai.

He isto o que bem claramente diz o texto; *Et est maledictus a Deo, qui exasperat matrem.* Maldito, amaldiçoado he o filho, que exaspera, põe em ira, ou offende algum de seus pais. Eis porque os máos filhos sempre se devem reputar como amaldiçoados de Deos, embora o não sejão dos pais.

F. — E que, P.! Poderão taes filhos ouvir da boca de J. C. naquelle grande dia: Vinde, abençoados de meu Pai, possuir o meu Reino? Onde serão postos, onde terão lugar? A' Direita entre os abençoados, ou á Esquerda entre os amaldiçoados?

P. — He necessario, que taes filhos nenhuns sentimentos tenhão de *Religião*, nem de temor de Deos; e he necessario ainda, que renunciem a Fé de *christãos*, porque nenhum outro sinal de condemnação podem ter mais certo. Se elles são amaldiçoados de Deos, como poderão então ser chamados abençoados deste verdadeiro Pai?

F. — Dahi tambem se segue, que nenhum melhor sinal de salvação do que ser bom filho, abençoado de seus pais, e por isso de Deos. Ouvi isto, meus filhos. E que multidão de filhos, que continuamente estão affligindo, e pondo em ira seus pais, principalmente quando idosos, cuja morte talvez estejão desejando!

P. — Tal respeito quer Deos que se tenha aos pais, que condemna a serem arrancados, e comidos pelas aves os olhos, que contra elles se levantão, e os que lhes lanção más vistas, ameaçadoras, ou desprezadoras. Arranquem os corvos, e comão as aguias, diz o sagrado Texto, os olhos, que se levantão, escarnecem, e zombão do pai, e desprezão, e offendem a mãi, que o deo á luz: *Oculum, qui subsannat patrem, & qui despicit partum matris suae, effodiant eum corvi de torrentibus, & comedant eum filii aquilae. Prov.* 30. 17. Outras letras dizem: *Oculus despiciens obedientiam matris suae.* E outras: *Despiciens senectutem matris.* Tudo se entende dos filhos, que lanção más vistas aos pais, com ellas os desprezão, zombão delles, e ainda mais zombão da sua velhice. A tal pena são condemnados taes olhos!

Nem em vão foi lançada por Deos tal pena, ou maldição contra os filhos rebeldes a seus pais. Ella se verifica mais vezes do que nós pensamos, por não fazermos reflexão em muitos casos terriveis, que continuamente se vêem, e que nós attribuimos a casualidades, quando não são senão decretos da justiça divina.

F. — Ai, P.! Estão-me lembrando aquelles dois corpos, que se acharão no monte, tendo já comidos das aves os olhos, e parte da carne os [illegible], e outros bichos. Eu me lembro que tratavão muito mal a seus pais, do que eu fui testemunha, e modos ameaçadores.

P. — Oxalá que se não verificasse em outros muitos, ou mais desta, ou daquella sorte! *Oculorum vestrorum*, clama S. *Jeronimo*, expondo estas palavras, *timete sententiam*. Temei, ó ingratos filhos, a sentença pronunciada por Deos: *Quam Dominus promisit ingratis*. Bem merecem cahir na cegueira, perder a vista, e outros males aquelles olhos, que offendem seus pais com más vistas, e levantados lhes faltão ao devido respeito: *Meretur enim suae coecitatis subire supplicium, qui parentum vultu, vel turvo visu despexerit, & elatis oculis laeserit pietatem*. Faltão as palavras para expor a enormidade da culpa dos máos filhos, que se levantão contra os pais, ou de qualquer modo os offendem, assim como os castigos, que os esperão perante aquelle Deos, que nos pais se offende, e sobre quem recahem todas as injurias, e offensas feitas aos pais, que representão sua mesma *Pessoa*.

M. — Muito bem assim deverá ser, supposto, como creio, o que tem dito do respeito, que merecem os pais. Porem desejo saber se terão effeito aquellas maldições, que continuamente estão lançando sobre os filhos, alguns pais?

Pais amaldiçoadores.

P. — Eu responderei, que não incorrerá na pena, quem não commette a culpa.

M. — E que dirá a hum filho, que lhe dissesse: P., eu tenho taes pais, que me cobrem de maldições a toda a hora, fervem em suas bocas os Diabos, e mil outras imprecações, com que de continuo me amaldiçoão?

P. — Eis ahi, o que são, e fazem muitos pais, em quem não ha sombras de *Religião*, nem temor de Deos. Taes são ainda mais amaldiçoados do que os filhos.

P. — Eu lhes perguntaria, qual o seu proceder, e conducta para com seus pais? Procuraria saber, se por desgraça elle filho influe nessas maldições, pondo em ira seus pais? Quando o fizesse, eu muito lh' o deveria estranhar supposta a doutrina expendida.

M. — Porem supponha, que o filho he mui bom filho. Elle procura dar a seus pais a devida honra: elle ao menos culpavelmente não os incita a taes iras; porem afflige-se com taes maldições, e imprecações; nem elle tem tomado tal costume.

P. — Querido filho, lhe diria eu, filho muito amado de Deos!

Alegra-te, pois apezar das maldições de teus indignos pais; tu es filho abençoado de Deos. Essas maldições não cahiráõ sobre ti, mas sim sobre quem as lança. Filho de pais amaldiçoadores, e praguejadores, que não o he, que não toma os mesmos costumes, he filho de hum grande prodigio, he objecto das maiores maravilhas das misericordias do Senhor. Filho, diria, tem paciencia, cuida muito em que não dês causa a essas maldições, agradece a Deos os prodigios, que obra contigo, e pede-lhe, que não aparte de ti suas bençãos. Não temas, nem te desconsoles.

Assim diria a hum tal filho; porem quam raros são esses prodigios! Nós já o vimos. Em quanto ao que deseja saber, não devemos presumir, que as maldições dos pais possão prejudicar os filhos, quando as não merecem. Porem a desgraça he, que os partos seguem ordinariamente a condição dos pais: e quando estes são monstros, como o não serão os filhos? Eu não posso dar a taes pais outro nome mais proprio do que o de monstros. Pais amaldiçoadores, não são pais, são monstros; não são *Christãos*, são monstros; não são nem ainda homens, são sim monstros peiores, que todos os monstros.

F. — Pois eu pretesto, que os *portuguezes* pela maior parte não são pais, são monstros; não são christãos, nem ainda homens, mas sim são monstros. Eu não vejo senão pais e filhos com os Diabos na boca; eu não ouço senão pragas, maldições, até mesmo a crianças. Não ha muitos dias, que dei humas boas palmadas em huma, e o faria com hum arrocho no pai, se naquella occasião o apanhasse.

P. — Façâmos justiça á Nação. Se nesta terra, e sobre tudo em suas visinhanças ha esta lingoagem infernal, e só propria de condemnados, ha outras muitas terras, e quasi provincias inteiras, em que, ao menos nestes tempos passados, jámais se ouvia huma só praga, ou maldição. Até mesmo se escrupulisava de fallar no Demonio, qualquer que fosse o motivo. Parece tal costume huma lava, que sahe do inferno, como as do monte Vesuvio, que alaga humas terras, deixando outras intactas.

Eu desejaria reduzir-me a silencio sobre tal respeito pela só razão de não poder exprimir com palavras, não só a gravidade da maldade, mas ainda o horror, que me inspira hum homem, sobre tudo pais, praguejadores, e amaldiçoadores. Figura-se-me ver condemnados, e não homens vivos.

D. — Faz-me tremer, P.! porque me parece, que algumas me tem escapado; mas eu prometto ter todo o cuidado.

F. — Parece-me que o mandar com o caréca, ou com a breca ao excommungado *Jansenista*, e a toda a corja incredula, não será peccado, porque elles são peiores que trinta mil carecas, por serem casta da má maleita.

P. — Huma alma, que tem alguma cousa de Deos, e de sentimentos de *Religião*, não necessita de muito para sentir o horror, que inspira tão infernal pratica. Ella so he propria, ou o devia ser de condemnados, ja no inferno, onde com desesparação eterna se entregão huns a outros aos Demonios. Tal desalmado ha, tal monstro, que a si mesmo proprio se dá, e entrega aos Diabos!! Que horror! Admira, que a paciencia de Deos tanto sofra; porem chegará o tempo. Elles ja tem a lingoagem que no inferno terão! Eis aqui porque me horroriso, parecendo-me que vejo hum reprobo em hum tal praguejador, ou amaldiçoador.

Mas que direi de hum monstro, qual he hum pai ou mãi praguejador, e amaldiçoador de seus filhos? Hum pai, hum monstro, que não se horroriza de entregar elle mesmo seus filhos aos Diabos? Seus filhos joias preciosas, que J. C. remio com o seu Sangue? Seus filhos creados á semelhança, e imagem do meu Deos? Ah, pais! Vós não sois pais! Vós sois huns monstros, indignos de que a terra vos sustente por muito tempo!!

Choremos porem a desgraça dos filhos de taes monstros, a quem eu desejaria a morte, logo que recebessem a graça baptismal, pelos perigos evidentes de sua condemnação vivendo. As desgraças destes filhos entre os mesmos *Gentios* são conhecidas. Não me admiro, dizia hum destes, *Séneca*, eu não me admiro dos males, que sobre nós carregão desde a nossa infancia, pois que nascemos, e crescemos entre as maldições de nossos pais: *Non miror quód nos ab initio mala sequuntur; inter maledictiones parentum crescimus.* Porem de boa vontade eu passaria pelos males physicos, a não serem os moraes, e espirituaes. Que se poderá dizer destas gerações de amaldiçoadores, ou praguejadores?

F. — Que são gerações amaldiçoadas; e por isso cadeas de condemnados, pois que vão seguindo huns aos outros. Os pais no inferno estão puxando pelos filhos, pela corda do costume, em que os puzerão, e os filhos vão cahindo sobre os pais, os netos, e toda a descendencia, não sei até que grão. Por isso quando vejo hum menino filho de taes pais;

teria dezejos, se não fosse peccado de lhe torcer o pescoço, para o empurrar para o *Ceo*, roubando-o ao inferno.

P. — Deos se compadeça de huns, e outros; e eu não sei que remedio possa dar para arrancar d'entre nós tão abominavel costume. Elle parece irremediavel, pela difficillima correcção de tão máos habitos. Ja me succedeo não poder suster a presença de hum moribundo, que ao mesmo tempo, que com elle fazia Actos de Contrição, rompeo em taes pragas, e maldições contra huma filha, que nenhum mal lhe fazia, que me encherão de horror.

F. — Que hade ser, se quanto mais velhos são, mais praguejão?

D. — Rogo-lhe, P., que queira fazer huma breve exhortação sobre maldições, a todo este ajuntamento, que aqui se acha.

Pragas, e maldições.

P. — Eu direi quatro palavras a tal respeito, e dellas concluirão a desgraça de tal gente. Ella he aquelles de quem diz o *Psalmista*, que nos labios tem veneno de aspides, porque tem a boca cheia de maldições, e amargôr contra seus proximos: *Venenum aspidum sub labiis eorum, quorum os maledictione, & amaritudine plenum est.* Psal. 13. 3. Porem no coração tem seu assento, e dahi sahe á boca, porque da abundancia do coração, do que ha no coração, falla a boca: *Ex abundantia cordis os loquitur.* Quem quizer conhecer o que cada hum tem no coração, attenda ao que tem, ou lhe sahe da boca. Verão alguns, a quem Deos não cessa de sahir da boca. *Valha-me Deos; Deos me soccorra; Deos nos acuda, Deos, Deos*, he sua palavra mimosa. Ditosa gente! A Deos tem no coração, e por isso lhe vem á boca! Outro tanto sem temor de errar, mas com magoa, digo no sentido contrario.

Quem poderá ter no coração aquelle, cuja boca está cheia de Diabos, que não sabem dizer palavra sem que logo venhão Diabos? Não outro, senão esses mesmos, que ahi dominão, e de tal sorte, que transbordão pela boca. Deos não poderá ter parte em taes corações. Inflamados pelo influxo dos espiritos malignos os corações, suas lingoas se inflamão no veneno das maldições, como em fogo infernal. Não são outras as lingoas, que o Apostolo S. *Thiago* affirma, que se inflamão no fogo infernal: *Lingua . . . inflammata agehenna. Jacob.* 3. 6. Tal lingoagem he mais propria de condemnados, que ja se inflammão, e ardem no

fogo do inferno, do que de homens vivos! Que mais evidentes, e espantosos sinaes de condemnação eterna!

Dirão que não o fazem com má intenção, nem com desejos de que empeção. Dirão ainda que são graças. Mas eu direi, que por graças tem o Demonio no coração, e por graças tem já a pratica de condemnados, e as lingoas inflammadas no fogo infernal. Que bellas graças! Assim graceja, quem não tem nem sombras de *Religião*, nem de temor de Deos, e cujo coração domina o Demonio.

Para dizer os males, que sobrevirão a taes amaldiçoadores, e praguejadores, tanto temporaes, como eternos, me referirei somente ao *Psalmo* 108, em que vemos imprecações terriveis contra elles. Ellas posto que na frase são imprecações, pelo estilo da lingoa *Hebraica*, como ja disse, são ameaças, e prophecias do que succede a taes peccadores. Não temos duvida de que o Psalmista falla de amaldiçoadores, e praguejadores: *Os peccatoris... apertum est*, principia: Abrio-se a boca do peccador, e com palavras de odio me cercarão: *Sermonibus odii circumdederunt me.* ℣. 1. 2. Que palavras de mais odio, que as pragas, e maldições? Porem melhor o hiremos vendo.

Constitue super eum peccatorem, & diabolus stet a dextris ejus. ℣. 6. He o sentido este: Sobre os amaldiçoadores porá Deos, quem os opprima, vexe, e persiga. O Diabo anda á sua direita: *Diabolus stet a dextris ejus.* Parece, que cada hum de nós traz á sua direita o seu *Anjo Custodio*; e se com effeito tambem o acompanha algum espirito máo, como creio, elle deverá ter a esquerda. No amaldiçoador porem o diabo toma a direita, como que tem o maior se não todo o dominio, e posse.

F. — Ah, desgraçados! Trazeis o Diabo á vossa direita!

P. — *Cúm judicatur, exeat condemnatus.* ℣. 7. Quando entrar em juizo sahirá condemnado; nem terá recurso á oração, porque ella se lhe torna em peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum.* Temivel estado o daquelle, cuja oração he hum peccado! Este he o do praguejador, ou amaldiçoador, porque a oração que Deos quer se lhe faça para conseguir o perdão deve ser que nos perdoe do mesmo modo, que nós perdoamos a outros as offensas que nos fazem; porem estes desgraçados bem longe de perdoarem, praguejão, e rogão mal. Pedindo pois a Deos, que lhes perdoe, assim como elles perdoão, a si mesmos se praguejão, pedindo, que não lhes perdoe: *Oratio ejus fiat in peccatum*; sua oração he hum peccado.

Fiant dies ejus pauci, poucos e breves serão os seus dias; outro tomará o seu lugar, seus empregos e seus bens: *Episcopatum ejus accipiat alter.* Outra letra diz: *Quodque asservatum est eis accipiant alii.* He o sentido, que morrei do breve, entrarão outros na posse do que possuião, ou sejão bens radicaes, ou de empregos, como vai continuando a dizer, e he o que continuamente mostra a experiencia, vendo-se a cada passo casas perdidas, e familias desgraçadas.

Fiant filii ejus orphani, & uxor ejus vidua. ℣. 9. Sua mulher em breve ficará viuva, e seus filhos orfãos. Que grande numero de pais morrendo antes de tempo, que numero de viuvas: e que multidão de orfãos desgraçados! Altos juizos de Deos! Mas bem pouco juizo tem huma mulher, que, tendo algum temor de Deos, toma por marido a hum amaldiçoador, ou praguejador! Oxalá taes pais ao menos attendessem ás desgraças, em que brevemente deixarão seus filhos, porque elles orfãos, desamparados, e perseguidos, andarão vagabundos, arrojados de suas casas, e bens, mendigando o sustento: *Nutantes transferantur filii ejus, & mendicent, ejiciantur de habitationibus suis.* ℣. 10. Virá o usurario, o ladrão, o oppressor injusto, e se apossará, roubará, e appropriará de sua herança: *Scrutetur foenerator omnem substantiam ejus.* Outros comerão o producto de seus trabalhos, e suores: *Diripiant alieni labores ejus.* ℣. 11. Não terão os amaldiçoadores, quem os soccorra, nem quem se compadeça de seus filhos: *Non sit illi adjutor, nec sit qui misereatur pupillis ejus.* ℣. 12.

F. — Santo Nome de Deos! Agora entendo, que tantas desgraças, que vejo no mundo, quaes está dizendo, tem ahi a causa. Tenho estado a puxar pela memoria, e não me lembro de casa edificada, e permanente em familia, que o fosse por amaldiçoadores. Lembro-me sim de algumas que apenas forão levantadas, logo forão perdidas, ou passarão a outros possuidores. De muitas familias de amaldiçoadores me lembro, todas desgraçadas. Ah, Sr. *Brig.*, a sua casa he huma das mais antigas, e bem estabelecidas destas terras. A minha não he das mais ordinarias. Tem noticia, de que houvesse em a sua algum amaldiçoador? Eu que tratei com meus pais, e avós nunca lhes ouvi huma só praga. O mesmo Julgo da sua.

D. — Em confirmação de tudo o que está dizendo, e expondo o Sr. Ab. direi, que meu pai em mais de huma occasião me disse, que entre seus antepassados jámais se havia ou-

vido huma só praga ou maldição; e quando eu me deslisasse desta conducta, elle procuraria desherdar-me da posse da casa, porque a não queria perdida, e suas filhas desgraçadas. Eu por desgraça... porem eu me corrigirei. Não verão entre meus parentes, que todos estão bem estabelecidos, tão máo costume.

F. — Todas as suas familias são a honra desta terra. Tenho entendido. Continue. Abrão todos os olhos.

P. — Omittindo outras desgraças em castigo de taes culpas, passo ao ỷ. 18. em que diz o *Espirito Santo*: *Dilexit maledictionem, & veniet ei.* O praguejador gosta de maldições, e essas terá. Elle amaldiçoa, porem elle mesmo será o amaldiçoado, porque as maldições, que elle lança contra outros, cahirão sobre elle. *Dilexit maledictionem, & veniet ei.* Nos amaldiçoadores se verifica á letra, o que o mesmo *Psalmista* diz em outra parte, e he, que elles cavão, e abrem a cova para si mesmos, cahindo nella: *Incidit in foveam, quam fecit.* Sua dor, isto he, o mal que a outros procurão com suas maldições se tornará contra elles, vindo sobre suas cabeças, e descendo sobre elles sua mesma iniquidade: *Convertetur dolor ejus in caput ejus, & in verticem ipsius iniquitas ejus descendet.* d.° 7. 16. 17. Desembainhão a espada da lingoa: *Gladium evaginaverunt peccatores*; armão, e estendem o arco para arrojarem as setas de suas pragas, e maldições: *Intenderunt arcum suum*; porem a espada se cravará em suas entranhas, o arco se quebrará, e as setas se voltarão contra elles: *Gladius eorum intret in corda ipsorum, & arcus eorum confringatur.* d.° 36. 14. 15.

He isto o que fazem os amaldiçoadores, e o que diz o texto: *Dilexit maledictionem, & veniet ei.* Arrojão pedras; porem estas se voltão contra elles, e cahem sobre suas cabeças, como justissimo castigo. Isto sempre se verifica ou mais desta ou daquella sorte; e não pequena pedrada he o peccado.

F. — Porem eu tenho ouvido dizer, que as pragas costumão empecer; e não quero que mas roguem.

P. — Então o fazem as dos pais nos filhos, quando as provocão por sua má conducta, e em outros quando são lançadas contra oppressores injustos. Porem nunca jamais prejudicarão a innocentes, pois a estes abençoará Deos, quando outros os amaldiçoem: antes elles serão os amaldiçoados por Deos: *Maledicam maledicentibus tibi. Gen.* 12. 13.

Concluamos com o *Psalmo.* Virão sobre os amaldiçoa-

dores as pragas, que elles a outros rogão. Elles não querem abençoar, e elles não serão abençoados. A benção se alongará delles: *Noluit benedictionem, & elongabitur ab eo.* ℣. 18. A maldição se lhe torna como vestido, que o cobre todo; e não só exteriormente, mas como agoa bebida entra em suas entranhas, e como oleo penetra pela medúla de seus ossos: *Induit maledictionem sicut vestimentum, & intravit sicut aqua in interiora ejus, & sicut oleum in ossa ejus.* Será sempre cuberto de maldição, como de huma capa, e della sempre cingido, como de apertado cinto: *Fiat ei sicut vestimentum, quo operitur, & sicut zona, qua semper praecingitur.* ℣. 19.

F. — Santo Nome de Deos! Fico tremendo.

M. — Não menos eu; e com mais razão.

D. — He tempo de pormos ponto a doutrinas tão importantes; pois o dia se acabou; eu julgo que nós todos acabamos de nos instruir na escolha que devemos fazer de nossos estados. Porem rogamos queira continuar as suas instrucções, e dar-nos conhecimento...

P. — Continuarei a faze-lo. Nós nestas tres *Palestras* apenas temos visto nas uniões conjugaes as primeiras pedras fundamentaes do edificio da *Sociedade*, ou primeiros fios na têa da *Sociedade*, como me tenho explicado. Porem ellas devem ser collocadas em hum outro fundamento para que o edificio fique solido: e os fios desta têa devem derivar-se, e ainda ficar sempre presos em hum outro laço firme, e forte. Os nossos Incredulos nada querendo de Deos, não querem ver na *Sociedade* mais que pactos, contratos, e obrigações humanas sem alguma intervenção de Deos. Falsos politicos! Deos assim como he o Autor do homem, o he da *Sociedade* em todo o sentido. Nós já vimos isto, e acabamos de o ver nas uniões conjugaes, e entre pais, e filhos.

Veremos agora, que a *Sociedade*, a grande *Sociedade* do genero humano em geral, e em particular, e em toda a extensão do sentido, não só tem a Deos por seu Autor, mas ainda o tem, ou deve ter por seu centro fundamental. Queirão ter presente esta verdade para a *Palestra* seguinte, em que entenderão melhor o que dissemos nas nossas *Disputas* a este respeito; e farão melhor idea das divinas bellezas da *Religião*, e do muito, que devemos ao nosso Creador, a quem, como Pai, peçamos a benção, e á nossa Mãi.

PALESTRA QUARTA.

Amor de Deos.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Liberal*, e *Freguez*.

Introducção.

Deista — Como não quer ceremonias, o esperamos no theatro; e lhe desejamos as boas tardes.

Parocho — Outro tanto desejo a todos os Senhores; e muito estimo, que não percamos tempo com ceremonias, quando temos materias importantissimas a tratar, qual he a que vamos a tomar entre mãos.

D. — O Sr. *Liberal*, que ontem entendeo se fallaria hoje do fundamento central da *Sociedade*, como apaixonadissimo da Politica, quiz tomar parte.

P. — Eu muito o estimo, pois dará occasião a melhor, e mais facil desenvolvimento da materia.

Liberal — Eu não ignoro, que visto o plano, que tem seguido, e verdades, que tem mostrado, he Deos o centro da *Sociedade*, pois que como Creador, e Autor do genero humano, he tambem o Autor da *Sociedade*, em que o creou. Eu tenho aberto os olhos a esta verdade, que o S. *Abbade* tão claramente provou. Ella me he tão patente, que estou certo ser *Atheista*, o que a negar, pois não se poderá sustentar o contrario sem negar a existencia de Deos Creador do homem. Como Autor da *Sociedade*, elle devia dar a legislação para regulamento desta *Sociedade*, tanto em geral como em particular. Creio pois que toda a legislação seja civil, seja *Ecclesiastica*, he Divina, ou dimanada della,

q *

Deos pois he o Chefe Supremo da *Sociedade*. Tudo isto tenho entendido muito bem assim como a necessidade indispensavel das Autoridades humanas em Nome do mesmo Deos para a execução das suas Leis, visto que Deos nos he invisivel. Julgo pois esgotada esta materia, e desnecessario será repetir, o que não ignoramos.

P. — Não intento repetir, nem disso tenho necessidade. A Santa *Religião* offrece ao Philosopho Christão hum campo immenso, que não poderá facilmente percorrer; e de humas passará a outras verdades maravilhosas, pois ao mesmo tempo que he immenso está cheio de tantas flôres, tantas bellezas, que enleado em sua formosura, ignorará qual mais admire, e pensará não ver o fim de tantas maravilhas.

Que cega, meus Senhores, he a Philosophia do seculo! Presumindo saber algumas cousa ella tudo ignora, quando ignora a *Religião*, que constitue a verdadeira sciencia, e he a fonte de toda a verdade. Toda a sciencia (se este nome merece) em que não entra o conhecimento da *Religião*, não passa de hum verdadeiro pedantismo, e não pode ser mais, quando muito, que huma sciencia irracional, e brutal, pois que em tal sciencia hombreão os brutos irracionaes com os homens, e talvez os excedão.

D. — Que tal he aquella, Sr. L.?

L. — Confesso, que fere o meu amor proprio.

P. — Queira sofrer, pois que devo dizer a verdade, e ja obtive a devida licença.

Freguez — Jesus! que se me agonia o coração. Dê o nome aos bois, e não lhe importe mais nada.

P. — Em que pensa excedem os homens nos conhecimentos aos brutos irracionaes, quando ignorão a *Religião*? Por ventura na sciencia da Politica, que he a da sua paixão? Porem eu affirmarei, que elles jamais poderão hombrear, muito menos exceder, com as abelhas, de quem deverião aprender em todo o sentido, nem ainda com a politica dos castores na *America* postos em sociedade. Em que? Nas sciencias astrologicas? Mas qualquer animalejo da terra, ou aves do Ceo, conhecem muito melhor os tempos do que os homens. Nas obras mecanicas, na architectura, na mesma geometria, e qualquer outro ramo de Philosophia? Os homens jamais hombrearão, nas primeiras com as abelhas, com as aves fabricando os seus ninhos, e nas outras com qualquer outro animal bruto.

F. — Bello meu P.! Ate mesmo muitos brutos tem muito me-

lhor bestunto, que os homens. Eu o provarei.

D. — Emmudeçamos, Sr. L., porque aquillo he verdade clara.

P. — A sciencia, que distingue o homem dos brutos he a da *Religião*, e não outra: esta he a verdadeira sciencia, a verdadeira Philosophia, fóra da qual nada mais ha que ignorancia.

D. — Quam poucos são os verdadeiros Philosophos á vista disso!

P. — Menos do que se pensa. Muitos presumirão possui-la, mas não sei se com razão. Vê-se hum inteiro abandono, e mesmo desprezo desta sciencia, mas porque a ignorão, e não tem idea de sua belleza.

F. — E não a querem aprender por isso mesmo que querem ser animaes brutos em todo o sentido.

Fundamento central da Sociedade.

P. — Ontem, depois de havermos fallado das primeiras pedras fundamentaes da *Sociedade*, e primeiros fios na ordidura desta têa, quaes são as uniões conjugaes, pais, e filhos, disse, que deviamos hoje saber qual seja a primeira pedra central, em a qual se baseem, e firmem estas, que apezar de chamar primarias, porque o são entre os homens, não são contudo se não secundarias. Ellas devem ter hum unico centro, porque em vão se poderia procurar a unidade da grande *Sociedade*, quando esta multiplicidade de pedras fundamentaes deste edificio, não tivesse hum unico centro, em que se firmassem todas. Estas differentes têas, que se urdem de differentes fios, tecendo-se com as uniões conjugaes, não poderião abranger a grande *Sociedade*, se não sahissem de hum só centro, e sempre com elle ligados; e ainda huma só mão, que trabalhasse nesta urdidura, e teçume. A não ser assim o edificio não se sustentaria, porque lhe faltaria o fundamento unico; a têa não teria união, porque sendo muitas as que a compõem, faltaria o laço que as devia ligar, e unir em unidade.

E. — Muito bem entendo, e estou por isso. Não só hum laço, mas ainda muitos laçou Deos a esta *Socidade*, que ja nos fez vêr, quando se disputou a esse respeito.

P. — Assim he. Nós vimos então Deos unico Autor da *Sociedade*, seu centro, e chefe, lançando muitos, e multiplicados laços para unir esta *Sociedade*. Vimos a J. C. formando a grande *Sociedade*, que he a sua *Igreja*, ligando-a com os laços mais fortes, e apertados, quaes são hum unico

Pastor, huma só Fé, huns sós *Sacramentos* &c. Porem dei- xei de proposito hum outro laço central, porque achei que não era então occasião de o poder desenvolver devidamente: o que agora farei. Foi ainda necessario desenvolver outras muitas materias para melhor poderem entrar no conhecimento desta.

Lembrados estaráõ de que por vezes mencionámos, e trouxemos por prova de muitas verdades, a oração de J. C. depois da ultima cea, em que pedio a seu Pai a união de sua *Igreja* com élles mesmos, de sorte, que fossem todos, a Santissima Trindade, e sua *Igreja* ou *Sociedade* de *Fieis*, huma e mesma cousa.

D. — Estamos todos presentes nessa verdade.

P. — Dahi devemos concluir, que os homens entrão, ou devem entrar na *Sociedade* com Deos; que os homens, e Deos compõem, e devem compor huma unica *Sociedade*, e que Deos não só he o chefe, mas a cabeça, e o centro desta *Sociedade*.

L. — Assim o devemos crer, pois essas verdades estão provadas por varias razões.

P. — Muito bem. Saibamos agora os primarios meios de que se servio na formação desta *Sociedade* em união, e unidade com elle; e eu o digo em duas palavras. Ao mesmo tempo que forma este edificio das secundarias pedras, e urde a têa dos secundarios fios, quaes são as uniões conjugaes, e a filiação, elle as assenta sobre si mesmo, fazendo-se pedra fundamental, porque elle se faz o Pai de todos, e não quer que os homens sejão menos que seus filhos, para que haja huma só familia. Quer, que o amem, honrem, e respeitem, como verdadeiro Pai. Elle fórma os differentes, e multiplicados fios para urdir, e tecer esta têa da *Sociedade*, e os prende comsigo, não so porque elle he o verdadeiro Autor, que forma estas uniões, mas ainda sobre todos os laços, lança os do *amor* filial, qual deve haver entre filhos, e hum tal Pai. Eis aqui a materia sobre que temos a discorrer.

D. — Grande idea he essa; e me parece que bem sabida, mas talvez pouco ponderada. Nenhum Fiel deixa de chamar a Deos Pai.

P. — E porque lhe não chama mais commumente Creador, e na grande oração Dominical quiz, que o tratassem com o dôce nome de: *Pai nosso*? Porem lancemos os olhos por outra parte, e entremos nos laços os mais fortes, que pren-

dem, ou podem prender esta grande familia filial com seu *Pai.*

Amor de Deos laço de união.

Admiremos primeiro huma cousa. Sendo Deos o grande Pai desta grande familia, quiz que a sua producção fosse por pais terrenos, pondo nelles a sua autoridade, para hir formando, e ligando a grande familia em *sociedade.* Ora pergunto eu: Qual he o laço mais forte, que une filhos com pais, e pais com filhos?

F. — Eu o digo, pois tenho razões para o saber. O laço de união o mais forte, e mais apertado que se pode dar entre pais e filhos, e entre filhos e pais, entre creados, entre irmãos, e entre todos, he o *amor*; e provarei.

P. — Não he necessario, porque ninguem poderá negar, que o *amor* bem entendido, he o laço de *sociedade* em união o mais forte. Nós o veremos quando fallarmos do amor fraternal: então acabaremos de conhecer, que nosso grande Pai intentou prender, ligar, e apertar na mais estreita união a grande *Sociedade* com os laços do amor: materia esta tão ampla, que necessitará de não poucas tardes para bem a desenvolvermos.

D. — Vai-se abrindo campo! Eu estou bem contente!

P. — Não sahiâmos agora do amor paternal e filial. Não ha união entre pais e filhos quando não ha amor. Porem então he huma sociedade a mais unida entre pais e filhos quando he ligada pelos laços, e cadêas do amor. Ella será indissolùvel em quanto existirem estas cadêas. Estão por isto, meus senhores?

D. — Ninguem o poderá duvidar.

P. — Pois concluão agora, que com estas mesmas cadêas, quiz nosso Grande Pai unir com sigo a grande *Sociedade* de seus filhos. Assim como o amor entre pais e filhos põe na mais estreita união esta familia, assim quiz Deos com estes mesmos laços unir com sigo toda a familia universal.

D. — Bravo! Que idea! porem as provas...

P. — Quantas quizerem. Tantas lhes darei, quantas sejão necessarias, para conhecerem, que Deos fez consistir toda a lei, que deo aos homens no só *amor*; e ainda direi no só seu *amor.*

L. — He verdade que J. C. disse que o maior preceito da Lei he o *amor* de Deos sobre tudo, e o do proximo...

P. — Assim he; mas ponderemos huma razão natural. Que tem os filhos para com seus pais?

F. — Tem o amor. Se o tiverem, tem tudo para serem bons filhos; se o não tiverem, nada tem. Tem tudo no *amor*, porque logo que o tenhão, lhes darão toda a honra; já mais lh' a darão, se o não tiverem.

P. — Nem mais nem menos os homens filhos para com seu grande PAI DEOS. Se verdadeiramente o amarem entrarão com elle na perfeita união, e terão feito tudo.

D. — De tal sorte mostra estas verdades, que convencerão os maiores pirronicos: porem a nossa cegueira não nos tem permittido pondera-las devidamente.

P. — Conhecidas estas verdades fundamentaes, vamos a ver como DEOS PAI quiz fortificar estes laços de união pondo nelles toda a virtude, como base da sua legislação, e ainda *Religião*; e mesmo tudo o que devemos a este nosso *Grande* PAI.

Amor de Deos forma a Religião.

Fez DEOS sempre consistir no seu *amor* toda a Lei, e toda a sua *Religião*, pois que tudo o mais que nella temos se tornará inutil senão for accompanhado deste *amor*: *Plenitudo legis est charitas. Rom.* 13. 10. O *amor* he a plenitude da Lei. J. C. bem expressivamente o disse, quando foi interrogado pelo maior preceito da Lei: *Magister, quod est mandatum magnum in lege?* Amarás ao *Senhor* teu DEOS com todo o teu coração, e com todas as potencias de tua alma: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua. Math.* 22. 27. Eis aqui, accrescenta, o maximo, e primeiro mandamento: *Hoc est maximum, & primum mandatum.* ℣. 38. O segundo he semelhante a este: Amarás o proximo, como a ti mesmo: *Secundum autem simile est huic: Diliges proximum tuum sicut te ipsum.* ℣. 39. Destes dois mandamentos pende toda a Lei, e toda a doutrina, que vos tem ensinado os Prophetas: *In his duobus mandatis universa lex pendet, & Prophetae.* ℣. 40.

F. — He isso o que dizemos no fim dos mandamentos: Estes dez mandamentos se encerrão em dois, que são, amar a DEOS sobre tudo, e ao proximo como a nós mesmos.

P. — Podemos dizer, que não temos mais do que hum só preceito, que he o *amor*, em que se funda toda a Lei: *Ple-*

nitudo legis est charitas. He o só *amor*, que, como hum tronco, brota dois ramos, que são o *amor* de Deos sobre tudo, e o *amor* do proximo, como a nós mesmos. Eu diria ainda, que não temos em essencia por mandamento, e toda a Lei, mais que o *o amor de Deos*, porque este gera, produz, e dá á luz infallivelmente o *amor* do proximo; e tanto, que não se pode dar o *amor de Deos* sem o *amor* do proximo, e não será este bom quando se não funde, e dimane daquelle. Em outra occasião melhor desenvolveremos esta materia. J. C. os especificou para melhor os intimar.

He pois o *amor de Deos* toda a Lei, e todo o fundamento da *Religião*, se não toda ella mesma. Ella aqui assenta; e de balde edificaria, quem o pertendesse fazer sobre qualquer outro. O que quizer entrar nesta grande *sociedade*, e familia, que reconhece, e tem a Deos por Pai, e formar com elle estreita união, ha de unir-se com os vinculos do seu *amor*, e não de outra sorte. Melhor o entenderão depois de verem as excellencias, e admiraveis effeitos desta grande virtude, pela qual Deos nos quiz salvar formando nella os laços da união, que dizemos.

L. — Desse modo quer excluir todas as mais virtudes; o que me parece hum grande erro.

P. — Eu não as excluo; todas as mais virtudes são mui boas, se as acompanha o *amor de Deos* de tal sorte que faça o seu fundamento, e fim. Então serão mui bellas. Porem não sendo assim todas ellas se tornaráõ vãas, e quimericas: mesmo não serão virtudes.

D. — Que assombro nos causa, P., com tal doutrina! Pois a Fé, a Esperança, a Castidade, as obras de misericordia, a Esmola, a mortificação, e outras muitas não são virtudes?

P. — De certo o não são, se não tiverem por fundamento, e fim o amor de Deos. Ellas por si sós não formão os laços desta união. não prendem com Deos, que he todo o centro: ao que deve attender, o que quizer entender a divina economia. Todo o ponto está nesta união de *Sociedade* com Deos, que deve formar o *amor*, e não outra cousa. Esta união he toda a *Religião*.

L. — Quer o Sr. Ab. que esta *Sociedade* geral seja unida com Deos assim como a de filhos com o pai; porem aquelles estarão unidos com este, quando lhe forem obedientes, cumprirem seus mandamentos, derem a devida honra...

P. — Nego, que o fação, e que haja a devida união se não amarem seu pai com hum amor de coração.

P. — O Sr. L. não reflecte no que diz. Como quer que o homem cumpra com os mandamentos de seu PAI DEOS, se o não ama, quando este *amor* forma toda a Lei?

L. — Assim he. Mas por ventura não ha virtude sem *amor* de DEOS! Que paradoxo!

P. — Assim lhe parece pela ignorancia da *Religião* em que labora. Assente neste principio, e acabe de entender, que o fundamento da *Religião* existe nesta união de *Sociedade* com DEOS, que se dirige a fazer com elle huma só unidade. Lembre-se da oração de J. C. Nossas almas de DEOS sahirão, a elle devem tornar, e com elle devem estar sempre unidas. DEOS he o seu centro. Se o não consegue está perdido o seu fim. Esta união he o tudo; mas ella deve ser firmada pelos vinculos, e laços do *amor*. Eis aqui que não ha virtude verdadeira sem o *amor de Deos*, que sempre deve fazer o seu fim. Queira lêr este retalho da primeira carta de S. *Paulo* aos *Corinthios*.

L. — *Si linguis hominum loquar, & Angelorum, charitatem autem non habeam, factus sum velut aes sonans, aut cymbalum tinniens.* 13. 1.

P. — Quando eu prégasse, não só como os melhores prégadores, mas ainda como o poderião fazer os Anjos, se eu não tiver o devido *amor* de DEOS, eu não seria mais que o bronze sonante, ou sino, que faz estrondo.

L. — *Et si habuero prophetiam, & noverim mysteria omnia, & omnem scientiam; & si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum.* ℣. 2.

P. — Quando eu tivesse o dom de prophecia, conhecesse todos os mysterios, e tivesse huma Fé tão viva e forte, que transferisse de huma a outra parte os montes, se não tiver a verdadeira caridade, isto he, o *amor* de Deos, nada seria. Aqui vemos, que nada he a Fé sem o *amor* de Deos: vejamos agora as obras de misericordia, as mortificações, e ainda o amor do proximo, quando não he fundado no *amor* de Deos.

L. — *Et si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas, & si tradidero corpus meum ita ut ardeam, charitatem autem non habuero, nihil mihi proderit.* ℣. 3.

P. — Quando eu, diz, destribuisse em sustento dos pobres todas minhas faculdades, taes mortificações desse a meu corpo, que o fizesse arder, nada me aproveitaria tudo isso quando não tivesse o *amor de Deos*: *Nihil mihi proderit*. Daqui concluio St.º *Agostinho*: *Sola charitas sufficit, si*

adest: caetera omnia nihil prosunt, si sola charitas desit; a só caridade, o só *amor* de Deos basta, se por ventura o ha; mas tudo o mais nada aproveita se faltar o só *amor* de Deos.

D. — Temos entendido muito bem; e cessa a nossa admiração.

P. — A mesma razão natural o mostra considerado por outra parte. Nenhum acto virtuoso, ou que de sua natureza seja meritorio, nenhumas obras, posto que excellentes, e heroicas, são aceitas por Deos, attendidas, e premiadas se não forem consignadas, ou marcadas com o sêllo do seu *amor*. Assim como o homem não incorre em obrigação para com outro homem, se não por aquillo, que este faz por seu amor, e respeito, assim Deos não premiará mais do que aquillo, que se faz por seu *amor* e respeito.

F. — Quantas boas obras, que poderião merecer hum *Ceo*, se perdem, porque não entra nellas o *amor de Deos*! Lá soccorrerá algum os pobres com largas esmolas, andarão pelos hospitaes, farão penitencias, e outras cousas. Tudo isto he bom; porem talvez sejão peccados.

D. — Peccados! Não diga heresias.

F. — Não digo tal; Vm. não entende esta doutrina. Serão peccados porque as fazem por máos fins, por soberba, por amor proprio, por vaidade, e outros fins, e não pelo verdadeiro, que he o *amor de Deos.*

P. — Diz a verdade. O só *amor de Deos* he o que tudo faz, e o que enriquece o verdadeio Fiel de virtudes, e carrega de merecimentos para com Deos. Entre outras nos propõe o *Evangelho* huma mui celebre parabola, qual he a do negociador, que comprou a margarita preciosa. He semelhante, diz, o Reino dos *Ceos* ao negociador de boas joias: *Simile est Regnum Coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas.* Tendo achado huma preciosa, vende quanto tem, e a compra: *Invenla autem una prctiosa margarita abiit, & vendidit omnia, quae habuit, & emit eam. Math.* 13. 4. 5. Que magarita pode ser esta de tanto valor, que ella só possa enriquecer o homem?

D. — He admiravel! Ate mesmo huma joia não póde sustentar o homem, sem que se aliene.

P. — Esta joia, ou margarita deve ser tal, que ella só o enriqueça possuida, e de nenhuma sorte alienada. Tambem faz a mesma comparação, ou simile com o thesouro, posto que não he tão expressivo. Que pois nos quiz J. C. dizer nestas parabolas? Que thesouro he este, que margarita?

Não he outro se não o seu *amor*; deste fallou sem duvida; porque verdadeiramente he a preciosa margarita, com que se enriquece o homem, e por cujo preço comprará o Reino dos *Ceos*. *Haec est margarita pretiosa, charitas, sine qua nihil tibi prodest*; esta he o *amor de Deos*, sem o qual nada te poderá aproveitar; porque com elle terás todas as riquezas: *Quam si solam habeas sufficit tibi.* He de St.° *Agostinho*.

Tanto o *amor de Deos* faz todas as riquezas espirituaes, quanto conforme elle será a sua virtude e santidade, porque será á sua proporção, e medida. Aquella *Jerusalem* Celeste, de que tanto se falla nos sagrados Livros, não só representa o *Ceo*, mas ainda huma alma virtuosa e santa. S. *João* vio no *Apocalypse* hum *Anjo*, que com huma cana, ou vara d'ouro media a sua extensão. *Apoc.* 21. 15. Mas se algum quizer medir, ou conhecer a quantidade, e porção de sua virtude, e santidade, desta medida se deverá servir, pois á proporção do amor de Deos, que em seu coração tiver, será a sua virtude, e santidade: *Quantitas alicujus animae*, diz S. Bernardo, *aestimatur de mensura charitatis, quam habet, ut quae multúm habeat charitatis, magna sit, quae parúm, parva.*

L. — Visto isso não são as penitencias, as mortificações, e outras praticas as que constituem a virtude, e santidade?

P. — Estou por isso, e concordo perfeitamente se as considerarmos em si mesmo.

L. — Logo não são necessarias, e se tornão superfluas.

P. — Não conclue bem. Serão superfluas sem o *amor de Deos*, mas com elle valerão muito, e bem podem fazer crescer o merecimento deste *amor*, quando ellas o tem por fim, como sempre devem ter. Para que melhor o entenda, veja seus

Admiraveis effeitos.

Que homem avaro de riquezas terrenas, se poderia reputar mais rico? Queirão dizer-mo.

L. — Quem mais ouro possuisse, ou mais thesouros.

P. — Pois eu digo, que quem tivesse a *Varinha de condão* seria o mais rico, porque tocando com ella qualquer cousa, que fosse teria ouro ás carradas, quanto quizesse, e quando quizesse.

L. — Isso he huma fabula, e frioleira pueril.

P. — Não o he tanto que não désse ja grandes trabalhos aos loucos homens para a descubrir com o nome de *alchimia*,

ou pedra philosophal, a que attribuião a virtude de converter em ouro outras materias. Porem temos aqui a verdadeira pedra philosophal, a verdadeira *alchimia*, pois que converte em ouro preciosissimo tudo o que toca.

F. — Pois então affirmarei, que ha verdadeira *varinha de condão*.

P. — Ouçâmos a J. C. no seu *Evangelho*: *Quicunque potum dederit uni ex minibus istis calicem aquae frigidae tantum in nomine discipuli, amen dico vobis non perdet mercedem suam. Math.* 10. 42. Outro *Evangelista* diz: *Quisquis dederit potum vobis calicem aquae in nomine meo, quia estis Christi* &c. *Luc.* 9. 40. O sentido he: Quem vos der hum copo d' agoa fria, porque sois meus discipulos, ou por meu *amor*, eu vos affirmo, que ha de ter premio. Aqui temos hum copo d' agoa, que não vale mais do que huma pouca d' agoa; porem ella dada pelo *amor* de Deos ja não he agoa; ella se converte em ouro preciosissimo, que vale hum premio dado por Deos, que sendo no *Ceo* eu mais quereria do que todo o ouro da terra.

Queirão agora discorrer por tudo o mais. Huma esmola dada a hum pobrezinho, vale hum pedaço de pão, ou qualquer outra cousa; porem se he dada pelo *amor de Deos*, se he tocado com esta vara, e marcado com este sêllo, já não he pão, já não he cóbre, transforma-se em ouro preciosissimo, que valerá hum *Ceo*. O mesmo digo de todas as obras de misericordia, penitencias, mortificações, e tudo o mais que se pratica na santa *Igreja*. He assim que se exprime S. *Bernardino de Senna*: *O' quam pretiosus est amor, qui in conspectu Dei omnia pretiosa facit!.. Nec solùm aurùm est amor, sed, quod mirabilius est, aura reddit quaecunque contingit.* Quam precioso he o *amor* de Deos! exclama este *Santo.* Elle não só he ouro, metal o mais precioso, mas ainda converte em ouro tudo aquillo, que toca, o que he bem admiravel: *Aura reddit omnia quaecunque contingit*:

Tambem eu exclâmarei: Oh! como he certo, que tudo se torna em bem para aquelles, que amão a Deos! *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum*, *Rom.* 8. 28., pois que fazendo tudo por *amor* de Deos, tudo se lhes torna preciosissimo.

F. — Pois eu tambem exclâmo: Oh, como se tornará tudo em mal para aquelles, que aborrecem a Deos, para seus inimigos declarados, que, como cães raivosos, e danados, porque não podem chegar a Deos, fazem a guerra á sua

Religião, aos seus Templos, ás suas imagens, aos seus Ministros, e a tudo o que tem visos de Deos! Como hirá a estes excommungados, a esta raça de cães danados?

P. — Peça a Deos que lhes abra os olhos...

F. — (He o que me importa.)

P. — E conheção sua cegueira. A ditosa alma, que descubrio este riquissimo thesouro, adquirio esta preciosissima margarita, continuamente se está enriquecendo, e enthesourando riquezas de merecimentos no *Ceo*, porque tudo o que faz, diz, e pensa, marca com o sêllo do *amor* de Deos, pois que por elle faz, falla, e pensa, e não quer ter outro fim. Ella quererá viver para amar, e servir a Deos, nada quer fazer, sem que seja consagrado ao seu Deos, por elle, e por seu *amor*. Lá estará trabalhando, e talvez inadvertidamente; mas como já dedicou suas obras a Deos, assim mesmo o está amando. Lá hirá procurar no Templo o seu *grande* Pai, mas este lhe conta os passos, e não deixará hum só sem premio: *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum.* De tudo terá o premio: *Non perdet mercedem suam.*

F. — Pois tambem os cães danados contra Deos não hão de perder a paga. Não pensem que ficaráõ sem ella.

D. — Grande he, meus Senhores, a cegueira do mundo! Grande tem sido a nossa ignorancia, pois jamais entrámos nesta alta sciencia, e tão consoladora para os bons Fieis. Porem quaes podem ser os effeitos deste *amor* nos peccadores?

Perdoa peccados.

P. — Mui grandes e quaes se podem desejar. He verdade, que o coração do peccador anda regelado, e difficultosamente poderá prender nelle o fogo deste *amor*; porem huma vez que o faça, que bens conseguirá? Para os dizer, me lembra o que nos refere o 4.° *Livro dos Reis* do que se passou entre o Propheta *Elizeu*, e huma pobre Viuva. Clamava esta ao Servo de Deos, pedindo-lhe soccorro, pois que seus credores a opprimião. Meu marido morreo, diz, e tu bem sabes, que elle era temente a Deos. Vem agora hum seu crédor, a quem não podendo pagar, intenta tirar-me os meus dois filhos para o servirem. Que queres, que te faça, mulher? Que tens em tua caza? lhe pergunta o Propheta: *Quid habes in domo tua?* 4. *Reg.* 4. 2. Nada mais tenho, responde, que huma bem pequena porção de oleo: *Non*

habeo ancilla tua quidquam in domo mea nisi parum olei, quo ungar. Vai, lhe diz o Homem de Deos, pede emprestadas a teus visinhos não poucas vasilhas, e verte nellas desse oleo ate que estejão cheias.

Assim o fez; e tanto cresceo, e se augmentou aquelle pouco oleo, que encheo quantos vazos havia pedido. Fiz o que me mandaste, vai ella dizer ao Propheta, e tenho muitas vasilhas cheias de oleo. Que devo fazer agora? *Vade*, lhe responde, *vende oleum, & redde creditori tuo: tu autem, & filii tui vivite de reliquo.* ℣. 7. Vai, e vende o bastante para pagares ao teu crédor; tu, e teus filhos vivei, e sustentai-vos com o producto do resto.

Este he o facto: mas sendo certo, que os factos referidos nos sagrados Livros, que acontecião áquelle povo, erão figuras representativas: *Omnia in figura contingebant illis.* 1. *Cor.* 10. 11., que figura he esta, e que mysterio encerra? Não poderia o Propheta por qualquer outro meio remediar esta necessidade? Poderia sim; porem não teriamos a realidade, que representa. Nas dividas se figurão os peccados; e he assim que na oração Dominical J. C. os chamou, ensinando-nos a pedir o seu perdão: *Dimitte nobis debita nostra*; perdoai nossas dividas: porem no oleo sempre se figurou o *amor*, como temos bem claro em outras partes. He o mysterio pois, que assim como aquella viuva com o oleo natural pagou as dividas dos bens terrenos, assim com este espiritual oleo do *amor* de Deos se lhe devem satisfazer as dividas das injurias, e offensas, com que o temos ultrajado. Neste sentido diz St.º *Agostinho*: *Defuit oleum, & debitum crevit; crevit oleum, debitum periit.* Faltou o oleo do *amor* de Deos, e crescerão as dividas; cresceo aquelle, estas acabarão.

Compara S. *Gregorio* o peccado com a ferrugem, que perde o ferro, e o *amor* de Deos com o fogo, que a consome, e torna os metaes brilhantes, e puros, sendo este mesmo o effeito do fogo do *amor*. Neste sentido parece dizer o divino *Proverbio*: *Aufer rubiginem de argento, & egredietur vas purissimum.* *Prov.* 25. 4. Tira a ferrugem do do metal precioso, e então se fará vaso purissimo.

S. *Thomaz de Aquino* em duas palavras diz os effeitos do *amor* de Deos: *Charitas aufert omne peccatum, & confert omne meritum. Opusc.* 61. c. 17. Tira todo o peccado, e confere todo o merecimento. Não se pode dizer melhor, nem em mais breves palavras. A viuva, de que fallámos, com o o-

leo, pagou suas dividas, e ficou subsistindo. Assim este amor, figurado naquelle oleo, perdoa as dividas, isto he, os peccados, e confere as graças para ficar vivendo sem taes empenhos, e com merecimentos: *Aufert omne peccatum, & confert omne meritum.*

Nós temos o primeiro effeito bem claro na *Magdalena*, que S. *Lucas* nos representa como famosa peccadora: *Ecce mulier, quae erat in civitate pecatrix. Luc.* 7. 37. Ella não fez mais, que arrojar-se aos pes do Divino Mestre, regar-lhos com suas lagrimas, e ungir-lhos com precioso oleo: *Lacrimis coepit rigare pedes ejus, & capillis capitis sui tergebat, & osculabatur pedes ejus, & unguento ungebat.* ℣. 38. J. C. lhe disse: *Remittuntur tibi peccata.* ℣. 48. Mas porque motivos? Que foi aqui o que mereceo a esta ditosa peccadora tão absoluto, e geral perdão? Ella nem o pedio com palavras. O mesmo *Senhor* o diz: *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multúm.* ℣. 47. São-lhe perdoados muitos peccados, porque he muito o *amor*, com que me ama. Não forão as lagrimas, mas sim o oleo, com que lhe ungio os pes, que lhe mereceo tão absoluto perdão, isto he, o *amor: Quoniam dilexit multúm.* No regar, e lavar os pes com as lagrimas, limpar, e enxugar com seus cabellos, e nos osculos, mostrou o ardente amor, que abrasava o coração, representado no unguento; e foi este o que de famosa peccadora a converteo repentinamente em mais famosa *Santa*: *Quoniam dilexit multúm.*

Não so o *amor* perdoa muitos, e grandes peccados, porem dá todo o merecimento: *Aufert omne pecatum, confert omne meritum.* Não ha peccado algum, por mais grave, mais enorme, que seja, que o fogo do *amor* divino não apague, e risque da alma; não ha merecimento, que por este *amor* se não consiga; *Non est peccatum*, diz o douto *Idiota* fallando com Deos, *quod dilectione tua non remittatur, non macula tam foeda, tam tenax, ac etiam inveterata, quae tua dilectione, & amore non dissolvatur.* Em quanto ao merecimento se formará idea pelo estado, em que o amor põe alma; o que vamos a ver.

L. — Isso me parece muito exagerado!

P: — Mais lho deveria parecer a verdade com que affirmo, que Deos fundamentou a sua *Religião* no seu *amor*, e contudo fica provado. O que agora digo, são consequencias deste principio. Porem saibamos a razão porque assim lhe parece.

L. — Póde por ventura hum ladrão, hum sensual, ou qualquer outro com o só *amor* de Deos conseguir o perdão? Então nada mais facil.

P. — Respondo á primeira, que sim póde, como bem o prova o caso da *Magdalena.* Em quanto á segunda, tanto concordo, quanto terei logo que me demorar nesse respeito, mostrando, que nada mais facil, que a salvação, provando cabalmente o que ja teve parte nas nossas *Disputas*, e o não fiz então por não poderem entender estas doutrinas.

Se o *amor* de Deos forma a base da *Religião*, e he toda a Legislação, que Deos deo ao homem, elle devia indispensavelmente produzir estes effeitos, perdoar todos os peccados, e dar todo o merecimento, porque estes mesmos são os effeitos, que deveria produzir a *Religião*, em que não ha mais que este *amor.*

L. — Porem de que ficão valendo os *Sacramentos*?

P. — De muito; pois quando não confirão a primeira graça, conferem a segunda.

L. — Eu não entendo isso.

P. — Não admira; porem eu o explico. Quando o peccador vai á *Confissão* ja tocado, e possuido deste *amor* de Deos no devido gráo, vai ja perdoado, e em graça; e este Sacramento lhe confere nova graça sanctificante. Outra nova graça, e ainda maior receberá na *Communhão.* Deve ainda este *amor* para perdoar os peccados ser acompanhado dos desejos da Confissão, e de satisfazer o que for obrigado; sem o que não seria sincero *amor.* Dê-me pois o Sr. L. o maior peccador tocado de hum sincero, e verdadeiro *amor de Deos*, que eu lho darei hum santo.

F. — Olhe, que não será facil, principalmente se for da casta brava, por que elles todos tem tal odio a Deos, que nem cães danados; e tenho dito.

P. — Quando alguma vez fallemos da *Contrição*, diremos mais alguma cousa. Chamo agora as suas attenções ao ponto principal, que não devemos perder de vista para entrarmos no Plano de Deos na formação da *Sociedade* do genero humano.

D. — Estamos certos, que o desenvolvimento, que vai fazendo, deve versar sobre o centro da sua união, ou unidade, que he Deos, e os laços, que a ligão, e apertão, são os vinculos, e cadêas do *amor.* Deve pois o *amor* ligar o homem com Deos para com elle ficar sendo huma, e a mesma cousa, conforme a oração de J. C. a seu Pai.

P. — Muito bem. Vejão agora não só os admiraveis effeitos deste amor, mas ainda a belleza, a formosura encantadora da *Religião*, e a altissima dignidade a que nella quiz o Deos Maximo, o Deos Supremo elevar o homem por meio do seu *amor*.

O amor une com Deos.

O *Apostolo* do amor, que J. C. honrou com distincção de maior amor, como lhe canta a Igreja: *Praevilegio praecipui amoris caeteris altius a Domino meruit honorari*, S. *João*, digo, que na noite da *Cea* se reclinou sobre o peito do *Senhor*, abrazando-se na ardente fragoa do *amor* do amantissimo coração do *Divino Salvador*, nos dá as devidas ideas dos seus admiraveis effeitos. *Deus charitas est*, diz, Deos he o *amor*; e o que o ama está em Deos, e Deos nelle: *Qui manet in charitate, in Deo manet, & Deus in eo*. 1. *Joan*. 4. 16. Que mais poderá o homem desejar?

L. — Não acho isso admiravel, pois que a Fé nos ensina, que Deos está em toda a parte, e mui bem se pode dizer, que tambem está no peccador, ou naquelle, que o não ama.

P. — Mas não do modo com que está no que o ama. O sol a tudo lança seus raios de claridade, e não podemos dizer, que tudo está no sol, e com elle unido. Não he exacta esta comparação, pois nada se pode comparar com Deos. Porem lembreme-nos da oração de J. C. na mesma occasião, em que S. *João* se reclinou sobre seu peito.

D. — Lembramos sim, e eu formo se me não engano a devida idea: *Rogo.... ut omnes unum sint, sicut tu Pater in me & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.... Ego in eis, & tu in me; ut sint consummati in unum. Joan*. 17. 21. 23. Bem se vê, que esta união com Deos he huma outra cousa mui mais particularissima, pois que J. C. quer que ella seja á semelhança da mesma, que elle tem com o Pai, e o Pai com elle, que he de tal sorte que sendo duas Pessoas distinctas são hum só Deos, e assim quer esta união com os homens, que os homens, e Deos sejão huma, e a mesma cousa; o que se não pode dizer de todas as creaturas. Devemos pois dizer que ha huma união particularissima, de que Deos he o centro, e com elle forma huma unidade.

F. — Essa he a verdade; e nessa união ja mais poderáõ entrar os Incredulos, nem os excommungados *Jansenistas*, peiores do que todos. Por isso dizemos, que o *Justo* he morada de Deos, porque o tem unido com sigo.

P. — O Sr. Brig. entra no fundo do que eu queria dizer.

F. — (E eu tambem, pois não sou côxo.)

D. — Ainda me lembro, de que nessa noite instituio J. C. o Augustissimo *Sacramento* do seu Corpo para acabar de formar esta união.

P. — Lembra-se bem; porem não devemos baralhar materias tão importantes, e por ora não devemos sahir dos sós effeitos do *amor*.

D. — Queira prometter-nos, P., que tambem nos ha de fallar dos effeitos da Communhão; pois minhas irmãas, que della são muito devotas, m' o pedirão.

P. — A' manhãa lhes farei a vontade, e desempenharei a promessa, que agora faço, mostrando novas, e divinas bellezas da santa *Religião* neste mesmo sentido da união com Deos. Eis aqui pois quiz nosso amantissimo Deos formar do seu *amor* estes laços, estes vinculos de união reciproca, e não em qualquer outra cousa. Queirão notar, que digo união *reciproca*, porque nós temos a ver logo o *amor* de Deos, ligando-o aos homens, intentando ligar a si os homens com os mesmos vinculos do *amor*.

D. — Que cousas tão grandes, meus Senhores! Que bellezas ha na *Religião*! Que cegos temos andado, pois tudo ignoravamos!

P. — Temos o *amor* a Deos, não só attrahindo a si ao coração, que o ama, mas ainda ligando-o, e vinculando-o comsigo, de sorte que este ditoso fica vivendo, ou permanecendo em Deos, e Deos nelle: *In Deo manet*, & *Deus in eo*. Se alguem me ama, diz J. C., meu Pai o amará; viremos a elle, e nelle faremos morada: *Si quis diligit me.... Pater meus diliget eum*, & *ad eum veniemus*, & *mansionem apud eum faciemus. Joan.* 14. 23. Aqui temos Deos, e o seu amante ligados em união, e unidade com os laços do *amor*, vinculos, e cadêas fortissimas. Mas como explicar os effeitos desta união?

Aquelle, que ardendo neste fogo de *amor*, dizia estar certo, que nem a morte, nem a vida, nem alguma creatura o poderia separar do *amor* de Deos, tambem disse: *Vivo ego jam non ego*; *vivit vero in me Christus. Gal.* 2. 20. Vivo eu, mas não sou eu o que vivo, pois que vive em mim Christo. *Mihi vivere Christus est. Phil.* I. 21. A minha vida he *Christo*.

Eu não posso explicar melhor esta união, e vida, que com huma comparação de que J. C. se servio. Devemos sa-

ber, que de tal sorte são creadas as nossas almas, tanto á imagem, e semelhança de Deos, e com taes relações com elle, que lhes he necessaria huma união vital, de sorte que sem ella não se pode dizer que vivem, perdendo tanto do seu ser, que verdadeiramente a soltura, ou desligação desta união se deve chamar morte. Foi esta a intimada por Deos aos primeiros pais, affirmando-lhes, que morrerião no mesmo dia, em que comessem do fruto prohibido. Não podemos conhecer esta morte senão á luz da Fé, pois que ignoramos a natureza das nossas almas. Devemos porem entender, que esta união vital he formada pela graça com os laços do *amor*. Ouçâmos agora a Jesus *Christo*.

Ego sum vitis, vos palmites. Eu sou a vide, e vós sois os ramos desta vide. O que está unido comigo, como o ramo está unido com a videira, este vive, e produz muito fruto: *Qui manet in me, & ego in eo, hic fert fructum multum. Joan.* 15. 5. Eis aqui a união vital! O ramo cortado da vide seca-se, e morre. A união expressa na comparação de corpo humano tambem diz muito; porem em outra occasião terá melhor lugar.

Esta união quiz Deos formar pelos laços do *amor*, tão fortes, que de tal sorte unem, e apertão o amante com o amado, que se transformão hum no outro, ficando este a ser a vida daquelle. He isto o que affirma o Autor dos livros attribuidos a *Dyonisio Areopagita*: *Amor amantem convertit in amatum; & amans amandó quodámmodo exit a se, ita ut anima amantis magis sit ubi amat, quám ubi animat*. Aqui temos o que affirma *S. João*: *In Deo manet, & Deus in eo*. Aqui temos ainda o *amor* transformando o homem em Deos, formando com elle huma unidade.

O *amor*, diz *Paulo de Palacio*, converte no que se ama: *Amor convertit in id quod amatur*. He por isto que Deos, amando o homem, se fez Homem: *Ita Deus dilexit hominem, ut efficeretur Homo*. Do mesmo modo he justo que nós amando a Deos, sejâmos em certo modo huns Deoses: *Ita aequum est, sic nos Deum diligere, ut Dii quidam efficiamur*. He o que diz *S. Boaventura* do Seraphico *Patriarcha S. Francisco*: *Amor Christi in imagimne Christi transformavit amantem Franciscum*; o muito amor de *Christo* transformou em sua mesma imagem ao amante *Francisco*, pela impressão em seu corpo das cinco chagas; cujo facto apenas os pirronicos Incredulos, porque negão a Deos, podem negar.

S. *Agostinho* tinha isto como hum axioma de verdade. Se vós quereis ser *Deoses*, dizia, e filhos do *Altissimo* não queiraes amar o mundo: *Si ergo vultis esse Dii, & filii Altissimi, nolite diligere mundum.* Amai a Deos: *Tenete dilectionem Dei.*

F. — Eis ahi porque os Servos deste *Senhor* fazem cousas no mundo tão prodigiosas, que parecem ter em sua mão todo o poder de Deos: curão enfermidades, resuscitão mortos, e fazem tudo o que querem, como se fossem o mesmo Deos.

D. — E quam facil nos he, Sr. L., conseguirmos este thesouro! Elle nada nos custará. Nada mais facil do que o *amor.* O homem, e a mulher, o rico o pobre, o pequeno, e o grande, todos finalmente podem consegui-lo.

P. — Temos ainda que dizer relativamente aos effeitos deste *amor.* He verdade que nada mais facil, que o *amor* de Deos em sua reciprocidade. Quando S. *Agostinho* tratava de se excitar ao desprezo do mundo, e se inflammar mais, e mais no *amor* de Deos, tratando com seus companheiros, dizia: *Per quot pericula pervenitur ad grandius periculum!* Por quam grandes perigos se chega a hum maior perigo! Fallava da amisade com o *Cezar*, ou grandes do mundo, a que se chega por grandes trabalhos, e perigos; e ainda nenhum maior perigo que a privação com hum Rei, ou Grande. Porem, dizia, se eu quizer ser amigo privado do *Rei* dos reis, no mesmo instante o farei: *At vero amicus Dei si esse volucro, nunc fio.* Logo porem o veremos melhor.

Não so o *amor* de Deos he facil, mas ainda obra de tal sorte no amante, que além dos effeitos, que dissemos, facilita os mandamentos da Lei.

Amor de Deos tudo facilita, e suavisa.

Temos a ver aqui melhor desenvolvido, o que de passagem mencionámos nas nossas *Disputas*, e que se faz prodigioso aos olhos dos que não conhecem estes segredos, nem se podem conhecer devidamente se não pela propria experiencia. Como pode ser, dirão, que hum *Religioso*, huma *Religiosa*, hum *Monge*, ou qualquer outro possa viver alegre, contente, e satisfeito encerrado n'um claustro, fechado entre paredes, isolado n'uma solidão, sugeito á prisão da obediencia, jejuando continuamente, cingido de cilicios, e com as disciplinas na mão? Eis aqui hum prodigio inconcebivel, inteiramente inacreditavel, e apenas crido pela experiencia.

D. — Nem ja o podem attribuir a hypocresia, como sempre fizerão, ainda que sem sombras de razão.

P. — Como jamais entrarão no espirito da *Religião*, elles ignorão estes segredos do *amor* de *Deos*, que he o agente destes prodigios. A Lei, e mandamentos do *Senhor* se por si mesmo são suaves, como ja vimos, para os que o amão se fazem suavissimos, de tal sorte que não sentindo peso algum, desejão mais e mais: *In mandatis ejus cupit nimis.* He este o effeito do *amor*. Prova he do *amor* a observancia dos mandamentos de Deos. Aquelle que tem, e guarda os meus mandamentos, diz J. C., este he o que me ama: *Qui habet mandata mea, & servat ea, ille est qui diligit me. Joan.* 14. 21. Alegre-se o bom *Christão*, que guarda a Lei, que professou, porque este achou esta preciosa margarita, descobrio, e se apossou deste riquissimo thesouro do divino *amor*: este he o melhor, e certo sinal

Porem este mesmo *amor* faz em reciprocidade guardar, e observar os mandamentos. O que me ama, torna a dizer o mesmo *Senhor*, guardará os meus mandamentos: *Si quis diligit me, sermonem meum servabit.* ℣. 25. Porem he pouco. Não he só os mandamentos que elle guardará, mas sim todas as doutrinas *Evangelicas*: *Sermonem meum servabit*; como se dissera: Parecer-vos-hão, ó homens, as minhas doutrinas arduas, asperas, penosas, e talvez impraticaveis; porem sabei, que ha hum meio de as praticardes com felicidade, e toda a suavidade. De nada mais necessitaes, que do *amor*, em que fundo toda a minha Lei. Se com effeito me amardes, vós cumprireis, e praticareis á risca tudo, o que prégo, todas minhas doutrinas: *Si quis diligit me, sermonem meum servabit.*

He da mesma natureza do amor de Deos, que não he ocioso: *Nunquam est amor Dei ociosus.* Elle se com effeito existe, obra grandes cousas: *Operatur magnum, si est.* Se porem recusa, não he amor: *Si renuit, amor non est,* diz *S. Gregorio.* Porem o mais he, que não penalizão os trabalhos, porque o *amor* os suavisa, e mesmo faz amar: *Ubi amatur, non laboratur; aut si laboratur, labor ipse amatur.* He de *St.º Agostinho.* Onde ha *amor* não ha trabalho; e quando o haja, elle mesmo se ama.

D. — He esse mesmo o geral effeito do amor, qualquer que seja o objecto sobre que verse. A *Jacob* parecêrão poucos dias os quatorze annos de serviço pela grandeza do affecto que tinha a *Raquel*, cujo texto me não lembra.

P. — *Videbantur illi pauci dies prae amoris magnitudine. Gen.* 29. 20. Assim he em todo o sentido. Nada ha, que pareça arduo ao amor. Nada deixará de emprehender o ávido dos bens terrenos por augmentar suas riquezas; e quando mesmo seja dellas escravo, elle amará esta sua escravidão, e a levará com prazer. O ambicioso fará outro tanto; e em fim todos os que se deixão arrastar de paixões indiscretas. O amor de Deos porem obra d' outra sorte. Elle não he paixão desregulada; antes mui conforme ao coração, e natureza do homem appropriada a este amor pelo seu mesmo Creador, e Formador: por cuja razão obra de mui differente modo, isto he, mais forte, mais firme, e regular; sobre tudo com a mais suave vehemencia, e mais doce prazer, e consolação.

Queirão fazer reflexão para não confundirem o amor de Deos com as paixões da sensualidade, e concupiscencia. Estas são muito estranhas á natureza do homem, e não podem deixar de o penalizar em extremo. Não formou o Creador o coração do homem segundo o molde de cousa alguma deste mundo. Elle o formou sim para amar; mas nada deste mundo. Pode sim amar, mas para seu mal. Se nelle metter qualquer outra cousa, que não seja Deos, elle soffrerá tormento, porque nenhuma cousa casa com os nossos corações senão Deos, porque so para este *amor* forão creados, e formados.

Se no coração der o homem entrada ao amor profano; ás creaturas, ás riquezas, ás ambições, a qualquer outra cousa, que não seja Deos, elle metterá nelle espinhos penetrantes, setas agudas que o traspassarão, dislacerarão; gemerá, suspirará, e se verá atormentado como em portatil inferno. A razão disto he, que a formatura do coração não he amoldada a essas cousas, mas sim proprio, creado, e formado para amar a Deos. Logo que este *amor* entra, o coração fica satisfeito, conhece o seu centro, nelle descança, nelle se enche do mais doce prazer, e entra em huns visos de Bemaventurança.

L. — Que grande reflexão he essa, P.! Ella me abre os olhos a muitas cousas, que ignorava. Sempre eu desejei ter o coração satisfeito, procurando os varios meios de o ter contente, e nunca o pude conseguir, achando nelle sempre hum vasio, que não pude jamais encher, assim como disgostos, penalidades, e o contrario do que procurava.

P. — Nenhuma melhor testemunha temos nesse respeito do que

Salomão. Depois de descrever as suas riquezas, seus palacios, seus recreios, e taes luxos, que parecerião incriveis, e em fim affirmando, que nada havia negado a seus desejos para satisfazer suas concupiscencias: *Omnia, quae desideraverunt oculi mei, non negavi eis, nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur*, accrescenta: *Vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi. Ecclesiastes.* 2. 10. 11. Nada mais achei em todas estas minhas delicias, que vaidade, e afflicção de espirito. A tal ponto chegou, que se enfastiou de viver: *Taeduit me vitae meae.* ℣. 17.

D. — Diz na verdade tudo, pois que não houve homem, nem ja mais haverá que se desse mais a delicias.

P. — Pelo contrario jamais verião afflito e pesaroso da vida hum *Paulo* no deserto em perfeita solidão por quasi hum seculo de annos, hum *Antonio*, hum *Hilarião*, ou qualquer outro, que aos olhos do mundo passavão huma vida desgraçadissima. E que? *Salomão* engolfado em delicias, em prazeres, em voluptuosidades, quaes podia desejar hum coração na maior corrupção, enfastiado, cheio de tedio, e aborrecido da vida? Que tens? Que te falta? lhe perguntaria eu. Por ventura não tens, com que satisfaças teus desejos? Sim tenho me diria, porem sinto certa afflicção, que me inquieta o coração, e o espirito. Deverá ser alguma pesada hipicundria: ahi tens jardins deliciosos, vai passear nelles; tens famosos musicos; cantem-te as melhores symphonias; tens sociedades bellas, tens assembleas, tens finalmente mulheres, porque sempre tiveste paixão insaciavel, e quaes podes desejar. Tudo isso tenho, porem nada de tudo isso me contenta, nada me alegra, e satisfaz, tudo me afflige.

Ha caso igual! Deve ser bem examinado. Dize-nos, homem, que sentes, que te magôa? Sinto hum vasio, huma vacuidade no coração: *Vanitas vanitatum.* Que te falta pára encher esse vasio? Enche-o com esses riquissimos thesoursos, ahi tens regalos, prazeres, delicias, e tudo quanto podes desejar: enche esse vasio. Nada disso o enche; porque em tudo isso não acho mais que vacuidade, verdadeiro nada: *Vidi in omnibus vanitatem.* Ao mesmo tempo que isso desfruto acho o coração vasio: e o mais he que dahi mesmo me resulta grande afflicção de espirito: *Et afflictionem animi.* Tão forte he esta afflicção, que me faz aborrecivel a vida: *Taeduit me vitae meae.*

D. — Não se pode dar maior testemunho, e prova mais incon-

testavel, de que não são os prazeres deste mundo, que constituem a felicidade do homem.

L. — Desnecessario me he o exemplo de *Salomão* para entrar nessa verdade. O S. *Brig* sabe, que a fortuna me tem favorecido em tudo, e o mundo mostrado face agradavel. Tenho procurado viver contente, e satisfeito, e não se me escasseão os meios; porem sempre em vão. Intentava finalmente procurar mulher, com quem suavisasse os enojos da vida...

F. — (Talvez, que pensando benzer-se, quebre os narizes.)

L. — Porem vejo agora, que *Salomão* com sete centas não melhorou.

P. — Errou *Salomão*, não obstante ser o homem mais sabio, e tem errado o Sr. L., porque não tem procurado o unico meio de conseguir a felicidade possivel neste mundo. Nada do que nelle ha pode satisfazer o coração do homem, pois que nada se ajusta com elle. Muitas voltas, muitas posturas derão na construcção do famoso Templo os officiaes á pedra angular, porem debalde, porque não podia assentar em parte alguma, e não achava lugar; porem assentou no capitel, que ultimou a obra unindo as duas paredes. Seja-me permittido servir-me aqui desta figura, posto que representa outra cousa. Debalde procurarão assentar esta pedra do coração em outra parte que não seja na summidade do templo, na cabeça, isto he, em Deos, que he onde tem o seu assento, e o seu centro; ahi ficará em descanço. Debalde poderáõ unir o triangulo com o quadrangulo, o circulo com algum destes: elles ficarião sempre desunidos, e em desmancho. O coração do homem he talhado pelo molde de Deos, só proprio para a elle amar, e não qualquer outra cousa.

D. — Acabamos de entender o que tem feito pasmar os incredulos, porque jamais entrarão nestes segredos. Clamavão elles, que as *Religiosas* erão victimas desgraçadas da impostura, gemendo em prisões &c. Assim he que ellas estavão, e estão presas, mas he so com os laços, e cadeas do *amor* de Deos, de que não querem a soltura, pois que esta prisão lhes he mui mais suave, mui mais dôce e satisfatoria, do que as solturas, e liberdades do mundo. La entravão elles em seus claustros á força, la as chamavão, la lhes fallavão das delicias do mundo, instavão a quebrar os seus grilhões. Não queremos, dizião, estamos unidas com o nosso Deos: nelle temos nossas delicias, e roubem-nos embora tudo, e deixem-

nos aqui morrer nos dôces laços, que nos unem com o nosso Deos.

F. — O' impios! enterrai-vos para não apparecerdes mais diante de gente com essas caras estanhadas!

P. — Julgo desenvolvida a materia; porem devemos ainda notar huma cousa para melhor, e cabal conhecimento. He esta; que o *amor* de Deos torna tudo suave, embora seja o mais arduo, aspero, pesado, e desabrido. Quem diria, que o Aposotlo *S. Pedro*, carregado de cadêas entre soldados, condemnado á morte, que se daria á execução no dia seguinte, havia de dormir tão profundamente, que custou ao *Anjo* desperta-lo, e andou grande parte das ruas de *Jerusalem*, pensando que ainda dormia, e sonhava? Quem diria, que hum *Monge* no deserto, hum *Religioso* no Convento, huma *Religiosa* no claustro, jejuando, atormentando o corpo com cilicios, com disciplinas, com obediencias, e o espirito, e suas paixões com mil contrariedades, e mortificações, havião de passar a vida alegres, contentes, e satisfeitos, e então mais, e tanto mais, quanto mais se atormentão?

D. — He admiravel! Porem taes são os effeitos do *amor* de Deos, como acabamos de dizer.

P. — Assim he, que tudo resulta do *amor* de Deos: porem ahi ha mais. Devemos saber, que neste *amor* ha reciprocidade: não he so o homem a amar a Deos, mas he Deos a amar o homem, e muito primeiro no *amor*, como brevemente vamos a ver. Este *amor* de Deos para com o homem não he em vão, não he ocioso; mas elle retribue, e faz o que ninguem pode entender, senão quem o experimenta. He hum maná escondido, cuja suavidade so conhece, o que o recebe: *Manna absconditum... quod nemo scit, nisi qui accepit. Apoc.* 2. 17.

Ouçamos para isto o *Psalmista. Dilexisti justitiam, & odisti iniquitatem*; tu amaste a verdadeira justiça, que he Deos, e aborreceste a iniquidade, não puzeste o teu coração nas cousas deste mundo, mas sim no teu Deos: pois eis ahi, e por isso mesmo elle te unge o coração com o dôce oleo de alegria, prazer, e satisfação: *Propterea unxit te Deus, Deus tuus oleo laetitiae. Psal.* 44. 8. Mas que alegria, que oleo este? He hum prazer, huma satisfação, huma paz de Deos, que excede a tudo quanto pode haver neste mundo: *Pax Dei, quae exuperat omnem sensum. Philip.* 4. 7.

Esta paz, este oleo, este dôce influxo do *amor*, e graça

de Deos, de tal sorte banha a ditosa, e amante alma, que nada a poderá perturbar, nem tirar-lhe esta dôce consolação, alegria, e prazer. Ella gosa de huns visos de bemaventurança, pois ja tem em grande parte aquillo que a constitue no *Ceo*, que he a perfeita união com Deos: *Pax Dei, quae exuperat omnem sensum.* E pois que gosa esta paz, este inexplicavel prazer em tanto maior grão, quanto mais trabalha por se unir com Deos pelo *amor*, tanto maior prazer acha em todas suas mortificações, e trabalhos.

Recordemos agora algumas outras cousas, que temos dito relativas ás nossas almas, e teremos cabal conhecimento desta união com Deos, que deve ligar os laços de amor. Diz-nos *Moyses*, que Deos creando a primeira alma, soprou no rosto do corpo. Este o molde da creação de todas. Nisto entendemos que nossas almas parecem sahir do mesmo Deos, e de sua intimidade. Logo Deos he o seu centro, a que devem tornar, e jamais desunir-se delle, quebrando os laços de *amor*. São nossas almas creadas á semelhança de Deos. Sendo semelhanças jamais delle se deverão apartar. São suas imagens; e como taes somente unidas com o original poderão estar bem collocadas. Eis aqui pois porque o homem em vão procurará o seu bem estar, a sua felicidade, se o não fizer nesta união com Deos pelo seu *amor*.

D. — Bello! Que belleza! Desenganemo-nos, Sr. L.! Sómente no *amor* de Deos he que poderemos achar nossa felicidade.

L. — Eu o julgo incontestavel, porem tenho alguns reparos a fazer. Se com effeito Deos quiz fundar a sua *Religião* no seu *amor*, e ahi collocar a felicidade do homem, e ainda faze-lo laço da união da *Sociedade*, deveria facilita-lo mais, e não se fazer tão temivel por sua justiça.

P. — Eis ahi a falsa idea, que de Deos formão seus inimigos, que eu passo a destruir, mostrando o contrario, e fazendo ver a condição do nosso Deos.

Amor de Deos para com o homem.

L. — Não poderá negar, que antes de J. C., e ainda depois exigia Deos mais o seu temor; do que o *amor*.

P. — Nego; porque Deos fundou a sua *Religião* no amor, e não no temor.

L. — Nós vemos no antigo *Testamento* prodigalisados a cada passo os louvores ao temor de Deos, e não ao *amor*.

P. — Não entra o Sr. L. no verdadeiro sentido da palavra *te-*

mor, que se vê nos santos *Livros*. Os *Hebreos* não tinhão palavra propria com que expressassem o *respeito filial*, e por isso se servião da palavra *temor*, ou da que nesta se verteo. Ella se deve entender não por *temor* servil, qual he o de escravos, mas sim por hum respeito filial, qual costumão ter a seus pais os bons filhos, com que mui bem se casa o *amor*. Não nego, que na Lei antiga, attendendo á dura servis da condição daquelle povo, que mais necessitava do temor, porque apenas por este meio se podia conduzir, e nada obrava o *amor*, era necessario que Deos nelle carregasse a mão; mas sómente por este respeito, e não porque o *amor* não fizesse todo o fundamento. J. C. fez sobre tudo elevar este *amor* a tão alto ponto, que pareceo excluir tudo o que he temor servil. Nós o veremos.

Tanto se fez Deos amavel ao homem, que intentou e mui bem desempenhou, precizar e obrigar o homem a ama-lo, não com ameaças, e castigos, mas por força do mesmo *amor*. Eis huma proposição, que lhes parecerá bem estranha, assim como a todos os Incredulos, que, como inimigos de Deos, jamais entrarão no seu conhecimento. Porem eu lhes porei esta verdade tão patente, que muito mais estranho lhes parecerá, que o homem seja tão duro do coração que se não abrase no fogo do *amor* de seu Deos. Quiz este *Senhor* abrasar-nos nas lavaredas do seu *amor*; e eis hum prodigio inacreditavel, que entre ardente fogo o homem se enregele. Grandes prodigios temos a ver, huns da parte de Deos, e outros da parte do homem por dureza do coração. Grande, e espaçosissimo campo aqui se nos abre, que eu não poderei correr.

D — Queira ter paciencia, P.: nenhuma outra materia mais importante. Queremos saber tudo. Mais tardes teremos quando hoje se não esgote a materia.

P. — He inexgotavel; porem eu direi o bastante. Notemos em primeiro lugar, que Deos deo ao homem, e formou o coração proprio para amar, de tal sorte que o *amor* parece ser a vida do coração: *Vita cordis amor est*, diz S. *Thomaz* de *Aquino*. A vida do coração he o *amor*; e por isso he impossivel, que possa viver sem amar. Assim como he natural ao fogo aquecer, assim he natural ao coração arder no fogo do amor: *Sicut naturale est igni calere, ita naturale est cordi amando ardere.* He verdade que os homens cegos os fazem arder em fogo alheio, deitando-lhe a lenha de seus vicios, e paixões sensuaes: porem nós acabámos

de ver, que não he esse o fogo, em que devem arder, pois que sómente lhe he natural o fogo do *amor* de Deos. Eis aqui huma força que Deos faz aos homens a fim de os obrigar ao seu *amor*.

Ponderemos agora a incrivel dignação de Deos, e a altissima dignidade, a que quiz elevar o homem pertendendo o seu *amor*. Bastaria para nos fazer pasmar de admiração a só permissão de o amarmos. Talvez que hum grande da terra se offendesse de que hum pequenino seu irmão, e da mesma natureza lhe pedisse por favor a permissão de o amar. Que! diria elle; és tu igual a mim? Alguma razão teria por sua soberba, porque o amor irmana, e faz iguaes: *Amor aequalem facit*. Porem Deos não he assim: elle não só permitte, ainda quer que o amem, como que quer esta igualdade, ja abatendo-se á igualdade com o homem, ja elevando o homem á igualdade comsigo.

Isto he pouco. Não só permitte, não só quer, mas manda, que o amem, faz preceito, e impõe a morte, e penas eternas, a quem o não amar. Nesta consideração absorto pasmava o Doutor das escolas: *Nequeo satis mirari*, dizia fallando com Deos, *et intra meipsum stupesco, Domine*. Não posso admirar com excesso este prodigio, e pasmo nesta consideração, que Vós meu Deos queirais ser por mim amado, e me ameaceis com a morte, e tormentos eternos, se eu vos não amar! *Quid est hoc quód sic vis amari a me, ut mihi mortem, & aeternos cruciatus mineris, si non amavero te?* *Tanti facis amorem meum?* Em tanto estimais o meu amor? Quem sou eu para que assim queirais que eu vos ame?

D. — Confesso que nunca tinha reflectido nesse respeito. No meu *Deismo* pensava que Deos não se importava com os homens, e menos com o seu *amor*. Qual lhe parece, P., a razão? Deos não necessita do amor do homem. Pára que pois o exige?

P. — Para bem dos mesmos homens. Porem não faz reflexão no fundo do mesmo plano que vamos desenvolvendo.

D. — Já me occorre. O plano, que Deos traçou para estabelecer a *Sociedade* do genero humano foi o fazer-se centro desta união, e huma só unidade com sigo mesmo, cuja ligou com os laços do *amor*: por isto se tornou indispensavel o preceito do *amor*. Quam bello he isto, Sr. L.! Nada são as sciencias mundanas á vista disto!

P. — Vamos progredindo nesta divina philosophia. Grandemen-

te honra, e dignifica Deos o homem, querendo, que elle o ame, mandando, e ameaçando. Accrescentaremos ainda, premiando o *amor* do homem. Qual outro que não seja Deos, dará premio porque o amem? Houve ja mais hum Rei, hum Imperador, que dissesse a hum seu vassallo: Ama-me, e te darei em premio do amor huma provincia, ou huma cidade? Certamente não. Porem o nosso Rei dos reis, *Senhor Supremo*, Deos Maximo diz a nós vis bichinos da terra: Ama-me, e te darei o meu Reino, fazendo-te assentar no mesmo meu Throno. Que grandes provas são estas do seu infinito *amor* para com o homem?

D. — E que grandemente fórça com isso o *amor* do homem!

F. — Ai, meu Deos! Que duros são os corações dos homens!

P. — Não satisfeito com isto procura Deos por todos os meios o *amor* do homem, e nada omitte a fim de que por força de *amor* obrigue ao seu *amor. Proh, pudor!* Oh' confusão, oh' vergonha do homem! exclama S. *Thomaz de Villa Nova.* Em toda a parte, em todo o tempo, e por todos os meios Deos amante procura fazer seus amadores as suas mesmas creaturas; elle dá muito, e promette muito mais; e com tanto que faz apenas acha algum que o ame: *In ipsis operibus suis vix invenit dilectorem sui.*

La diz o *Proverbio* divino: *Multi sunt amici dona tribuentis. Prov.* 19. 6. O que dá muito tem muitos amigos. Porem elle so he verdadeiro relativamente aos homens, e não o vejo verificar-se para com Deos; perde aqui a sua realidade; pois quem outro dá mais dons, dispensa mais beneficios, e liberalisa mais riquezas do que Deos? E quantos amigos conta entre enorme multidão de homens?

F. — Tantos encarniçados inimigos quantos são os Incredulos do tempo, que lhe fazem, e á sua *Religião* guerra declarada, que nem cães danados.

P. — *Multa, & magna donavit in praeterito*, diz o Doutor Angelico, *donat, & donare non cessat in praesenti, sed plurima & maxima donabit in futuro.* Muitos, e grandes dons nos tem liberalisado no passado, dá, e não cessa de dar no presente, muitos mais, e grandes dará no futuro: e com tudo isto apenas acha quem o ame: *In his omnibus operibus suis vix invenit amatorem sui.*

D. — Se discorrermos por essa parte apparece o homem na verdade o maior monstro da ingratidão, a que nenhum outro chega. Vemos os brutos animaes agradecidos ao pouco bem, que lhe fazem. Quem não pasmará ao ver o leão dar de-

monstrações de agradecido ao que lhe subministra o sustento? O urso faz cousas pasmosas por mandado do seu bemfeitor, e o trata com amor, e respeito. O elephante, animal enorme, e de grandes forças, obedece, respeita, e ama ao menino *Indio*, que delle trata. Se olhamos aos animaes domesticos, ja vimos o cão offerecendo a vida por livrar, e deffender a de seu amo.

P. — Somente o homem: *Sola rationalis creatura, proh pudor! beneficium ignorat, nescit gratitudinem*; sómente o homem, apezar de ser creatura racional, desconhece os beneficios, ignora a ingratidão. Que confusão! He por aqui que *Isaias* começa o livro de suas *Prophecias*, convidando os *Ceos*, e a terra ao pasmo, e assombro: *Audite Coeli, & auribus percipe terra, quoniam Dominus locutus est. Is.* 1. 2. Ouvi *Ceos* e terra, o que o *Senhor* diz: *Filios enutrivi, & exaltavi; ipsi autem spreverunt me.* Eu criei filhos, e Eu os exaltei; porem elles me desprezão! Que ingratidão! *Cognovit bos possessorem suum, & asinus praesepe domini sui*; o boi com ser animal de tardo instincto, conhece, e faz os maiores serviços a seu dono, e o jumento estolido apezar do máo trato de seu senhor procura o seu domicilio: *Israel* porem, o meu povo não me conhece, não me respeita, não me ama: *Israel autem me non cognovit.* ℣. 3.

Levantemos, e lancemos por toda a parte os olhos da consideração, veremos, e confessaremos com o Dr. *Seraphico*, que por tudo nos cerca o amor de Deos, bem capaz de nos abrazar: *Undique me circumdat amor*; cercame por toda a parte o *amor* de Deos. Confessaremos com S. *Bernardo*, que Deos nos amou ainda antes de existirmos, ama-nos existindo, e ainda nos ama resistindo nós a seu amor: *Dilexit nondum existentes, dilexit existentes, sed adjecit & resistentes diligere.*

L. — Esses pensamentos são grandes!

P. — E não menos verdadeiros. *Dilexit nondum existentes*; amou-nos quando ainda não existiamos. He o que diz *Jeremias* ou Deos por este *Propheta*: *In charitate perpetua dilexi te, & attraxi te miserans tui. Jer.* 31. 3. Com perpetuo *amor* eu te tenho amado, e attrahido a mim por força de meu amor. Antes que existisse a terra, e tudo o creado elle nos ama: *In charitate perpetua. Priusquam te formarem in utero novi te*, disse ao mesmo *Jeremias* 1. 5. Antes que eu te formasse no ventre, Eu te conhecia. Desde a sua mesma eternidade elle nos conhecia, e por isso ama-

va. O *amor*, que Deos nos tem, não he novo: *Mirus profectó amor hominum! Una cum Deo aeternus*: exclama hum Santo. Admiravel amor de Deos para com os homens! elle he igualmente eterno com Deos. *Una cum Deo aeternus.*

Que amor ao dar-nos a existencia! Se elle com as proprias mãos, para que assim diga, amassou o barro, de que formou o corpo de *Adão*, não fez menos formando no ventre os nossos corpos. Quem outro he, ó cega, estulta, e nescia philosophia incredula, que cria, desenvolve o que chamais *embrião*, e de massa tão corrupta fabrica, organisa, e forma maquina tão delicada? Responde, nescia cegueira. Que outro a conserva ainda existente?

Que diremos, dando existencia a nossas almas? Que amor nesta creação! Parece as faz sahir da mesma intimidade do seu *amor*, dando-lhes a existencia com o sopro, como temos visto, e como centro d'onde as faz sahir. Olha para si; e pelo molde de si mesmo, a cria, a forma, e nella grava a sua mesma imagem, fazendo-a a si semelhante. Que amor! Que dignidade, que honra! *Faciamus hominem ad imaginem & similitudinem nostram.*

Corrâmos os olhos, ainda que á pressa, sobre o *amor*, que nos cerca na nossa existencia: *Undique circumdat me amor.* Não posso individuar em tanta extensão de materia cousa alguma, nem sei que em tanta vastidão alguma mereça a preferencia. Apenas me poderei servir das comparações de que o mesmo *Senhor* se serve a este respeito, arguindo a ingratidão do seu povo. Ouve, diz por *Isaias*, ouve, ó descendencia de *Jacob*, ouvi filhos ingratos: *Audite me, domus Jacob*; que mais desejais, que eu vos faça? Eu com affecto maternal vos tenho sempre abraçado desde a existencia, que vos dei, nas entranhas de meu amor: *Qui portamini a meo utero, qui gestamini a mea vulva, id est, a me a vulva. Is.* 46. 3.

Vossas mãis apenas por alguns mezes vos trouxerão em seus ventres, alimentarão a seus peitos: Eu porem vos trago em meus braços desde a vossa existencia, sem que jamais delles vos largue: *Usque ad senectam ego ipse, & usque ad canos ego portabo.* Eu sou o vosso creador, eu sou o que vos cubro de beneficios e faço chover sobre vós as minhas bondades; Eu continuarei a faze-lo: *Ego feci, & ego feram.* Eu não vos largarei de meus braços e vos salvarei: *Ego portabo, & salvabo.* ℣. 4. Póde por ventura a mãi esquecer-se do seu filho, e perder-lhe o amor, e af-

fecto? *Nunquid oblivisci potest mulier infantem suum, ut non misereatur filio uteris sui?* Não se compadecerá ella das necessidades do filho de seu ventre? Quando porem ella o faça, Eu jamais me esquecerei de vós: *Et si illa oblita fuerit, ego tamen non obliviscar tui.* d.º 49. 15.

Eu julgo desnecessario mostrar verificado continuamente este cuidado, estas bondades, este *amor* de hum modo superior a todas as expressões. Jamais Deos abre mão de cada hum de nós dando-lhe, e conservando-lhe a existencia. A maquina dos nossos corpos he de barro tão fragil, e de organisação tão delicada, que não só prova a existencia de hum Deos seu Creador, mas ainda *Conservador*, pois que hum só instante não poderia subsistir, logo que Deos abrisse mão de sua conservação prodigiosa: nem hum só momento póde o homem viver sem hum milagre, ou prodigio da conservação, que só Deos póde obrar.

F. — Ai, Deos, como sois bom! Estes impios incredulos a fazer-lhe guerra! Esta-se-me figurando, que os vejo pendentes sobre o inferno, sustentados pela mão de Deos, e mesmo assim elles aos bofetões com Deos! O' bondade infinita, que mesmo assim os sustentais!

P. — A comparação he exactissima em todo o sentido. Que não faz este bom Deos pelo sustento do homem? Que cadêa continuada de prodigios na creação do sustento? Que prodigios na providencia em toda a sua extensão? Eu apenas me poderei expressar com palavras de St.º *Agostinho.* Parece-me certamente, diz elle, quando attendo, e pondero as divinas bondades a meu respeito, que, se me he permittido dize-lo, vejo a Deos tão occupado comigo, olhando, e providenciando ao meu bem, como se de nada mais cuidasse, em nada mais se occupasse: *Sic certè mihi videtur, dum ejus miserationes circa me attendo, quód, si fas est dicere, nihil aliud agit Deus, nisi ut meae saluti provideat, & ita totum ad meam custodiam occupatum video, quasi omnium oblitus sit, & mihi vacare velit.* O mesmo póde dizer de si qualquer outro.

L. — Se bem abrirmos os olhos ás luzes da Fé, assim o devemos crer, e confessar nossa ingratidão.

P. — Nem são necessarias as luzes da Fé para isso, pois que nem os mesmos *Gentios* o negão. Não seria tanto para admirar esta particularissima providencia, e *amor* para cada hum dos homens, se elles de alguma sorte o merecessem, sendo gratos a tantos beneficios. Tal he porem este *amor*,

que ainda se estende aos mesmos, que lhe resistem: *Adjecit & resistentes diligere.* Deos faz nascer o seu sol sobre justos, e injustos, amigos, e inimigos; e sobre huns, e outros espalha os influxos dos raios de suas bondades: *Solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos. Math. 5. 45.* Sobre todos faz chover seus beneficios; não sómente quaesquer beneficios, mas quaes eu não posso expressar.

Lá clamava *Job* fallando com este *Senhor*: *Quid est homo quia magnificas eum?* Que he o homem para que assim, *Senhor*, o magnifiqueis, e honreis? *Aut quid apponis erga eum cor tuum? Job. 7. 17.* Porque assim amais o homem? Porque assim pondes no homem o vosso coração? Notemos estas palavras: *Apponis erga eum cor tuum.* Deos põe o seu coração no homem!

Excessos do amor divino.

Manda-nos este *Senhor*, que não ponhamos nossos corações nas cousas deste mundo, mas somente nelle. Nada mais quer do que os nossos corações. Em reciprocidade elle põe em nós seu coração; *Apponis erga cor tuum.* Quer nossos corações, e nos dá o seu! Manda, que o amemos com todo o coração; em correspondencia nos ama com todo o seu!

D. — Grande pensamento he esse!

P. — Mas mui maior he o excesso, e vantagens, que em tudo nós leva seu *amor*. Ponderemos bem, e devidamente esta idea, apezar de que me faltaráõ as palavras. Se nós o amamos, infinitamente mais elle nos ama. Se nós o servimos, infinitamente mais elle nos serve. Se nós o honramos, infinitamente mais elle nos honra. Se nós o adoramos, infinitamente mais elle nos adora. Para que diga tudo de huma vez, se nós o respeitamos, servimos, honramos, e amamos, como nosso Deos, elle nos serve, honra, e ama, como se nós fossemos seu Deos: *Quasi homo Dei esset Deus.*

F. — Santo Deos? Que diz, P.?

D. — Gela-se-me o sangue, P.! Que quer diser nisso?

L. — Que enorme paradoxo! Queira dizer melhor...

P. — Asssim mesmo o digo, e não de outra sorte: assim mesmo quero que entendão. Direi ainda melhor. Figura-se-me que Deos tem hum outro-*deos*, a quem serve, honra, e ama, como a tal. Este he o homem.

D. — Está tudo pasmado, P. Queira dizer, o que he isso?

P. — Pasmem muito embora, pois pasmados de admiração deviamos nós sempre andar na consideração do divino *amor*. Pasmem ainda sobre tudo esses monstros inimigos de Deos, e acabem de se confundir. Attendendo ao *amor*, que Deos nos tem, aos serviços, beneficios, e honras, que nos faz, attendendo á infinita extensão do *amor*, com que nos trata, eu me vejo obrigado a dizer, que Deos faz do homem hum outro seu *deos*, amando-o, e honrando-o, como se na verdade o fosse. O pensamento não he meu, mas sim do *Seraphico* Doutor S. *Boaventura*: *Quasi homo Dei esset deus.*

Mas de que se admirão? Esta verdade he bem patente, e devia ser bem conhecida. Que tem feito, faz, ou póde fazer o homem por Deos, que Deos não tenha feito pelo homem? Poderá o homem honrar, servir, amar mais a Deos do que Deos honra, serve, e ama ao homem? Queirão responder.

D. — Não podemos responder senão negativamente.

P. — Logo Deos honra, serve, e ama melhor, e infinitamente mais o homem, do que o homem o póde fazer a Deos. Supponhamos hum impossivel; supponhamos, que acima do nosso Deos, ha hum outro Deos, a quem aquelle devia honrar, servir, e amar. Em tal caso, que poderia o nosso Deos fazer por elle mais do que tem feito, e faz pelo homem? Poderia servi-lo, honra-lo, e ama-lo mais, do que tem feito, e faz ao homem? Se lhes custa a dar resposta, eu lha vou pôr patente.

Lancemos as vistas á *Redempção* do homem, e vejamos o Padre Eterno amando o homem. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret, ut omnis, qui credit in ipsum non pereat, sed habeat vitam aeternam. Joan.* 3. 16. Assim meu Pai, diz J. C., amou o mundo, isto he, o homem, que por elle entrega seu Unigenito Filho, que sou Eu, para que crendo nelle consigão a vida eterna. Este Filho Unigenito sempre foi o objecto das complacencias de seu Eterno Pai: *Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui. Math.* 3. 17. Não obstante de tal sorte obra nelle o *amor*, que não perdoa a este seu querido, e Unigenito Filho, e o entrega á morte pelo homem: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum. Rom.* 8. 32. Que mais poderia fazer por hum outro Deos, que tivesse acima de si! Queirão resp....

D. — Não nos exija resposta, pois não a podemos dar. Queira continuar. Estamos confusos de assombro.

L. — Eu nunca ouvi, nem li, nem meditei taes cousas.

P. — Tê-las-ha ouvido, e lido; pois hum *Christão* não póde ignorar estes rudimentos da Fé; mas não as tem ponderado, e meditado. O Apostolo chama demasiado excessivo este *amor* dos homens no Eterno Pai, entregando á morte seu Unigenito Filho: *Propter nimiam charitatem, qua dilexit nos, cum essemus mortui peccatis, convivificavit nos in Christo. Ephes.* 2. 4. Excessivo, demasiado amor! *Nimiam charitatem!* Como explicar tanto *amor*! Somente permittindo-me dizer com St.º *Agostinho*, que se deixou cegar de amor. *Amor magestati clausit oculos.*

Senhor, Padre Eterno, que fazeis? se lhe poderia perguntar. Que fazeis? Quereis entregar á morte o vosso muito amado, e Unigenito Filho, comvosco eterno, objecto de vossas complacencias? Ponde os olhos na sua Magestade, que he a vossa mesma. Parece-me ouvi-lo: » O amor que tenho aos homens, me faz fechar os olhos á sua Magestade: morra meu Filho para que os homens se salvem. » *Amor magestati clausit oculos.* Mas que são os homens em comparação do vosso Filho? » Ah, que a nada attende! Cego de *amor* não vê mais que a salvação dos homens. Porque não enviou antes hum *Anjo* das primeiras Jerarquias a remir o mundo, salvar os homens? Porque cego de *amor* rompeo neste excesso: *Nimiam charitatem.* O' admiravel dignação de piedade, e *amor* aos homens, lhe canta a *Igreja* com palavras de St.º *Ambrosio*, arrebatada em jubilo: *O mira circa nos tuae pietatis dignatio!* O' inextimavel, e inappreciavel *amor* de caridade! *O inaestimabilis dilectio charitatis!* Para remires o escravo, entregastes o Filho! *Ut servum redimeres, Filium tradidisti!*

Aqui deve pôr os olhos, quem quizer formar idea do excessivo *amor* do Padre Eterno para com os homens: *In hoc apparuit charitas Dei, quoniam Filium suum misit in mundum, ut vivamus per eum.* 1. *Joan.* 4. 9. Aqui apparece o divino, o excessivo, e infinito *amor*! Que melhor o poderia fazer no caso supposto! Entrega á morte hum Deos Pai a hum Deos Filho por amor do homem! Nisto digo tudo; e não sei que se possa estranhar, o que com *S. Boaventura* affirmei: Obra Deos com o homem, como se este fosse seu deos: *Quasi Dei esset deus.*

Não menos excessivo, e demasiado *amor* devemos considerar no mesmo Filho do Eterno, J. C. Supremo Deos igual a seu Pai, consubstancial, e coeterno. Não repugna

elle a subir a morte por salvar o homem; sua vontade divina he a mesma, e em quanto Deos, e em quanto Homem feito por *amor* nosso *Irmão*, elle offerece sua vida mortal por dar a eterna ao homem. Mas como! Ponderemos algumas circunstancias, que acompanhão este prodigio de *amor*.

Fallando o Evangelista *S. Lucas* da *Transfiguração* no monte, onde apparecerão *Henoch* e *Elias* tratando com o *Redemptor*, diz, que fallavão do *excesso*, que elle havia de ultimar em *Jerusalêm*: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem. Luc.* 9. 31. Excessos de *amor*, e não outro foi tudo, o que se passou em sua vida mortal. Excessos na sua *Encarnação*; excessos no seu *Nascimento*; excessos em toda a sua vida; e excessos, que a final se ultimarão em *Jerusalem*, que até são excessivos, e superiores a toda a expressão humana.

Havia dito este *Senhor*, que não ha maior *amor*, que aquelle que leva o amigo a dar a vida pelo seu amigo: *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis. Joan.* 15: 13. Perdoai, bom Deos, porque eu digo, que sim ha maior *amor*, do que esse. Entre os homens sim poderá o *amor* chegar a fazer dar a vida pelo seu amigo; porem o vosso *amor* passou alem estas balizas, pois por *amor* déstes a vida, não por vossos amigos, mas sim por vossos inimigos. O *amor* dá-se entre amigos; porem vós, *Senhor*, chegastes a dar a vida por inimigos! Ah, meu amante *Senhor*, permitti-me que vos diga, que o *amor* vos cegou: *Amor clausit oculos.* Mas que! direis vós; não he muito que assim o faça, porque Eu amo o homem, como se elle fosse o meu deos. *Quasi homo Dei esset deus.*

Eis-aqui o que nos faz notar o Apostolo: *Commendat charitatem suam Deus, quoniam cúm adhuc peccactores essemus, Christus pro nobis mortuus est. Rom.* 5. 8. Faz Deos patente o seu *amor*, porque sendo nós peccadores, J. C. morreo por nós. *Cum inimici essemus*, accrescenta, *reconciliati sumus Deo per mortem Filii sui.* ℣. 10. Sendo nós inimigos de Deos, mesmo assim fomos reconciliados por elle mesmo.

Utrinque stupor! exclama S. *Fulgencio* arrebatado nestas considerações. De toda a parte me acommette o pasmo, e o assombro: grande mysterio, carissimos irmãos, grande prova do divino *amor*! *Magnum mysterium, dilectissimi fratres, magnum divinae dilectionis indicium!* O homem

desprezando a Deos! se aparta de Deos, e lhe volta as costas; Deos amando o homem vem procurar o homem: *Homo contemnens Deum, a Deo discessit; Deus hominem diligens, ad hominem venit.* Amou o homem impio, para que o fizesse justo: *Dilexit impium, ut faceret justum*; amou o homem perverso, para o fazer recto; amou em fim o homem morto, para o resuscitar á vida: *Dilexit mortuum, ut faceret vivum.* Tudo isto fez offerecendo sua propria vida. Demasiado, excessivo *amor*! Mas que se mesmo assim o homem inimigo, o homem ingrato, o homem perverso, qual antes era, he amado de Deos, como se fosse seu deos! *Quasi homo Dei esset deus*! O amor vos cegou, meu bom Deos! *Amor magestati clausit oculos.*

D. — Eu quizera, *P.*, dizer alguma cousa para lhe dar alguns instantes de allivio; mas não posso.

F. — Deixe fallar o meu Ab. Elle não cança nestas cousas, ainda que falle tres dias, e tres noites. Falle, *P.*, que ninguem perde palavra.

P. — Eu julgo, que todos estão bem inteirados da vida mortal de J. C., verdadeiro Deos, e verdadeiro *Homem.* Ninguem ignora seu *Nascimento* no presepio, entre animais brutos... .

F. — Melhor o tratarião do que os homens, que são muito peiores. Diga-o *Herodes.*

P. — Sua vida occulta, e desconhecida, sustentando-se sem duvida do producto de suas mãos; seus trabalhos no tempo de suas prégações: as injurias que soffreo de palavras, passando depois ás obras. Em quanto ás primeiras ellas forão as mais graves. Seductor, embusteiro, blasphemador erão os epitetos mais ordinarios. *Doemonium habes*; teus em ti o demonio, e em seu nome fazes prodigios, lhe dizião, e outras muitas mais injurias, e opprobrios.

Em quanto ás obras, não houve ludibrio, não houve opprobrio, desprezo, vituperio, injuria, tormento, dôr, pena, e padecimento algum que não soffresse. Verdadeiramente foi o varão de dores: *Virum dolorum.* Delle estava escrito, que seria reputado por malvade: *Cum sceleratis reputatus est. Is.* 53. 12. Tanto o foi, que entre dois ladrões quiz ser crucificado.

Eu perguntarei: Como póde ser, que hum Deos Maximo Deos Supremo tanto se sugeitasse? Onde está, ó Deos, perguntarei eu com o Dr. *Seraphico*, onde está a vossa omnipotencia? Onde a vossa gloria, que nos *Ceos* faz bema-

venturados? Onde a vossa Magestade! *Ubi potentia! Ubi gloria! Ubi magestas!* Extasis de *amor* soffreo: *Extasim amoris passus est.* Parece que sahio fóra de si mesmo, e se deixou arrebatar de *amor* para com o homem: *Extasim passus est.* O' extasi do mais exuberante *amor!* *Oh, extasim exuberantis amoris!* Oh excesso do fervorosissimo *amor!* *Oh, ferventissime charitatis excessum!* O *amor* vos fez fechar os olhos á vossa Magestade: *Amor magestati clausit oculos!* Que mais faria por hum outro deos no caso supposto? Mas assim o fez, porque ama o homem, como se elle fosse o seu deos: *Quasi homo Dei esset deus.*

Quando este amante *Senhor* me permitisse fazer-lhe então algumas perguntas, e se dignasse satisfaze-las, vejamos o que responderia. »*Senhor*, que he isto, que vejo? perguntaria. Vós Deos immenso, encerrado no ventre de de hūma Virgem, feito menino, como qualquer de nós!» Sim, responderia, tal *amor* tenho ao homem, que me quero irmanar com elle para que tratemos huma perfeita, e muito estreita amisade, qual se costuma dar entre irmãos.» Porem, *Senhor*, a distancia entre vós, e o homem he infinita: Vós sois Deos immenso, e o homem he mui pequeno, e limitado: Vós sois Creador seu, e elle he huma creatura vil; como pertendeis tal igualdade, ou irmandade?» Não he o homem tão vil, que não seja huma semelhança, e imagem minha, pois que assim lhe criei a alma, que tirei de minha mesma imagem, e de que seu centro de união. Por todos os meios, e modos, Eu quero unir o homem comigo, para que sejamos huma, e a mesma união, huma, e a mesma unidade: *Ipsi in nobis unum sint.*»

» Meu *amor* he muito ingenhoso para operar esta união, e irmanação. Eis aqui a invenção, que descubrio o meu *amor* nos inexgotaveis thesouros de minha infinita sciencia. Para Eu me irmanar com o homem em igualdade com elle me faço perfeito homem creando-me huma *Alma* racional, bem como a delle, ou da mesma natureza, e hum igual corpo formado da mesma massa, de sorte que verdadeiramente me possa chamar *Filho* do homem, e ainda mesmo *Filho* do homem peccador, porque conto na minha ascendencia famosos peccadores. Com isto, irmanando-me com o homem, Eu ainda irmano, e uno o homem comigo, porque fazendo-me Homem do homem, uno, e irmano a natureza humana, o homem com a minha mesma *Divindade*. Eis-nos aqui ligados em huma mesma unidade, Eu unido por

força da mesma natureza com o homem, e com elle irmanado, e o homem unido comigo, e como divinisado, e tornados todos em perfeita união, e mesmo unidade. »

Muito bem me parece, *Senhor*, visto que tal he vosso *amor* para com o homem: porem dai-me licença para vos dizer, que poderieis faze-lo de outra sorte, pois que podieis, fazer-vos Homem verdadeiro, mas como quem sois. » Meu *amor* me obrigou a fazer-me em tudo semelhante ao homem, e sugeito ás mesmas enfermidades da natureza humana. » Mas que, SENHOR? A vossa gloria! a vossa formosura! a vossa Magestade! » A tudo isso fecho os olhos, e me cego de *amor* pelo homem; *Amor magestati clausit oculos.* Eu me dispo de minha Magestade, Eu encubro os raios da minha gloria; cego de *amor* não quero que em mim appareça mais que hum mesmo, e semelhante *Homem*; e em fim os excessos do meu *amor* me obrigão a dar a minha vida mortal pelo mesmo homem. » Porem SENHOR, o homem he ingratissimo, he mesmo vosso inimigo. » Quando a isso attendesse não seria infinito o meu *amor*; porem he tal, que me obriga a fechar os olhos á mesma ingratidão. » Será isto exacto?

L. — Não se pode duvidar, que o he.

P. — Vejão agora este *amor* o mais ardente ainda em sua extensão, nos ardentes desejos, que anciavão seu divino coração por consummar esta obra, entregando-se á morte, e no mesmo modo de o fazer. Antes de chegar o momento aprazado pélo Divino *Consistorio* para ser entregue nas mãos dos *Judeos*, tratando com seus Discipulos, lhes diz: *Baptismo habeo baptizari; & quomodo coarctor usque dum perficiatur!* *Luc.* 12. 50. Eu tenho de ser baptizado com o baptismo de meu *Sangue*; e como se aperta meu coração em quanto, ou até que o faça.

L. — Sem duvida mostrou nessas palavras o temor, e afilicção com que estava, que lhe devia ser natural, visto que era *Homem* verdadeiro.

P. — Pois não he esse o seu sentido natural, e verdadeiro, mas sim o contrario. Tenho de derramar o meu Sangue, e meu coração se aperta com os desejos de que chegue o tempo aprazado, pelas ancias de me ver ja nas mãos dos *Judeos*, e cravado na cruz. He assim, que o entendem todos os Expositores: *Quam avidé, quam solicite cupio id quantotius perfici!* Eu ávida, e solicitamente desejo faze-lo, expõe *Calmet. Angor, crucior desiderio moriendi pro salute*

hominum, interpreta *Alapide*. Eu me afflijo, eu me atormento com o desejo de morrer pela salvação dos homens. *Summo desiderio urgebatur, & quasi torrebatur Christus offerendi se Deo in holocaustum & victimam, in ara crucis pro salute hominum*; elle grandemente se angustiava, e ardia nos desejos de se offerecer em holocausto, e victima no altar da cruz pela salvação do genero humano.

Aqui temos a intelligencia daquella palavra, que o amante *Salvador* deo a *Judas*, quando sahia da sua companhia a entrega-lo: *Quod facis, fac citius. Joan.* 13. 27. O que tens a fazer, faze-o quanto antes. O' amor interminavel! exclama aqui S. *Bernardo*, ó caridade inextimavel! ó affecto inexcrutavel! *Quod facis, fac citius!* o que tens a fazer, quanto antes o faze. Tu me queres entregar nas mãos dos *Judeos*; Eu o desejo ardentemente, Eu para isso vim ao mundo: *Illud cupio, illud quaero, volo tradi, volo crucifigi.* Seja quanto antes: *Quod facis, fac citius.*

L. — Admiro na verdade tão excessivo *amor*! Desejo porem ainda, que me satisfaça a hum reparo. Não são, nem podem ser ociosas as obras de hum Deos, nem podem ser superfluas; mas eu vejo superfluidade neste mysterio da *Redempção*, e *Paixão* de J. C. Como cremos, elle he Deos, e suas obras, quaesquer que fossem, devem ser de hum valor, e preço infinito. Se para a *Redempção* do genero humano se fazia necessaria a effusão do sangue de hum *Homem Deos*, mui bem devia ser sufficiente a derramação de huma só gota, e ainda creio, que não era necessaria a morte. De outra sorte o só Sangue não seria de infinito valor; o que não se pode dizer.

Quando porem fosse de absoluta necessidade a morte, mui bem podia ser mais suave, e menos tormentosa: Poderia ser degollado, ou qualquer outro genero de morte. Para que tantos tormentos? Para que bofetadas, açoutes, crucificção, ludibrios, opprobrios...?

P. — Para o mesmo que vou dizendo; e he isso o que ultima o conhecimento, ou idea, que devemos formar dos excessos de *amor* do nosso Deos. Com razão objecta a superfluidade dos tormentos de J. C.; pois que muito, e infinitamente menos era sufficiente para a *Redempção*, porem não o era para outra cousa que obrava no *Redemptor*; esta era o *amor*. Tinha o amantissimo Salvador de satisfazer a duas importantissimas cousas. Era huma a *Redempção* do homem; era outra o *amor*, com cujos laços intentava apertar bem esta

Y

união do homem com sigo, de que temos fallado. Por isto, o que era sufficiente para a *Redempção*, não o era para o *amor*: *Quod sufficiebat redemptioni, non satis erat amori*; he a resposta, que dá S. *João Chrisostomo*, e não tem outra.

Ouçâmos ainda as respostas, que daria sobre tal questão. » *Senhor*, lhe perguntaria, porque razão soffrestes vós por salvar os homens tantas bofetadas, tantos opprobrios, ludibrios, offensas, e injurias? Não bastaria para esta grande obra da *Redempção* huma so bofetada, hum so golpe de açoutes? » Sim bastaria, porem eu quero soltar as velas ao meu *amor* infinito; quero que os homens conheção qual he o *amor*, com que os amo; quero liga-los comigo com os laços do *amor*, quero vence-los por força de *amor*, abraza-los neste fogo de *amor*, em que arde o meu coração. Quero dizer-lhes: Vede, homens, quanto vos amo, e até onde se estende o meu *amor* para com vosco. Bastaria para vos remir huma so bofetada em meu divino Rosto, hum so açoute, qualquer outro opprobrio: porem chovão sobre mim os opprobrios, as pofetadas, e seja meu corpo todo rasgado á força de golpes de açoutes. A tanto me obriga o *amor*! Vença a vossa dureza o fogo do *amor*, que em mim vedes. *Quod sufficiebat redemptioni, non satis erat amori.* »

Interroguemo-lo posto na cruz, ja morto, e esperemos a resposta pela boca do lado, que abrio a lança, pela qual sahio *Sangue*, e agoa: *Unus militum lancea latus ejus aperuit, & continuó exivit sanguis, & aqua. Joan.* 19. 34. *Senhor, amantissimo* Salvador, fallai-nos por essa boca, e dizei-nos, porque assim obraes?

» Vede, homens, nos diz, qual he o *amor*, com que por vós dei a vida. Vede este corpo todo rasgado, tres horas vivo pendendo desta cruz, com os braços abertos para nelles vos receber, apertar, e unir com meu coração. Vede qual o *amor* na effusão do meu *Sangue*. Com huma só gotta delle, Eu vos pudera remir, mas Eu o quiz derramar todo: *Quod potuit gutta voluit unda.* Eu não fui avaro nesta derramação. Eu o dei todo, todo derramei; ja não tenho mais em meu corpo, que darramar: algumas gottas, que ainda restavão em meu coração, ahi as lanço, ahi as derramo. Em prova de que são as ultimas, e nada mais me resta, lanço agoa: *Exivit sanguis & aqua.* Se mais tivera, mais dera e derramara: em prova de que nada mais ha em

meu corpo, deito agoa com os ultimos restos de sangue; *Exivit sanguis & aqua.*

D. — Basta, basta, P., não mais; concluamos, pois ja não póde o coração com os sentimentos que o atacão.

P. — Baste; e cortemos o discurso, ou voltemo-lo para a ingratidão monstruosa, e inconcebivel do homem: *Sic voluit amare, qui voluit amari*, direi com S. *Pedro Chrisologo*; assim quiz amar, o que quiz ser amado: Quiz obrigar-nos com o amor; quiz abrazar nossos corações no fogo do seu *amor*, para que não pudessemos deixar de o amar. Porem apenas de poucos o conseguio. Contra toda a esperança se tem obrado hum prodigio, mas prodigio diabolico.

F. — Bem diabolico he que haja quem possa aborrecer, e perseguir a hum tal *Senhor*! Ai, meu amantissimo Salvador!

P. — Que maior prodigio, que o acontecido aos tres *Meninos* arrojados na fornalha de *Babylonia*, passeando por entre as ardentes chamas sem a minima lezão? Ah, que igual prodigio está succedendo aos homens, com a differença de ser divino aquelle, quando este he diabolico! Elles andão frios, e sem lezão entre brazas, e chamas do mais ardente fogo, e mais abrazador: *Homo tot congestis carbonibus miraculo diabolico frigescit ad Deum*, diz o *Chrisologo*. Por hum milagre diabolico o homem anda frio, e não se abraza entre tanto fogo de *amor*. Todos os favores e beneficios são brazas de *amor*, que devião abrazar nossos corações. O que por nos remir do peccado obrou J. C. he hum fogo não menos ardente do que o da fornalha de *Babylonia*. Mesmo assim o homem ingrato não ama a quem tanto o ama; póde ainda aborrece-lo, e com effeito o aborrece, o persegue, e com elle desejara acabar! Que monstro he o homem! Que prodigio tão diabolico!

F. — São cães danados, que quando estão com a onda da raiva nem ao seu dono conhecem.

P. — Antes que concluamos tiremos huma concluzão, que por admiração tira daqui mesmo S. *Boaventura*. *Quam meritò, quam juste damnabitur, qui maluit ardere, quam amare*! Quam justamente, e com quanta razão será condemnado, o que mais quiz hir ao inferno, do que amar! O que mais quiz arder no fogo eterno, do que no fogo do *amor* de Deos! O' monstro homem, continúa, tal te parece Deos, tão oneroso o *amor* do teu Deos, que mais quieras hir arder nos incendios sempiternos, do que ama-lo!

F. — Que desculpa poderei eu dar do muito pouco amor que

lhe tenho? Que raiva tenho a meu coração!

P. — ¿Que exige Deos de nós em correspondencia a tanto *amor* e beneficios, se não *amor*? Que cousa tão facil? Quanto nos facilitou o *Ceo*! Quam leve tributo exige! Nada mais que o *amor*! e com tudo não se lhe quer pagar! Poderá alguem imaginar algum outro monstro mais enorme, que o homem?

D. — Facil he de concluir que o *Christão*, que se não salva, porque não ama a Deos, he digno de mil infernos. Eu dou a sentença contra mim; porem ache desculpa perante tão bom, e amoroso *Senhor* a minha cegueira. Nada mais occupará o meu coração daqui por diante, se não o meu Deos. Eu vou fazer huns breves apontamentos de toda, e tão interessante materia, que tenho ouvido em silencio, para soccorro da minha memoria, que me sirva ainda nas minhas considerações.

Meus senhores, digão, e pensem o que quizerem; em quanto a mim estas verdades, e taes cousas naõ se podem ouvir sem emoçaõ. Eu vejo os nossos collegas debulhados em lagrimas, succedendo-lhes o mesmo, que a mim. Cuidemos todos em desempenhar nossos deveres para com tão amante *Senhor*. Possão nossos tributos tardios achar aceitação, e serem agradaveis a seus olhos.

Eu não ignoro, meu P., que intenta fechar o discurso, pondo em golpe de vista a *Sociedade*, tendo por centro ao mesmo Deos, que a liga a si com tão fortes e multiplicados laços, quaes são os do *amor*. Nós o devemos poupar a este trabalho, pois alem de estar cançado, nós o temos mui bem entendido, e todos entramos no plano divino da *Sociedade*. Desejamos sómente saber a materia, que se deve seguir. Se fosse a Communhão, que tanto desejão minhas irmãas..!

P. — Nenhuma outra se deve seguir, e continuará nella este mesmo plano. Eu de proposito a não quiz tocar reservando-a por sua extensão para huma outra tarde. Nelle, no augustissimo Sacramento nós veremos novos laços de união de *Sociedade* com Deos, os mais fortes, mais admiraveis e pasmosos. Peçamos a benção a nosso Pai, o mais amante, e á nossa mais affectuosa Mãi, saudando-a com a *Salve*.

PALESTRA QUINTA.

Communhão:

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Atheo*, e *Freguez*.

Verdadeiro sentido da palavra Communhão.

Parocho — Bôas tardes. Vejo que estão de saude; o que muito estimo. Vamos á nossa *Palestra*; pois vão sendo horas.

Deista — A sege estava a partir. Pòrque se anticipou?

P. — Porque já aceitei o favor as primeiras tres vezes, porque não parecesse desprezar a honra. Ainda a quarta para prova de que apprecio muito os favores do Sr. *Brigadeiro*. Pela quinta nada houve, que me obrigasse. Não cuidemos demais a tal respeito; vamos á nossa *Palestra*, pois já lá temos ouvintes, e lá os espero.

Atheo — Hoje me pertence fazer de opponente, e não me faltará, que oppôr em materia, que jamais se poderá combinar com a razão humana, qual he he a *Transubstanciação* do pão, e do vinho na *Carne*, e *Sangue* de hum DEOS, e a *Communhão* de seu CORPO.

P. — Terá sim que oppôr, mas sem razão, porque bem longe de se lhe oppôr, eu lha mostrarei mui conforme.

A. — Não pode negar, que os *Lutheranos*, e *Calvinistas* tem desculpa em negar este *Sacramento*.

P. — Eu nenhuma lhes darei; antes pelo contrario nada ha, que os não condemne. Elles a si mesmo se tem comdemnado, pelas suas variações em hum Dogma tão essencial á *Religião*, pois que forão tantas as opiniões, que a tal respeito tiverão, que nunca puderão combinar-se. Isto sempre costu-

ma succeder a quem teimosa, e pertinazmente fecha os olhos ás luzes da Fé, e discorda da santa e divina crença, que sempre teve a *Igreja* assistida, e dirigida pelo *Espirito Santo*, como temos provado.

Luthero bem longe de merecer desculpa, foi tão malvado, que condemnou, e negou aquillo mesmo que cria, e confessava, procedendo contra sua propria convicção. Sua excessiva soberba, e pessimo caracter a tanto o levou pelos primeiros passos, que deo errados, e tão desvairado andou, que se ignora o que creo, ou quiz fazer crer neste respeito. Porem nós já vimos o que foi *Luthero*, e *Calvino*. Dois monstros levados por suas paixões sensuaes, em quem nunca entrou o amor da verdade, e muito menos o espirito da *Religião*. Com tudo para satisfazer ao Sr. At. estabelecerei este grande Dogma, e mostrarei quam conforme he a sua crença com a razão recta, e illustrada, qual temos dito que deve ser. Vejamos primeiro o que devemos intender por *Communhão*, e qual he o significado desta palavra.

D. — Nós entendemos por *Communhão* o acto do recebimento do Corpo do *Senhor*.

P. — Não entendem mal, mas não entrão no seu sentido. A palavra *Communhão* quer dizer *communum união*. Ella se toma em differentes accepções mesmo no sentido religioso; que para bem entendermos he necessario, que lancemos os olhos da memoria, ao que temos dito, e provado. Nós temos visto a grande *Sociedade*, que forma a santa *Igreja* de J. C.

A — Muito bem o temos visto, e lembrados estamos do que fica dito, e provado relativamente á *Sociedade* em geral. Deos seu Autor, e centro, formando esta têa, e sua ordidura nas uniões conjugaes, dirivando dahi as filiações em união com as paternidades, e continuando esta ordidura, e teçume em novas uniões &c. Estas são derivadas do centro, que he o *Creador*, que as liga a si, entre outros, com os laços de *amor*, como ontem vimos.

Em quanto á grande *Sociedade*, que J. C. veio formar, a que damos o nome de *Igreja*, palavra *Grega*, que significa o mesmo, isto he, *Sociedade* em união, temos visto, que he hum Rebanho com hum só *Pastor*, hum Edificio fundado em huma só *Pedra*, hum corpo com huma só *Cabeça*, de tal sorte em união com Deos, que forma huma só unidade, de que o Creador he o centro, e que liga comsigo com varios laços, entre os quaes he fortissimo o

do *amor*. J. C. na *Redempção* fez destes laços cadêas, com que intentou prender-nos, chegando até derramar por nós as ultimas gottas de seu *Sangue*. Se me não engano, novas cadêas quiz lançar-nos, sacramentando-se por nós; e mesmo este *Sacramento* se chama *Sacramento de amor*. Porem....

P. — Muito bem o tem entendido, e dito. Vamos com vagar, e lugar teremos de satisfazer ás suas objecções. He nesse mesmo sentido, que nós devemos entender esta palavra *Communhão*, em quanto significa huma união de *Sociedade* commum a todos, ligada em unidade com Deos, que he o chefe, centro, e cabeça deste *Corpo*. Eis aqui os principaes laços, que o formão, alem de outros, que temos dito, e são varias *Communhões* unidas em huma.

Temos a *Communhão* (que devem sempre entender por *commum união*) de Fé, que he a crença uniforme desta *Sociedade*, ou *Igreja*, que a todos une debaixo de hum *Chefe*. Eis aqui o que sempre formou a *Igreja*, a tem mantido, e sempre manterá. Se algum não crê bem como sua Cabeça crê, e sempre creo, não póde entrar nesta *Communhão*, fazer parte deste *Corpo*, ser ovelha deste *Rebanho*: he membro podre e separado, he ovelha desgarrada, e pestilente, e em fim *excommungada*.

Queirão ainda entender o significado da palavra *Excommunhão*, e saberáõ, que apezar de se não fulminar esta censura, o que se separa da *Communhão* de Fé, e da sugeição, e obediencia ao seu Chefe, e cabeça sempre he hum excommungado. Não diz outra cousa na propriedade do sentido, que huma separação, ou arrojamento fóra da *Communhão*, fóra desta *Sociedade*, Rebanho, ou *Corpo*. *Ex-Communhão*, fóra da *Communhão*, e dahi *ex-commungado*, isto he, separado da união, e della arrojado.

Freguez — Ai, ai! Bem mo dizia o coração! São os Incredulos todos excommungados! Eu os arrenego! Nada quero com elles.

P. — Esta *Communhão* de Fé para ser bem ligada, e formar a perfeita unidade de hum Rebanho com hum só *Pastor*, e hum *Corpo* com huma só *Cabeça*, alem da indispensavel obediencia, e sugeição, deve ter a *Communhão* de *Sacramentos*, e doutrina; isto he, os mesmos *Sacramentos*, a mesma Fé, o mesmo culto, a mesma disciplina, a mesma moral; e então se chamará perfeita *Communhão*.

Temos a *Communhão dos Santos*, que he a união com-

mum entre as tres *Igrejas*, ou *Sociedades Militante*, *Purgante*, e *Triunfante*, de que J. C. he a cabeça invisivel, e o *Summo Pontifice* seu *Vigario*, e nenhum outro; e por isso recebeo de J. C. o poder sobre a terra, e sobre o *Ceo*, entregando-lhe as chaves para abrir, e fechar as portas do mesmo Reino dos *Ceos*, no que se significão estes poderes, como ja vimos.

F. — Essa ja me servio para responder a hum magarefe, que me perguntou, quem era o *Papa*? Eu lhe respondi: He hum Homem, que sem deixar de o ser, tem poderes sobre toda a terra, sobre o Purgatorio, e ainda no mesmo *Ceo*, cujas portas fechará a você, e a outros que taes. Tratoume de fanatico; mas o que lhe valeo, foi esgueirar-se, temendo o murro, que o poria de cangalhas.

P. — Estas tres *Igrejas* formão huma só ligada com os laços da caridade por huma *Communhão* mutua de intercessões, e orações. Daqui vem a invocassão dos *Santos*, as orações pelos mortos, e a confiança em suas interceções. He este hum Dogma de Fé, bem expresso no *Symbolo* formado pelos *Apostolos*. Nós fallaremos ainda das *Communhões* de união fraternal, que nos deve unir com os laços do *amor* effectivo em palavras, e obras.

Estas *Communhões* são necessarias consequencias da *Communhão Sacramental*, que forma o seu centro de unidade, não só espiritual, mas ainda phisicamente. Não queirão perder tudo isto da memoria, para conhecerem as invenções do Divino *Amor* nos meios, que procurou a fim de conseguir esta união dos homens com sigo mesmo, vindo a ser todos, nós e Deos, huma só união, huma só unidade, huma e a mesma cousa. Veremos estes prodigios, estes excessos de *amor*, amor cego, J. C. cego de *amor* pelos homens, extasis, e arrebatamentos de *amor* neste *Sacramento do Amor*. Vejâmos porem primeiro a incontestavel crença deste Dogma fundamental da união dos Fieis em hum só corpo, para depois discorrermos á nossa vontade sobre as incomprehensiveis bondades do nosso *Creador*, e bellezas divinas da santa *Religião*, que professamos.

A. — Se chega, P., a dissipar todas as minhas duvidas a esse respeito, eu nada mais terei a duvidar na Crença *Catholica*.

Crença incontestavel.

P. — Não me custará muito, se não quizer fechar os olhos ás

razões, que o tornão incontestavel, as mais claras, fortes, evidentes, e indubitaveis.

A. — Tenho a oppor primeiro que tudo o nenhum conhecimento, que teve o genero humano antes...

D. — Não ha tal. Já vimos, que tiverão conhecimento os mesmos *Anteluvianos*, porque pouco depois deste acontecimento, sendo ainda vivos os filhos de *Noé*, *Melchisedech* verdadeiro Sacerdote offerecia no altar *Pão* e *Vinho*. Os *Pães* da *Proposição* na Lei dada a *Moyses* não significavão outra cousa.

A. — Eu creio, que essas, e outras muitas erão figuras, e representações deste *Sacramento*, porem digo, que as não entenderão.

P. — Se o Sr. At. confessa, que erão figuras, e representações, está obrigado a confessar o figurado, e representado nellas. Ahi tem huma prova bem forte, e clara. Porem ninguem me obrigará a crer, que Deos ao mesmo tempo que dava as figuras, não dava o conhecimento do figurado, e suas significações. Algumas erão tão claras, e proprias, que se não poderia ignorar o seu significado. As rezes offerecidas como victimas representavão bem claramente a J. C. immolado pelos homens, o que elles não ignorarão, como ja vimos; porem estas rezes comidas pelos Sacerdotes em acto religioso dizião mais alguma cousa.

Temos sobre tudo o *Cordeiro Pascal*, comido com tantas ceremonias, que alem da sahida do cativeiro do *Egypto*, não podia deixar de dar a conhecer alguma outra cousa. Elle devia ser assado ao fogo, que representava o do *amor* divino, e devorado com a cabeça, pés, e intestinos: *Caput cum pedibus ejus, & intestinis vorabitis. Exod.* 12. 9. Notemos, que nesta mesma noite em que se celebrava esta ceremonia, foi que J. C. tendo comido deste *Cordeiro*, abolindo a figura verificou o figurado, instituindo este *Sacramento*, e dando-se todo inteiro em comida. Convenho em que os *Judeos* se esquecerão, e perderão esta lembrança.

D. — Eu julgo ser clara prova deste conhecimento na Lei Natural, o que ja vimos dos costumes dos *Mexicanos* anthropophagos, nas victimas humanas, que depois comião em acto religioso.

P. — Eu não sei que outra origem possa ter. Não era somente esse costume dos *Mexicanos*, mas sim commum a todos os anthropophagos, pois que todos costumavão fazer victimas de sacrificios antes de os comerem. Seja o que for a este

respeito nós não temos necessidade de taes argumentos para tornar incontestavel a nossa crença. Que na Lei antiga não houvessem mais que figuras envolvidas, e ignoradas, não admira, porque a *Religião*, e *Igreja* estava na sua infancia, e mocidade. J. C. a pôz na sua virilidade, e perfeição; fez desenvolver as figuras, e apparece o figurado com toda a evidencia da verdade: J. C. a *Summa Verdade* com as palavras as mais positivas, e claras nos põe patente a realidade deste *Sacramento* bem como nós a temos, e professamos.

A. — Se assim fosse não lhes darião os *Lutheranos*, e *Calvinistas* tão differentes sentidos.

P. — Não diz bem. Já lhe disse, e provei, que nem *Luthero*, nem *Calvino*, nem algum de seus sectarios, quizerão conhecer, e confessar a verdade. Eu poderia sustentar, que nunca jamais os erros de entendimento fizerão hereges, mas sim os erros da pessima, e depravada vontade arrastada por paixões sensuaes.

F. — Está ja bem visto. A soberba, as sensualidades brutaes, a cobiça dos bens da *Igreja*, e ambição, he o que faz hereges, e Incredulos.

P. — Vejamos as formaes palavras de J. C., e dirá se por ventura esses do Norte tem alguma desculpa, e podião errar no conhecimento deste Dogma. Aqui tem a Sagrada *Biblia*, que trouxe comigo, *cap.º* 6. do *Evangelho* de *S. João*. Queira ler em portuguez, pois o latim he clarissimo.

A. — Na verdade, na verdade eu vos digo: *Amen, amen dico vobis*. Julgo, que assim se vertem estas palavras.

P. — Não ha duvida; e ainda tem força de juramento. J. C. se servia dellas quando dizia cousas mais difficeis de acreditar. Logo as verá repetidas sobre o mesmo objecto.

A. — » Na verdade, na verdade eu vos digo: o que em mim crê, tem a vida eterna. Eu sou o *Pão* da vida. Vossos pais comerão o Maná no deserto, e morrerão. Este he *Pão*, que desce do *Ceo*, para que quem o comer, não morra. Eu sou *Pão* vivo, que desci do *Ceo*. Se alguem comer deste *Pão*, viverá eternamente. Este *Pão*, que Eu darei, he minha *Carne*, que dará vida ao mundo: *Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita*. ℣. 52. » Parece que falla bem claro, e em sentido natural.

P. — Assim mesmo, e como nós cremos o entenderão os *Judeos*, pois que ouvindo isto entrarão em commoção, perguntando-se huns a outros: *Quomodo potest hic nobis car-*

nem suam dare ad manducandum? ℣. 53. Como pode este homem dar-nos a comer a sua carne? Queira agora continuar com a resposta que lhes deo J. C.

A. — » Amen, amen, Eu vos digo, que se não comerdes a *Carne* do *Filho* do homem, e beberdes o seu *Sangue*, não tereis vida. O que come a minha *Carne*, e bebe o meu *Sangue* tem a vida eterna, e Eu o resuscitarei no ultimo dia; porque a minha *Carne* he verdadeira comida, e o meu *Sangue* verdadeira bebida. O que come a minha *Carne*, e bebe o meu *Sangue*, está em mim, e Eu nelle: *Manet in me, & ego in illo.* ℣. 57. »

P. — Bem; paremos ahi hum pouco, e queirão dizer-me, que outro sentido podem admittir estas palavras, que não seja o que nós lhes damos?

D. — Eu accrescento, que se essas palavras se devem entender como as entendem os hereges, poderiamos dizer, que J. C. faltou á verdade, porque não se podem tomar em tal sentido. Deveria ainda tirar o escandalo, que dellas tomárão os *Judeos*; porem elle mais os confirmou.

P. — Eis ahi huma razão, ou argumento a que desejaria chamar os Doutores *Protestantes*, e gostaria de lhes ouvir a resposta. Os *Judeos* murmurarão, e se commoverão dizendo: como pode este Homem dar-nos a comer a sua *Carne*? Se J. C. fallava em sentido figurado, como o entendem os *Lutheranos*, *Calvinistas*, ou quaesquer outros, deveria dizer-lhes: Vós o entendeis mal, porque Eu o digo neste, ou naquelle sentido. Bem longe de o fazer, toma a palavra, e tanto os confirma no mesmo sentido natural, que lhes affirma com palavras, que tem força de juramento, que se não comerem a sua *Carne*, e beberem o seu *Sangue* não terão a vida eterna.

Mais obrigado a esta declaração estava ainda, quando ouvindo isto pela segunda vez, muitos de seus discipulos, que nelle crião, e o seguião, disserão entre si: *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire?* ℣. 61. Dura he tal doutrina, e quem a poderá ouvir? Que tendes? lhes pergunta J. C. Esta minha doutrina vos escandaliza? *Hoc vos scandalizat?* ℣. 62. Porque razão não lhes tirou este escandalo e os deixou ausentar de si? Porque lhes não disse: Não o entendeis bem; eu quero, que o entendaes da comida pela Fé, ou em figura, ou empanação, ou o mais que dizem esses hereges do Norte?

A. — Está bem claro, que *Luthero*, e todos os mais quizerão

errar. Porem J. C. deixou ausentarem-se seus discipulos sem mais satisfação?

P. — E que lhes havia de fazer? Contudo deo-lhes huma palavra, que depois lhes deveo tirar a incredulidade, e com que eu tambem a tirarei ao Sr At., ou pelo menos obrigarei, a que se não possa servir de alguma objecção contra este sagrado Dogma. Vós escandalizais-vos do que Eu digo? *Hoc vos scandalizat?* Não podeis crer que deveis comer a minha *Carne*, que he verdadeira comida, e beber o meu *Sangue*, que he verdadeira bebida? Julgais, que não digo a pura verdade, por vos parecer isto incrivel? Porem se vós virdes o *Filho* do homem, que sou, o que isto vos affirmo, subir ao *Ceo*, onde estava antes? *Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi prius erat?* ℣. 63.

D. — Ah, Sr. At.! Aquellas sós palavras devem fazer emmudecer, a quem crè em J. C. Se me não engano, elle quiz assim dizer: Vós não me quereis acreditar, porque vos parece arduo o que affirmo; porem que fareis, quando Eu provar, pela minha Ressurreição, e Ascenção aos *Ceos*, que sou verdadeiro Deos, que fareis? Acreditareis então no que vos digo agora, ou não? Outro tanto digo eu ao Sr. At. Nós vemos J. C. affirmar bem clara, e positivamente, que devemos comer a sua *Carne*. Cremos, ou não que elle he Deos? Ja fica provado. Pois se o cremos, devemos tambem crer, que não póde faltar á verdade; eis ahi o que tira todas as duvidas.

F. — Mas os excommungados não querem crer em J. Christo.

D. — Pois creão no diabo, que lhes hade dar bom pago.

P. — Melhor andarão os Apostolos nesta occasião. Os discipulos com effeito se ausentarão, deixando o Divino Mestre, escandalizados, e nem a palavra que lhes deo os segurou; e apenas ficarão os doze *Apostolos*; aos quaes disse o *Senhor*: Tambem vós quereis ausentar-vos, e deixar-me? *Nunquid & vos vultis abire?* *Domine, ad quem ibimus?* Para onde hiremos, *Senhor*? responde logo *Pedro* por todos, e como chefe. As tuas palavras são palavras de vida eterna: *Verba vitae aeternae habes.* Nós cremos, e muito bem sabemos que tu és Christo Filho de Deos: *Nos credimus & cognovimus quia tu es Christus Filius Dei.* ℣. 68. 69. Como se dissera: O que tu dizes nos parece arduo, incrivel; porem nós cremos, que és *Christo*, que és Deos; e por isso cremos na tua palavra, e ficamos certos que devemos comer a tua *Carne*, e beber o teu *Sangue*, posto que ignoramos o modo.

A. — Eu tão bem creio; e não quero ceder a ninguem na minha Fé: porem o Sr. Ab. não pode negar que se faz inaccessivel á razão tudo o que neste Mysterio cremos.

P. — Se assim não fôsse, não seria elle Mysterio. Mas se por huma parte he inaccessivel, por outra não. Aqui temos esta razão bem clara; pois que ella dicta, que devemos crer, ter por firme, e indubitavel a palavra de hum Deos. Que notamos nós neste *Sacramento* impossivel a hum Deos? A conversão do pão e do vinho no *Corpo* do *Senhor*? Mas que outras cousas não vemos semelhantes a cada passo, que os nossos sentidos nos obrigão a crer, posto que não entendamos como se pode fazer?

F. — Diga-me cá huma cousa. Como se converte o leite da mãi no corpo, carne, e sangue do seu menino? Como se faz o mesmo de qualquer outro alimento?

A. — Tem razão; porem eu formo hum argumento, a que não poderá responder....

F. — Temos outro *Jansenista* de certo!

A. — Deos não pode enganar; e J. C. engano-nos, pois que faz apparecer aos nossos sentidos como pão, e vinho, o que he o seu *Corpo*, e *Sangue*... Eu julgo, que o meu argumento não merece sorrisos!

P. — Queira perdoar-me pois que me provoca o riso a futilidade dos argumentos, e razões dos Incredulos, que o Sr. At. leo nos livrinhos da moda.

F. — Eu julgo, que ainda os não queimou.

P. — Como nos engana elle, quando tão claramente nos desengana? Quando instituio este *Sacramento*, pegou do pão, e disse: Tomai, e comei: Isto he o meu *Corpo*: *Hoc est enim corpus meum.* Não disse: Este pão he o meu *Corpo*, mas sim *isto* he o meu Corpo: como se dissera: Se vos parece pão, sabei, que não o he, mas sim o meu *Corpo*. O mesmo fez do vinho: *Hic calix*, este Calix, isto que contem este Calix, he o meu *Sangue*; e não disse: Este vinho. Esta razão deveria confundir os Hereges das empanações, ubiquidades, e figuras; porem onde entra a cegueira das paixões, nada se vê.

Para confundir a todos os Hereges, e Incredulos de nada mais necessitamos, que da Tradição constante, e universal Crença de toda a *Igreja* desde os *Apostolos* até nós: e que direito tinha o glotão sensual *Luthero*, para depois de quinze seculos de firme, e constante Crença, nos dizer que a *Igreja* crê mal? Não me admiro de que assim o dis-

sesse este homem brutal, e o impio *Calvino*, porque em fim a sua conducta mostra o que forão; mas sim me admiro de que assim o cressem, e crêão muitos, que presumem de entendidos. Somente póde explicar este phenomeno a cegueira das paixões do homem.

Temos a J. C. affirmando-nos que nos daria a comer sua propria *Carne*, e a beber seu *Sangue*; o que deveriamos fazer de necessidade para conseguirmos a vida eterna. Na ultima *Cea*, lavando elle mesmo com aquellas divinas mãos, que crearão os *Ceos*, e terra, os pés a seus Apostolos, para mostrar a pureza d'alma, com que devemos receber seu *Corpo*, comendo o *Cordeiro Pascal*, diz: *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum antequam patiar. Luc.* 22. 15. Grandes desejos tenho tido de celebrar comvosco esta *Cea*, antes que me entregue á morte. Pega do pão, o consagra, e dá a comer, dizendo: *Isto he o meu Corpo*: faz o mesmo do vinho, e ordena de Sacerdotes aos Apostolos, mandando-lhes fazer o mesmo: *Hoc facite in meam commemorationem.* Isto feito, e dadas as ultimas instrucções, se levanta, e parte a pôr-se nas mãos dos *Judeos*.

Já mencionamos as Liturgias dos *Apostolos*, em que os vemos celebrando estes augustos Mysterios como agora se celebrão em conformidade com a nossa crença em toda a a extensão do sentido. Nellas se vê a confissão da real presença de J. C., e a conversão, ou Transubstanciação do pão e vinho em seu *Corpo*. Tanto assim o crerão os Santos Apostolos, que *S. Paulo* affirma, que se faz réo do *Corpo*, e *Sangue* do *Senhor* aquelle que o recebe indignamente: *Reus erit corporis, & sanguinis Domini.* 1. *Cor.* 11. 27. Nos immediatos successores dos *Apostolos*, e tempos primitivos nós vemos a mesma crença, e a mesma celebração...

A. — Não póde duvidar que os Hereges *Lutheranos* formão do silencio dos Escritores desses tempos a tal respeito forte argumento. *Celso*, *Porphirio*, *Hyercles*, e *Julliano* escreverão contra os *Christãos*; e se por ventura elles cressem neste *Sacramento* he bem provavel que os ridiculisassem por comerem o seu Deos. Este silencio prova bastante.

P. — Bastante prova a ignorancia de quem propõe taes argumentos. Nós apenas temos dos tres primeiros alguns retalhos, do que escreverão, nas obras dos SS. PP., que os refutarão, e ignoramos o mais que disserão. Os *Christãos* desses tempos erão accusados, de que em seus ajuntamentos comião carne humana, que envolvião em farinha para

ficar com apparencias de pão. Eis aqui á risca a mesma crença, que nós temos, pois que debaixo das especies, e apparencias de pão, confessamos o verdadeiro e real *Corpo* de J. C. Deve notar-se que estes augustos Mysterios não erão celebrados na presença dos *Gentios*. Nos primeiros tempos, principalmente nos das perseguições, apenas erão celebrados em lugares muito occultos porque não fossem profanados pelos inimigos da Religião.

Prova ainda a ignorancia que tem dos SS. PP. dos primeiros seculos. Se elles lessem a carta de S. *Ignacio*, Discipulo dos Apostolos aos de *Smyrna* ahi acharião a mesma Fé, que nós temos, confessando, que a *Eucharistia* he aquelle mesmo *Corpo* do *Salvador*, que por nós padeceo na cruz. Verião em St.° *Irineo*, que escreveo nos fins do segundo seculo, no seu livro *quarto contra as heresias*, *cap.* 17. e 34., esta mesmissima crença. O mesmo em *Origenes*, *Tertulliano*, S. *Cypriano*, *Hilario*, *Ephrem*, *Optato*, *Cyrillo* de *Jerusalem*, *Gregorios*, *Chrisostomo*, *Ambrosio*, e em fim outros, todos, e em todos os tempos sempre crida, confessada, e ensinada a mesma Fé, a mesma doutrina, que a *Igreja* de Deos tem presentemente, e sempre teve desde os seus Fundadores J. C., e seus Apostolos.

D. — A' vista disso quem poderia ouvir o brutal *Luthero* depois de quinze seculos de geral crença dizer, que crião mal? O que admira he que não só o ouvissem, mas ainda o acreditassem, e ainda acreditem!

P. — Clara prova temos, de que não são os erros de entendimento que fazem hereges, e Incredulos, mas sim as paixões viciosas. He porem ja tempo de entrarmos nos divinos Planos de J. C. na instituição deste Sacramento.

Laços de amor na Communhão.

Sem jamais nos esquecermos da tantas vezes repetida união do homem com Deos, conforme a *Oração* de J. C., tendo ontem visto os laços de *amor*, que nosso *Amantissimo Salvador* lançou á sua *Igreja*, ou *Sociedade Catholica* para a unir comsigo, para ser com ella huma, e a mesma cousa, assim como elle *hum* com seu Pai, lancemos ainda as vistas da consideração sobre estes incomprehensiveis excesso de *amor*. Ja mais se poderão inventar palavras que o possão exprimir; e por isso pouco posso dizer.

Se Deos intentou vencer nossa rebeldia, e obrigar nos-

so amor á força de beneficios, e dadivas, elle não podia dar mais quando se dá todo a si mesmo. O Pai *Eterno* deo seu Filho *unigenito*; e que mais tinha a dar? J. C. da-se a si mesmo! Mas como? Na cruz dá ao homem, o que do homem tirou; deo o seu *Corpo*, e todo o seu *Sangue* ate a ultima gota, que da natureza humana havia tomado, porem tornou a tomar na Ressurreição o mesmo *Corpo*, assumindo toda a natureza humana, fazendo a sua Ressureição verdadeiro germen, que devia produzir a nossa Ressurreição.

D. — Que lindo he isso! Que bellezas tão encantadoras! Bem diz, P., que o Philosopho *Christão* acha na *Religião* as mais formosas, e encantadoras bellezas. O Filho do *Eterno* veio tomar a nossa carne para unir comsigo, e seu Pai o genero humano: elle morre para remir o homem; e elle resuscita para que o homem resuscite. Nós temos ja resuscitada, e gloriosa a nossa natureza, a nossa carne em J. C.: ella he como germen, que tem a faculdade, e força efficaz para produzir a nossa mesma ressurreição! Que bello he isto! Ah, Sr. At.! Nossas antigas philosophias não nos descobrem taes bellezas, e menos tão doces esperanças!

F. — Eu quero saber, se a grande salvagem *alma do mundo* tambem morreo, e resuscitou para tambem resuscitar todā a salvajaria das suas pequenas almas, ou se he capaz de o fazer?

A. — Não me queira confundir mais.

F. — Hei de arraza-lo, porque ainda estou desconfiado.

P. — Porem apenas com isso levantámos huma bem pequena parte do véo, que cobre estas divinas bellezas. Pouco a pouco o devemos levantar. Não se esqueção de que a *Ressurreição* de J. C. he o germen da nossa ressurreição, tendo ja no *Ceo* ressuscitada, e gloriosa a nossa mesma natureza assumida por J. C. Eu não me posso explicar, senão por esta palavra *germen*, para que possão fazer idea. Continuemos com o *amor* de J. C.

Se dando na Cruz á morte pelo genero humano, o que delle havia tirado, seu *Corpo*, e seu *Sangue*, tornou a assumi-lo, assumindo nelle a natureza universal do genero humano, não foi senão para a tornar a dar em hum outro estado infinitamente mais excelso, e divino. Porem isto he tão grande que não podemos deixar de marchar com muito vagar.

Entremos na casa do *Cenaculo*, e procuremos entrar

se he possivel, nos occultos segredos, e excessos de *amor*, em que se abrasava aquelle divino, e amantissimo *Coração* ao romper nestes extasis de *amor*, *sacramentando-se*. Que intentais fazer, ó amantissimo *Creador e Redemptor* do homem? Eu responderei em seu nome, e vejão se o farei no seu legitimo sentido.

„ Está chegada a hora aprazada, em que o Filho do homem vai ser posto na mãos dos *Judeos*, a dar a vida pelo homem. Eu tenho de morrer, dando ao homem o que do homem tenho: outra vez o tomarei, e deverei subir aos Ceos para fazer ahi a gloria dos Bemaventurados, e servir de Advogado perante meu *Pai*, pelos meus filhos, que cá ficão ainda vivendo. Porem meu *Coração* não sofre esta separação do homem, Eu não o posso deixar; Eu me uní com elle, e não me posso desunir, nem posso deixar de formar huma união intima, a mais estreita, e indissoluvel com o homem. Vou offerecer pelo homem este mesmo Homem, que sou a todo o genero de tormentos, e padecimentos, derramando até a ultima gotta de meu *Sangue*. Eu vencerei a ingratidão do homem com esta minha dadiva. „

„ Porem isto ainda he pouco para o meu *amor*. Se agora vou dar o meu *Corpo*, e *Sangue*, a minha vida mortal pelo homem, Eu ainda me quero dar todo quanto sou, *Corpo*, *Alma*, e *Divindade* ao mesmo homem; e conhecerá o ingrato homem, que nada mais tenho a dar-lhe, quando me dou todo quanto sou. „

Como intentais faze-lo? Que meio procurais? He por ventura isso possivel?

„ Meu *amor*, em que sinto abrasado o *Coração* para com o homem, he muito ingenhoso. Eu sou *Pastor* do Rebanho, que intento ajuntar, e formar; porem o pastor se sustenta do leite de suas ovelhas, e de sua carne; Eu porem intento sustentar o meu Rebanho com a minha propria *Carne*. Eu sou *Pai*, ao mesmo tempo que sou *Irmão*, e *Filho* do homem. Os pais sustentão seus filhos com o suor de seus rostos; vertido suores tenho Eu, e vou a verter todo o meu *Sangue*; mas quero ainda fazer mais. Eu os quero sustentar com minha propria carne. As mãis dão a seus filhos em leite o seu sangue: Eu darei o meu em bebida, e minha mesma *Carne* em comida. Eu ficarei sempre com o homem até o fim dos seculos. Estando no *Ceo* com meu *Pai*, e meus justos, estarei juntamente na terra com os peccadores. Não só isso, mas Eu fazendo-me seu sustento, sua comida, e

bebida, entrarei todo quanto sou dentro do mesmo homem: Eu me abraçarei com seu Coração, e o prenderei com as cadêas de amor; Eu me unirei tanto com elle, Eu o unirei tanto comigo, que, com elle, e meu PAI, não sejamos mais do que huma só unidade, huma, e a mesma cousa: *Tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint. Joan.* 17. 21. O homem por este meio se fará carne de minha mes- *Carne*, osso de meus *Ossos*, sangue de meu *Sangue*; e não poderá deixar de ser que fiquemos tão unidos, que Eu e o homem, com meu PAI sejamos huma, e a mesma cousa. »

F. — Ai Amantissimo meu Deos! Que coração este meu, que não arrebenta de amor!

D. — Ai, P., que isso faz estalar os corações mais duros!

P. — Ouçamos mais alguma cousa, porque eu lhe diria: Senhor, em que pensais? Em tão divinos, e incomprehensiveis rasgos, e excessos de *amor* pelos homens, quando, e no mesmo tempo, que estes ingratos não pensão mais que em vos tirarem a vida, crucificando-vos com milhares de improperios? Ahi está esse malvado *Judas*, que nada mais pensa, que vender-vos, e entregar-vos nas mãos dos *Judeos*. Estes espião o momento, e occazião de vos porem na Cruz. Vossos mesmos maiores amigos, vossos Discipulos vão a desamparar-vos. Esta tenebrosa noite he a verdadeira noite das trevas; ella devia riscar-se do numero das noites. Não he propria para tratardes de taes excessos de *amor*, nem jamais qualquer outra. Deveis lembrar-vos das injurias, e offensas, que vos faráõ os homens recebendo-vos indignamente.... »

F. — Deveis tambem lembrar-vos das irreverencias, das injurias, dos desprezos, dos desacatos nunca ouvidos, que vos faráõ os Incredulos, que vos tratarão peior do que os *Judeos*, pois nem trinta mil destes chegão a hum Incredulo, ainda que sejão os mais Rabbinos. Olhai as judiarias, que vos faráõ, as...

P. — »Tudo isso, e muito mais tenho presente, responderia o Amantissimo coração, tudo vejo, nada ignoro; contudo o amor he tal, que me faz fechar a tudo isso os olhos; não podem essas muitas agoas de ingratidões, de injurias, de offensas apagar o fogo de *amor*, em que me abraso: *Aquae multae non potuerunt extinguere charitatem.* Correráõ em rios, choveráõ sobre mim, como grossas torrentes, as injurias, as offensas, os opprobrios, as irreverencias, e desacatos; porem não são sufficientes para me reterem nos trans-

portes, e excessos de meu *amor*: *Neque flumina obruent illam. Cant.* 8. 7. Eis aqui o meu *Corpo*, eis aqui o meu *Sangue*; comei, e bebei. »

A. — Ah! E porque não tenho eu ouvido á mais tempo cousas tão admiraveis e pasmosas!

D. — Choremos nossa cegueira, e ignorancia.

F. — Se as não tem ouvido he porque não tem querido ouvir fanatismos.

P. — Ponderemos agora os resultados deste *Sacramento de amor*, que ainda chamamos de *Communhão*, por isso mesmo que põe em união, e liga com laços em apertada união os homens com Deos, e entre si, como em hum só corpo.

A Communhão une em hum corpo.

Ponhâmos de parte por hum pouco os laços do *amor* divino para darmos lugar ao amor fraternal, formando a união, ou unidade de muitos membros em hum só corpo; de cuja expressão S. *Paulo* se serve varias vezes. He isto mesmo o o que J. C. intentou sobre tudo neste *Sacramento*, que por isso se chama *Communhão*. Não he por ventura communicação do Sangue de *Christo*, pergunta elle, o calix, que nós benzemos, ou vinho, que consagramos? *Calix benedictionis, cui benedicimus, nonne communicatio sanguinis Christi est?* E o *Pão*, *Sagrado* que repartimos não he por ventura a partecipação do *Corpo* do *Senhor*? *Et panis, quem frangimus nonne partecipatio corporis Domini est*? 1. *Cor.* 10. 16.

Porem que se segue daqui? Que todos os que partecipão desta *Communhão* do *Corpo*, e *Sangue* de J. C. se fazem todos hum só Corpo: *Unum corpus multi sumus omnes, qui de uno pane participamus.* Mas como, e porque? Porque he hum só *Pão*: *Quoniam unus panis.* Se he hum só *Pão*, elle fará hum só Corpo de muitos, e de todos, que delle comerem: *Quoniam unus panis, unum corpus multi sumus omnes, qui de uno pane partecipamus.* ℣. 17. O mesmo pão, a mesma bebida, o mesmo sustento devem fazer a mesma carne, e o mesmo corpo.

Este *Sagrado Pão*, forma a perfeita *Sociedade* dos Santos, diz St.° *Agostinho*, onde haverá paz, e unidade na plenitude de perfeição: *Ubi pax erit, & unitas plena, atque perfecta.* Esta união, e mesmo unidade de *Sociedade* em hum só corpo, he significada, diz este St.° *Doutor*, nas

mesmas especies de que J. C. se quiz servir para se nos communicar, e formar esta unidade, dando-se-nos em comida, e bebida, pois que estas especies de muitas cousas se unem em huma só: *Dominus noster Jesus Christus Corpus, & Sanguinem suum in eis rebus commendavit, quae ad unum aliquid rediguntur ex multis.* Como? O pão se forma, e se compõe em huma só cousa de muitos grãos; e o vinho de muitos cachos, e muitos bagos: *Aliud in unum ex multis granis conficitur: aliud in unum ex multis acinis confluit.* De muitos grãos hum só pão, de muitos cachos e bagos hum só vinho.

D. — Que bellezas tão excelsas, e encantadoras, Sr. At.!

A. — Eu pasmo, e me assombro! Entendo agora meu P., Quer dizer, que do mesmo modo que o pão se forma em hum só composto e unidade de muitos grãos, como o vinho de muitos bagos, assim este *Pão*, e *Vinho* Sagrados, isto he o *Corpo*, e *Sangue* do *Senhor*, em que o pão, e vinho he transsubstanciado forma de muitos hum só corpo, hum só composto, e unidade. Entendo ainda que J. C. he o centro desta unidade, e Cabeça deste corpo.

P. — Assim he; mas vamos com vagar, levantando pouco a pouco o veo a bellezas tão excelsas, e divinas para que nos não deslumbremos, e nada vejamos. Eu perguntarei aos senhores, que cousa lhes parece mais agradavel entre os homens em razão de *Sociedade*, mais bella, e encantadora?

D. — He hum exercito bem formado e regular.

F. — O que Vm. quizer! Conversa o lavrador nos filhos dos touros, porem eu não sou assim. Hum exercito não se une por amor fraternal, se não por temor, ou interesses. Eu lhe digo o que he sobre tudo bello, e encantador. He hum pai, posto á meza cercado de seus filhos, que estão recebendo de sua mão o sustento, que lhes tem grangeado com o suor do seu rosto. Se querem, que diga tudo, accrescentarei, que nada ha mais bello, mais terno, e que muitas vezes me tem arrancado as lagrimas dos olhos, do que huma *Communhão* geral. Ninguem a vê, que não chore a bom chorar. Este he o sentido em que falla o meu *Abbade*.

D. — Vm. he o nosso Mestre! Agora me recordo, que ja vi huma. Com effeito tudo chorou avisinhando-se á *Sagrada Meza* a receber o *Pão do Ceo*, debulhado em lagrimas.

A. — Pois eu tambem ja vi nesse acto em huma quinta feira santa a huma numerosa Communidade religiosa. Confesso que não pude conter as lagrimas, quando vi a todos os Re-

ligiosos postrados por terra, pedindo perdão huns aos outros, descalços inteiramente, e confessando em alta voz as suas culpas. Então se levantarão os gemidos e suspiros.

P. — A santa *Religião* tem actos os mais encantadores, e tocantes.

F. — Encantadôres! Eu, e minha mulher não perdemos funcção de Igreja, nem nos custão cousa alguma os jejuns dos tres dias da semana santa; pois nella os passamos, ali estamos embasbacados sem mais nada nos lembrar. Minhas filhas de boa vontade lá estarião nos dias de festa até á noite sem nada comerem. Eu bem sei que são fanatismos; porem eu dou-me com elles muito bem. Andem embora os fanatiqueiros lá pelos seus theatros, pelas suas assembleas, que eu como fanatico cá andarei. . . Mas por onde andarei? Ai, que me tirarão o melhor, que eu tinha! Ai, que vejo os santos Templos de luto, profanados, tornados em casas. . . em casas . . . O' monstros do inferno, que tal fizestes! Como ainda vos soffre a terra! Sumi-vos, desapparecei.

P. — Nada ha na verdade que mais sensibilize o homem, do que os actos de *Religião*; porem nós temos de tornar a esta materia, e então veremos, que elles são mui naturaes ao homem; verdade esta ignorada do mesmo homem. Nós o provaremos até á evidencia na seguinte tarde, ou *Palestra*. Temos por ora nosso bom *Pai* J. C. com a sua familia reunida á sua *Meza*. Se nada ha mais bello que hum pai assentado á meza rodeado de seus filhos, que belleza divina a da universal familia á Meza de J. C.! Este amantissimo *Senhor* não pôde fazer mais! Porem ponderemos de espaço as excelsas bellezas, que aqui se encerrão relativamente ao nosso intento.

Hum pai á meza com seus filhos formão huma verdadeira familia, e nada ha que melhor possa representar huma communhão, isto he, hum composto de individuos humanos em hum só corpo. Para os homens representarem as suas uniões em corpo, costumão dar seus jantares, em que não são contados os que não devem entrar naquella união: porem nada como a de hum pai com seus filhos neste acto. O pai repartindo o alimento da vida a seus filhos . .! Quem não dirá: Eis aqui huma *Sociedade* com seu centro, huma familia com seu chefe, hum corpo perfeito com sua cabeça? Tal he a *Communhão Sacramental*, que J. C. instituio para formar de todos os Fieis esta familia, esta *Sociedade* de

familia, este corpo perfeito em sua união. He hum *Pai* reunindo seus filhos, sua familia á sua Meza. Porem que iguaria lhes presenta?

Eu julgo, que deslustraria os incomprehensiveis excessos de *amor*, e bondades do *Salvador* se intentasse fallar destas liberalidades. Seria necessario comprehender o incomprehensivel, o infinito, o immenso, e ter palavras para o poder expressar. Digo sómente se *dá a si mesmo*; e exclamarei com hum santo *Papa*, *Urbano*: O' larga e prodiga liberalidade, em que o dante a si mesmo se dá, e entrega! *O' larga & prodiga largitas, ubi donator venit in donum, & datum est cum datore!* Que tem mais a dar, o que a si mesmo se dá? Não perdoou a si mesmo, pois que a si mesmo todo quanto he, se nos entrega: *Corpo*, *Sangue*, *Alma*, e *Divindade*, tal qual he, aquelle mesmo que nos *Ceos* faz a gloria dos *Bemaventurados*, se nos entrega! Então comprehenderemos este dom, quando a elle mesmo conhecermos. Que laços, que cadêas de *amor*, para nos unir comsigo!

Porem elle ainda o faz physicamente, mesmo em todo o respeito, e extensão da palavra. Elle nos une comsigo em quanto ao corpo, e verdadeiramente nos fazemos hum corpo com o *Corpo* de J. C., porque nos fazemos carne de sua *Carne*, sangue de seu *Sangue*, osso de seus *Ossos*, pois que a comida se torna em carne, sangue, e ossos. Porem que digo? Eu não me explico bem, e mesmo não digo a verdade. Esta comida he infinitamente differente de quaesquer outras, e mui mais nobre. Em qualquer outra o homem, como hum todo, absorve a si a parte, isto he a comida, e a converte em si; o contrario porem he nesta divina comida, porque como todo, e infinitamente mais nobre, pois que he divina, absorve, e incorpora comsigo o homem, que a toma.

Une com Deos.

Em sua prodigiosa, e famosa conversão ouvio St.º *Agostinho* huma voz divina, como elle affirma, que lhe dizia: *Cibus sum grandium*; Eu sou comida de grandes péla Fé, ou que faço grandes, e mais que gigantes péla grandeza, a que elevo aquelles que comem á minha *Meza* o meu *Corpo*. *Cresce, & manducabis me*; cresce na Fé, e tu me comerás; porem Eu sou differente comida, porque não me

mudarei, e transformarei em ti, mas sim tu te mudarás em mim: *Sed tamen ego non mutabor in te, sed tu mutabiris in me.* Que admiravel, e excelsa transformação! Não he aqui o homem transformando em si a J. C., mas sim he J. C. transformando em si mesmo, ao que o recebe. Que se segue daqui?

D. — E quem poderá dizer cousas tão grandes? Porem o que se segue he o mesmo *Corpo* de J. C. formado dos corpos de todos os Fieis.

P. — Eis ahi a *Igreja*, e eis ahi todos os Fieis formados, e transformados no corpo de J. *C.* Eis ahi verificado o que S. *Paulo* nos repete por vezes, affirmando-nos que somos huma, e a mesma cousa com *Christo*, hum só corpo posto que sejamos muitos, que he o *Corpo* de *Christo*, porque o comemos: *Pertecipatio Corporis Domini.* Este he o *Pão*, que nos faz hum só corpo: *Unum corpus sumus multi.* Mas este corpo he *Corpo* de *Christo*, de que nossos corpos são membros: *Nescitis quoniam corpora vestra membra sunt Christi?* 1. *Cor.* 5. 15. Somos membros do *Corpo de Christo* formados de sua *Carne*, de seu *Sangue*, de seus *Ossos*: *Membra sumus Corporis ejus, de carne ejus, & de ossibus ejus.* Elle em fim he cabeça destes membros unidos, e formados em seu *Corpo*: *Christus caput est Ecclesiae.* ℣. 23. 30.

F. — Porem os Incredulos, inimigos de *Christo*, e de sua *Igreja* jamais entrarão a fazer parte desse *Corpo.* Elles são excommungados.

A. — Agora entendemos bem qual he a unidade da *Igreja*, e como não podem fazer parte della os que não admittem a mesma Fé, os mesmos Sacramentos, e a mesma sugeição á sua Cabeça.

D. — Entendemos ainda quam grande, e apertada união do homem com Deos he esta! Ella he divina!

P. — Divina he, pois he Deos com quem nos unimos. Antes que passemos adiante na formação deste corpo, lancemos hum golpe de vista outra vez á nossa ressurreição, cujo germen aqui temos.

He penhor da Ressurreição.

Melhor entenderão agora a razão porque J. C. disse, que seria necessario comer a sua *Carne* para conseguir a verdadeira *Ressurreição*: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam aeternam, & ego re-*

suscitabo eum in novissimo die. Eis aqui huma natural, e forçosa consequencia, e resultado da *Communhão* do *Corpo de Christo.* Que *Corpo*, que *Carne* he esta, de que nos alimentamos á Sagrada Meza? He *Carne* ja resuscitada, que nos converte em si, que transforma a nossa carne, os nossos corpos, em hum *Corpo*, em huma *Carne* ja resuscitada. Sejão pois nossos corpos de huma corrupta, e putrida materia, como formados, e transformados no *Corpo*, e *Carne* de J. C. ja resuscitado, embora tornem ao pó, comsigo tem este germen de Ressurreição, a carne resuscitada de *Christo*, que não poderá ficar eternamente no pó. Elle deverá ser reunido ao mesmo *Corpo de Christo*, como que delle he, e com elle deverá estar reunido eternamente.

D. — Pasma, Sr. At.! O mesmo succede a mim. Que vis são as sciencias, e philosophias do seculo á vista disto!

P. — Nós temos ainda muito que admirar. Segue-se, que

Dá a vida eterna:

Neste *Cap.* de *S. João* repetidas vezes affirmou J. C., que he *Pão* vivo: *Panis vivus. Pão* de vida: *Panis vitae*; *Pão do Ceo*, que dá vida ao mundo, ou ao genero humano: *Panis Dei, qui de Coelo descendit, & dat vitam mundo.* Protesta que não teria vida aquelle, que não comesse a sua *Carne*; e por vezes affirma, que não morreria, mas teria a vida eterna quem a comesse: *Amen, amen dico vobis: Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. Qui manducat meam carnem. . . habet vitam aeternam.* Porem temos ainda a notar a qualidade desta vida, que não só he eterna, mas divina, e bem semelhante, e comforme com a mesma vida de Deos. Não sei se me poderei expressar devidamente; porem eu seguirei as mesmas expressões de J. C., e a mesma frase.

Ponderemos primeiro, que nesta *Meza Sagrada* não recebemos somente a *Carne*, ou *Corpo* physico de J. C.; pois que ja mais se separou da *Divindade*, e apenas da *Alma* racional, e humana no tempo, que mediou entre a sua morte, e Ressurreição. DIVINDADE, ALMA, e CORPO se unirão para nunca mais se separem; e eis aqui o que recebemos, e com quem nos unimos. Não só J. C. nos une, e transforma em seu *Corpo*, mas ainda nossas almas em sua propria *Alma* humana: não só em sua propria *Alma*, mas

ainda em sua *Divindade*, como que nos divinisa unindo-nos comsigo mesmo todo quanto elle he.

D. — Que diz, P.? Não transgrida os dividos limites.

F. — Deixe dizer, pois sabe muito bem o que diz.

A. — Isso he muito, P.! Nem tanto.

F. — Nem tanto! Pois a sua grande *alma* do mundo não reune com sigo todas as pequenas almas?

A. — Tem razão, e ja me calo. Eu professava, e cria o mesmo.

F. — Mas eu não sei onde as levava, se seria ao fundo do mar, se...

P. — Eu não presumirei transgredir os devidos termos, mas sim presumo não chegar a toca-los. Eu não avançarei demasiado dizendo, que assim como J. C. na *Communhão* de sua *Carne* nos une a seu *Corpo*, como temos visto, assim tambem nos une á sua Alma, e sua Divindade. Nem outra cousa podia ser, pois que cremos, que a Natureza humana, e a divina estão tão unidas em J. C. que não formão mais do que huma só Pessoa. Sendo verdadeiro Homem, e verdadeiro Deos, sua *Humanidade*, e *Divindade* não são mais que huma só Pessoa. Unindo-nos pois com sua Humanidade necessariamente nos une tambem com sua Divindade, pois que nos une com sua Pessoa.

A. — Eu confesso a força dessas razões. Visto que a *Humanidade* de J. C. está unida com a *Divindade*, logo que nos une com aquella, parece que com ambas nos une. Porem a differença que ha entre a creatura, e Creador he infinita, e não posso persuadir-me, que se possa dar essa...

P. — Que diz, Senhor? Não queira negar hum tal Dogma de Fé, e aquillo mesmo que está confesando. Pois não diz, e confessa que a Humanidade se unio em J. C. com a *Divindade*, de tal sorte que não ha nelle mais do que huma só Pessoa? Eis aqui o *Creador*, isto he a *Divindade*, unida com a creatura, qual he o *Corpo*, e *Alma* humana de J. C.

A. — Assim he; não fiz reflexão no que disse.

D. — Eu não ignoro, P., onde se dirige a sua marcha. Não he a outro fim, que áquelle mesmo que J. C. pedio a seu *Pai*, isto he, a unidade com Deos: *Tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint. Ego in eis, & tu in me, ut sint consummati in unum.* Eu pensava, que esta união, esta unidade era mais figurada, allegorica, e ainda metaphorica do que real; porem eu a vou conhecendo physica, e verdadeira com taes razões, que me fazem pasmar.

P. — Longe de nós o pensarmos, que J. C. jamais pediria a

seu Pai cousas vãas, figuradas ou fantasticas. Pedio, e conseguio por seus excessos de *amor* a realidade desta união, e unidade. Não se queirão admirar de que J. C. pedisse a seu Pai, sendo com elle igual. Elle o fez em voz alta, para que todos o ouvissem, e entendessem; pois que de outra sorte não o podia fazer tambem senão fallando com o Pai.

A. — Mas por ventura quer fazer dessa união a mesma que ha entre a Humanidade de J. C. com sua Divindade?

P. — Não quero tal, nem quero accrescentar cousa alguma ao *sagrado Texto*. Longe de mim que eu discrepe hum só ápice da minha Fé. J. C. he Homem e juntamente *Deos verdadeiro*. Ja mais direi que por esta união o homem he ou será Deos verdadeiro, como J. C. Longe de mim tão horrorosa blasphemia. Porem digo, que J. C. neste *Sacramento* nos transforma em si mesmo por hum modo admiravel, e incomprehensivel; e como que he parte infinitamente mais nobre, nos absorve com sigo para que com elle sejamos huma unidade. He isto o que diz o *Texto*. Ninguem dirá, que huma gotta de agoa he huma grande vasilha de vinho; mas logo que aquella chega a unir-se com este, parece perderse, e passa a ser vinho. Não representa outra cousa aquella união de algumas gottas d'agoa lançadas no Calix antes da consagração, e o mesmo pão amassado com agoa, que a união da natureza humana com a divina.

Esta comparação me parece propria para nos dar a entender, qual he esta união com Deos, intentada e pedida por J. C., e verificada na *Communhão Sacramental*. Voltemos ás palavras de J. C., que nos farão avançar neste conhecimento.

Qui manducat meam carnem & bibit meum sanguinem, in me manet & ego in eo. Joan. 6. 57. O que come a minha *Carne*, e bebe o meu *Sangue*, fica permanecendo em mim, e Eu nelle. Esta he huma reciproca, e mutua união, que naturalmente devia produzir a recepção do Corpo de J. C. Mas como que he *Corpo Divino*, *Corpo*, que tem unida a si a Divindade, e em fim *Corpo* verdadeiro de hum Deos verdadeiro, unindo-nos com o *Corpo*, com a mesma Divindade nos unimos, e por consequencia esta união nos divinisa.

Ouçamos ainda a J. C., que immediatamente a estas palavras accrescenta: *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: & qui manducat me, & ipse vivet propter me. &. 58.* A proposição *propter* tem o sentido de *per*.

Eis aqui a versão, que faz *Calmet*, e como todos o entendem. Assim como meu *Pai*, por quem sou mandado, vive, assim Eu como elle, e por elle vivo, assim tambem, e do mesmo modo vive aquelle, que come a minha *Carne*. A mesma he a vida de meu PAI, que a minha: Eu vivo em meu *Pai*, e meu PAI em mim. O que come a minha *Carne* do mesmo modo vive em mim, e Eu nelle. O espirito que a mim anima, o elle anima. Não he elle, que me dá a vida, mas Eu a elle, pois que não me transmuta elle na sua substancia, mas Eu o transmuto, e transformo na minha. Assim como Eu vivo pelo PAI, de quem recebo a geração sempiterna, assim por esta partecipação de meu *Corpo*, *Alma*, e DIVINDADE, viverá eternamente, como Eu vivo, o que comer o meu CORPO: *Qui manducat me vivet per me.*

Não sei que melhor se possa exprimir esta virtude do Divino *Corpo*. Não são porem sómente os corpos, mas os espiritos a unir-se com a *Divindade*; de tal sorte, que della se recebe por esta união de corpos, e espiritos a virtude da Ressurreição, e da vida eterna, semelhante á que a DIVINDADE tem. Do modo que a DIVINDADE, e HUMANIDADE unidas em J. C., vivem eternamente, semelhantemente o que come o seu *Corpo* vive eternamente: *Et ipse vivet propter me, id est, per me.* Eu julgo não me apartar do literal sentido do Texto, e sigo os Expositores. A' vista do que, concluamos, que a *Communhão Sacramental* de tal sorte nos une com J. C. não só corporal, mas espiritual, e divinalmente, que comsigo nos divinisa, e deifica, fazendo-nos huma, e a mesma cousa, huma só unidade: *Ut & ipsi in nobis unum sint.*

Permittão-me agora rogar-lhes a sempre fixa memoria do que acabamos de ver. Tenho de mencionar repetidas vezes este Corpo, ja com esta mesma palavra, ja com outras equivalentes. Sempre pois que diga *Corpo*, ou *Corporações*, ou *Sociedade* de J. C. em união, *Igreja*, e semelhantes, queirão entende-lo deste Corpo que J. C. forma verdadeiramente com seu *Corpo*, transformando nelle nossos corpos e almas, por me pouparem a novas repetições. Queirão ainda saber, que muito melhor entenderão esta união de unidade quando chegarmos aos ultimos destinos do homem, que são a fruição e goso de DEOS na sua gloria. Perguntarei agora, que mais poderiamos desejar?

D. — Nem tanto jamais algum poderia desejar, porque jamais lhe poderia vir ao entendimento tão grande, tão excelsa,

e admiravel cousa. Que lhe parece, *Sr. At*! Talvez que o *Atheismo* tivesse aqui a sua origem, pois que crendo a *grande alma do mundo* creem juntamente a reunião das differentes almas.

A. — Assim parece; porem eu descubro huma grande differença, e he que o *Atheismo*, que seguia, crê as almas da mesma natureza da *grande alma*; e por isso natural a reunião sendo ainda que se julgão sempre em huma tal qual união. Porem o *Catholicismo* crê as almas creadas; e como pode ser crivel a sua reunião com o *Creador*, sendo com elle huma só unidade?

Contudo eu creio como Dogma a união da Divindade com a Humanidade em J. C. formando huma só *Pessoa*; e não me desagradão as comparações, de que o Sr. Ab. se tem servido.

P. — Crendo essa união em J. C. fica-lhe facil a crença da união de que fallamos, pois que na Humanidade de J. C. he representada a universal humanidade. Em quanto ao *Atheismo* ter sua origem nesta doutrina, não deixo de ter o mesmo sentimento, corrompendo este conhecimento, que deverião ter os homens na *Lei Natural*. A idea de que os homens são geração, e filhos de Deos, ou dos deoses, sempre foi tida entre os *Gentios*, e não menos a sua final reunião. Seja o que for neste respeito, eu quero dissipar todas as duvidas, que parece ter o Sr. At. neste respeito.

Quando se lembre do que deixamos dito da creação de nossas almas, lhe ficará menos ardua a crença desta reunião em huma unidade com a Divindade. Nós vimos, que segundo a frase do sagrado *Historiador* as nossas almas parecem sahir da mesma intimidade de Deos, pois que para a creação da primeira soprou Deos na face do corpo de *Adão*: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae, & factus est homo in animam viventem. Gen.* 2. 7. De qualquer sorte, que se entenda, esta frase sempre nos fará entender a grande intimidade, e respeitos que ha entre Deos e as almas humanas. A ser Deos, por impossivel, divisivel, e a não haverem outras bem evidentes contradicções, facilmente nos persuadiriamos, que nossas almas são porções da Divindade por força desta frase. A Fé nos ensina o contrario: porem cremos a sua semelhança tal que as faz verdadeiras imagens da Divindade: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* d.° 1. 26.

Deve admirar-nos a repetição desta verdade. No seguin-

te ỳ. 27. duas vezes o repete: *Creavit Deus hominem ad imaginem suam, ad imaginem Dei creavit illum.* No cap. 5. ỳ. 1. o torna a dizer: *Creavit Deus hominem, ad similitudinem Dei fecit illum.* Fallando Deos a *Noé*, protestando-lhe que teria derramado seu sangue aquelle que derramasse o sangue humano, dá a razão: *Ad imaginem quippe Dei factus est homo.* d. 9. 6. O *Sabio* repete o mesmo: *Deus creavit hominem inexterminabilem, & ad imaginem similitudinis suae fecit illum. Sap.* 2. 23. O mesmo faz o *Ecclesiastico*: *Deus creavit hominem de terra, & secundum imaginem suam fecit illum. Eccl.* 17. 1. Tantas repetições nos devem fazer recordar esta verdade, e he, que por este meio quiz Deos gravar em nossos corações a altissima nobreza a que nos elevou, creando-nos á semelhança, e imagem de si mesmo.

F. — Porem elles querem ser semelhantes aos brutos, e mesmo como elles, principalmente os Incredulos, que são bestas mesmo quadradas.

P. — Sendo pois o homem huma semelhança, e imagem de Deos, tirado sobre este modêlo, e formada em proporção com elle, que duvida pode obstar á crença da sua reunião em unidade com aquelle mesmo de quem he imagem, e semelhança?

D. — Essas razões são fortissimas, e nenhuma dúvida nos podem deixar. Nossas almas, segundo a frase de que *Moyses* se serve para nos mostrar a sua creação, parecem ter a sua origem do mesmo Deos, que he seu centro. Com elle pois se devem reunir. Como sua semelhança, e imagem tem com elle as proporções, e relações proprias da reunião em unidade.

P. — Deve accrescentar, que sem dúvida as creou Deos com este mesmo fim, formando-as de tal sorte, que a final, se não sempre, formassem esta unidade: *Unum sint.* Eis aqui tem a *Communhão Sacramental* consummando, ultimando na plenitude da perfeição, esta união apertada com os laços, quaes temos visto, e quaes podem ter neste mundo.

D. — Quam grande e excelsa he a nossa condição, nobreza, e dignidade! Ninguem, P., o entende!

P. — Porque não entende a *Religião*, que professa. Eis ahi porque eu tantas vezes tenho affirmado, que mui maior mal nos tem feito a ignorancia da *Religião*, do que a corrupção de costumes; ainda que esta aqui tem a sua origem. Não pode ser, ou ao menos he bem difficil, que se corrompa nos

costumes aquelle, que conhece a fundo a sua *Religião*: porem affirmarei, que he inteiramente impossivel o seu abandono naquelle, que devidamente a conhece. Desgraçadamente temos visto este quasi geral abandono neste infeliz Reino. Qual a causa? Eu não posso descubrir outra. A ignorancia, a fatal ignorancia he a causa positiva, e effectiva em toda a extensão do sentido. Esses chamados, ou que a si mesmos se intitulão, grandes sabios, não são mais neste respeito, que huns miseraveis charlatães. Eu sustentarei o meu dito do modo que quizerem.

D. — Muito bem o tem provado e sustentado. As doutrinas, que nos tem dado são ignoradas por todos elles.

P. — Qual he a razão porque nos tempos da primitiva erão quasi tantos os Santos quantos os *Christãos*, que nas perseguições jamais se intimidavão com os mais terriveis tormentos? Dirão, que á graça divina se deve attribuir. Eu digo o mesmo; mas accrescento, que a graça coopera ordinariamente com outras causas. Aqui temos a principal. Hum Infiel ja mais era admittido ao gremio da *Igreja* pelo Baptismo sem que tivesse hum mui claro conhecimento da *Religião* que hia professar. Renovarão-se os antigos prodigios no *Segundo Apostolado*, como ja vimos. E porque? Porque os *Jesuitas*, seguindo as pisadas do primeiro *Apostolado*, primeiro fazião Theologos, que *Christãos*. Desejaria eu que seus calumniadores tivessem hum decimo dos conhecimentos de *Religião*, que tinha hum *Indio* ao approximarse da fonte baptismal.

D. — Tem razão; e eu noto que o Clero apostata he o mais ignorante. Vicios, e ignorancia he o que nelle se vê.

P. — Queira ainda dizer *ignorantissimo* que nada entende de *Religião*; e quando mais no *Jansenismo* fez seus estudos, não obstante que ignora, que o *Jansenismo* não he mais que o puro *Calvinismo*. Basta de digressão. Voltemos á materia.

D. — Porem eu quizera saber, porque razão, quando nos fallou da *Unidade* da *Igreja*, não nos fallou então desta união em unidade dos Fieis com Deos por meio deste Sacramento? Ficaria tudo decidido.

P. — Não o podião então entender; e por isso nos foi necessario desenvolver outras muitas materias, que a esta devião preceder. Agora formão a devida idea, e tem hum claro conhecimento do que he este unico e só *Rebanho* de J. C.; quam bem organisado, unido em unidade com seu

centro, e sua cabeça he este *Corpo* composto de todos os *Fieis Catholicos*. Ainda conhecerão a razão porque sempre houve todo o cuidado em conservar este *Corpo* inaccessivel á communicação com *Infieis*, com *Hereges*, *Scismaticos*, e com todos aquelles que não reconhecem, e confessão a suprema autoridade do *Vigario* de J. C., e finalmente todos aquelles que por qualquer outro modo se separão deste corpo.

F. — E como poderão fazer delle parte os nossos impios, que procurão por todos os modos, e com toda a raiva, rasgar, e fazer pedaços o *Corpo* de J. C.! Elles ja lhe cortarão a cabeça; estão fazendo em pedaços o *Corpo.* Os *Judeos* não fizerão tanto. Posto que o atormentarão por todos os modos, não cortarão, nem quebrarão osso algum, nem ainda dividirão a tunica, que havia sido feita sem costura, pois que significava a *Igreja*. Não olhem para mim; eu assim o tenho ouvido ao meu Ab. Agora vem estes *Judeos*, muito peiores que os *Rabbinos*, rasgão a sagrada tunica de sua *Igreja*, cortão a *Cabeça*, separando-a do corpo, e fazem este em mil pedaços. Ai *Corpo* de meu Sr. J. C.! Santa *Cabeça*, visivel deste *Corpo*, eu quero estar unido comtigo, eu nada quero com os *Judeos* d'agora muito peiores, que os antigos, nem com suas *Synagogas*, que o são de *Satanáz*.

D. — Eu estou na mesma, e quero procurar quanto possa entrar neste *Corpo*, e união divina, e divinisar-me com o meu *Creador*. Eu não ignoro, que para ella se requer a pureza de consciencia. Sem ella a COMMUNHÃO deverá ser hum horrivel sacrilegio; do que peço ao Sr. Ab. quatro palavras. Minhas Irmãas desejavão saber os effeitos que na alma produz este Sacramento; porem ellas, e nós temos ouvido muito mais do que podiamos esperar, e nos devemos dar por satisfeitos.

P. — Posto que são muitos, e varios os effeitos, graças, e favores, que J. C. dispensa aos que o recebem dignamente, e os Theologos distinguem, e singularisão, julgo ficar tudo entendido, quando entendemos, que se une com Deos de tal sorte, que forma com elle huma mesma unidade: *Manet in me, & ego in eo. Unum sunt.* Eis aqui o homem em certo modo divinisado. *David* não duvidou dar aos homens o nome de *deoses*: *Ego dixi*: *Dii estis*, & *filii Excelsi omnes. Psal.* 81. 7. Vós sois *deoses*, e filhos do Excelso. J. C. mencionando este texto, diz que chamou deoses áquel-

les a quem he prégada a sua palavra com fructo; *Illos dixit deos, ad quos sermo Dei factus est. Joan.* 10. 35. Com quanta mais razão se poderá dizer dos que comem o Corpo de J. C. *Dii estis vos*? Vós sois *deoses*: Vós sois mais *deoses* do que homens, pois que tão unidos estais com Deos, em Corpo, e alma, que não sois mais que huma só unidade.

Por força do que tenho dito, e provado, eu não hesito em affirmar, que a *Igreja* de J. C., que forma a universal *Sociadede Catholica*, he mais huma *Sociedade* de *deoses* do que de homens; he huma *Sociedade* de homens divinisados, porque unidos com *Christo* em corpo, e alma, formão hum Corpo de que elle he a *Cabeça*; unidos, ligados com os vinculos mais apertados, assumidos pela *Divindade*, e *Humanidade* de J. C., com elle physica, e espiritualmente encorporados, humanisados na sua mesma *Humanidade*, divinisados na sua mesma *Divindade*, formão huma só unidade, huma, e mesma cousa com *o Pai Eterno*, e juntamente com o *Espirito Santo*: *Ut omnes unum sint, sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.* Aqui tem, meus senhores, dito finalmente per huma vez, o que he a santa *Igreja* de J. C., que jamais conhecerão esses impios, que lhe fazem encarniçada guerra, pois se a conhecessem não poderião deixar de ama-la.

F. — Olhe que são peiores do que os *Judeos*, e mais do que elles, cobiçosos dos seus bens.

A. — Eu confesso, que bem ponderadas todas as razões nada se póde dizer em contrario.

D. — E que se ha de dizer? Aquelle he o legitimo, e natural sentido das palavras de J. C. Pelo que, ou tudo isto he verdade, ou J. C. não he Deos, pois que o não seria se não dissesse a verdade. Porem apenas a cega, a ignorante, a pedante, e malvada incredulidade, o poderá dizer.

A. — Pois acabem de huma vez os vicios, acabe a maldita sensualidade, acabe tudo o que me póde separar do meu Creador, meu Deos, e *Senhor*, e em nada mais cuidarei, que em me unir com elle.

Materialista — Conte comigo, pois me animão os mesmos sentimentos.

F. — Bom, bom vai isto!

A. — Julgo, que deveremos primeiro tratar de nos dispormos para nos unirmos á *Igreja*, porque julgo, qne estamos excommungados.

F. — Excommungadissimos, ainda que não tanto como os *Ja*-

senistas, que são mesmo da pelle do Diabo.

A. — Diga-me, P., alguma cousa sobre a *Excommunhão.*

Saparação da Igreja.

P. — Seria necesario fazer hum Tractado não pequeno para lhe fazer ver os terriveis effeitos da *Excommunhão*, a que chamamos *anathema*, quando he fulminado pelos Ministros da *Igreja*, que gosão dessa autoridade, ou se incorre nella, commettendo o crime, que a tem imposto, e annexa. Poderá vê-los em algum livro, que eu lhe subministrarei.

F. -- Faça de conta, que tem a alma tão negra como hum chamiço, que he mais que. . .

P. — Eu lhe direi alguma cousa sobre a separação da *Igreja*, e mais a proposito, e em conformidade com a materia, da separação desta intima união com J. C., que se faz pelo peccado. Conforme o que ja disse, temos *Communhão*, e *Ex-communhão*, que expressão a primeira, a união de *Sociedade*, que temos visto; a segunda expressa a separação, ou exclusão desta *Sociedade*, e união, e por consequencia privação de todos os bens, e graças que nella se percebem. Estes desgraçados, que della são arrojados, ou elles mesmos se separão por suas culpas, ou porque negão a Fé, que forma os laços, ou a devida obediencia a seu Chefe, e *Cabeça* visivel, ou imitando aos Infieis, se fazem seus perseguidores, ou qualquer outro crime, ficão de peior condição do que se nunca houvessem entrado nesta *Communhão*, ou *Sociedade.* Elles levão comsigo a marca de sua condemnação eterna.

Ha ainda nesta *Sociedade*, ou *Igreja* muitos que pertencem, para que assim diga, ao seu *Corpo*, mas não entrão no seu espirito. Não podia ser de outra sorte. A *Igreja*, como *Sociedade* visivel, devia compor-se de bons, e máos, em quanto professassem a mesma Fé, os mesmos Sacramentos, e a devida abediencia a seus Chefes, pois que estes são os laços visiveis, ou sensiveis, que ligão esta *Sociedade.* Porém esta não passa de huma união material, para que assim diga. Temos outra união, que posso chamar espiritual, toda divina, que não está sugeita ao conhecimento dos homens, e he esta de que fallamos, e de que priva, corta, e separa o peccado: de cujos effeitos direi alguma cousa para formarem cabal idéa desta união, e separação.

He o peccado huma verdadeira *ex-communhão*, que ape-

zar de não separar do *Corpo* visivel da *Igreja*, separa, e corta por esta união invisivel, mystica, espiritual, e divina, que nos faz huma só unidade com Deos, qual temos dito. J. C. nos diz tudo em huma comparação de que se serve, e nos põe bem patente o que ha neste respeito. *Ego sum vitis, vos palmites. Joan.* 1. 15. Eu sou a vide, e vós os ramos, diz a nós todos em seus Discipulos. Devemos notar, que J. C. seguindo o estilo Oriental, e como elle mesmo o affirma, nos documentou em parabolas, similes, comparações, e allegorias, dizendo-nos nellas o que não poderiamos entender, quando o fizesse por palavras positivas. Para que nesta não houvesse alguma duvida, elle a explica mesmo em toda a extensão; e vejamos como.

Ja vimos parte della quando fallamos das tribulações, que Deos envia neste mundo aos seus servos, a que o mesmo *Senhor* chama podar, cortar, vergar, torcer, e atarracar os ramos para que produzão mais abundante fruto: *Purgabit eum, ut fructum plus afferat.* Em quanto ao nosso respeito: *Manete in me*, diz, *& ego in vobis*; estai, permanecei unidos comigo, e eu estarei unido com vosco. Vede que o ramo da vide não dá fruto, nada produz por si só, e sua virtude, se não em quanto está unido com a vide: *Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos nisi in me manseritis.* ℣. 4. Como o ramo da vide cortado, assim vos não produzireis fruto de boas obras, se não estiverdes unidos comigo. Porem aquelle que comigo está unido, como o ramo com a vide, este produzirá muito fruto, e não de outra sorte, por que sem mim, sem que estejais unidos comigo, bem como o ramo com a vide, nada podereis fazer de bom: *Qui manet in me, & ego in eo hic fert fructum multum; quia sine me nihil potestis facere.* ℣. 5.

O mesmo que he a vide com seus ramos, somos nós com J. C. Vide e seus ramos não são mais que hum corpo, huma só união, huma unidade, huma, e a mesma cousa: não de outra sorte nós com J. C. Entre a vide e ramos ha a mais estreita união de fibras, de vasos, de valvulas, e se communicão entre huns e outros os succos ou influxos vegetaes, passando sempre da vide aos ramos. Paralysada, interceptada esta communicação, cessa o ramo de produzir, e mesmo de florescer. Eis aqui o que temos dito em toda a extensão da união com J. C., que se ultima na recepção de seu *Corpo Santissimo*; nem de outra sorte melhor se póde explicar. O peccado porem he o fatal podão,

que corta por esta união, separa o ramo, e eis-lo ahi sêco, e inteiramente impossibilitado para produzir fruto algum, porque privado da vide, que lhe dava os influxos vitaes fica morto. Eis aqui ainda porque J. C. affirmou repetidas vezes, que não teria vida o que não comesse a sua *Carne*, porque não entraria nesta união, qual a do ramo com a vide; assim como viviria vida eterna o que a comesse: *Qui manducat hunc panem vivet in aeternum. Nisi manducaveritis carnem Filii hominis... non habebitis vitam in vobis.* Vejão que infinita differença entre o justo, e peccador; não obstante que são ambos filhos da *Igreja*!

A. — Não me parece, que seja verdadeira em toda a extensão do sentido, que exprime a comparação, porque o peccador não se pode suppôr ramo inteiramente sêco, que não produz cousa alguma. Não pode elle por ventura viver bem, e fazer boas obras?

P. — Poderá sim, ajudado dos soccorros divinos; porem essas obras são mortas, pois lhes falta a verdadeira vida. Secou-se a raiz, e não podem ser obras de fruto: *Radix eorum exsiccata est; nequaquam fructum facient. Oseas.* 9. 16. Ellas não terão premio, pois não são meritorias. He por isto que os Theologos lhes chamão obras mortas. J. C. o diz bem claro. *Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis.*

A. — Nesse caso está desonerado o peccador de fazer alguma cousa boa, visto que tudo o que fizer he sem effeito, e perdido, pois que não tem merecimento.

P. — Se elle não fizer aquillo, a que está obrigado, commetterá novo peccado, e fazendo-o não terá merecimento algum, que possa, e deva ser premiado. Tal he o estado do desgraçado peccador, que temos bem representado no dos *Hebreos* sob a escravidão de *Pharaó* no *Egypto*. Era este povo obrigado a satisfazer as mais pesadas, e penosas tarefas. Quando as não desempenhavão, tinhão a soffrer o castigo; porem não tinhão premio, nem paga alguma quando as satisfazião. Tal o peccador. Elle he obrigado a satisfazer á Lei, e mais obrigações de *Catholico*. Se as não preenche, novos peccados commette, e novas penas terá a subir; porem quando tudo cumpra nenhum premio ou paga terá a receber, pois que em fim são obras mortas.

A. — Parece-me muito duro, que hum homem misericordioso, esmoler, caritativo, e bemfazejo nada mereça para com Deos!

P. — Em quanto a merecimento de premio de gloria, nada tem; ainda mesmo quando torne á graça, essas obras não terão premio, porque são mortas. Contudo podem valer muito, em quanto por ellas move Deos á misericordia, e á compaixão, a fim de que com os soccorros de suas maiores graças o tire desse estado. Têm para isto grande força as obras de caridade como nós ainda veremos. Eis aqui porque o peccador deve trabalhar, e para que servem as suas boas obras, e não para serem premiadas no *Céo*, porque não tem annexos os merecimentos de J. C., nem tem a união de que fallamos, que he a que lhes dá vida, e as torna meritorias. Quando désse tudo aos pobres, quando se disciplinasse todos os dias, andasse cingido de cilicios &c., nenhum premio terá de tudo isso no *Ceo*, quando consiga o perdão, e se salve.

O contrario porem succede ao que entra nesta união com *Christo* pela graça. Deve notar-se, que J. C. entre todas as arvores escolheo a vide para se comparar, e a nós com os seus ramos. Parece que nada ha nella de dignidade para merecer a nobreza de tal comparação, pois que nem parece ter lugar entre as arvores. Porem ella tem todas as proporções, e propriedades para exprimir o que J. C. quiz dizer-nos. Nenhum outro ramo d'arvore he mais fructifero, quando unido com a vide; mas tambem nenhum mais inutil, quando della separado, e sêco. O mesmo *Senhor* menciona hum e outro; o que nós devemos ponderar.

Admira a producção do delgado ramo da vide. Nenhum outro o excede nem na abundancia, nem na delicia do fructo. Eis aqui o justo, que está unido com o seu Deos, como o ramo com a vide: *Hic fert fructum multum.* Todas as suas obras bem intencionadas são fructos de benção, e de merecimento, e a todo o instante facilmente, sem custo, e sem trabalho se poderá estar carregando delle. Nem para o premio lhe serão numeradas somente as grandes obras, mas tudo o que faz, pensa, e falla, e em fim todos seus actos, suas lembranças, seus suspiros, seus gemidos, seus passos &c. como bem intencionados, lhe estão merecendo continuamente eternidades de gloria: *Hic fert fructum multum.*

F. — Porem o excommungado só fructo excommungado poderá dar.

P. — Tal he a condição do desgraçado a quem o fatal podão do peccado mortal separou da vide, separou desta intima união com J. C., separou deste corpo divino. Que he este

desgraçado? O que o mesmo *Senhor* diz: *Si quis in me non manserit, mittetur foras, sicut palmes, & arescet, & colligent eum, & in ignem mittent, & ardet.* ℣. 6. Se algum não estiver unido comigo, separado desta minha união, como o ramo da vide, será cortado, e sêco será arrojado no fogo, em que arderá.

D. — Que terrivel sentença! Faz tremer!

P. — *Quid fiet de ligno vitis?* pergunta Deos por *Ezequiel.* Que se poderá fazer do ramo cortado da vide? Por ventura poderá delle fazer-se alguma obra? *Numquid tolletur de eo lignum, ut fiat opus?* De qualquer ramo de outra arvore facilmente se poderá fazer qualquer obra, e se lhe achará algum prestimo qualquer que seja; porem este nenhum outro tem que não seja o pasto do fogo: *Ecce igni datum est in escam. Ezeq.* 15. 2. 3. 4. He o mesmo que diz J. C.: *In ignem mittent, & ardet.*

F. — Ai, Deos! Assim são os que andão em peccado mortal, principalmente os Incredulos, que não só se separarão do *Corpo* de J. C., que he a sua *Igreja*, e desta união, mas são ainda seus perseguidores. São ramos sêcos, que para nada mais servem, nem algum outro prestimo tem, que de lenha para arder no fogo do inferno! O' impios tremei! O' peccadores!

P. — Tremamos todos, pois que nenhum pode ter a certeza de estar unido com Deos, e ser ramo verde; e cuidemos na maior pureza de consciencia, e grandissimo *amor* de Deos, que são os laços mais fortes desta união.

D. — Em poucas palavras nos tem dito muito; e tanto que nos faz tremer. Julgo que nada mais necessitamos para ultimar tão importante instrucção que de mais algmas palavras sobre a indigna Communhão, que me parece deve ser horrivel sacrilegio.

Sacrilegio horrivel.

P. — Com effeito o he tanto, que elle só por anthonomasia se devia chamar *sacrilegio* no sentido em que se costuma tomar; que he a profanação de cousas sagradas. Nada mais sagrado do que o Corpo verdadeiro de hum Deos verdadeiro; nenhuma maior profanação do que receber este sacratissimo Corpo, o mesmo Deos em Pessoa, estando em culpa mortal. Apenas se poderá fazer idéa pelo conhecimento do que he o peccador neste estado, e pelo inverso do que temos di-

to, pois á proporção dos bons, e incomprehensiveis effeitos que causa, e produz no justo a Communhão *Sacramental*, assim são horriveis os que produz no indigno Communicante.

Para o primeiro, isto he, para conhecermos, o que he o desgraçado em peccado mortal, temos as luzes da Fé, a palavra de J. C. Este *Senhor* o representa seu inimigo, e adherente ao demonio, com qùem faz parte: dá-lhe o nome de escravo, e filho do diabo, e ainda lhe deo em *Judas*, discipulo traidor, este mesmo nome: *Ex vobis unus diabolus est. Joan.* 6. 71. Hum de vós he diabo. Fazendo fallar ao espirito immundo, chama ao peccador sua morada, e sua caza: *Revertar in domum meam. Math.* 12. 44. He aqui onde põe o indigno communicante o *Sacratissimo* Corpo de hum Deos, e he este o que o recebe! Quanto antes desejara o amantissimo *Salvador* ser arrojado em huma esterqueira, do que entrar em taes estomagos, e peitos, onde o diabo mora, e domina como senhor? He este pemsamento de *S. Bernardino de Senna*: *Non minus detestabile est in os pollutum, quam in sterquilinium mittere Dei Filium.*

Seria necessario huma outra *Palestra*, e bem extensa para desenvolvermos a horrivel maldade deste infernal attentado contra J. C. Elle com toda a razão se chama culpa, e crime de *Lesa Magestade Divina*, pois que he attentado immediatamente contra a Pessoa, e na mesma propria Pessoa de hum Deos.

Todos os que tratão deste espantoso sacrilegio, o comparão, e o fazem exceder ao crime de *Judas* traidor, e dos *Judeos* crucificadores. Elles achão muitas razões, e mui fortes, com que provão convincentemente, que excede muito na malicia, e na offensa de J. C. a estes crimes, o da Communhão sacrilega. Porem não sahirei do que nos diz *S. Paulo* a tal respeito. Eis aqui como elle se explica: *Quicunque manducaverit panem hunc, vel biberit calicem Domini indígné, reus erit corporis, & sanguinis Domini.* 1. *Cor.* 11. 27. Tendo fallado da instituição deste agustissimo *Sacramento*, o que soubera da mesma boca de J. C., segundo elle mesmo affirma, accrescenta, que he réo do *Corpo*, e *Sangue* do mesmo *Senhor*, o que o come, e bebe indignamente, estando com a consciencia gravada de culpa mortal: *Reus erit corporis, & sanguinis Domini.*

D. — Se me não engano he essa huma bem clara prova, que condemna os *Hereges* do *Norte*, pois que não se explicaria assim o St.° *Apostolo*; não trataria de réo do *Corpo*,

e *Sangue* de J. C., o que o recebe indignamente, se com effeito não recebesse o verdadeiro *Corpo*, e verdadeiro *Sangue* do *Senhor*.

P. — Tudo os condemna; porem Deos nos livre da cegueira, e obstinação do coração, ou vontade, pois que em cahindo nellas, não se veem as verdades mais claras, e nada pode convencer.

F. — Eu julgo, que ser réo do *Corpo*, e *Sangue* do *Senhor*, he o mesmo, que ser réo da sua morte, como o forão os *Judeos*.

P. — Mais alguma cousa, pois que o mesmo *Apostolo* affirma, que elles o não conhecerão, por isso o crucificarão: quando o conhecessem jamais se atreverião a crucificar o *Senhor* da gloria: *Si enim cognovissent, nunquam Dominum gloriae crucifixissent.* d.° 2. 8. He verdade, que culpavelmente o desconhecerão; porem os *Christãos* são inteiramente inexcusaveis neste desconhecimento, se acaso o pertendem, e por consequencia neste horrivel attentado. Embora tratem esses impios *Calvinistas* de superstição a santa *Religião*, e fanatismos nossos Augustos Mysterios, não se confundido de assim o dizerem á face de todo o mundo na capital de hum Reino *Fidelissimo* no entanto que pertendem representar a Nação, que jamais foi representada por impios *Calvinistas*. Sua malvada perversidade, como a de todos que insultão, profanão, e attentão contra nosso Deos *Sacramentado* de qualquer modo que seja, será julgada com mui mais terrivel rigor, do que os *Judeos*. Não lhes valerá sua cegueira somente procedida de seus vicios execraveis.

F. — Eu protesto, que não ha *Judeos*, que lhes possão chegar.

P. — He no mesmo sentido, que S. *Paulo* chama réo do *Corpo*, e *Sangue* do *Senhor* ao sacrilego communicante, isto he, como se desse a morte, e derramasse o proprio *Sangue* do *Filho* de Deos: *Reus erit corporis & sanguinis Domini, hoc est, ac si Christum occiderit, punietur*, diz a *Glossa* interlinial; será castigado como se desse a morte a Christo. *Ac si Dominum occidisset, ac sanguinem ejus effudisset*, commenta S. *João Crhisostomo*. *Velut a Juda, & Judaeis tractatus fuit*, trata a *Christo*, como o tratarão *Judas*, e os *Judeos*, diz *Alapide*, e todos os SS. PP., e Expositores assim fallão, e assim o entendem.

F. — Que cousa tão espantosa! Quem communga indignamente traz ás costas, ou sobre si a morte de hum *Homem Deos*! Como tal será castigado! E que castigos!

P. — Forão terriveis, e os mais espantosos, que jámais se vi-

rão, os que tiverão os Judeos, porque pedindo a morte de J. C., e dizendo *Pilatos*, que não queria ser culpado no sangue daquelle Justo, clamarão, que sobre elles, e seus filhos cahisse aquelle Sangue: *Universus populus dixit: Sanguis ejus super nos, & super filios nostros. Math.* 27. 25. Não se pode ler sem espanto a discripção, e historia, que faz *Josepho Hebreo*, do que soffreo esta desgraçada Nação ás mãos dos *Romanos*, nem jamais se vio tão horrorosa carnagem, nem castigos tão terriveis, e espantosos, de que o menor era a mesma morte. Mas se a culpa, e crime do indigno communicante ainda excede, como não terá que temer a mesma, e ainda mais terrivel pena?

A. — Porem não he isso o que mostra a experiencia. Muitos sem duvida são os sacrilegos communicantes, e profanadores deste *Sacramento*, e com tudo não vemos castigos.

F. — Que diz? Este peccado he tal, que Deos não acha penas neste mundo, com que o possa castigar dignamente; e por isso o reserva para o outro mundo, porque só no inferno he que pode ter o digno castigo. Assim o ouvi a hum Prégador, affirmando que Deos o tinha revelado a hum seu Servo, ou sua Serva.

P. — He *Paulo Segneri*, mui famoso Escritor, e Prégador, que assim o affirma. O *Apostolo* ahi mesmo affirma, que pelas indignas *Communhões* enfermavão muitos e morrião prematuramente: *Ideo inter vos multi infermi & imbecilles, & dormiunt multi.* ℣. 30. Nos tempos da primitiva *Igreja* diz a historia, que se vião terriveis castigos por este respeito. *S Cypriano* especifica alguns; mortes repentinas, e immediatas ao sacrilego acto, furia em que entravão outros, mordendo-se a lingua, como desesperados, e alguns lançando os intestinos com a vida. S. *João Chrisostomo* foi testemunha occular de alguns, que immediatamente á *Communhão* indigna erão atacados pelo demonio, que os punha em terriveis tormentos, com espanto de todos.

A. — Se agora succedesse o mesmo, talvez que se não commettessem com tanta facilidade esses, e outros insultos, que mettem horror a quem tem ainda alguma cousa de *Religião*.

P. — Deos he muito sofredor; porem elle tem a eternidade em suas mãos, e toda ella para se desaggravar de taes offensas, e injurias. Nem porque elle dissimula, deixará de tomar a devida vingança, que pede sua justiça. Lá chegará o seu dia. Terrivel cousa he cahir nas mãos de hum Deos vivo, que os impios julgão morto.

Posto que não vêmos agora estes castigos, que, segundo

estas palavras do *Apostolo*, parecem ser ordinarios, e bem sabidos por todos; ignoramos contudo, se muitos que vemos, terão aqui a sua causa. Que multidão de mortes desastrosas, e repentinas não estamos nós vendo continuamente? Que mais espantosos castigos que os que trazem as guerras desastrosas de que temos sido victimas? Este horrivel flagello jamais vem sobre os homens se não por gravissimas culpas. Porem as maiores de todas são as injurias, os insultos, os sacrilegios, que continuamente está sofrendo o amantissimo Jesus *Sacramentado*. Queirão attender ao fim que vão tendo os malvados sacrilegos; vejão quaes as suas mortes; e acharão, que a maior parte dos que conhecerão, ja de cá desapparecerão para comparecerem perante aquelle de quem zombarão por algum tempo.

F. — Essa he huma verdade; e não ha muito que eu contei hum bom numero, e perdi-me na conta; e não erão mais do que os conhecidos; e nenhum chegou a ser velho.

D. — Talvez não se lembrasse dos que se affogarão, como *Judas*, e erão da mesma cathegoria, e outros matando-se á fome, como sei, que alguns fizerão.

F. — Tem razão; e diz bem, que me não lembrarão; e de certo os sacrilegios, que esses impios commetterão ao Altar, por justo castigo tiverão essa recompensa. Ah, e quantos ha desses *Judas*!

P. — Não sabemos até onde se estenderá o castigo, pois que Deos tem o açoute na mão, e parece querer exterminar de huma vez os impios. Vamos a concluir com o mais que nos diz S. *Paulo*. Poucas palavras são, com que concluiremos esta materia, que apenas toco de passagem, porem tão terriveis, que eu não sei, que este St.° *Apostolo* dissesse outras mais espantosas, e que maior horror possão inspirar, a fim de purificar mais e mais a consciencia para cada hum se approximar á sagrada *Mesa*.

Nós temos visto os divinos effeitos deste *Sacramento* em quem o recebe dignamente. Elle dá a vida eterna, he o germen da nossa Resurreição, divinisa, e de tal sorte une com Deos, que ficão sendo huma, e a mesma cousa. Quaes pois poderão ser os effeitos em quem o recebe indignamente!

F. — Deve de ser tudo pelo contrario. Fica separado de Deos, como hum verdadeiro excommungado, unido com o demonio, que então se apossa delle como cousa sua que...

P. — Em menos palavras o diz S. *Paulo*, e que ainda inspirão mais horror, e maior espanto. Aqui o diz.

D. — Quero ler. *Probet seipsum homo; & sic de pane illo edat, & de calice bibat. Qui enim manducat, e bibit indigné, judicium sibi manducat, & bibit; non dijudicans corpus Domini.* ℣. 28. 29. Examine o homem, e purifique a sua consciencia, e com ella irreprehensivel coma este *Pão*, e beba deste *Calix*; porque aquelle, que o come, e bebe indignamente, come e bebe o seu juizo, não distinguindo de qualquer outra comida o *Corpo* do *Senhor. Come, e bebe o seu juizo!* São estas sem duvida palavras bem terriveis!

P. — Nem eu sei que as hajão mais terriveis. Comer, e beber o seu juizo! *id est*, commenta S. *João Chrisostomo*, *suam damnationem*, a sua mesma condemnação! Que mais poderia dizer, ou que outras algumas expressões poderião inspirar mais horror? He necessario que as ponderemos. Revoquemos outra vez á memoria o que fica dito da boa Communhão do *Corpo* do *Senhor*. Nella come, e bebe o homem o seu juizo, e sentença de salvação, a sua vida eterna, e a sua Ressurreição gloriosa. Com tudo isto se encorpora, nutre, cresce, e vive, porque este he o seu sustento. Come, e bebe o juizo de sua salvação, nem tem mais necessidade de ser julgado. Eu dou as razões.

Nós vimos a união que aqui se forma. A alma se une com a Divindade, e mesmo Humanidade de J. C., e faz com elle huma, e a mesma cousa. Quando desprendida, e solta do corpo necessariamente corre, e voa a unir-se a este seu centro, a unir-se com o seu todo, com aquelle de quem he parte, e com quem ja antes estava unida. Isto de necessidade assim devia ser, nem Deos poderia obrar de outra sorte suppostas estas precedencias. Eu me explico com hum exemplo, que apezar da sua baixeza dará mais claras idéas, e provará ainda os effeitos terriveis da Communhão sacrilega no pensar de hum grande Theologo, o P. *Salmeirão*.

Lança-se ao peixe o anzol, que o devora com a isca, e nas mãos do pescador fica o laço que o tem preso. Eis aqui o Corpo do *Senhor* entranhado no communicante puxando-o a si mesmo para logo, que sahia das tempestuosas agoas deste mundo, voar a elle, porque com elle está preso. Lá vai o corpo á sepultura, e suas cinzas ainda estão presas com *Corpo* de J. C., de que são parte, e como que estão forcejando por se reunirem com elle, esperando pelo ultimo dia, em que isto succederá. E que outra cousa he isto se não comer, e beber a sua vida eterna, a sua Ressurreição, e em fim a sua salvação?

D. — Entendemos, P., muito bem, assim como a desgraça em que incorre o Sacrilego.

P. — He perfeitamente inversa. Lemos na Historia *Ecclesiastica*, que o *Papa Theodoro*. I. para condemnar o refractario herege *Monothelita*, *Pirro*, consagrou o vinho, e molhando nelle a penna, lavrou com o *Sangue* de J. C. a sentença de condemnação contra elle.

D. — Que terrivel cousa! Deveria espantar, e encher de assombro! Faria bem?

P. — Quem sou eu para censurar as acções de hum *Vigario* de J. C., chefe, e cabeça de sua *Igreja*? Não o fez arrebatado do impulso de ira, ou vingança particular, porque entre outras virtudes, a mansidão, a bondade, e a caridade fizerão o caracter particular deste *Papa*. Diremos o mesmo do indigno communicante, isto he, que com o *Corpo* e *Sangue* de J. C. se lavra a sua condemnação eterna? Porem he pouco porque elle a come, e bebe. A' sagrada, e divina comida, e bebida, tão salutar nos bons, pela indisposição se torna em veneno de condemnação, que penetrando-lhe todo o corpo, infecta sobre tudo a alma, e eis-lo ahi ja hum condemnado, que ja tem encorporado comsigo o seu juizo: *Judicium sibi manducat*, & *bibit*, *id est*, *damnationem*; devorou o anzol, que o prende á sua condemnação; *Non secus ac piscis devorans escam cum hamo*, *jacturam facit vitae*, diz *Salmeirão*. A desgraçada alma puxa aos tormentos eternos, como ja julgada, sentenciada, e condemnada; as cinzas do envenenado corpo estão na herança do inferno.

D. — Taes cousas sempre me terão em tremor.

F. — A' vista disso entendo eu, que o demonio tem no anzol esses desgraçados, por quem está puxando para levar comsigo, pois que por todo o direito lhe pertencem, e estão na sua posse, como ja julgados. Somente espera a execução da sentença. Pode dar-se maior desgraça? Não ha mais differença entre os do inferno, e elles, que o estarem aquelles ja cumprindo a sentença, e estes proximos a cumpri-la, porque ja está dada!

P. — Tiremos as vistas de objecto tão espantoso, e concluamos esta materia com tão excelsa, e divina belleza, qual se nos representa neste *Sacramento*, excessivo rasgo do infinito *amor* de J. C., com que enriqueceo a sua *Igreja*. Nelle pôz permanente até o fim dos seculos este laço de união, para nelle enlaçar, prender, e unir comsigo a sua *Igreja*, os Fieis, seus filhos para os fazer comsigo huma, e a mesma

cousa na alma, e no mesmo corpo, cuja união, e unidade se ultimará na plenitude da perfeição, em quanto á alma logo que se desprenda dos laços, que a retem nesta vida, e em quanto ao corpo no ultimo dia, que será o da Ressurreição geral; de cuja plenitude fallaremos, quando o fizermos da gloria.

Eis aqui o que deve entender, o que quizer entrar no verdadeiro conhecimento do que he a *Igreja* de J. C.; o que jamais consiguirá se não tiver as dividas ideas deste centro de unidade com Deos. Poderá discorrer, e philosophar sobre outras bellezas da *Religião*, porque ella, como ja disse, he hum espaçosissimo campo, todo matizado de formosissimas flores; porem não entrará no horto fechado, na fonte sellada: *Hortus conclusus, fons signatus. Cant.* 4. 12. Aqui se encerrão as mais bellas e divinas formosuras, daqui sahe a divina agoa, que rega a todas as mais flores, que embellezão a santa *Religião*, que tem a seu mesmo Divino Fundador por base, e centro de perfeitissima união.

He isto o que jamais entenderão, nem entenderáõ os Incredulos dos nossos tempos, hospedes, e pedantes em tal materia, bem como esses vis mofadores, do que perfeitamente ignorão. Não he para espiritos superficiaes esta divina sciencia. Porem quem chega a possuir estes conhecimentos, jamais poderá deixar de amar, ao menos respeitar obra tão divina.

A. — Eu affirmarei que bem poucos entraráõ em taes conhecimentos, cujo bem nós temos conseguido.

P. — Quando não entrem, não se poderáõ lisongear de conhecer a *Santa Religião*. De tudo isto devemos ainda entender, que nosso bom Deos, como tão amante Pai de seus filhos, deveria ter com elles ajuntamentos de familia. Então se regosijão os pais quando se vêem cercados de seus filhos, que lhes tributão seus respeitos, honra, e serviços. Nós acabamos de ver a este bom Pai assentado á *Mesa* subministrando a seus filhos a *Iguaria* divina de seu *Corpo Santissimo*. Porem devia ainda ter outros muitos ajuntamentos familiares, não obstante que em todos sempre tem prompta esta *Sagrada Meza*. Temos pois para a seguinte *Palestra* as *Festas*, e mais ajuntamentos religiosos com nosso Pai em suas Casas, que são os Templos, que lhe erigimos para com elle tratarmos, e os dias para isso marcados.

D. — Muito bem, meu P.; e assim nos vai dando todo o conhecimento da *Religião* divina! Quanto lhe devemos!

P. — Concluamos, e ponhâmos ponto, pedindo a benção a tão amoroso Pai.

PALESTRA SEXTA.

Festas Religiosas.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Liberal*, *e Freguez.*

Introducção.

Deista — Dê-nos a sua benção, pois he o nosso Parocho, Pai, e Mestre. Estimamos a sua boa disposição. O Sr. *Liberal* quer continuar ainda hoje a sustentar a *Palestra*, pois que tem a propor algumas dúvidas sobre a materia.

Parocho — Será isso muito bom para o melhor desenvolvimento. Coherentes com as materias antecedentes, em que temos visto a grande Sociedade *Christãa Catholica Romana* em união com Deos, formando com elle huma e a mesma cousa, como que he o *Creador* do genero humano, *Pai*, *Senhor*, Autor da sociedade, e de toda a autoridade, em fim centro da união, progredindo neste sentido, devemos fallar, não só dos respeitos, e deveres para com elle, mas ainda das occasiões, e tempos prefixos, em que os devemos tributar. Sendo Deos para comnosco tal qual temos visto, sem que seja necessario tornar a repeti-lo, he de absoluta necessidade, que tenhamos deveres a cumprir para com elle. Destes ja temos fallado. Porem não obstante que sempre a elles somos obrigados, devião contudo destinar-se tempos, e dias prefixos, em que fossemos obrigados a pagar esta divida, que não ignoramos ser o seu *Culto*. Devia obrigar a cada hum de per si. Porem como fomos creados em sociedade, e em huma união, qual temos visto, que forma huma unidade, qual tem o corpo com sua cabeça, não só se

lhe deverião pagar estes tributos em união, formando este corpo, mas ainda em tempos, e dias prefixos.

Pondo ainda de parte mil outras razões, olhando somente a Deos como nosso *Creador*, *Pai*, e *Centro* da união, concluimos que deverião haver reuniões de familias com elle, assim como de filhos com seu pai, em que não cessando de vigorar os laços da união, lhe tributassemos nossos respeitos, e deveres. Sendo assim deverião ainda haver lugares prefixos, destinados para estas reuniões. Queirão dizer os senhores se tudo isto lhes parece bom, justo, e devido.

D. — Tanto que se Deos não o fizesse assim deixaria a sua grande obra incompleta. Ahi temos os *dias santos*, as *Festas*, e os *Templos*.

P. — E aqui temos a materia sobre que hoje devemos discorrer. Temos primeiramente a ver os dias prefixos, para isto destinados, e ainda os tempos, desde o momento da creação do homem, e com tantas singularidades, que bem mostrão a força, e rigor com que Deos quiz a observancia desta sua determinação.

Dia do Sabbado.

Nada vemos mais recommendado do que a sanctificação deste dia, para cuja instituição creou Deos o mundo em seis dias, pondo no setimo hum monumento vivo, e incontestavel deste Dogma da creação como ja vimos. Nada ainda mais justo do que a sua sanctificação, e destinação para os louvores, e cultos divinos; porque sendo o monumento da creação, devia unir-se com esta lembrança o culto do Creador. Eis aqui pois o grande preceito, e fundamental na Religião Natural intimado logo ao genero humano na sua creação.

Liberal — Muito bem me parece; porem não deve passar de mera opinião, que a sanctificação deste dia foi mandada logo na creação, pois que somente vemos esse preceito na *Lei Moysaica*.

P. — Não pondera bem as formaes palavras da intimação desse preceito na Lei *Moysaica*. Todos os dez das duas taboas á excepção deste são intimados positiva, ou negativamente. Em quanto a este he somente mandada a lembrança delle: *Memento ut diem Sabbati sanctifices. Exod.* 20. 8., o que mostra bem claramente a sua precedente intimação. Não houve mais, que a recordação.

L. — Confesso, que não tinha ponderado essa palavra.

P. — Queira notar o que Deos fez, completa a obra da creação, e se tirará de toda a duvida: *Complevitque Deus die septimo opus suum, quod fecerat, & requievit die septimo ab universo opere quod patrarat. Gen.* 2. 2. Completou Deos no dia setimo a obra da creação, e descançou no dia setimo, isto he, cessou da grande obra, que acabou. Por isso abençoou este dia, e o sanctificou: *Et benedixit diei septimo, & sanctificavit illum.* ℣. 3. Logo desde então ficou sanctificado. Porem esta sanctificação seria inutil e ociosa, se o homem não ficou obrigado a ella.

D. — Não póde haver nisso duvida alguma. Embora nada mais diga *Moyses* a esse respeito, pois nisso diz tudo; e ficamos certos, que *Adão* e seus filhos o sanctificarão.

P. — Quando ainda houvesse duvida a dissiparia o costume geral de todas as Nações unanimes na sanctificação deste dia. *Philo Hebreo*, autor antiquissimo, em suas obras *De opificio mundi, & vit. Moys. L.* 11. affirma que este costume era geral entre todas as Nações. He o mesmo que diz *Josepho. contr. App. L.* 2. *Nulla est urbs, non barbara, non Graeca, non gentes aliquae, apud quas religio sabbati, qua die nos quiescimus, non pervenerit.* Não ha cidade, por mais barbara que seja, ou grega, não ha Nação alguma, a que não tenha chegado o conhecimento da sanctificação do *Sabbado*, que nós celebramos com o descanço, ou cessação do trabalho. Os mesmos Escritores Pagãos, e Poetas o affirmão. Mas d'onde lhes poderia vir este conhecimento, costume, e preceito, se não de Noé e seus filhos? Os nossos Incredulos dizem, que os *Judeos* o tirarão do Paganismo! Que pedantismo! Porem nisso mesmo preparão armas contra si. D'onde o tirarão os Pagãos se não dos anteluvianos? Elles ainda confessão para sua confusão, que o tirarão dos *Caldeos*, ignorando que estes erão os descendentes de *Noé*, e seus filhos, que viverão na *Caldea*, onde se conservou por mais tempo pura a *Tradição* anteluviana.

D. — He bem certo que na sanctificação do *Sabbado* está consignada a verdade da creação do mundo por Deos em vivo, e incontestavel monumento. Saiba que ja me servio contra hum antigo collega Incredulo. Perguntei-lhe a origem da sanctificação deste dia, e logo emmudeceo.

P. — Nem tinha que dizer. Já dissemos o bastante a esse respeito. Por isso foi necessario, que Deos exigisse a exacta

observancia para conservar viva a lembrança da creação. Ainda quiz consignar nella outras lembranças de beneficios, que fez ao povo *Hebreo*, que omitto por brevidade. Já vimos os motivos da mudança deste dia para o *Domingo*, que sem duvida teve a J. C. por seu Autor, consignando nelle os dois grandes Dogmas da creação, por ser o primeiro dia da creação, e da sua Ressurreição, monumento vivo, e incontestavel. Daqui devemos concluir, que por motivo duplicado, e duplicada obrigação estamos os *Christãos* sujeitos á sanctificação do Domingo. Antes de J. C. era ella huma attestação, e profissão do Dogma da creação; depois sem deixar de o ser desta, o he tambem da Ressurreição, que he o fundamental da *Religião*, que professamos.

L. — Essa obrigação he bem deduzida, porem não se pode provar, que fosse instituição de J. C.

D. — Provo-lho eu pelo que tenho aprendido nas nossas *Disputas*. S. *João* Apostolo no *Apocalypse* falla do *Domingo*; S. *Paulo*, e S. *Bernabé* fazem o mesmo. Logo vivendo elles, ja se sanctificava este dia. Como podião elles faze-lo sem as instrucções do Divino Mestre, que depois da sua Ressurreição se demorou com elles para este fim por quarenta dias?

P. — Não procederião os Apostolos a huma tal mudança, e de tão grande consideração sem instruções divinas. Não era menos que huma abolição de hum preceito divino, ou mudança, que exigia o mandato do mesmo seu Autor. Tudo nos persuade, que logo desde o mesmo dia da Ressurreição teve principio a sanctificação deste dia. Nelle fazia S. *Paulo* as collectas das esmolas, como vemos na 1. *Cor.* 16. 2. o que devia ser nos ajuntamentos que nelle fazião. Vemos em S. *Justino*, na carta de *Plinio* a *Trajano*, e outros, que por toda a Christandade se sanctificou desde logo este dia. Ou immediata, ou mediatamente esta instituição he divina; ella forma o duplex monumento dos Dogmas de Deos Creador, e de J. C. resuscitado. Na sua observancia se faz a profissão da Fé destes dois Dogmas fundamentaes. Quem não guarda, e sanctifica este dia parece renunciar a Religião mesmo em seus fundamentos.

Eis aqui porque Deos tão fortemente castigava os transgressores deste preceito, sendo que nelle se fazia a profissão do só Dogma de Deos Creador. Com mais razão castigará a transgressão do Domingo entre os *Christãos*, que por el-

la deixão de o ser renunciando á Fé de J. C. Se *Christo* não resuscitou he vãa a nossa Fé, e vãa, e inutil a nossa prégação, e doutrina, dizia S. Paulo: *Si Christus non resurrexit, innanis est praedicatio nostra, innanis est & fides vestra.* 1. Cor. 15. 14. Este o Dogma fundamental consignado no monumento da sanctificação do *Domingo* observada ja por aquelles mesmos, que forão testemunhas oculares. Na sanctificação do *Sabbado* dizia o *Judeo* com palavras, e obras: Eis aqui a minha crença; eu faço a profissão da minha Fé firme em hum Deos Creador meu, e de todo o mundo. Na sanctificação do *Domingo* diz o fiel *Christão*: Eis aqui a minha Fé; eu creio a Deos Creador meu e de todo o mundo; creio ainda a Ressurreição de J. C., e a minha. Quem porem o não sanctifica nega a Deos Creador, nega a Ressurreição de J. C., e nega toda a Fé Christãa.

D. — Parece arduo, S. L., porem a deducção he bem tirada.

F. — Se lhes arde tenhão paciencia. Aquella he huma verdade. Os Domingos e dias Santos sómente são desprezados por aquelles que nenhum espirito tem de Religião, e que ja ha muito renunciarão a Fé. Se elles ainda fazem destincção destes dias, he para os festejarem com borracheiras, com theatros, com jogos, com mil patifarias, e serviços ao diabo.

P. — De dois modos quiz Deos esta sanctificação, de que o segundo he huma consequencia do primeiro. He este a cessação de todo o trabalho com a lembrança de Deos Creador; do que se deve seguir o culto devido, louvores, honras, e mais deveres. No Domingo mais temos a lembrança da Ressurreição de J. C., e nossa; e por consequencia maior obrigação de prestarmos a Deos o maior tributo de nossos deveres para com elle, tanto maiores, quanto o são as obrigações por taes beneficios.

Supposto isto vejamos o que se passou entre Deos, e o povo *Hebreo* com a sanctificação do *Sabbado*; e dahi concluiremos o que deverá ser a sanctificação do Domingo entre os *Christãos*. Veremos cousas mui grandes, e mui singulares, que por desgraça vejo tão ignoradas entre elles.

Ignoro qual fosse antes de *Moyses* a sancção deste preceito, e mesmo se tinha mais do que a eterna. Nesta foi sanccionada com pena ultima: *Qui fecerit opus in eo morietur. Exod.* 35. 2. O que fizer alguma obra neste dia, morrerá. Será exterminado d'entre o povo, e lhe será tirada a vida: *Qui fecerit in eo opus, peribit anima illius de medio populi sui.* d.º 31. 14. Ainda accrescenta, repetindo

no seguinte *verso*: *Omnis qui fecerit opus in hac die, morietur.* Todo aquelle, qualquer que seja a sua condição, que fizer alguma obra neste dia, será morto. Quem não admirará tanto rigor!

Não se passou muito tempo, que não se executasse esta pena, depois da sua promulgação, em hum miseravel, que foi achado apanhando lenha neste dia. Elle foi preso, e trazido perante *Moyses*, que o fez reter na prisão em quanto não consultava a Deos sobre o que faria daquelle homem, ou porque ignorava o genero de morte, que lhe devia dar, ou porque lhe pareceo cousa tão leve, que se persuadiria conseguir de Deos, ou o perdão, ou ao menos a moderação da pena. Porem não foi assim: *Dixit Dominus ad Moysen: Moriatur homo iste; obruat eum lapidibus omnis turba extra castra.* d.° 15. 35. Morra este homem, diz Deos a *Moyses*; seja levado fóra dos arraiaes, e ahi todo o povo o apedreje, e cubra de pedras. Assim o fez.

Eu me quero ainda persuadir, que este homem obrou inadvertidamente, ou por esquecimento deste dia, porque vejo, que foi então que Deos mandou, que todos puzessem, e trouxessem fitas verdes nos angulos das capas, para lhes servirem de lembrança dos seus mandamentos. ℣. 38. Se assim foi, não lhe valeo essa desculpa, pois que o homem jamais se deve esquecer dos mandamentos do seu Deos. Julgo que não commetteria culpa grave, porem o castigo foi necessario, pois serviria de escandalo áquelle povo, que não se conteria em fazer outro tanto.

Vejamos a extensão do preceito: *Memento ut diem sabbati sanctifices. Sex dies operaberis, & facies omnia opera tua.* Seis dias tens para fazeres todas tuas obras; porem o setimo he o *Sabbado* do Senhor teu Deos: *Septimo autem die sabbatum Domini Dei tui est.* Como se dissera: Liberalmente reparto contigo: tens seis dias livres para teus serviços; para mim tiro o setimo, em que quero nada faças para ti; este he o meu dia. Nada nelle farás, nem tu, nem teu filho, tua filha, teu criado, e tua creada, escravo, ou escrava: *Non facies omne opus in eo, tu, & filius tuus, & filia tua, servus tuus, & ancilla tua.* d.° 20. 10. Não farão ainda algum serviço os teus animaes, nem ainda o extrangeiro teu hospede: *Jumentum tuum, & advena, qui est intra portas tuas.* Accrescenta o motivo, que he a creação em monumento de lembrança. Eis aqui, diz ainda *Moyses*, o que o Senhor vos manda fazer: *Haec sunt quae jussit Dominus.*

fieri. Por seis dias fareis vossas obras; mas o setimo vos será santo, vós o guardareis como dia consagrado em santidade, pois que he o dia em que eu ultimei a creação: o que nelle fizer alguma obra será morto. Não accendereis fogo em vossas casas neste dia: *Non succendetis ignem in omnibus habitationibus vestris in die sabbati.* 35. 3.

D. — Não poderia ser maior o rigor da prohibição!

P. — Nem tambem a intimação, e recommendação. Vejamos agora os singulares prodigios, que Deos obrava para facilitar esta observancia, e o premio, com que ainda sanccionou esta sua Lei, que tanto recommendou.

L. — Não ignoro, que nesse dia não cahia no deserto o *maná*, que devião recolher em duplex porção no sexto dia, sendo que fazendo-o em outros dias se corrompia.

P. — Não ha duvida, porem esse ainda não era o mais singular. Foi ainda mandado guardar, e sanctificar o que chamarão

Anno Sabbatico.

Era este o setimo anno. Assim como quiz Deos sanctificado o setimo dia, assim quiz tambem sanctificado o setimo anno. Logo veremos que ainda quiz o quinquagesimo passados sete vezes sete annos.

D. — Eu não sei, que sciencia, e conhecimentos nós temos da *Escritura*, pois que tudo aquillo ignoramos!

F. — Qual historia! Aquillo he pedantismo de fanaticos!

P. — Aqui a tem para lerem o texto, pois a trouxe comigo, porque são cousas tão extraordinarias, que parecerão increditeveis. Eu quero que vejão, quanto Deos tem olhado, e olhará pela sanctificação dos seus dias, do que tão pouco caso fazem os chamados *Christãos*, não se esquecendo dos maiores motivos que temos de obrigação, como ja disse. Quero tambem, que agora notem as bondades do nosso Deos, que se estendem a todas suas creaturas, ainda á mesma terra insensivel. Aqui tem.

D. — *Sex annis seminabis terram tuam, & congregabis fruges ejus. Exod.* 23. 10. Nos seis annos tu semearás as tuas terras, e recolherás seus frutos. *Anno autem septimo dimittes eam, & requiescere facies, ut comedant pauperes populi tui; & quidquid reliquum fuerit, edant bestiae agri: ita facies in vinea, & oliveto.* ỳ. 11. Mas no setimo anno deixarás a terra, para que della comão os pobres do teu povo, e do

que ficar comão os animaes, e bichos, que andão pelo campo. O mesmo farás nas tuas vinhas, e olivaes. *Sex diebus operaberis; septimo die cessabis, ut requiescat bos & asinus tuus, & refrigeretur filius ancillae tuae, & advena.* ℣. 12. Por seis dias trabalharás; mas no setimo cessarás, para que descance o teu boi, e jumento, e se refrigere o filho de tua creada, e o estrangeiro. Com effeito he Deos bem benevolo para com todas suas creaturas!

F. — E que máo coração tem aquelles que nem nestes dias deixão descançar os desgraçados bois, que apenas tem a pelle sobre os ossos! Tem alma bem cruel!

P. — Queira agora ler aqui, vertendo em portuguez para ter menos trabalho, e todos entenderem.

D. — „Por seis annos semearás o teu campo, e por seis annos podarás a tua vinha, recolhendo seus frutos. *Levit.* 25. 3. Porem o anno setimo será o *Sabbado* da terra, em memoria do descanço do *Senhor*; não semearás nelle teus campos, nem podarás as vinhas. ℣. 4. Não recolherás o que espontaneamente produzir a terra, nem recolherás tambem os frutos das vinhas, como se fosse vindima; porque este he o anno do descanço da terra: *Annus enim requietionis terrae est.* ℣. 5. Comerão destes frutos assim produzidos, tu, e teus servos, tuas servas, teus mercenarios, e os estrangeiros, que perigrinarem nas tuas terras, os teus jumentos, os teus gados. ℣. 6. 7. „

L. — Porem era impossivel, que se podessem sustentar com o só producto da terra sem amanho por mais fertil que ella fosse.

P. — Deverá dizer pelo menos dois annos, porque o oitavo anno até á colheita nada podião ter: porem no *Verso* 20. tem a resposta. Queira passar a elle.

D. — *Quód si dixeritis: Quid comedemus anno septimo, si non severimus, neque collegerimus fruges nostras?* Se vós disserdes: Que comeremos nós se não semearmos, nem recolhermos nossos frutos?

P. — Queirão notar o prodigio, que Deos obrava a favor desta observancia, e juntamente o premio.

D. — *Dabo benedictionem meam vobis anno sexto, & faciet fructus trium annorum.* ℣. 21. Eu vos darei a minha benção no anno sexto, que vos produzirá frutos sufficientes para os tres annos. Semeareis no oitavo anno, e comereis os frutos antigos até o nono anno: até que nasção os novos frutos, nesse anno comereis os antigos: *Donec nascantur nova, edetis vetera.* ℣. 22.

P. — Que prodigio esse! Dahi fica bem entendido, que os trabalhos dos dias Santos não adiantão; e que não he a quem muito madruga, que Deos ajuda.

L. — Eu presumo, que nunca isso se verificou, pois hum tal prodigio devia ser bem famoso.

P. — E que? Ainda presentemente o he entre os Sabios. Não he só dos santos *Livros* que nos consta. Elle era sabido, e foi conhecido entre os *Gregos*, e *Romanos*. *Josepho*, *Ant. Jud.* L. 11.c. 8. refere, que entrando *Alexandre* em *Jerusalem*, o Summo Sacerdote *Jaddo* lhe pedio a graça de deixar viver, segundo sua Lei, aos *Judeos*, e de os izentar dos tributos no setimo anno, allegando, que nelle nem semeavão, nem recolhião; e assim lhe foi concedido. Os *Samaritanos* fizerão o mesmo, porque tambem observavão o anno *Sabbatico*. No *Livr.* 14. c. 17., diz que *Julio Cesar* impôz aos habitantes de *Jerusalem* hum tributo, exceptuando o anno *Sabbatico*, porque nelle não semeavão, nem recolhião. Accrescenta no *cap.* 28. que no sitio desta Cidade por *Herodes*, e *Socio* sofrerão os *Judeos* grandes necessidades, porque occorreo no anno *Sabbatico*. *Tacito* Historiador pagão, *Livr.* 5. c. 1., attesta tambem o repouso do anno setimo entre os *Judeos*, ainda que ignorando as verdadeiras razões o attribue ao amor da ociosidade. No 1. *Mach.* c. 6., vemos o que elles sofrerão de necessidades pelas guerras de *Antioco Eupator* no mesmo anno *Sabbatico*. Quando o não observarão elles forão castigados terrivelmente, como logo veremos.

Se com effeito elles observarão esta Lei, segue-se, que Deos desempenhou a sua promessa, pois que a não dar no sexto anno a prometida abundancia sufficiente para os tres annos, elles não poderião observa-la. Isto he bem claro, e não menos este prodigio. Vejamos agora o quinquagesimo anno. Queira voltar ao *Verso* 8.

D. — „Contarás tambem sete semanas de annos, isto he, sete vezes sete, que fazem o computo de quarenta e nove annos. Sanctificarás o seguinte anno, que he o quinquagesimo, e o chamarás anno de *remissão* para todos os habitantes da tua terra, porque este he o *Jubileo*. Então voltará o homem ás suas possessões, e cada hum tornará á sua familia: porque he *Jubileo*, e quinquagesimo anno. ỷ. 10. „

P. — Mais abaixo declara, o que isso he; e bem será que o S. L. o ouça para que entenda qual he o espirito das Leis do *Senhor*, e quam bem regulou esta Sociedade seu Divino Autor, e Legislador.

D. — » Não semeareis, nem recolhereis neste anno o que espontaneamente produzir a terra, nem fareis vindima; e comereis logo os frutos, por causa da sanctificação do *Jubileo.* ỷ. 11. 12. »

P. — Queirão notar, que o anno quinquagessimo era immediato ao *Sabbatico*, então em dois annos successvos, não se semeava nem rocolhia. Vejão agora o que se passava nesse anno, e qual he a politica divina.

D. — » No anno do *Jubilco* tornaráõ todos ás suas possessões. Quando tu venderes, ou comprares a teu concidadão, não contristarás a teu irmão; mas conforme o numero dos annos até o *Jubileo* compiarás, e conforme a suppotação delles venderás. Quantos mais annos restarem depois de hum até o outro *Jubileo*, tanto mais se augmentará o preço; e quanto menos houver de tempo, menor será o preço da compra, pois que apenas se venderão os frutos. 14. 15. 16. » Tenho entendido; neste anno tornavão a recobrar as fazendas que havião vendido. Que bella politica, S. L.!

L. — Porem ella presentemente sería impraticavel.

P. — Eu convenho nisso; mas temos a concluir dahi, que o espirito das Leis consiste na promoção da boa união attendendo sempre ao favorecimento dos desvalidos, e necessitados. Que mais bella cousa que vender necessitado sem contudo defraudar sua familia do que vende? O mesmo era dos escravos, que neste anno ficavão libertos, e tornavão a suas familias, sem mais algum preço. Tornemos á materia.

Temos a notar nos textos os motivos dos dias, e annos *sabbaticos.* Não só Deos quer este descanço em memoria, e monumento da creação, e a fim de que nelle se lhe tribute o culto divino, que lhe he devido, mas tambem para utilidade propria, descanço, e vigor das forças: igualmente dos serventes, e ainda dos animaes serviçaes, e domesticos. No anno *sabbatico* devião ter todos os animaes viventes seu regalo. O mais he que intentava tambem o descanço da mesma terra, como ainda melhor veremos. A terra aos olhos do Philosopho he cousa admiravel, como tambem a agoa. Estas creaturas, posto que mortas, e inertes tem huma virtude que Deos lhes annexou, bem capaz de entreter nossos discursos, que nos levarão ao conhecimento do Omnipotente. Talvez tenhamos occasião de o fazermos.

Nada tão proprio para chocar nossas admirações, como aquellas palavras de Deos na creação: *Germinet terra herbam virentem &c.* Germine a terra hervas, sementes, arvo-

res, frutos &c. *Producat terra animan viventem* &c. Produza a rerra animaes de todas as especies &c. *Producant apuae &c.* Produzão as agoas &c. Que grande he isto! Assim devia Deos obrar, hum Deos Omnipotente. Mas quanto não deve suspender nossas admirações o vermos ainda depois de quasi sessenta seculos em seu vigor esta palavra do Altissimo!

Eu chamaria o *Materialista*, o *Atheo*, e o Incredulo, e lhe diria: Abre, e lê o primeiro *cap. do Genesis*, e attende ás presentes *producções* da terra, e das agoas: Vês como ainda conservão a mesma virtude? Vês tudo em conformidade com esta sagrada Historia? Oh, diria, a terra, e agoas não produzem novos entes, somente desenvolvem as sementes. Tu não dizes a verdade, lhe responderia eu. Ja provei o contrario. Porem como pode ser que huma pouca terra com agoa possa ter a virtude de desenvolver huma semente em huma arvore? Que cousa tão prodigiosa! Que pasmo na analyse da só folha do mais insignificante vegetal?

Eu não ingoro que elles inquirem os mixtos, os saes, os nitros, os matalicos, particulas igneas &c. para explicarem estes phenomenos: porem eu lhes diria: Giringoças, giringoças de palavras são o que dizeis; tudo isso he terra, e materia inerte sem virtude alguma propria para obrar estes prodigios; nem a sua combinação pode dar o que em si não tem: abri os olhos, e procurai no Creador esta virtude, ou na sua palavra, e não em outra parte.

Como pois a terra por esta virtude do Creador em certo modo trabalha, e o homem a obriga a este trabalho, quer elle que descance. Como finalmente o homem deve descançar em obsequio, e honra do seu Creador, tudo deve ter seu descanço, mesmo porque pelo homem trabalhão.

Vejamos agora como Deos castigou a inobservancia deste mandamento. Eu direi algumas das penas, e premios, que vemos no *cap.* 26. do *Livitico*, e formarão o juizo que lhes parecer proprio, lembrando-se do que presentemente padece este desgraçado *Reino*. Assim principia: *Custodita sabbata mea, e pavete ad Sanctuarium meum*. ℣. 2; Guardai os meus *Sabbados*, e respeitai os meus Templos: *Ego Dominus*; Eu sou o *Senhor*, que assim o manda. Se andardes nos meus preceitos, e guardardes os meus mandamentos, Eu vos darei as chuvas nos devidos tempos: *Dabo vobis pluvias temporibus suis* ℣. 3. A terra produzirá as suas sementes, e as arvores se carregarão de frutos: *Terra*

gignet germen suum, & pomis arbores replebentur. ℣. 4. As debulhas, e trilhaduras das eiras chegarão, e metterão pela vindima, e esta entrará pelas sementeiras: comereis com fartura vosso pão, e habitareis sem medo, e pavor nas vossas terras. ℣. 5. Eu darei paz nos termos onde habitardes; dormireis sem que haja quem vos atemorise, tirareis ainda d'entre vós as más feras, e a espada inimiga não entrará nas vossa terras. ℣. 6.

F. — Eis ahi accusados nossos males! Bem me dizia o meu bestunto, que o desprezo dos dias de guarda, como se tem feito, havia de trazer grande castigo!

P. — Passando a esses, elle faz ameaças terriveis aos que não cumprirem com seus mandamentos, singularisando os *Sabbados.* Entre muitas outras diz: *Frustra seretis sementem, quae ab hostibus devorabitur.* ℣. 16. Debalde lançareis a semente á terra, porque ella, ou sua producção será devoda pelos inimigos.

F. — Querem-no mais claro? Ahi o tem mesmo á letra!

D. — Com effeito tem-se verificado entre nós. O lavrador não póde contar com o que semea, porque ou na terra lhe he estragado, ou roubado, mesmo ainda no celleiro, se não he perdido por outros meios.

F. — E porque? Porque foi grangeado com os trabalhos dos dias de guarda; o que passa a descaramento.

P. — Ameaça ainda com dar o ceo de ferro, e terra de bronze; *Dabo coelum desuper sicut ferrum, & terram aeneam.* ℣. 16. Perder-se-ha vosso trabalho, diz, e a terra não dará semente, nem as arvores frutos. ℣. 20. O mais terrivel ainda são as ameaças das guerras, ruinas de suas casas, familias, e haveres. Eu perderei a vossa tarra, diz, de tal sorte, que vossos inimigos, que as habitarão, pasmarão. Eu vos dispersarei por terras alheias, desembainharei a espada da minha vingança, que vos perseguirá por toda a parte; vossas terras ficarão desertas, e vossas cidades destruidas: *Vos dispergam in gentes, & evaginabo post vos gladium, eritque terra deserta, & civitates vestrae dirutae.* ℣. 33.

D. — He essa huma historia verdadeira do que se tem passado entre nós! Parece tudo se tem declarado contra nós; o Ceo, a terra, os ares, as pestes, e os mesmos homens!

P. — Inquiramos a causa principal de tanta ira em Deos. Elle accrescenta immediatamente á este ultimo verso: *Tunc placebunt terrae sabbata sua cunctis diebus solitudinis suae;* então agradarão á terra os seus *Sabbados*, isto he,

então a terra descançará por todo o tempo da sua solidão, em quanto vós andardes pelas terras inimigas perseguidos por toda a parte, por isso mesmo que vós a não deixaveis descançar quando nella habitaveis: *Eo quod non requievit in sabbatis vestris quando habitabatis in ea.* ℣. 35.

D. — Parece que se verificarão á risca nesse povo essas terriveis ameaças no famoso cativeiro de *Babylonia.*

L. — Porem não foi essa a causa, senão outros muitos peccados, idolatrias, infidelidades, e outras maldades.

P. — Concordo em que tudo concorreo; porem sustentarei, que a causa principal de tão grande, e famoso castigo, que se estendeo a toda esta numerosissima Nação, e prolongou por não menos de setenta annos de penosissimo degredo entre gentios, não foi outra se não a inobservancia dos *Sabbados*, e annos *Sabbaticos.*

D. — Mui bem o mostrão as ameaças mencionadas.

P. — Outras provas temos, que testeficão esta verdade, e com que conheceremos qual he a ira de Deos contra os transgressores deste mandamento. Não foi sómente este cativeiro, que sofreo esta Nação. Desde que entrou na posse da terra promettida até *Saul*, e *David*, se contão não menos de seis cativeiros sob o poder, e conquistas de varias Nações infieis; e se calculão os annos porque se estenderão em não menos de cento, vinte, e hum. Desde este tempo em que teve Reis, forão em alguns continuas as guerras, e mui desoladoras. Todas ellas erão consideradas, como flagellos dados pelas mãos de Deos; e se bem attendermos, e ponderarmos os sagrados livros, tiverão todos elles a origem principal na profanação do *Sabbado*, e festas instituidas. Porem refiramonos sómente ao mais famoso e terrivel cativeiro de *Babylonia.*

Pouco antes delle falla o Senhor a *Jeremias*, e o manda dizer ao povo: *Custodite animas vestras & nolite portare pondera in die sabbati. Jer.* 17. 21. Guardai vossas almas, e vossas vidas não trazendo pezos, ou fazendo quaesquer outros trabalhos no dia do Sabbado: *Omne opus non facietis: sanctificate diem sabbati.* ℣. 22. Se vós o fizerdes, Eu enriquecerei esta cidade, e a encherei, e cubrirei de gloria. Porem se assim o não fizerdes, Eu por i nella o fogo da minha ira, que devorará vossas casas: *Si non audieritis me ut sanctificetis diem sabbati, & ne portetis onus, & ne inferatis per portas Jerusalem in die sabbati, succendam ignem in portis ejus. &c.* ℣. 27. Assim o fez Deos, e não aponta outra causa.

Porem ainda o temos mais claro. O Propheta apontou somente o transporte de frutos pelas portas da cidade, de que agora nenhum caso se faz, e parece que com effeito não fazião outros trabalhos. Quando o resto desta Nação voltou de *Babylonia* depois dos setenta annos do terrivel cativeiro, trabalhando na reedificação da cidade, que estava feita em montão de ruinas, vio *Esdras*, que era seu chefe, aos *Judeos* calcando uvas nos lagares, e carregando dellas e outros frutos as bestas, e conduzindo-as á cidade, comprando, e vendendo &c. no dia do *Sabbado*. Que he isto, que fazeis! lhes clama elle: *Quae est haec res mala quam vos facitis, & profanatis diem sabbati?* 2. *Esdr.* 13. 17. Por ventura não he isto mesmo, o que fizerão nossos pais, por cuja razão nos enviou o nosso Deos este grande mal, e sobre esta cidade? *Nunquid non hoc fecerunt patres nostri, & adduxit Deus noster super nos omne malum hoc & super civitatem istam?* Ainda vós provocais a ira de Deos, violando o *Sabbado*? *Et vos additis iracundiam super Israel violando sabbatum?* ℣. 18.

D. — Ahi o temos bem claro, e nada mais a desejar.

P. — *Esdras* fez fechar as portas, e pôz guardas. Vindo os negociantes extrangeiros, e parando fóra dos muros, os contestou, que se voltassem segunda vez, os passaria pelas armas: *Manum mittam in vos.* ℣. 21. Elle fez jurar a todo o povo, firmando seus nomes os principaes, que não comprarião, nem venderião no *Sabbado*, nem nos dias santos: *In sabbato, & in die sanctificato.* d.º 10. 31.

Concluamos este artigo com a descripção, que faz o sagrado *Autor* dos *Paralip.* 2. cap. 36. do terrivel castigo, e de sua causa. » Prevaricarão os principes, e o povo, não querendo ouvir os *Prophetas*, que de dia, e de noite continuamente Deos lhes enviava. Elles subsannavão dos mensageiros de Deos, e delles zombavão, vilipendiavão, e escarnecião. Chegou o momento da ira de Deos. Fez vir sobre elles o Rei dos *Caldeos*, forão mortos á espada no mesmo Sanctuario os moços; não perdoou ás virgens, aos meninos, aos velhos, e decrepitos. ℣. 17. Foi saqueado o *Templo*, e roubados os vasos, e suas riquezas com todos os thesouros reaes, e particulares, que nelle estavão depositados, e guardados: puserão nelle o fogo, destruirão os muros, queimarão as torres, as casas, e destruirão todas as preciosidades. Se algum escapou ao fio da espada foi levado cativo a *Babylonia.* ℣. 18. 19. 20.

P. — Eis ahi o mesmo que temos visto, e sofrido. Estou pasmado!

D. — Parece huma verdadeira historia dos nossos males.

P. — Vejamos a causa principal. Cumprio-se, diz o sagrado *Historiador*, a palavra de Deos, sua terrivel ameaça, intimada por *Jeremias*, e assim se fez, para que a terra celebrasse os seus *Sabbados*; porque ella descançou todo o tempo da desolação, e cativeiro, ficando deserta até que se passarão setenta annos: *Et. . . celebraret terra sabbata sua; cunctis enim diebus desolationis egit sabbatum, usque dum complerentur septuaginta anni.* ℣. 21.

D. — Foi o mesmo que Deos disse por *Moyses*, ameaçando, que os levaria a degredo, e perderia, para que a terra gosasse do descanço, quando elles lho não dessem.

P. — Notemos o numero de setenta annos que durou o cativeiro. Bem claramente allude aos setimos dias, e aos setimos annos *Sabbaticos*. Tudo finalmente prova, que este grande, terrivel, e famoso castigo, o maior que teve esta Nação por tão longo espaço de annos até a vinda de J. C., teve a sua origem na profanação dos *Sabbados*, dias santos, e annos *sabbaticos*; os trabalhos nestes dias forão a principal causa. Queirão agora tirar as consequencias.

F. — Eu as tiro; e me ponho em campo para as deffender. Os males, que tem sofrido, e está ainda sofrendo *Portugal*, em geral, e particular, tem origem em grande parte na profanação dos *Domingos*, e dias santos, tanto pelos trabalhos, como pelas patifarias, que nelles se fazem; que são de toda a qualidade; e mesmo as reservão para estes dias mui de proposito. Haja quem me contradiga.

D. — Sendo assim, como creio, concluo mais, que os *Reis Catholicos* devem pôr todo o cuidado, e grande rigor em suas leis para os fazer guardar, visto que a sua profanação he a ruina dos seus Estados, e Nações.

P. — Ninguem o pode duvidar. Assim mesmo o fizerão os grandes, e famosos Imperadores *Constantino*, e *Theodosio*, que ja vimos forão dados á *Igreja* para servirem de exemplares a seus Successores. Lembremo-nos de que Deos he presentemente o mesmo que então era; e o *Domingo* e dias santos Christãos não devem ser menos priviligiados que os Sabbados, e dias santos dos Judeos, antes muito mais pelas razões que disse.

L. — Eu tenho algumas duvidas a propôr. Em quanto a essa historia do cativeiro dos *Judeos*, noto que ja disse, e pro-

vou, que elles guardavão os *Sabbados*, e annos *sabbaticos*, e Deos obrava o prodigio promettido.

P. — Porem devemos entender, que o farião, como agora fazem os chamados *Christãos*, isto he, não o fazião com a devida exactidão, cumprindo Deos de sua parte com o promettido, tornando-se elles inexcusaveis. Por isso mesmo soffrerão necessidades nos annos *sabbaticos* pelas guerras, que nelles, e outros tiverão. Prova isto á sua inexactidão, porque elles tinhão a promessa de Deos, de que não terião a temer nem a fome, nem as guerras, se bem os guardassem.

Esta promessa ainda presentemente a vemos desempenhada. A experiencia me tem mostrado, que nada ha mais miseravel do que aquellas terras, em que se despreza este preceito, tanto em geral como em particular. Eu tenho observado que ha terras, ou povoações pobres, mas não miseraveis, pois com o pouco que tem vão vivendo sem aquellas miserias, que noto em outras terras, em que quasi se morre á fome. Vou a indagar a causa, e não acho outra, se não a exactidão dos primeiros na sanctificação dos dias santos, e o desprezo nos segundos. Verão o miseravel, que mata o corpo na semana com trabalhos, e com elles mata a desgraçada alma nos *Domingos*, e dias santos. Porem que? Sempre miseravel, sempre desgraçado, nada lhe luz, e a cada passo se vê morrer á fome. Attendão porem ao que jamais profanou estes dias, e o verão embora pobre; mas não miseravel; nem vio jamais o rosto da fome.

F. — He a pura verdade: pobresinhos, mas sempre tem o seu alimento. Eu me estou lembrando de grandes casas perdidas, porque derão em não respeitar estes dias. Deos castiga sem páo nem pedra; mas préga bofetão, que vai fervendo.

D. — Eu lhe protesto que terei todo o cuidado em meus criados...

F. — Vm. não me conte historias, pois não ha muitos dias, que o vi dar bofetões em hum, porque estava fazendo neste dia hum pequeno serviço. Em sua casa nunca se trabalhou em taes dias; por isso ella he a melhor que vemos n estas terras.

D. — Foi creação, que recebi de meus pais.

L. — Eu farei o mesmo: mas desejo inteirar-me da materia. Disse o Sr. Ab., que antes de *Moysés*, e desde a creação do mundo, houverão mais dias festivos a celebrar...

P. — Assim he, que o posso affirmar. Erão estes os que chamarão,

Neomenias, ou Calendas.

Nós vemos a Legislação divina sobre o que os *Judeos* devião offerecer nestes dias, *Num.* 28. 11., porem não vemos a instituição desta festividade. O que nella innovou Deos foi o toque das trombetas nas *Neomenias* do setimo mez para annunciarem as festividades, que ali se suppõem antigas. *David* falla dellas, como praticadas nos tempos de *Jose* filho de *Jacob. Psalm.* 80. Temos outras razões para nos persuadirmos, que ellas precederão ao diluvio, forão da *Lei Natural*, e de instituição divina logo na creação do mundo.

Erão estas celebradas no *novilunio*, logo que apparecia a Lua nova, e por consequencia quasi mensaes. O que mais prova a sua data primitiva e contemporanea á creação do genero humano he a universalidade desta festividade entre as Nações; *Egypcios*, *Gregos*, *Romanos*, *Persas*, e *Barbaros*, todas as celebravão, e ainda presentemente se celebrão entre os *Pagãos*. *Calm. in Num.* 28. 11. Diz o incredulo *Spencer*, que os *Judeos* tirarão esta festividade dos *Pagãos Caldeos*. Eu assim o creio, pois que os *Caldeos* descendentes dos filhos *Noé*, e naturaes da mesma terra, que elles habitarão até á morte, delles o aprenderão; isto prova, que foi antediluviana. Eis aqui sempre o genero humano desde a creação celebrando o dia setimo, e ainda hum dia mensal.

He verdade que se questiona, se por ventura erão obrigados á sanctificação deste dia, abstendo-se do trabalho. Eu me inclino á affirmativa, porque fazião então seus ajuntamentos religiosos, e se davão comidas de caridade; como ainda praticão os *Pagãos*, e praticarão os *Judeos*.

D. — Pela regra geral devemos ter por certo, que forão da *Lei Natural*. Não consta de algumas outras festividades antes da Lei *Escrita*?

Festividades.

P. — Nós devemos ter por certo, que os *Sabbados* sempre forão celebrados com ajuntamentos religiosos. Os *Judeos* assim o praticavão, ainda que não vemos preceito formal; o que prova ser este o costume que herdarão de seus pais, e por consequencia da *Religião* primitiva. Hum outro fim que Deos se propôz na sanctificação deste dia foi a reunião de seus filhos, como vamos a ver. Ainda penso, que não só nos *Sabbados*, e *Neomenias* havião estes ajuntamentos religiosos, mas em outras occasiões, posto que arbitrarias.

Jamais Nação, ou povo algum teve *Religião* sem ajuntamentos, ou *Festas* religiosas, quaesquer que ellas sejão, não sómente em dias determinados, e prefixos, mas ainda fora delles. Nós o vemos em *Jacob*, e sempre praticado entre todos os *Pagãos*. Este *Patriarcha* celebrou huma especie de *Festividade* para agradecer a Deos os favores particulares, que delle havia recebido em suas perigrinações. Elle diz a toda sua familia: Arrojai de entre vós os idólos, que tendes, purificai-vos, e mudai vossos vestidos; subamos a *Bethel* para ahi erigirmos hum altar a Deos, que me ouvio nas minhas tribulações, e me acompanhou nas minhas perigrinações. Fez esta jornada, que deveo ser de alguns dias, e no mesmo lugar em que Deos lhe havia apparecido quando fugia de *Esau*, levantou o altar, offereceo seus Sacrificios, e impôz áquelle lugar o nome de casa de Deos: *Aedificavitque ibi altare, & apellavit nomen loci illius, Domus Dei. Gen.* 35. 7. Aqui temos hum ajuntamento religioso, huma procissão religiosa, ou romaria.

Todos os sacrificios, que fazião estes *Patriarchas* antigos erão seguidos de comidas religiosas, quaes vemos ainda observar-se entre os *Infieis*: o que não póde deixar de sêr de instituição divina. Digão embora o que quizerem os Incredulos, trabalhem por descubrir outra qualquer origem das *Festas* religiosas, jamais a descubrirão, nem poderão inventar cousa que pareça ter alguma verisimilhança. Julgarão ter feito grande descuberta quando se avisarão de dizer, que a tristeza, e melancolia lhes deo origem pelo temor da Divindade imaginada! Que cegos sois; lhes diria eu! Vós não descubrireis nas *Festividades* religiosas mais do que huma santa alegria, qual costuma inspirar hum ajuntamento de filhos na presença de seu pai. Isto mesmo quer Deos: *Laetamini coram Domino Deo vestro. Levit.* 23. 40. Alegrai-vos, dizia Deos por *Moyses*, alegrai-vos nas vossas solemnidades, como que estais na presença do *Senhor* vosso Deos, e vosso *Pai. David* convida a todos aos louvores com alegria nestes ajuntamentos. Como pois podião ser inventados pela tristeza?

D. — Como elles nada querem de Deos, faz-lhes muita bulha a origem destas *Festas*.

F. — Antes dos pactos sociaes ja fazião os homens Festividades? Mas se elles andavão a quatro assim como as mais bestas, como poderião pôr-se aos altares? Talvez fossem invenção da grande *alma do mundo*.

P. — Em Deos, e na instrucção dada por elle aos homens, he que se deve procurar a origem de tudo o que temos relativamente á *Religião*, e os homens não o poderião inventar: poderão sim viciar, porem de nenhuma maneira inventar. Dizem-nos nossos mofadores, que os *Judeos*, e ainda os *Christãos* tirarão dos *Gentios*! Nescios pedantes! E os *Gentios* d'onde o tirarão? Vede, se tendes capacidade para isso, os Autores, ou Historiadores mais antigos de que ha noticia, pois que não quereis estar pelo que diz *Moyses*, e todos vos representaráõ os descendentes dos filhos de *Noé* celebrando os *Sabbados*, as *Neomenias*, os *Sacrificios*, e seus ajuntamentos religiosos. Donde lhes veio este costume geral?

D. — Temos entendido, que não poderão vir senão de Deos.

P. — Com effeito nós vemos *Noé* ao sahir da Arca, *Abraham* em muitas occasiões, *Isaac*, *Jacob*, e outros offerecendo sacrificios, e celebrando estas *Festividades*. *Moyses* instruido por Deos alem do *Sabbado*, e das *Neomenias* instituio outras muitas Solemnidades.

Festividades Judaicas.

Entre outras forão tres as principaes, que nos mostrão claramente quaes são os fins, que Deos nellas se propôz, e que nós não devemos perder de vista. Ellas tinhão respeito aos grandes, e particulares beneficios de Deos, que nunca devião perder da memoria. No *Sabbado* estava consignado o monumento da creação. Nas *Neomenias* a creação dos astros, e a providencia de Deos, que os dirige, e governa regulando os tempos para nosso bem. Daqui devião resultar os louvores divinos, as adorações, e emfim o seu *Culto*, o que entra nos nossos deveres para com elle. Dizia isto respeito a todo o genero humano, que com effeito ficou celebrando estas *Festas*, porem não tardou muito, que as não viciasse horrivelmente.

Parece, que as *Neomenias* forão as primeiras a desnaturalizar-se. Sendo o seu fim proposto por Deos, ser reconhecido, e adorado como Creador dos Ceos, assim como o he da terra, director, e regulador dos astros, os homens cegos começarão dentro em pouco tempo a dar culto, e adorações aos mesmos astros. Nós vemos esta prohibição expressa, e especificada aos *Judeos* no *Deutoronomio*, conservando-se contudo as *Neomenias*. Não olhes, diz, o sol, e a lua, e os mais astros do Ceo, para os adorares. Elles forão creados pelo *Senhor* teu Deos para beneficio, e serviço dos ho-

mens. *Deut.* 4. 19. Parece ser esta a primeira idolatria. Os *Judeos* conservárão o ceremonial antigo, qual tinhão os *Patriarchas*; e por isso não se legislou nelle, senão o que se augmentou mais no setimo mez.

As tres *Festas* principaes dos *Judeos*, prescritas, e reguladas com grande ceremonial por Deos, são a da *Pascoa*, do *Pentecostes*, e dos *Tabernaculos*, de que nós devemos dizer alguma cousa mais do que ja vimos, pois que justificão nossas *Festividades*, principalmente as duas primeiras, e tornão incontestavel a nossa Santa *Religião*, mostrando-nos as bellezas do *Plano* divino.

L. — Não se esqueça, P., que os *Gentios* tambem tem suas *festividades*, que os Incredulos confundem com as *Judaicas*, e ainda pertendem que as tirarão delles.

P. — Sem razão alguma. Eu não me esquecerei. A Festa da *Pascoa*, que significa *passagem*, porque passando na ultima noite da escravidão no *Egypto* o Anjo do *Senhor* ferio os primogenitos dos *Egypcios*, salvando os *Hebreos*, é porque sahindo este numerosissimo povo desta ascravidão, passou o mar vermelho a pé enxuto, era celebrada com as maiores ceremonias. Celebrarão-na a primeira vez nessa mesma noite no *Egipto*, e depois a celebrárão sempre, mesmo no deserto. Comião o cordeiro *Pascal* de pé, com os bordões na mão, e não devião quebrar algum osso do cordeiro, nem comião outro pão, que não fosse asmo em memoria do que assim comerão nesta passagem até que veio o maná. Perguntarei eu se por ventura os *Pagãos* tem alguma festividade semelhante, não só na qualidade, mas na sua instituição?

Para fazer emmudecer esses Incredulos sómente lhes perguntaria se me poderião mencionar huma só de suas festividades, que apresente semelhantes monumentos de sua instituição? Ellas á excepção das que tiverão principio nas *Neomenias*, não tiverão outra origem, que factos fabulosos inventados por seus *Poetas* para lisongear paixões, communmente as mais sensuaes, e brutaes. Porém a *Pascoa* dos *Judeos* foi instituida á vista de factos, que tiverão por testemunha huma Nação inteira, tão numerosa, que contava seis centos mil combatentes exceptuando todos os mais, de que apenas poderião ser hum quintuplo quando mais; e por este rigorosissimo calculo montava a tres milhões de pessoas. Todos estes na mesma época, no mesmo tempo, e occasião dos factos a celebrarão, e ficarão sempre celebrando. Po-

deria haver alguma incerteza! Poderá haver monumento mais incontestavel?

L. — Confesso que não he possivel, nem se póde desejar mais.

D. — Deixemos os Incredulos, que pelo o odio a *Religião* são capazes de negar a sua mesma existencia. Vamos ás *Festividades Christãas.*

P. — Eis aqui a maior de todas, que tendo a sua instituição na sahida do *Egypto* continuou até J. C., que realisando o figurado ainda agora continua, e continuará até o fim dos seculos. Nós vimos, que nesta *Festividade*, nesta passagem, e redempção do cativeiro estava figurada a *Redempção* por J. C. O *cordeiro* era a viva figura, e representação deste *Senhor* immolado pelos homens: elle o comeo, e partio logo a immolar-se. Os *Judeos* continuarão celebrando a sua *Pascoa* abolida, e os *Christãos* celebrando a verdadeira. Ella igualmente teve por testemunha toda a *Jerusalem*, toda a *Judea*, ou toda a Nação *Judaica*, pelos muitos *Judeos*, que nesta occasião se acharão presentes, vindo de varias partes do mundo a celebrar esta *Pascoa*. O facto que a motivou teve por testemunhas occulares a milhões de pessoas, que a entrarão logo a celebrar, mesmo por todo o mundo Christão. Poderá revocar-se em duvida sua realidade?

L. — Porem não consta da época incontestavel em que se começou a celebrar.

P. — Incontestavelmente consta, que foi instituida pelos *Apostolos*; e por isso mesmo, que não consta da epocha certa, nem do tempo em que se não celebrasse devemos concluir que foi desde logo. Nós já vimos que os Apostolos se demorarão em *Jerusalem* por muitos annos para fundamentar solidamente a *Igreja*, e não soffrerão grandes perseguições, que os estorvassem, e impedissem nestas instituições. He sem duvida deste tempo esta instituição com a *quaresma*, ou quarenta dias de jejum, que precedem á *semana Santa*, e ainda a *Oitava* da *Pascoa*. Todos os SS. PP., e *Concilios*, tudo o que a historia nos mostra, provão esta verdade, e a tornão incontestavel.

L. — Não pode ignorar que houverão discenções nesses primeiros tempos sobre o dia de sua celebração; o que prova não ser da instituição *Apostolica*.

P. — Antes pelo contrario. O dia da Festa da *Ressurreição* sempre foi no *Domingo* depois do dia quatorze da lua de março no *Occidente*, e em todo o *Oriente* á excepção da *Asia menor*, onde se celebrava no mesmo dia, que os *Ju-*

deos celebravão a *Pascoa*, fundando-se em que S. *João*, e S. *Filippe* assim a celebravão; o que prova ser já celebrada pelos *Apostolos*. Muito bem podia este S. *Apostolo* condescender com os *Judeos* convertidos, ou por qualquer outro motivo celebra-la nesse dia; o que nada faz ao nosso proposito. Parece ainda certo, que a *Pascoa* ahi mesmo era celebrada no *Domingo*, mas que comião o cordeiro, conforme costumarão por muito tempo, no dia quatorze da lua.

Não ignoro ainda, que os Incredulos querem attribuir a instituição da *Quaresma* á melancolia, e tristeza dos *Christãos*! Cegos! Apezar do que outros dizem sobre a época de sua instituição, attribuindo-a ao *Papa* S. *Telesphoro*, que governou a *Igreja* pelos annos cento, e quarenta, eu sustentarei, que teve a mesma instituição *Apostolica*, e a mesma data, que a *Pascoa*. S. *Jeronimo*, cujo voto merece por todas as razões toda a ponderação, escrevendo a St.ª *Marcella*, diz: *Nos unam quadragesimam secundum traditionem Apostolicam jejunamus &c. Epist.* 54. *ap. Gavant.* Tenho o testemunho de S. *Leão Papa*: *Apostolica institutio quadraginta dierum jejuniis impleatur &c. Serm.* 43. *de quadr.* 9. c. 2. Nos *Canones Apostolicos* vemos as legislações relativas á *Quaresma*. O mesmo no Concilio geral de *Nicea*, e nos mais que se celebrarão em diversos paizes por esses tempos. St.º *Agostinho*, fallando a este respeito com outros *Padres* do quarto seculo, affirma, (e mesmo he regra geral) que tudo aquillo que se acha desde sempre estabelecido em toda a *Igreja*, e cuja instituição se não acha nos Concilios, he de instituição *Apostolica*. Tal he o jejum da *Quaresma*.

F. — Se a instituirão os *Apostolos*, o fizerão porque o *Senhor* assim lho mandou, e até com o seu exemplo. Elle foi o primeiro a jejua-la no deserto. Pertendem os impios destruir o que o *Senhor*, e seus *Apostolos* fizerão! Ah impios! Canalha do inferno..!

P. — Não devemos esquecer a reunião de familias, que havia por esta occasião entre os *Judeos* para comer o *Cordeiro Pascal*, e os ajuntamentos em *Jerusalem* para celebrar esta *Festividade*, como ja vimos. Ella se estendia por sete dias em que nenhum outro serviço se devia fazer. Nós não ignoramos os ajuntamentos dos *Christãos* por esta occasião. Hum dos motivos principaes, como ja disse, que Deos nellas se propoz, he a reunião de seus filhos junto do seu altar.

D. — Temos presente o que deixa dito da *Sociedade* unida com seu centro em huma só unidade. Eu a estou vendo nas *Festividades* religiosas: os filhos na presença do *Pai*! Que belleza da *Religião*!

P. — Muito bem, e nada melhor, nada mais bello, nada mais encantador do que os ajuntamentos, e *Festividades Christãas*, por este respeito. Por quarenta dias os bons filhos chorão com lagrimas de penitencia suas culpas, purificando suas consciencias, e preparando-se para esta *Festividade*. Procurão na *Semana Santa* subir com o seu *Redemptor*, e *Pai* ao monte *Calvario*. Nada mais magestoso, mais terno, e tocante. Mas que espectaculo mais bello se pode imaginar, que estes filhos aflictos, e sensibilzados pela morte de seu *Pai*, rompendo de repente em alegres canticos, entoando as *Alleluias*?

D. — Confesso-lhe, P., que apezar da minha incredulidade jamais deixei de assistir a taes funcções, procurando encubrir as lagrimas, que involuntariamente me saltavão dos olhos. Conheço mui bem que não se poderá explicar o dôce prazer, que em taes occasiões sentirão as almas puras.

F. — Ai que nos querem tirar estas dôces consolações! Estes Ceos terrenos, e reuniões com o nosso *Pai*! Ai, ai, que ja não temos a principal, que he a Episcopal! Ai, ai, que se acaba tudo! Ai, ai, ai!...

Pentecostes.

P. — Era a segunda *Festividade* dos *Judeos* a das *Semanas* ou *Primicias*, que depois se chamou *Pentecostes*, que quer dizer cincoenta dias contados depois da *Pascoa*, pois outros tantos decorrerão depois da sahida do *Egypto* até a promulgação da Lei no monte *Sinai*. Chamavão-na tambem das *Primicias*, porque nella se offerecião a Deos pães das farinhas dos primeiros frutos. Parece que esta offerenda se fazia, não em nome de cada familia, mas em nome de toda a Nação, que se deveria reunir. *Josep. de Antig. Jud. L.* 3. c. 10. Foi esta *Festividade* instituida por Deos, como vemos no *Exodo*, na occasião do mesmo facto, isto he, da promulgação da Lei, que teve por testemunha ocular a toda a Nação *Judaica*, que a ficou celebrando, e ainda celebra. Poderá a incredulidade destruir este vivo monumento de verdade?

L. — Como o poderá fazer? He sem duvida incontestavel.

P. — Passou esta no *Christianismo* a ser a nossa *Festividade* da *Descida* do *Espirito Santo* sobre os *Apostolos*, que ja vimos occorrer no mesmo dia, em que os *Judeos* celebravão a sua da promulgação da Lei. Mas queira notar a analogia, e a belleza da economia divina nas suas obras. Nô monte *Sinai* desce Deos a promulgar a Lei antiga; aqui desce o *Espirito Santo* a promulgar a Lei *Evangelica*, que sem deixar de ser a mesma, faz elevar á sua perfeição, no monte *Sião*. No *Sinai* entre fogos, relampagos, e trovões pavorosos; em *Sião* com hum estrondo suave, e em lingoas de fogo, que bem longe de atemorisar, enchião, e banhavão de prazer. *Moyses* desce a prégar, ou annunciar a Lei; os *Apostolos* abrasados no fogo divino, cheios do *Espirito* de Deos não se podem conter; rompem a prégar a J. C. resuscitado.

D. — He tudo isto bem admiravel! Tem essa *Festividade* a mesma data da *Pascoa*?

P. — Temos as mesmas razões para assim o acreditarmos, e não lhe achamos outra origem se não nos mesmos *Apostolos*. S. *Irineo*, *Tertulliano*, e *Origines* fallão della. S. *Ambrosio*, segundo a tradição, compoz parte do *Officio*, e em fim por todo o mundo, até onde se estendia o *Evangelho*, se vio logo celebrada. S. *Lucas* no *Acta Apost.* diz, que S. *Paulo* voltando de huma das suas incursões Apostolicas quizera chegar a *Jerusalem* antes desta *Festividade*: não he improvavel, que fallasse da *Christãa*, mais que da *Judaica*. O facto, que lhe deo origem, teve por testemunha toda a Nação *Judaica*, pois que nesta occasião se achavão em *Jerusalem* para a sua Solemnidade *Judeos* de todas os paizes por onde se achavão espalhados. Desde então sem contradicção se celebrou, e celebrará até o fim dos seculos. Terão semelhantes origens, e instituições as festas gentilicas, ó mofadores da santa *Religião*? lhes perguntaria eu.

Eis aqui tem as duas principaes, e mais fundamentaes da nossa *Religião*, datando parte da mesma creação do mundo na instituição do *Sabbado*, e na Legislação divina dada a *Moyses*. Eu podera ainda remonta-las em mais extensão, e quasi em tudo, á mesma creação do homem, porque desde então começarão os *Sacrificios* representativos destas *Festividades*, ou do que nellas celebramos. As dos *Judeos* erão sempre acompanhadas de sacrificios, e os dias *Sabbados* erão dias de *Festividades*.

Ainda celebravão a dos *Tabernaculos* por instituição di-

vina como vivo monumento da sua habitação no deserto. Era representada ao vivo, pois passavão a viver em cabanas formadas de ramos d' arvores por sete dias. Como tinha por origem hum favor particular áquella Nação, não passou ao *Christanismo*. Temos porem a notar, que nestes sete dias se reunião as familias, e se davão festins, ou comidas aos *Levitas*, aos extrangeiros, viuvas, orphãos, e a todos os pobres, por mandamento de Deos.

Outras *Festividades* tinhão; e ainda elles mesmos instituirão, como a que teve origem no facto de *Judith*, e a santa *Igreja* tem instituido muitas, que devemos observar como ella o mandá com a legitima, e incontestavel autoridade; porem julgo, que temos dito o bastante para voltarmos aos fins, que Deos nellas pertende. Não he somente o seu *Culto*, mais deve descubrir o Philosopho *Christão*, que se deleita em philosophar, e discorrer sobre as encantadoras bellezas da *Religião*. Pensão nossos Incredulos, que nada ha na *Religião* mais do que invenções dos homens. Que pedantesca patetice! Quando, por impossivel, assim fosse, merecerião altares os inventores de tantas bellezas. Porem elles são tão pedantes, que as não conhecem, nem jamais entrarão no conhecimento do muito que influem no bem da *Sociedade*, e boa politica as *Festividades* religiosas.

L. — Eu estou persuadido do contrario; pois que as muitas que se tem instituido com os muitos dias de guarda, são de grande pêso aos povos.

F. — De grande pêso seja a má maleita, e a bréca que o léve. Quem he que lho disse? Temos outro *Medrões*?

P. — Queira dizer quem se queixa desse pêso!

L. — Não pode negar, que prejudicão, e atrazão a lavoura.

P. — Mas quem se queixa desses prejuizos e atrazos! Vm. não me mostrará mais que os inimigos da *Religião*, os impios, e os que pela maior parte não tem onde cahião mortos. Se estivesse presente na Historia veria, que em muitos paizes tem succedido os Prelados maiores intentarem supprimir algumas *Festividades* de guarda por esse motivo, e os povos levantarem-se, requerendo, e protestando contra tal suppressão, e então redobrarem o seu fervor em sua celebração. Queira ler o P. *Thomasini* em seu *Tratado* das *Festas*, o P. *Ricardo* em sua *Analyse* dos Concilios, e conhecerá a verdade do que affirmo. Tem-se com effeito supprimido algumas; porem persuado-me que nunca se fez sem

opposição, ou ao menos descontentamento dos povos.

L. — Porem devem obviar-se os escandalos, diminuindo o numero por causa da profanação com os trabalhos.

P. — Qual profanação! Estou certo, que não he a necessidade dos trabalhos, que os faz profanar, mas sim a falta do temor de Deos, e o nenhum espirito de *Religião*.

F. — Isso agora a mim toca, e me ponho em campo para o dizer diante de toda essa gente, visto que o Sr. *Brig.* por sua modestia nada quer dizer. Nesta redondeza não ha casa, que possua mais fazendas do que a sua. Depois della he a minha. Eu desafio a todos os presentes a que me digão se ja mais virão algum de nossos creados, ou jornaleiros fazer algum serviço em nossas fazendas, ou em qualquer outra parte nos dias *Domingos*, ou de guarda, ou ainda nos dias de S. *Felipe* e S. *Thiago*, *Invenção da Santa Cruz*, dia 3 de maio, e S. *Miguel*, não obstante serem dispensados. Desafio ainda a que me digão se por ventura nossas searas se perdem por essa causa, ou produzem menos. Haja quem sahia, e responda.

D. — Não tem que responder. Eu confesso que assim he, pois nossos maiores tem deitado a maldição aos filhos, herdeiros da casa, que não guardarem, e fizerem guardar com todo o escrupulo os dias de guarda. Quando eu tenha filhos, ou quaesquer que sejão os meus herdeiros, lhes passarei a mesma maldição. Por isto eu dei os bofetões no creado, e minhas irmãas fazem o mesmo com as creadas, dando-lhes o necessario tempo na semana para seus arranjos. Trememos da maldição.

F. — Eu tambem a herdei, e ja a passei a meus filhos.

P. — He isso o que fazem os bons *Christãos*; e não são poucos os que guardão ainda os ditos dias santos, porque já forão de guarda, como ainda a segunda oitava da *Pascoa*; o que prova o que deixo dito. Estou certo, que todos os profanadores dos dias de guarda, nem quando no anno apenas houvessem dois ou tres a guardar, mesmo assim os guardarião. Estes desgraçados nem temor de Deos tem, nem alguns vestigios de *Religião*, nem ainda alguma Fé conservão: a tudo renuncião. Eu não acho prova mais certa de condemnação eterna do que os trabalhos nos dias de guarda. Lá se commetteraõ alguns outros peccados por paixão, por cegueira, ou qualquer outro motivo; porem aqui nada ha mais que o nada inteiramente de *Religião*, nem de Fé. Nem ainda ha interesse algum; porque quando a Fé os não

faça entender, que não lhes luzirão taes trabalhos, a experiencia lhes mostra que não ha gente mais miseravel, do que taes profanadores dos dias de guarda.

D. — Eu sou testemunha ocular de alguns casos, que o provão.

P. — Hum campo semeado em hum dia de guarda com grande escandalo, appareceo de repente todo terregando, e fazendo a extrema, quando na vespera estava todo verdegando com a novidade nascida. O bicho a consumio toda em huma noite. Todos os escandalizados o virão. Este desgraçado vio em vida alienada e perdida a grande casa, que deste modo havia arranjado. Outros muitos tenho visto. Por algum tempo parecerá, que Deos dorme; porem não tardará a despertar, e não tarda quem vem.

Estes desgraçados perderão a Fé, não atttedem á experiencia, e em fim elles mui de proposito, e com trabalho, sem algum interesse, procurão comprar o inferno. Hum *Gentio*, hum *Infiel* não he peior. De semana matão o corpo, no dia santo mui de proposito matão a alma! Quanto mais trabalhão mais miseraveis são.

Não he pois a necessidade, o prejuizo, ou qualquer outro motivo, que faz profanar estes dias. Quando a necessidade he verdadeira, os *Prelados* sempre tem sido attentos a estas dispensas, como se está vendo nos tempos das colheitas, naquellas terras onde assim o exige a verdadeira necessidade. Porem voltemos ao que hia dizendo.

As Festividades entrão na Politica.

O Sr. L. como politico deveria ser apaixonado das *Festividades* religiosas, se as considerasse com a devida attenção, pois nada ha que tanto influa na boa *Sociedade*; e eis aqui hum outro motivo porque o Autor da mesma *Sociedade* as instituio.

D. — A mesma razão o mostra. Nada ha que tanto una os irmãos como o seu ajuntamento perante o pai. O Sr. Ab. com razão nos vai representando as *Festividades* como ajuntamentos de grandes familias reunidas ao pé do altar, na presença do verdadeiro *Pai*, que he o centro da união da *Sociedade*, tributando-lhe o que todos lhe devemos, unidos em hum corpo.

P. — Queira porem ainda notar, que essa mesma reunião serve para ligar, e compaginar esse corpo. Representemo-nos a Nação *Judaica* por necessidade da devida Politica di-

vidida em doze *Tribus*, e depois em mais. Como poderia reinar, e conservar-se a boa harmonia da *Sociedade*, a não serem os ajuntamentos religiosos, e por consequencia as *Festividades*? Vejamos isto mesmo nos *Christãos*. Tiremos as *Festividades*, tiremos os *Domingos*, e dias santos com a obrigação de assistir ao Santo *Sacrificio*: que serão então os homens huns para com os outros? Eu direi, que logo se transformarião em bravas feras, principalmente nas aldeas, e pequenas povoações. Nós os veriamos quaes outros salvagens *Americanos*.

D. — Eu creio, que sim, porque elles não se veem em outras occasiões, e não se conhecerião. Ao reunirem-se todos os *Domingos*, e dias santos, e principalmente nas *Festividades*, se ajuntão, se veem, se conhecem, se tratão, se amão, e então se unem, e se ligão em Sociedade.

L. — Porem outros ajuntamentos civis, como os mercados. . .

P. — Nego que possa haver qualquer outra reunião, de que se possão esperar estes bons effeitos. Ja vimos, que nessas festas, e assembleas civis, que os nossos Incredulos nos querem impingir, substituindo as religiosas, não apparece mais que o orgulho, a soberba, a vaidade, e em fim tomão força as paixões, que em lugar de unir, desencadeão, e quebrão os laços da união social. O pobre desgraçado, o miseravel, que sempre deve fazer parte da *Sociedade*, e a cuja classe o bom Politico sempre deve attender, e nunca perder de vista, não tem ahi lugar. Elle somente o achará junto do Altar, na presença do commum *Pai* de todos.

L. — E porque o não achará nos mercados?

P. — Peior! Esses ajuntamentos não se fazem se não por interesses particulares, e não por se amarem. Não se cuida nelles mais que em se enganarem huns a outros, e por consequencia são mais proprios para a desunião.

D. — Tenha paciencia Sr. L. Aquellas razões são clarissimas.

F. — Pois eu a vou perdendo. Temos outro *Jansenista*.

P. — Mui bem prova isto a famosa especie de paz chamada *Tregoa de Deos*, que teve principio, e se praticou ainda que com grandes difficuldades, nos tempos barbaros, e das instituições feudaes; em que os pequenos Soberanos se fazião mutua, e encarniçada guerra, hostilizando-se os povos huns aos outros com incrivel furor. Os Prelados zelosos não puderão descubrir outro meio se não esta *Tregoa*, que foi a suspensão de armas, e de todas as hostilidades desde a tarde do dia quarta feira de todas as semanas até a segunda

feira da seguinte. Era o fim principal a reunião nos Domingos, em que procuravão celebrar *Festividades*. A experiencia mostrou ser feliz invenção pelo bom exito. Com estas reuniões se forão depondo os odios, e adoçando os costumes ferozes. Os ajuntamentos das *Cruzadas*, de que tanto murmurão os Incredulos, coroarão esta obra; e ellas merecerião os louvores de todos, quando nada mais fizessem do que a reunião dos povos salvagens de quasi toda a *Europa*, a paz entre elles, e a boa harmonia da *Sociedade*.

L. — Por mui differentes lados, e faces olha as cousas o Sr. Ab!

D. — Porem elle as olha por onde todos as deveriamos olhar.

P. — Resta-me dizer, que as *Festividad s Judaicas* erão acompanhadas de festins, ou comidas religiosas de familias, a que erão admittidos os pobres, orphãos, viuvas, e extrangeiros. Nas *Christãas* se fazia o mesmo, e são ainda famosas com o nome de *Agapes*. Conhecerão-se he verdade, inconvenientes, pois nada ha por mais santo que seja de que o homem não possa abusar: ellas se suspenderão, mas continuarão as offertas, ou offerecimentos de varios comestiveis, e outros dons para se distribuirem pelos necessitados.

F. — Diga-nos, P., alguma cousa do modo de sanctificar estes dias.

Sanctificação dos dias santos.

P. — O que temos dito será bastante para o entenderem. Será sufficiente a lembrança dos motivos de sua instituição. Nós vemos que são huma profissão publica da Fé, que professamos, da Religião, que seguimos, e do *Culto*, que devemos a Deos. Segundo isto devem ser os nossos exercicios. No *Domingo* temos consignada em vivo monumento a crença de hum Deos nosso *Creador*, e do mundo. Temos ainda o da *Ressurreição* de J. C., como tambem a nossa com a vida futura; o que largamente poderá enterter nossas considerações em taes dias. Em outras *Festividades* e dias santos temos varios outros Mysterios de J. C., de Nossa Senhora, Santos Martyres, e outros, que, ao mesmo tempo que devemos procurar sua intercessão, nos estão mostrando com seus exemplos o regulamento de nossas vidas; o que será mui boa occupação. Os louvores a Deos, a assistencia nos templos, a participação dos Sacramentos, a palavra de Deos, a lição espiritual, e mais devoções entrão na sanctificação destes dias.

Têmos o segundo motivo destas instituições na união de caridade; e todos os exercicios desta virtude, que he de todas a mais nobre, tem todo o lugar nestes dias. Visitar os carceres, os enfermos, consolar os pobres, soccorrer os necessitados, e emfim todos os exercicios de misericordia, caridade, e beneficencia, fazião, e sempre fizerão nos bons *Christãos* as occupações de taes dias.

Não sou eu tão rigorista, que intente condemnar nestes dias as recreações honestas, e innocentes, que verdadeiramente o são, livres de todo o perigo. Eu contudo ignoro, que em tempos tão depravados os possão haver de tal qualidade, e por isso me abstenho de mencionar alguns. Passemos a dizer alguma cousa dos lugares das uniões religiosas, que são os

Templos.

D. — Grande he a guerra, que os Incredulos lhes fazem!

P. — Assim devia ser para marcharem coherentes. Alem da avidez de seus bens, e riquezas, logo que intentão a ruina da *Religião*, devião metter os hombros ás paredes dos Templos, e acabar com o Altar. Elles vão coherentes, e seguindo os passos de seus mestres os *Lutheranos*, e *Calvinistas*, sem declinarem á direita, ou esquerda. Só sim adiantarão-se hum passo, tendo o descaramento de pôrem em seus decretos exterminadores, e sacrilegos a palavra = *profanamos* = ! Quem não pasmará!

F. — Não só isso, mas não podem soffrer sinal algum de *Religião*, nem ainda pelas paredes. Lá vai ja por terra o famoso *Cruzeiro* de Arroios em *Lisboa*!

P. — Então que queria! Que o deixassem! Isso não seria conveniente á sua historia, e fatal memoria; e se duvidaria nos tempos futuros se com effeito *Portugal* havia sido dominado por *Iconoclastas*, *Lutheranos*, e *Calvinistas*, quando lhes escapasse hum tal monumento. Nas ruinas dos monumentos da *Religião* deve ficar eternizada a sua memoria de immortal abominação.

F. — Tem razão; assim he. Não forão taes como dizeis, responderião os Vindouros, pois ainda deixarão em pé este monumento.

P. — Fizerão primeiramente a guerra de penna, porem com o pedantismo, que lhes he inherente, seguindo sempre os charlatães Incredulos, tem dito, que antigamente se celebravão os sacrificios, ou offertas a Deos nos montes, e que

nada pode ser mais respeitavel, que o templo de todo o mundo. Com isto nos querem fazer *Gentios*, que adorando os astros, o que foi a primeira idolatria, fazião seus ajuntamentos nos altos montes; e por isso vemos nas divinas *Escrituras* tantas vezes repetidos os *lugares altos*, que Deos mandava destruir. Elles emfim não querem Templos; e quando muito os querem despidos de todo o ornato, bem como os tem os *Hereges* do Norte.

L. — He porem huma verdade, que na *Religião Natural* não havia *Templos*. O primeiro de que ha memoria he o Tabernaculo de *Moyses*.

D. — Ja vimos, que os *Gentios* os tinhão; e d' onde lhes veio esta idea, e conhecimento?

P. — Não temos necessidade alguma de entrarmos nessas questões. Eu não ignoro quanto se tem debatido a esse respeito. Vemos os Templos entre todas as Nações policiadas. Muito embora os erigissem quando começárão a fabricar idolos: nada nos serve para a presente materia. Se os nossos Incredulos querem, que não tenhamos de *Religião*, mais do que havia na *Natural*, ou pôr-nos na mesma cathagoria dos primeiros *Idolatras*, que adoravão os astros, tem muita razão, e então vão embora os Templos a terra.

F. — Isso mesmo he o que pertendem, fazer-nos *Gentios*, como elles o são ja, e mil vezes peióres.

D. — Nisso diz tudo, P. Na *Religião Natural*, ou Religião em sua infancia não havia o que ella tem na sua virilidade, ou apenas o tinhão em figuras, como ja nos mostrou. Podião fazer-se os ajuntamentos religiosos em qualquer parte. Porem eu desejo saber huma cousa, e he, se *Melchisedech*, que offerecia *Pão*, e *Vinho*, como ja vimos, vivendo ainda os filhos de *Noé*, o fazia em cima de algum monte, ou no meio de algum campo?

P. — De qualquer sorte que seja digão-nos os nossos Incredulos, que não querem Sacrificios, funcções, solemnidades, Sacramentos, e tudo o mais que sempre teve a Santa Religião *Catholica*, que não querem as reuniões com o nosso *Pai* Deos junto de seus Altares, e então eu direi, que tem razão em não quererem *Templos*: fallem claramente, e não intentem fazer-nos mais pedantes do que elles são.

F. — Cuidão elles que comemos araras! vão á perra, que os pario, mais á pata que os pôz, casta da má maleita.

D. — Vamos á materia, que se propõe. Entendemos, que as reuniões de que nos vai fallando devião ter casa, que são

fi-

os Templos; nem podia deixar de ser assim, supposto o que temos na santa *Religião*, como são os Augustos Mysterios, Sacramentos &c.

P. — São elles verdadeiras casas do Deos vivo, que nellas habita; e nesta palavra digo tudo, e sómente nos resta pondera-la com alguma extensão, pois me parece que por falta desta consideração tem carregado sobre nós tão pesados males, que estamos sofrendo. Se ja dei por causa a profanação dos dias de guarda, ajuntarei agora a profanação destas casas do *Senhor* pela falta de respeito, que os chamados Christãos lhes guardavão. Eu darei as razões ainda que com a possivel brevidade.

D. — Na verdade que os Templos estavão tornados mais em theatros do que em casas santas pelo que nelles se passava. Parecia que os ajuntamentos, que nelles se fazião, perante o nosso bom *Pai*, não erão para mais que insulta-lo. Ninguem ao ver o que nelles se passava deixaria de pronosticar hum grande castigo, qual o que sofremos.

P. — Melhor o veremos pelas razões, que vou a dar. Não nos esqueçamos de que elles são Casas, e moradas de Deos vivo, que este *Senhor* quiz ter na terra para se communicar com os homens, tratar com elles, e uni-los comsigo mesmo em huma só unidade, qual temos visto.

Nós temos hum bosquejo do respeito que se lhes deve em *Jacob*, quando fugindo ás vinganças de *Esau*, passou a noite no deserto. Dormindo sobre huma pedra teve huma visão em que se lhe representou huma escada, que desde a terra tocava os *Ceos*, pela qual descião, e subião Anjos, e cuja extremidade se apoiava em Deos: *Viditque in somnis scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens Coelum: Angelos quoque Dei ascendentes & descendentes per eam, & Dominum innixum scalae. Gen.* 28. 12. Eis aqui são os nossos Templos esta escada, ou o lugar onde ella se firma, e pela qual descem os *Anjos*, e os homens sobem aos *Ceos*, e que Deos segura com a força de suas graças. Porem vamos ao que faz a nosso proposito.

Despertando *Jacob* diz: *Veré Dominus est in loco isto, & ego nesciebam.* ℣ 16. Verdadeiramente está o *Senhor* neste lugar, e eu o ignorava. Elle ainda cheio de assombro, exclama: Quam terrivel, quam respeitoso he este lugar! *Pavensque, Quam terribilis est, inquit, locus iste!* Não he este lugar menos que a Casa de Deos, e a porta do *Ceo*: *Non est hic aliud nisi Domus Dei, & porta Coeli.* ℣. 17.

Pela manhãa levantou em monumento a pedra sobre que havia reclinado a cabeça, e ungindo-a com oleo, e fazendo ahi seus votos, e oração, impoz o nome de *Bethel* áquelle lugar, e á pedra chamou casa de Deos: *Lapis iste, quem erexi in titulum, vocabitur Domus Dei.* ℣. 22. A mesma palavra *Bethel*, significa *Casa de Deos*; e foi aqui onde veio offerecer os Sacrafícios, e *Festividades*, de que temos fallado.

D. — Então temos ahi bem claramente *Templos*.

P. — O texto nada mais diz, e eu não quero aventurar juizos. Se com effeito ahi fez Casa, ou Templo, quando voltou com toda a sua familia, eu o ignoro. O que devemos notar he, que não podia *Jacob* dizer daquelle lugar estar alli Deos, com mais propriedade, e em todo o rigor do sentido, do que nós dos nossos Templos: *Veré Dominus est in loco isto.* Embora lhe apparecesse ahi Deos, a escada, e os Anjos. Se por estas razões lhe chamou *Casa* de Deos, com quanta mais razão o são os nossos *Templos* onde mora, e habita Deos vivo em Pessoa? Se aquelle mereceo a *Jacob* o nome de *Porta* do *Ceo*: *Domus Dei, & porta Coeli*, nossos *Templos* são o mesmo *Ceo*, pois que nelles habita o mesmo Rei da Gloria, que nos *Ceos* faz *Bemaventurados*. Julgo, que apenas nossos impios Incredulos o poderão negar.

F. — Elles querem por força tirar-nos estes *Ceos*, e privar a Deos das honras que nelles lhe davamos. São peiores que os demonios, que pela raiva que lhes tem, não querem que haja quem o adore; querem faze-lo retirar-se da terra!! Ai, meu Deos!

P. — Que digno de respeito achou *Jacob* aquelle lugar! *Terribilis est locus iste.* Mas que diria dos nossos *Templos*, se agora vivesse este santo *Patriarcha*? Lá appareceo Deos a *Moyses* no meio da çarça, que ardia sem se consumir. Elle se dirige a observar de perto esta visão; mas Deos lhe diz: *Ne appropries huc.* Não te avisinhes aqui com tão pouco respeito: larga de teus péz o calçado: *Solve calceamentum de pedibus tuis.* He santo este lugar, esta terra, em que estas: *Locus enim, in quo stas, terra sancta est. Exod.* 3. 5. Eu sou o Deos de teus pais, que aqui estou. *Moyses* de respeito se arroja por terra cubrindo sua face, não se atrevendo a olhar o *Senhor*. E que? Não serão nossos *Templos* mais santos que aquelle lugar? Não he nelles, que o nosso Deos nos apparece, e se nos communica em propria Pessoa?

D. — Não temos que responder a taes perguntas.

Tabernaculo de Moyses.

P. — Manda este *Senhor* a *Moyses* fabricar-lhe huma *Casa*, hum *Templo*, em que habitasse com aquella Nação, como *Pai* entre seus filhos, para nella tratar com elles, mesmo de palavra, como já vimos, e formar com elles huma unica *Sociedade*, huma só corporação; e tanto quanto o mostrava a collocação desta *Casa*, que devia ser no meio das suas tendas: *Facientque mihi sanctuarium, & habitabo in medio eorum.* d.° 25. 8. O mesmo *Senhor* não só lhe mostrou no monte o exemplar, a planta, e forma que devia ter no todo, mas ainda em suas partes mais miudas. Não só isso, mas ainda lhas explicou de palavra, peça por peça, seu feitio, sua grandeza, e seu pêso.

L. — Que lhe fez essa explicação sei eu, pois que a tenho lido nos santos Livros; porem que lhe mostrasse o exemplar, a planta, e a forma de tudo, he o que não tenho visto.

P. — Porque não lêo bem. Aqui o tem no texto citado. Fareis, diz, hum *Sanctuario*, em que eu habite. Vós o fareis segundo a semelhança, e forma do *Tabernaculo*, que te mostrarei; e assim os vazos, que hão de servir no *Culto*, que me deveis dar: *Juxta similitudinem tabernaculi, quod ostendam tibi, omnium vasorum &c.* ỳ. 9. Tratando do candieiro, explicando-lhe com toda a especificação a forma, grandeza, pêso do ouro purissimo de que devia ser formado, até mesmo as espivitadeiras, accrescenta: *Inspice, & fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est* ỳ. 40. Attende, e faze isto bem semelhante á planta, que te foi mostrada no monte. Nem lhe pareça, que foi somente o candieiro mostrado no monte: aqui tem S. *Paulo* affirmando, que foi tudo o que havia no *Tabernaculo*: *Vide*, faz dizer Deos a Moyses, *Vide, omnia facito secundum exemplar, quod tibi ostensum est in monte. Hebr.* 8. 5.

D. — Essa ignorão os inimigos dos *Templos*.

P. — Elles ignorão tudo. Omitto as riquezas das peças, ouro, e pedrarias, que o adornavão, tudo mandado com especificação por Deos, que nelle queria ser adorado. Vejamos o respeito, em que o mesmo *Senhor* queria, que se tivesse esta casa ambulante pelo deserto, e sempre no meio desta numerosa familia. *Sanctuarium meum metuite. Levit.* 19. 30. Temei, respeitai com temor o meu *Sanctuario*, lhes diz, depois de consummado. *Pavete ad sanctuarium meum.* d.° 26. 2. Enchei-vos de respeito pavoroso quando estiver-

dès no meu *Sanctuario*. Logo que consummado se erigio, o *Senhor* o fez respeitoso, e tanto que *Moyses* pareceo temer entrar nelle. Huma nuvem o cubrio, diz o texto, e a gloria do *Senhor* o encheo: *Operuit nubes tabernaculum testimonii, & gloria Domini implevit illud.* 40. 32. Não podia *Moyses* entrar, isto he, no primeiro dia por temor, e respeito, porque a nuvem cubria tudo, e radiava a Magestade de Deos: *Nec poterat Moyses ingredi tectum foederis, nube operienti omnia, & magestate Domini coruscante.* ℣. 33.

D. — Seria sómente no primeiro dia?

P. — A nuvem, e mais sinaes da gloria do *Senhor* sempre se mostravão visiveis aos olhos de todos. No *Cap.* 9. do livro dos *Numeros* vemos bem claro o que succedia por este respeito. Desde que se erigio este *Tabernaculo*, a nuvem, ou columna de nuvem, que guiava este povo, e dava os sinaes de marcha, e de suas mansões, estava sempre pendente sobre o *Tabernaculo*, de dia branca, ou cor de nuvem, de noite cor de fogo. Quando esta nuvem se retirava do *Tabernaculo*, se movia tudo, e a seguião. Quando voltava a pôr-se sobre elle ahi paravão, e fixavão suas tendas por todo o tempo que ahi parava. Sempre assim foi por todos os quarenta annos.

L. — Consta positivamente, que Deos fallava no *Tabernaculo* a *Moysés* com estrondo de vozes?

P. — Aqui o tem bem posttivo: *Cúm ingrederetur Moysés tabernaculum foederis, ut consuleret oraculum, audiebat vocem loquentis ad se de propitiatorio, quod erat super arcam testimonii inter duos cherubim, unde & loquebatur ei.* d.° 7. 89. Quando *Moysés* entrava a consultar o *Senhor*, ouvia a voz que lhe fallava d'entre os dois *Cherubins*, cujas imagens de vulto estavão sobre a *Arca*, que continha o Testamento, que erão as duas taboas da Lei, e se chamava o *Propiciatorio*. Não continha mais que a vara de *Aarão*, com que obrou parte dos prodigios no *Egypto*, e hum vaso do *Maná*, que não era mais que figura do que agora adoramos em os nossos Altares. O só texto que temos visto he sufficiente para dizer tudo, o que poderia accrescentar sobre o respeito, que Deos exigia a esta sua casa. Não menos temos a ver no famoso

Templo de Salomão.

Intentou *David* erigir este *Templo*: porém Deos lhe fez dizer pelo Propheta *Nathan*, que seu filho o faria; e ape-

nas ajuntou muitas riquezas para as suas despezas. Ja vimos, que o ouro, e as pedrarias perderão alli o seu valor pela a abundancia; mas Deos não o reprovou. Se he certo que o ouro, e mais preciosidades nos *Templos* não são agradaveis a Deos, porque as mandou no *Tabernaculo* mui de proposito, e aprovou, guardou, e fez respeitar no *Templo* de *Solomão* de que fallamos, e ainda castigou terrivelmente a seus profanadores?

L. — Não me lembro desses castigos.

F. — Queira, *P.*, dizelo para sabermos como hão de ser castigados os profanadores, e os ladrões das riquezas dos nossos Templos.

P. — Nem sempre Deos castiga do mesmo modo aos impios; e não são os peiores castigos os que dá neste mundo, pois que podem servir para remedio, e correcção. Bem notorio he nos sagrados *Livros* a historia de *Heliodoro*, que mandado pelo Rei *Seleuco* roubar as riquezas, que apezar de não pertencerem ao *Templo* estavão nelle depositadas, e guardadas, ao tempo, que chegava a lançar mão dellas, apparecerão tres *Anjos*, que á força de golpes o puzerão a espirar. Pelas orações do Summo Sacerdote *Onias*, lhe concederão a vida. 2. *Machab. Cap.* 3.

Mais terrivel foi o castigo, com que Deos punio a profanação que o Rei *Balthassar* fez dos vasos sagrados dedicados ao *Culto* divino neste *Templo*. Havião elles sido roubados, e levados com o povo cativo a *Babylonia*, do que já fallamos. Este Rei em hum banquete os fez servir na mesa, e por elles bebeo com suas mulheres, e concubinas. No meio destas alegrias profanas apparecerão os dedos de huma quasi mão, que escrevião na parede certas letras, que ninguem pode ler á excepção do Propheta *Daniel*. Elle as leo ao Rei profanador, que tremia de susto, e lhas interpretou. Ellas continhão sua irrevogavel sentença, que nessa mesma noite se cumprio e ahi mesmo morreo. *Dan.* cap. 5.

F. — Tenho entendido. Esperem, que não tarda o que vem, os nossos profanadores, e saqueadores sacrilegos dos nossos *Templos*, e os que possuem delles alguma cousa. Elles tem a excommunhão ás costas; e não tardará que o não paguem.

P. — Vamos ao respeito que Deos exigia neste *Templo*. Não menos o fez Deos respeitavel, que o seu *Tabernaculo*. Do mesmo modo que neste, apenas se fez a *Dedicação*, appareceo nelle a Magestade divina. Eis aqui como se explica o sagrado *Historiador*. Logo que *Salomão* concluio a oração

em sua *Dedicação*, desceo fogo do *Ceo*, que consumio os holocaustos, e as victimas, e a Magestade do *Senhor* encheo esta sua casa: *Cumque complesset Salomon fundens preces, ignis descendit de Coelo, & devoravit holocausta, & victimas, & magestas Domini implevit domum. 2. Paral.* 7. 1. Nem podião os Sacerdotes entrar no *Templo* do *Senhor*, por isso que o enchia a sua Magestade: *Nec poterant Sacerdotes ingredi templum Domini, eo quod implesset magestas Domini templum Domini.* ℣. 2.

Não era isto visivel somente aos Sacerdotes, pois todos os filhos de *Israel* vião o fogo que descia do *Ceo*, e a gloria de Deos sobre o Templo: *Omnes filii Israel videbant ignem descendentem, & gloriam Domini super domum.* ℣. 3. Será èste o Deos, que assim condecora com sua gloria, Magestade, e taes prodigios, os seus *Templos*, que não quer mais que os montes, e os campos para ser adorado, e servido!

Josepho refere ainda deste *Templo* cousas mui singulares, e prodigiosas. Entre ellas mencionarei duas. Sempre nelle cabia toda a gente. Não era o ambito excessivamente grande, suppostas as grandes galarias, que o cercavão, e os grandes alojamentos, em que residião os Sacerdotes, e as Virgens dedicadas ao serviço do *Culto* divino. Qualquer que fosse o seu ambito parece impossivel, que nelle pudessem entrar ao mesmo tempo não só a numerosissima população de *Jerusalem*, que não tinha outro *Templo*, mas ainda as turbas, que de todas as partes concorrião de varios, e apartados paizes pela occasião da *Pascoa*. Contudo jamais se encheo de sorte que não pudesse alguem entrar, restando ainda o *Sanctuario* interior em que só podia entrar o Summo Sacerdote, e a necessaria largueza para os Sacerdotes, e Muzicos, que servião por bandas, e turmas numerosissimas.

D. — Prova bem esse prodigio a vontade de Deos em reunir comsigo os seus filhos, e familia.

P. — Ainda succedia outro no mesmo respeito, que tornava este mais maravilhoso. Quando estavão todos de pé, sendo grandes os ajuntamentos estavão juntos, e unidos, posto que não apertados; porem logo que se prostravão, não só achavão lugar, e commodidade para isso, mas ainda ficavão em maior largueza.

D. — Que rara singularidade! Tambem ja li, que o fumo do fogo em que ardião os Sacrificios, sahia das chaminés, e

se elevava ao Ceo sempre em columna direita por mais forte que fosse o vento.

P. — He esse o segundo, que queria mencionar. A' vista de tudo isto, os murmuradores dos *Templos* se confundirião; e somente o pedantismo he o que lhes move as sacrilegas lingoas. Nós temos visto os nossos *Templos* sumptuosos, e magnificos logo que se deo a paz á *Igreja*: mesmo antes de *Constantino* os houverão, como temos provado. As suas riquezas, principalmante nas grandes Cathedraes, forão immensas. Nellas, e em todas se celebravão os louvores divinos, com grande respeito, e os Fieis ali se ajuntavão com tanta Fé, devoção, e reverencia, como se vissem, e tivessem presente aos olhos corporaes seu *Pai* Deos. He isto o que se perdeo nos nossos *Templos* a que eu juntamente com a profanação dos dias sanctificados sempre attribuirei os males, que estamos ainda sofrendo.

Nada desafia tanto a ira de Deos, como a profânação da sua Casa, a irreverencia nestes lugares, a indecencia, a falta de respeito ao *Senhor* dos *Céos*, e terra, que nella pessoalmente habita. Nada vemos mais claro no *Evangelho*, e o farei ver antes delle. O que J. C. fez por este respeito por duas vezes no *Templo* de *Salomão* diz tudo: mas nós veremos mais. Lembremo-nos de que neste *Templo* apenas havião ultimamente alguns sinaes, algumas figuras do que temos nos nossos; nem ja havia questão da *Arca* do *Testamento*, que com o *Propiciatorio*, era o principal, que desde o *Tabernaculo* se havia passado a este *Templo*. Nos grandes revezes, e demolições tudo o principal havia desapparecido, e apenas existião as paredes, e o lugar do *Sanctuario* com o grande veo. Mas em fim era hum lugar sagrado, era a Casa do Senhor em que se costumava reunir com sua familia, e receber o *Culto*, que se lhe devia.

D. — Pois que? Não se conservou no *Templo* de *Salomão* a *Arca* com as duas taboas da Lei, Maná &c.?

P. — No primeiro, que edificou *Salomão* sem duvida se conservou; mais depois que foi destruido pelos *Caldeos*, e reedificado depois deste cativeiro, parece mais certo que nunca mais a teve. No 2.º *Livro* dos *Machabeos* lêmos, que *Jeremias* pouco antes da destruição deste *Templo* por mandado de Deos tirara delle o Tabernaculo, isto he, o opertorio, e ornamentos que cubrião a *Arca*, com esta mesma, e o Altar do incenso, e levando com alguns Sacerdotes ao monte *Nebo*, mettera tudo em huma cova, caverna, ou gru-

ta, que tapou: *Veniens ibi Jeremias invenit locum spelun-cae, & tabernaculum, & Arcam, & altare incensi intulit illuc, & ostium obstruxit.* 2. *Mach.* 2. 5. Quizerão alguns dos Sacerdotes observar o lugar onde ficavão occultas estas cousas; porém *Jeremias* os arguío, estranhando-lhes sua curiosidade, e predizendo-lhes que estaria occulto, e a todos desconhecido aquelle lugar até que Deos fosse favoravel. &c.

Grandes questões, mas sempre indecizas, tem havido sobre a descuberta, e invenção deste lugar, e por consequencia sobre a apparição, e introducção destas cousas no novo, ou novos *Templos*. *Nehemias* descubrindo o fogo sagrado, como vemos no *Cap.* 2. deste mesmo *Livro* nada diz da invenção da *Arca*, e sua collocação no novo *Templo*, nem *Josepho* della faz menção. Devemos pensar, que sendo o povo *Judaico* inclinadissimo á superstição, nem ja haver necessidade de figuras corporeas por estar sufficientemente instruido, e porque finalmente se approximava o tempo, em que devião ser destruidas todas as figuras, não quiz mais Deos em seu *Templo* estes objectos materiaes. Parece fora de toda a duvida, que não appareceo no tempo dos *Machabeos*, por isso mesmo que referindo seu *Historiador* esta occultação, sem duvida referiria a sua invenção. Por consequencia ja não havia questão da *Arca* no tempo de J. C., e nada mais se diz della, nem nos *Evangelhos*, nem na historia Ecclesiastica, ou profana.

Logo que J. C. principiou a evangelisar, feito o primeiro prodigio nas Nupcias de *Caná*, passados poucos dias, entra neste Templo pouco antes das festas da Pascoa, e nelle acha vendendo bois, cordeiros, pombas, e assentados a suas mesas os recebedores do dinheiro: *Invenit in templo vendentes boves, & oves, & columbas, & numularios sedentes. Joan.* 2. 14. Notemos, que estas rêzes erão necessarias para os Sacraficios da proxima festividade; e não era no mesmo interior do *Templo*, que verdadeiramente tinha este nome, mas sim fora, no que se chamava *Atrio* do *Templo*. Porem não lhes valeo. O *Senhor* péga de cordas, e dobrando-as, sacudindo golpes sobre os compradores, e vendedores os arroja fóra daquelle lugar, e lança por terra as mesas com o dinheiro, clamando, que havião feito a Casa de seu *Pai* casa de negociação: *Cùm fecisset quasi flagellum de funiculis, omnes ejecit de templo, oves quoque, & boves, & numulariorum effudit aes, & mensas subvertit. &c.* ℣. 15.

O mesmo fez pouco antes de sua *Paixão*, e depois da sua

entrada triunfante em *Jerusalem*, accrescentando, que sendo a sua Casa, Casa de oração, elles a fazião cóva de ladrões: *Vos autem fecistis eam speluncam latronum. Marc.* 11. 17. Este *Evangelista* accrescenta ainda que o mesmo *Senhor* impedia, e não deixava passar algum transporte, qualquer que fosse, pelo *Templo*: *Non sinebat ut quisquam transferret vas per per templum.* ℣. 16. Os *Rabbinos* dizem, que nem ainda neste *Atrio* do *Templo*, onde podião estar os *Gentios*, e onde o *Senhor* achou estes negociadores, era permittido entrar com páos nas mãos, calçado, pés immundos, com algum fardo, nem dinheiro, ou armas. Não podião escarrar, cuspir, nem ainda voltar as costas ao Sanctuario. *Calm.* ibi.

F. — Ai Deos! Confronte-se isso com o que se passa nos nossos *Templos*, que mais parecem praças do commercio, e theatros, do que Casas de oração!

D. — Na verdade que diz muito! J. C. em tal attitude, qual era necessaria para com as cordas na mão, descarregando golpes sobre todos, arrojando por terra as mesas, deveria parecer bem terrivel. Parece-me, que não faria menos se nessa occasião entrasse nos nossos *Templos*, ou se nesse visse o que agora se vê nos nossos.

P. — Mas temos a confrontar esta ira divina, que então mostrou com sua conducta em toda a sua vida mortal. A todas as injurias, e offensas por palavras, e obras respondeo com a mansidão, e paciencia de cordeiro. Jamais se notarão nelle sinaes de indignação; e na mesma occasião das maiores affrontas, elle rogou a seu *Pai* por aquelles mesmos, que o crucificarão, escusando-os por ignorarem o que fazião. E porque tanta indignação pela irreverencia no *Templo*?

Com isto concordão os terriveis flagellos, que sem duvida por este motivo, com a profanação dos dias de guarda, tem descarregado sobre o mundo, e mui mais terriveis do que estes, de que fallamos, dados com as cordas sobre os negociadores do *Templo* de *Jerusalem*.

Depois desta segunda acção, dizem os Evangelistas, que estando J. C. fóra do *Templo*, e fazendo-lhe hum dos *Apostolos* notar a magnificencia do edificio, *Magister*, *aspice quales lapides*, & *quales structurae*, lhe responde: *Vides has omnes magnas aedificationes? Non relinquetur lapis super lapidem, qui non destruatur.* d.° 13. 2. Vês todo este grande edificio? Pois eu te digo, que não ficará nelle pedra sobre pedra, que não seja destruida. Como se dissera:

Pelas irreverencias, e profanações, que nelle se commettem, será destruido. Assim se cumprio á risca; e nem mesmo nos alicerces ficou pedra sobre pedra, verificando os mesmos *Judeos* a prophecia, quando no tempo de *Julliano* intentarão erigir novo *Templo*, como ja vimos. Procurando desmentir a prophecia, então acabarão de a verificar, levantando os antigos alicerces, e sendo impedidos de lançar os novos.

L. — Porém essa destruição desse *Templo* foi motivada pelo Deicidio; e porque vindo J. C. a destruir a Lei antiga era necessario destruir o *Templo*.

P. — Não destruio a Lei antiga, porque a que temos he, e sempre será a mesma: abolio sim as ceremonias, e as figuras, porque se verificarão em si mesmo. Convenho, em que devia acabar o *Templo*, em que ellas se representavão, supposto ainda o que deixo dito. Porem queira dizer-me, a que attribua os acontecimentos fataes, que sobrevierão a este *Templo* muito antes de J. C., tendo sido tão favorecido, e mimoseado com beneficios por Deos?

Elle sofreo as maiores adversidades. Elle foi pilhado, saqueado, e roubado de suas melhores preciosidades, pouco depois de sua edificação, pelo Rei do *Egypto*, *Serac*, reinando *Roboão* filho de *Salomão* seu fundador: *In quinto anno regni Roboam ascendit Sesac rex Ægypti in Jerusalem, & tulit thesauros domus Domini, &c.* 3. *Reg.* 14. 25. 26. O impio *Achás* o despojou de suas riquezas, e profanou. 4. *Reg.* 16. *Manasses* fez o mesmo, collocando nelle os idolos dos *Gentios*. d.° c. 21. No anno 598 antes de J. C. reinando *Sedecias*, veio sobre *Jerusalem* o Rei de *Babylonia*, *Nabuchodonosor*, roubou o *Templo* de suas immensas riquezas, fez muitos cativos, e voltando por vezes o arruinou perfeitamente, e se verificarão as terriveis ameaças neste famoso cativeiro. Porem nós devemos indagar as cauzas. Ja vimos que foi huma não pequena a profanação dos dias santos; e o Propheta *Ezequiel* nos affirma, que as profanações do *Templo* desafiarão a ira de Deos não só para castigar tão terrivelmente esta Nação, mas ainda para o destruir até seus fundamentos, como vamos a ver.

Seria longa a historia de tal acontecimento, e só farei menção do que diz o Propheta. Estando elle ja em *Babylonia* foi levado ao *Templo* em impeto de espirito, onde lhe mostrou Deos as pessimas abominações, que nelle fazião os que ainda ficarão na Cidade. Erão irreverencias,

idolatrias, e sensualidades. Vês, lhe diz Deos, as abominações que estes aqui commettem na minha Casa, em que entrão a provocar a minha ira? Pois Eu soltarei o meu furor, não perdoarei, nem me compadecerei; quando clamem a mim com grandes vozes, Eu não ouvirei: *Ego faciam in furore meo: non parcet oculus meus, nec miserebor, & cum clamaverint ad aures meas voce magna, non exaudiam eos. Ezeq.* 8. 18.

D. — Grande foi a sua ira! Os effeitos o mostrarão.

F. — Pois eu estou vendo a causa porque o *Senhor* não nos quiz ouvir, quando clamavamos nas Preces, que fizemos tanto por causa da colera morbo, que era bem colera ou ira de Deos, como para nos livrar dos males, que vierão sobre nós. As profanações dos dias santos, e dos *Templos* forão sem duvida a causa.

P. — O Propheta vio os effeitos da ira de Deos, que se verificarão á risca. Tudo he descripto no *cap.* 9. Voltarão os *Babylonios* sobre a cidade, o *Templo* depois de saqueado, do que restava, foi queimado, e destruido inteiramente, tendo sido cuberto de cadaveres humanos, que ahi mesmo forão mortos, principiando a carnagem pelos Sacerdotes como mais culpados na profanação. Correo o sangue a rios, não se perdoou a sexo, nem idade; ficou finalmente o *Templo*, e a cidade hum montão de ruinas, tal como o pinta, e descreve *Jeremias* em seus Threnos, ou Lamentações. O que escapou com vida foi levado cativo a *Babylonia* para sofrer outras não menores desgraças.

F. — Tenho dito. Nossos *Templos* arruinados, perdidos, tornados em... ai Deos! Eis aqui em que derão as profanações, com tudo o mais que temos sofrido, e sofreremos.

P. — Não ha duvida, que outras maldades concorrerão, porem temos visto apontadas estas como principaes, e mais provocantes da ira de Deos. Por setenta annos se estendeo o cativeiro desde a primeira entrada de *Nabuchodonosor* em *Jerusalem*, e o *Templo* jazeo em sua ruina por cincoenta e dois até o primeiro anno do reinado de *Cyro* em *Babylonia*, que permittio a sua reedificação emprehendida por *Zorobabel*, e concluida 516 annos antes da vinda de J. C.

Foi este segundo *Templo* saqueado, e profanado por *Antiocho* Rei da *Syria* 171 annos antes da nossa era; e tres annos depois *Judas Machabeo* o purificou, e restabeleceo nelle o *Culto* divino. Não sei se *Antiocho* chegou a restituir alguma parte dos vasos sagrados, que por disposição divi-

na havião voltado de *Babylonia*: *Pompeo*, famoso Capitão *Romano*, havendo-se apossado de *Jerusalem*, e visto as riquezas do *Templo* as admirou; mas não obstante ser *Gentio Infiel*, fez escrupulo de as tocar, pondo todo o cuidado, em que seu exercito as respeitasse, e ao Templo.

F. — Ai, Deos! Os *Gentios* em comparação dos nossos Incredulos se poderião chamar *Christãos*!

P. — *Herodes*, tornado Rei da *Judea*, reparou este edificio, que desde quinhentos annos havia sofrido muito, e o embellezou muito. Foi este o que existia no tempo de J. C., e que foi destruido inteiramente pelo exercito *Romano* commandado por *Tito*: não tanto por elle, como por Deos. *Tito* quiz perdoar ao *Templo*, não obstante ser tambem *Gentio*. Elle fez todas as deligencias possiveis, mandando positivamente com grandes penas, que ninguem lhe tocasse, e elle pasmou quando repentinamente o vio todo em fogo. Esta fatal historia não se pode ler em *Josepho*, que foi testemunha ocular, sem lagrimas. Admira como pôde pegar o fogo em hum tal edificio, ignorando-se o seu autor. Dizem alguns que não fora posto por mãos humanas: porem *Josepho* suppõe, que hum soldado *Romano*, subindo aos hombros de outro, arrojou por huma fresta dentro hum tição de fogo, que pegou immediatamente em todo elle; e apezar das deligencias de todo o exercito apenas se apagou quando ja não tinha onde ardesse.

D. — A' vista de tudo isso devemos concluir, que pelas duas profanações dos dias sanctificados, e dos nossos *Templos*, pelo nenhum respeito que nelles havia, tem muitos sido queimados, tornados em casas profanas, e nós padecendo tão graves males. Eu assim o creio; e as provas que tem dado me tirão toda a duvida.

F. — Até devemos notar, que todos os males, que sofreo esse *Templo*, e mais essa Nação, que não guardava os *Sabbados*, nem respeitava a Casa do *Senhor*, lhes vierão das mãos *Gentias*: agora porem os nossos tem sido perdidos, e nós flagellados por mãos de huns infieis mil vezes peiores do que *Gentios*.

P. — Não sei se terão entrado na justiça, com que Deos flagella o mundo por causa de taes profanações.

D. — Veja o Sr. Ab. se com effeito tenho entrado. Nós temos visto, que Deos intentou por varios, e nunca lembrados, e jamais imaginados meios, fazer do genero humano huma, e a mesma cousa com sigo. Formando-o em *Sociedade*, el-

le se faz o seu centro de união, e mesmo unidade. Que grandes são os nossos destinos! Como centro desta união, como cabeça deste corpo, e como *Pai* desta familia, quiz ter com el a continuas reuniões, e casas para ellas destinadas; dias devia ter tambem deitinados...

P. — Queira dizer tudo em huma só palavra. Quiz fazer da terra hum outro, e primeiro *Ceo*. Taes são os amores do nosso Deos para com nosco, que quiz dar-nos ja cá neste mundo, o que dá no *Ceo* a seus Bemaventurados, pois que se nos dá a si mesmo, fazendo no Ceo elle mesmo a essencia da Gloria. Como nosso destino não he menos, que gosa-lo, e louva-lo no *Ceo* para sempre, quiz principiar a fazer com nosco cá no mundo, o que lá para sempre havemos de fazer na perfeita gloria. Eis aqui os nossos *Templos* huns outros *Ceos*: ahi está em propria *Pessoa*, cercado de milhares de *Anjos*, que continuamente o adorão. Eis ahi os dias *Domingos*, e mais de guarda, determinados, e prefixos pelo mesmo Deos para estas funcções, louvando-o ahi entre os Anjos, e esforçando-nos por imitarmos os *Bemaventurados*, e exercitando-nos em fazer ja o que para sempre havemos de fazer.

Chamo agora as suas considerações a ponderar a gravidade da injuria, que se faz a este *Senhor*, tanto em desprezar estes incomprehensiveis favores, profanando os dias, que para estas funcções tem destinados, empregando-os em outras occupações, desprezando ainda a sua companhia. Accrescentem mais a profanação da sua mesma Casa, deste primeiro Ceo, e as injurias, que ahi mesmo se lhe fazem. Eu com palavras não o posso expressar.

F. — He necessario perder a Fé inteiramente, ser incredulo, e ser impio.

P. — Taes injurias, taes desprezos, e afrontas tocão muito de perto na mesma *Pessoa* de Deos; e não he muito, que as vejamos castigadas do modo, que vemos.

D. — Confesso que não tinha entrado perfeitamente na total extensão da materia: agora sim; e bem he que ponhamos ponto por hoje, ficando na esperança da continuação dos favores.

P. — Ainda nos resta ver a conformidade, que tem com a natureza do homem as *Festividades*, reuniões religiosas, e *Templos.* Em breves palavras o direi, ou não farei mais que chamar suas attenções a huma cousa bem singular, que por este respeito se nota no homem, que bem prova esta naturalidade.

Festividades naturaes ao homem.

He esta singularidade o prazer, que sente o homem em taes occasiões, e por taes motivos. Em vão se tem cançado os incredulos por descubrirem a origem deste prazer tão satisfactorio, quanto admiravel. Não se expressa com melhores termos a alegria, e satisfação de hum homem, que dizendo delle, que anda de festa, ou que está em dia festivo.

F. — Outros dizem, que está em dia de *Pascoa.*

P. — Sim, porque he essa a maior *Festividade.* Parece desapparecerem em taes occasiões todos os sentimentos da tristeza, e o mais carregado do humor melancolico não deixa de sentir fortes impulsos de alegria.

D. — He huma verdade, que a experiencia mostra.

P. — Porem isso não he tudo. Não olha o pebre para o que dispende nestes dias, e para concorrer para o maior esplendor da sua funcção religiosa ou *Festividade* andará economisando, tirando-o do suor de seu rosto, e talvez sofrendo privações por todo hum anno, para o dar com mão liberal em tal occasião; e jamais o chorará.

F. — Exceptuemos os Incredulos, e em quanto ao mais, grandes e pequenos, ricos, e pobres tudo se alegra, e he capaz de dar quanto tem para o maior brilho da sua *Festividade*, e adorno do seu *Templo*. Porem eu bem sei porque assim he. Não ha filho, que se não alegre quando ausente por muito tempo de seu bom pai, se vê na sua presença.

P. — Assim he, que nos devemos alegrar nas occasiões, e tempos prefixos, em que nos reunimos na presença do nosso bom Pai Deos. Deixemos porem notar, que he este hum sentimento natural a todo o genero humano; no que vemos assim como em tudo o mais a dôce harmonia, que reina entre a *Religião* em toda a sua extensão e a natureza do homem. As *Festividades* religiosas o são tanto, que os mesmos salvagens não podem passar sem ellas, quaesquer que sejão. Se bem ponderarem, acharão, como eu de mim o affirmo, que a *Religião* com seus *Templos*, *Festividades* he tão natural ao genero humano, á *Sociedade*, ao mesmo homem em particular, que quando lhe tirassem tudo isto em menos de muito tempo a *Sociedade* dos homens se tornaria em sociedade de feras as mais bravas. Nem me digão que não se vê isto nessas *Nações*, que banirão d'entre si a *Religião Catholica*, porque ellas ainda conservão ao menos as sombras da *Religião*, e não fazem profissão do *Atheismo.*

F. — Mui bem entendemos. Falla do caso em que os nossos *Atheos* que nem pelas paredes consentem sinaes alguns de *Religião*, levassem a sua ávante: Porem primeiro cegarão, que tal vejão. Primeiro os hade levar a breca...

P. — Nós temos de ver bem desenvolvida esta minha asserção nas seguintes *Palestras*, desenvolvendo nellas a santa *Religião*, que professamos, quanto o permittirem minhas forças, não perdendo jamais as luzes divinas, que a Palavra de Deos nos dá. Como temos visto o amor de nosso *Pai* Deos para comnosco seus filhos, e destes para com elle, he bom que vejamos agora o *amor fraternal*, que deve reinar entre estes; cujo perfeito desenvolvimento dará materia para não poucas *Palestras*.

D. — Com muito gosto ouviremos doutrinas tão interessantes, visto que amor de Deos, e do proximo faz toda a Lei, e *Religião*.

P. — Peçamos finalmente a nosso *Pai* a benção.